

REPUBLICANOS E OPERÁRIOS: OS PRIMEIROS ANOS DO MOVIMENTO  
SOCIALISTA NO BRASIL (1889 - 1903).

MARCOS VINÍCIUS PANSARDI

ORIENTADOR: ARMANDO BOITO JR.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

CAMPINAS - SP

MARCOS VINÍCIUS [PANSARDI 6/195

REPUBLICANOS E OPERÁRIOS: OS PRIMEIROS ANOS DO MOVIMENTO  
SOCIALISTA NO BRASIL (1889 - 1903).

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento de  
Ciência Política do Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dr. Armando [Boito Jr.]

Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
comissão julgadora em 3/11/93.

Novembro/1993.

*Para:*  
*Wilma,*  
*Martí e o*  
*Nicolás.*

" Antes de romper o dia, quando as últimas sombras da noite vagueiam incertas e tumultuosas, dirigindo-se, afugentadas, para o ocidente, abrem-se as portas das oficinas e casas industriais, de cujo interior profundo e complicado, como um organismo animal, jorram raios de luz sanguínea e esfumaçada dos lampiões, em contraste com a claridade cintilante e azulada das estrelas que ponteam no firmamento. Um bando imenso de indivíduos desconhecidos, vestidos com os farrapos da miséria, sujos e alquebrados, penetram por todas as portas em silêncio, e iniciam o trabalho, que tem que terminar às primeiras sombras da noite, pois para estes a luta pela vida não vai de sol a sol, de luz a luz, mas de treva a treva. Um rumor surdo, apressado e impertinente, ouve-se por toda a parte, e colunas de fumaça negra e abundante saem das chaminés, impregnando a atmosfera de mormaço e esquisito odor.

- Aqui está o progresso, diz o homem vulgar, o burguez nédio e bem tratado, cheio de gordura e tranqüilidade, tanto quanto de ignorância e insensatez, fitando altivo a fumaceira que rola no espaço.

- Aqui está a desgraça, a servidão humana, o crime social, que merece a penalidade da reforma, exclama o sábio, encerrado na meia luz sombria do gabinete (...)." ("Socrates", O Socialista, nº 22, 1896.)

## ÍNDICE:

|                                                                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO:                                                                                                                            | 06  |
| CAPÍTULO 01: "Pelegos, Amarelos e Oportunistas". Os Socialistas Sob a Mira da Historiografia.                                          | 14  |
| CAPÍTULO 02: 1889: Os Operários e a República.                                                                                         | 34  |
| CAPÍTULO 03: Consciência de Classe, Hegemonia e Socialismo Utópico. O Pensamento de Luiz França e Silva e o Ideal do Partido Operário. | 61  |
| CAPÍTULO 04: Rio de Janeiro 1890. Nasce o Partido Operário.                                                                            | 89  |
| CAPÍTULO 05: O Socialismo Paulista. A República Social Contra a República Burguesa.                                                    | 131 |
| CAPÍTULO 06: Socialismo à Brasileira?: Marxismo, Darwinismo e o Ecletismo Socialista no Brasil do Final do Século XIX.                 | 157 |
| CAPÍTULO 07: Os Socialistas na Virada do Século. Exclusivismo, Republicanismo e o Congresso Socialista de 1902.                        | 203 |
| CONCLUSÃO.                                                                                                                             | 234 |
| FONTES:                                                                                                                                | 239 |

## INTRODUÇÃO:

A história do movimento operário no período da chamada República Velha tem ultimamente chamado a atenção dos pesquisadores pela redefinição de algumas idéias chaves sobre este período.

Assim, era a concepção de uma industrialização que se caracterizava pela hegemonia da pequena empresa artesanal; da hegemonia do anarquismo sobre outras correntes operárias; da inexistência de um movimento socialista, ou da inexistência de uma influência de Marx sobre este movimento; da ação manipuladora do Estado sobre parcelas deste movimento, chamado de "amarelo"; do desinteresse do operariado, ou mesmo sua oposição, ao movimento republicano; à inexistência de uma tradição operária, ou mais do que isso, a inexistência de um operariado dotado de consciência de classe, que pressupõe a inexistência da classe, se definida por estes parâmetros; todas essas concepções acompanham a maioria das obras já tornadas clássicas sobre o operariado e seu movimento na Primeira República.

Contudo, obras mais recentes têm questionado de maneira efetiva todas essas afirmações; negando as impressões iniciais sobre as características do mundo industrial deste período revelam uma complexidade estrutural que supera as concepções simplistas que até então subsistiam. Assim, além das pequenas empresas artesanais o mundo industrial continha uma parcela importante de grandes unidades fabris, com maquinário moderno e grande quantidade de mão de obra; também, ao lado de um proletariado composto de artesãos e operários qualificados subsistia uma grande quantidade de trabalhadores sem nenhuma qualificação. Junto a isso uma reavaliação do movimento operário apresentou uma complexidade estimulante. A hegemonia anarquista é contestada, a imagem dos "amarelos" é repensada, surge um movimento operário cruzado por várias tendências ideológicas: coletivistas, cooperativistas, positivistas, mutualistas e socialistas.

Ainda que muitas vezes integrados aos "amarelos", os

socialistas, enfim, aparecem como uma corrente importante deste movimento operário.

É neste contexto de revisão das concepções acerca da historiografia do movimento operário da República Velha que pretendo inserir meu trabalho. Aproveitando estas novas idéias sobre este período, pretendo lançar alguma luz sobre os primeiros anos do movimento socialista logo após a Proclamação da República.

Entre as contribuições deste trabalho destaco, as relações entre República e o movimento republicano com um nascente movimento operário, e as relações deste frente ao processo de queda da monarquia e da instauração da República; o processo de construção de uma identidade classista, do qual o movimento socialista tem participação significativa; a análise do pensamento socialista do período, revelando a existência de várias influências - internas e externas - sobre seus militantes, e portanto de várias concepções de socialismo convivendo neste mesmo período histórico. E além disso, atestar que o socialismo do período não era uma "planta exótica" e sim um produto real das contradições produzidas pelo advento da República e do trabalho livre, além de ser uma produção surgida da necessidade do operariado de criar uma imagem própria e independente enquanto classe e não apenas como cidadãos, como queriam os republicanos mais radicais.

Recuperando os ideais e o pensamento de figuras hoje esquecidas de nossa história, repensando sua atuação e retificando certas conclusões muito conclusivas e apressadas sobre seu papel histórico, espero estar contribuindo para clarificar a atuação de personagens que contribuíram de maneira pioneira para colocar a questão social e da cidadania dos trabalhadores nas páginas de nossa história.

#### ALGUNS INFORMES PRELIMINARES:

Aqui pretendo dar ao leitor alguns indicadores econômicos sobre o mundo industrial, e dentro dêle o mundo do trabalho, no Rio de Janeiro e de São Paulo no período de abrangência de nosso

trabalho.

Em 1890, a população total do Brasil era de 14.333.915 habitantes, sendo que a cidade do Rio de Janeiro era a Capital Federal e a maior cidade do país com 522.651 habitantes, São Paulo, por outro lado, era uma cidade com 64.934 habitantes. Já em 1900 a população brasileira saltou para 17.438.434 habitantes, continuando o Rio de Janeiro há ser sua maior cidade com 811.443 habitantes e tendo São Paulo pulado para 239.820 habitantes.<sup>1</sup>

O mundo industrial mostra a seguinte evolução de estabelecimentos industriais com época de fundação entre 1880 a 1884: 150, contando com 11.715 operários. Fundados entre 1885 e 1889: 248, contando com 24.369 operários. No total teríamos em 1889: 632 estabelecimentos industriais com 54.172 operários.<sup>2</sup>

Contudo, Heitor Ferreira Lima nos fala de números maiores para este período. Pois, segundo ele, existiam empresas de origem ignorada, em número de 267, com 4.227 operários. Assim, em 1889, o total passaria a ser o seguinte: 903 estabelecimentos industriais empregando 58.399 operários.<sup>3</sup>

Vamos aprofundar nossa visão sobre o mundo da indústria e do trabalho neste período lançando nosso olhar sobre a estrutura ocupacional nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo<sup>4</sup>: segundo o Censo de 1893, em São Paulo, estavam ocupados na indústria manufatureira 3.667 operários, na indústria artística 10.241 trabalhadores, em transporte e conexos 10.525 trabalhadores. Perfazendo um total de 54.540 trabalhadores. Segundo Fausto, não

---

<sup>1</sup> Cf. Reinaldo X.C. Pessoa - O Ideal Republicano e o seu Papel Histórico no Segundo Reinado: 1870 - 1889, SP, Arquivo Estadual de São Paulo, 1983. Fonte: Sinopse Preliminar do Censo Demográfico - VIII Recenseamento Geral.

<sup>2</sup> Cf. idem. Fonte: Brasil. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Recenseamento do Brasil, 12 de setembro de 1920, Vol.5, 12 pt.

<sup>3</sup> Cf. Heitor Ferreira Lima - História Político-Econômica e Industrial do Brasil, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976; pgs. 268-269.

<sup>4</sup> Cf. Bóris Fausto, Trabalho Urbano e Conflito Social (1890 - 1920), SP, DIFEL, 1976. Todos os dados citados daqui para frente são tirados desta obra.

nos é possível distinguir o que seja a força de trabalho. Na indústria manufatureira, estão presumivelmente reunidos empresários, mestres e operários. Não se distinguiria também entre comerciantes e comerciários, etc. A vaga expressão "indústria artística" parece abranger categorias díspares: artesãos em geral, empresários e operários da construção civil, gráficos, músicos. Estão excluídos menores de 14 anos e donas-de-casa.

Quanto ao Rio de Janeiro, segundo o censo de 1890, a indústria manufatureira teria um total de 48.661 operários, a indústria artística teria 5.859 trabalhadores, nos transportes terrestres estariam empregados 9.470 trabalhadores e nos transportes marítimos 1.263 trabalhadores, dando um total de 113.301 trabalhadores. Contudo, novamente Fausto nos alerta para relativisarmos estas informações, pois estes números seriam apenas indicativos. Lembra que Maram já tinha alertado para que o censo não adotou o critério de ocupação principal, contando diversas profissões exercidas por uma mesma pessoa. A tabela refere-se apenas a alguns setores ou ramos mais expressivos.

Para os primeiros anos do século XX os primeiros números confiáveis são para os anos de 1906/1907.

Assim, no Rio de Janeiro, a estrutura ocupacional em 1906 era a seguinte: indústria, comércio e transportes teriam empregados 201.361 trabalhadores.

O censo industrial de 1907 revela a existência de 662 estabelecimentos industriais no Rio de Janeiro que empregariam 34.850 operários; enquanto em São Paulo teríamos 326 indústrias empregando 24.186 operários.<sup>5</sup>

Sobre a composição étnica da camada trabalhadora o censo de 1893, para a capital de São Paulo, mostrou que os estrangeiros seriam 54,6% da população total; dos 10.241 trabalhadores classificados como artesãos 85,5% nasceram no exterior<sup>6</sup>. Na

---

<sup>5</sup> Cf. Sérgio Silva, Expansão Cafeeira e a Origem da Indústria no Brasil, SP, Alfa-Ômega, 1976.

<sup>6</sup> Cf. Sheldon L. Maram - Anarquistas, Imigrantes, e o Movimento Operário Brasileiro: 1890 - 1920, RJ, Paz & Terra, 1979. Todos os

manufatura 79% eram imigrantes, excluído o setor agrícola, os estrangeiros constituíam 71,2% da força de trabalho total da cidade.

No censo de 1890 na Capital Federal listou-se 19.011 estrangeiros na manufatura representando 39% de um total de 48.661 operários. As percentagens para o artesanato eram de 40% de estrangeiros e do transporte rodoviário era de 54% da força de trabalho. Maram salienta que este censo não corresponde a realidade da força de trabalho nem da população total de imigrantes. Tanto no Rio como em São Paulo subestimou-se em muito o tamanho da população de estrangeiros. Para determiná-la, utilizou dois critérios: o primeiro, baseado na cidadania, concluiu pela percentagem de 23,8% da população total; o segundo, baseado no local de nascimento, concluiu por 29,7%. Não há indicação do critério adotado para a determinação da nacionalidade dos que estavam empregados. Se foi a cidadania, os cálculos subestimam a percentagem de imigrantes em muito mais do que os 5,9% dados pela diferença entre o critério de local de nascimento e o critério de cidadania, pois a população de homens e mulheres imigrantes era provavelmente em sua maioria constituída de adultos em idade de trabalho.

É importante lembrar que de qualquer forma a população portuguesa imigrante, vinda principalmente durante a década seguinte, aumentaria em muito a percentagem de imigrantes do Rio de Janeiro no final do século XIX.

Maram nos informa que mesmo o censo municipal de 1906 na cidade do Rio de Janeiro subestimou vizivelmente a população trabalhadora do setor industrial. Assim veremos a listagem de 2.934 trabalhadores administrativos e operários empregados na indústria têxtil, contudo a pesquisa realizada pelo Centro Industrial do Brasil, em 1907, tabulou um número de trabalhadores 4 vezes maior do que o censo anterior. O censo indicou que das 116.092 pessoas empregadas nas ocupações industriais 44% eram estrangeiros.

-----  
*dados sobre composição étnica serão tirados deste trabalho.*

Uma última palavra sobre as condições de vida do trabalhador industrial deste período inicial da República no Brasil.

Estamos nos referindo a um período da história do Brasil onde os trabalhadores viviam sob relações de trabalho extremamente adversas, um período onde não se conheciam leis trabalhistas que protegessem o trabalhador da ganância de seus patrões. Assim alia-se aos baixos salários uma situação de insegurança e aflicção, que refletia a brutal opressão do trabalho no interior da fábrica. Tudo era motivo para redução dos seus poucos salários: os feriados, as doenças, aliados com os períodos de desemprego causados pelo mau tempo, pela falta de matéria prima e pelas reduções na produção; assim, em 1919, o pedreiro médio contava com apenas 188 dias de trabalho, o que significava 188 dias de remuneração.<sup>7</sup>

Quanto ao salário propriamente dito, temos que nos valer de fontes do próprio movimento operário, pois o poder público não demonstrava interesse por este tipo de informação.

Assim, o articulista do *Echo Operário* nos informa que um trabalhador médio no Rio de Janeiro, em 1890, trabalhando 6 dias por semana, poderia receber no máximo 96\$000 por mês, e o salário mínimo necessário para cobrir as despesas de alimentação, vestuário, moradia e as despesas eventuais de uma família de 4 pessoas era de 103\$000.<sup>8</sup> Outro relatório indica a cifra de 2\$000 a 2\$500 como o teto máximo diário que um tecelão poderia ganhar na ocasião. Esta cifra está bem abaixo dos 4\$000 utilizados na estimativa acima.

Nunca é demais lembrar outros fatores que contribuíram para a miserável condição de vida dos trabalhadores industriais no período: as flutuações de emprego, as várias multas aplicadas ao trabalhador pela disciplina fabril, os descontos de salário por motivo de doença, as demissões sazonais, etc.

O que se conclui de tudo isso é que poucas famílias ganhavam

---

<sup>7</sup> Estas informações sobre as condições de vida do trabalhador também foram tiradas de S. L. Maram, *op.cit.*

<sup>8</sup> *Echo Operário* - 27.3.1890. Cf. S.L. Maram, *op.cit.*

o suficiente para prover as necessidades básicas de seus membros - mesmo contando-se com o crescente emprego de mulheres e crianças, particularmente nas indústrias têxteis, ocasionadas justamente pela necessidade de complementar o minguado salário do chefe de família. Assim, é bem provável que o poder de compra do trabalhador fosse decaindo com o passar dos anos até o período da erupção das greves de 1917/1919.

Assim, ligado à conjuntura econômica e principalmente ao desenvolvimento da política republicana, o movimento socialista viveu períodos de agitação e de imobilismo: entre 1889 e 1893, o movimento socialista se desenvolveu encorajado pelas promessas e tolerância do governo republicano. O principal centro socialista era o Rio de Janeiro, não coincidentemente sede do governo federal. Com as Revoltas Federalista e da Armada, e a guerra civil que se seguiu o movimento operário se desarticula, entre 1894 e 1902, o movimento operário carioca se desmobiliza.

Em 1895, o cenário principal do movimento socialista muda para São Paulo capital e Santos, acompanhando o espetacular crescimento industrial e urbano, particularmente da primeira cidade. Entre 1895 e 1898 o movimento socialista floresce neste Estado, entrando em declínio pela incapacidade de fincar raízes com a nova classe operária que se formava, baseada principalmente no afluxo de levas de imigrantes vindos da Europa.

Em 1900 começa um período de ascensão do movimento operário e com ele do movimento socialista. O socialismo paulista se rearticula mudando a composição de sua liderança que passa às mãos de militantes italianos, refletindo a base social da classe operária que em São Paulo é majoritariamente italiana. Isto se reflete na Congresso Socialista de 1902 promovido pelos socialistas do *Avanti!*.

No Rio de Janeiro a influência do Congresso de 1902, somada ao ascenso dos conflitos grevistas, promove uma revitalização do movimento que logo sofreria novo abalo com a repressão que se seguiu à Revolta da Vacina em 1904.

#### AGRADECIMENTOS:

Infelizmente não posso agradecer todos os colegas do mestrado, que com seu companheirismo e ajuda tornaram a nossa vida mais leve, a todos eles essa tese é dedicada - esperando que eles também concluam a sua - não citarei nomes porque o esquecimento de algum deles seria imperdoável. Assim, prefiriria criar um "túmulo do mestrando desconhecido", para homenagear a todos.

Agradecer ao estimulante convívio intelectual com os professores do I.F.C.H., particularmente, Sérgio Silva, Edmundo Dias, Michael Hall, e ao Cláudio Batalha, pelas informações valiosas e pelas discussões estimulantes.

Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth, do C.P.D., aos funcionários das secretarias de pós - particularmente, a Lurdinha, a Esmeralda, a Marli e a Denise, entre tantos outros - sempre nos ajudando nos momentos de aflicção.

Gostaria de agradecer, os colegas do I.S.C.A. de Limeira - minha primeira experiência docente: à Virginia, Marcia, Lúcia e a Lia, ao Tosi e ao Tadeu, sem eles as noites em Limeira seriam muito chatas.

Também, a Graça, ao seu Vítor, e aos meninos, que foram vizinhos e grandes amigos.

Ao meu pai, "seu" Sidney e família.

Finalmente, ao Armando, mais que um orientador, um amigo, mais que um amigo, um exemplo. Obrigado.

Por último, agradeço à FAEP, à FAPESP, à CAPES, ao CNPq, e a UNICAMP, pelo financiamento de meu trabalho nestes últimos 4 anos, sem o qual ele seria inviável.

## CAPÍTULO 01:

"PELEGOS, AMARELOS, E OPORTUNISTAS ":  
OS SOCIALISTAS SOB A MIRA DA HISTORIOGRAFIA.

Corremos o perigo de esquecer que o sujeito e o objeto de nossas pesquisas são seres humanos? Não deveríamos correr este risco, pois são pessoas - não o "trabalho", mas homens e mulheres trabalhadores reais, mesmo que frequentemente ignorantes, míopes e preconceituosos - o que o nosso estudo focaliza. Para muitos de nós o objeto final de nosso trabalho é criar um mundo no qual os trabalhadores possam fazer sua própria vida e sua própria história, ao invés de recebê-las prontas de terceiros, mesmo que dos acadêmicos.

Eric J. Hobsbawm.<sup>9</sup>

A predominância do anarquismo no período inicial da industrialização brasileira - fugindo aos padrões clássicos do início da industrialização da Europa onde era a ideologia socialista que predominava sobre o movimento operário - motivou os primeiros estudos sobre a classe operária e o seu movimento.

As razões do fracasso do socialismo e da vitória do anarquismo<sup>10</sup> seriam inicialmente buscadas no padrão diferenciado do desenvolvimento das estruturas sócio-econômicas do caso brasileiro frente ao caso europeu.

Assim é o trabalho clássico de Leôncio Martins Rodrigues, Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil, que buscava através da formulação das etapas de nosso desenvolvimento industrial compreender o porquê da predominância de certas ideologias

---

<sup>9</sup> E.J. Hobsbawm, - "História Operária e Ideologia", Mundos do Trabalho, RJ, Paz & Terra, 1987, pg. 32.

<sup>10</sup> Usarei genericamente o termo "anarquismo", sem me preocupar com a especificação das correntes que dividiam internamente este movimento. Para os propósitos de meu trabalho a possível divisão do movimento entre anarco-sindicalistas e anarco-comunistas não tem relevância.

políticas sobre outras. Assim teríamos 3 etapas básicas: 1) pequeno desenvolvimento industrial, pequenas oficinas, pouca mecanização, trabalho qualificado - sindicalismo revolucionário, influenciado pelo anarco-sindicalismo; 2) industrialização, trabalho padronizado e não-qualificado - desaparece o sindicalismo revolucionário e desenvolvem-se as organizações sindicais e os grandes partidos da classe operária, de inspiração marxista; 3) consumo de massa - intervenção crescente do Estado na economia que corresponderia ao início da automação. Decresce a ideologia revolucionária.

As características sócio-políticas do período da República Velha são as seguintes: proletariado industrial extremamente minoritário no conjunto da população brasileira, impossibilidade de participação da classe operária no sistema político devido a existência de uma sociedade fechada ao proletariado (analfabeto em sua maioria) e industrialização incipiente, tendo como consequência o isolamento e a radicalização do movimento.

Portanto estaríamos em um período histórico semelhante aos primórdios da consolidação do capitalismo europeu - e aos primórdios do desenvolvimento do Estado democrático burguês, caracterizado pelo predomínio de ideologias radicais dentro do movimento operário - anarquismo, blanquismo, coletivismo, etc. A particularidade do capitalismo brasileiro seria, então, seu atraso em relação ao processo europeu.

O trabalho de Bóris Fausto, de 1976, - Trabalho Urbano e Conflito Social - amplia o argumento de Rodrigues, enfatizando que não apenas nossa estrutura sócio-econômica está atrasada em relação ao processo europeu, como principalmente nosso padrão de desenvolvimento se assemelha com os das áreas subdesenvolvidas da Europa ocidental:

"Como se sabe, a hegemonia anarquista no interior do movimento operário até a Revolução Russa é um padrão comum a quase todos os países latino-americanos. As razões tradicionalmente apontadas para este fato destacam o papel ideológico representado pelos imigrantes e a relativa similariedade do estágio de desenvolvimento do capitalismo

industrial nos seus países de origem e na América Latina. De fato as doutrinas anarquistas propagam-se em regra nas áreas de menor concentração industrial (Itália, Espanha, França, Portugal), onde predomina a pequena indústria de propriedade individual ou familiar, na qual a organização do trabalho se baseia amplamente em trabalhadores qualificados, nos ex-artesãos convertidos em assalariados.<sup>11</sup>

Assim, como no trabalho de Rodrigues, para Fausto, e também para autores como Edgard Carone e Hardman & Leonardi<sup>12</sup>, o pequeno desenvolvimento industrial, aliado ao predomínio da pequena empresa artesanal, não nos propiciaram o poderoso efeito homogenizador produzido pelo sistema de fábricas do capitalismo desenvolvido. Explícito nesta idéia, está a caracterização de um capitalismo que se baseia muito mais no trabalho do artesão ou do trabalhador qualificado, ainda pouco atingidos pela desqualificação introduzida com o advento da maquinaria. Este tipo de trabalhador se caracterizaria pela visão de mundo impregnada por valores pré-capitalistas, corporativistas, e portanto, mais adequada aos valores propagados pelo anarquismo - "ideais pequeno-burgueses", do que aos ideais socialistas, que não teriam como ideal uma volta aos tempos de ouro das guildas medievais e sim a criação de uma sociedade dirigida pelos próprios trabalhadores, via organização e centralização econômica produzida por um Estado dirigido por trabalhadores, aproveitando as conquistas da ciência e do desenvolvimento industrial moderno.

A visão de mundo destas camadas artesanais é analisada por Hobsbawm, em um artigo sobre o socialismo pré-marxista, onde ele descreve a ideologia dos trabalhadores europeus da década de

---

<sup>11</sup> B. Fausto - Trabalho Urbano e Conflito Social, SP, DIFEL, 1976; pg. 67. Idéia originalmente desenvolvida por S.L. Maram - Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890 - 1920), RJ, Paz & Terra, 1979; pg. 83.

<sup>12</sup> E. Carone - Classes sociais e Movimento Operário, SP; DIFEL, 1979; "Introdução", pg. 30; F.F. Hardmann e V. Leonardi, História da Indústria e do Trabalho no Brasil: Das Origens aos Anos Vinte, RJ, Global, 1982; pgs. 257/258

quarenta:

"Para a maior parte dos trabalhadores na época de Marx, era isso o socialismo, ou melhor, o socialismo que recolhia a adesão da classe operária, ainda nos anos 60, era o que tinha em vista a criação de grupos de produtores independentes sem capitalistas, mas dotados pela sociedade dos capitais suficientes para lhes permitir viver, protegidos e encorajados pela autoridade pública e por sua vez, obrigados a deveres coletivos em fase do público. Nisso consistia a importância política do proudhonismo e do lassalleanismo. Era natural, numa classe operária cujos membros politicamente conscientes eram em grande parte artesãos ou próximos da experiência artesanal."<sup>13</sup>

Este tipo de visão de mundo caracterizava e produzia diversas possibilidades de tradução política, entre elas sem dúvida o anarquismo, mas também o socialismo pré-capitalista à la Owen ou Fourier, ou o mutualismo proudhoniano, ou o coletivismo lassalleano<sup>14</sup>.

O problema básico destas abordagens poderia ser detectado numa crítica deste tipo de "história comparativa" que tranfere o centro das análises para fora da nossa realidade. Teríamos o caso padrão - a Europa industrializada - e os casos desviantes - América Latina, e países latinos da Europa - e estes casos deveriam ser explicados pela sua não correspondência com o padrão

---

<sup>13</sup> E. J. Hobsbawm - "Marx, Engels e o Socialismo Pré-Marxiano", História do Marxismo, RJ, Paz & Terra, 1984; Vol. 01, pg. 65.

<sup>14</sup> O que é curioso notar é que mesmo sob condições sócio-econômicas diferenciadas, já adentrando na primeira década do século XX, este tipo de visão de mundo coletivista retornasse a ter uma influência considerável no movimento operário: o sindicalismo revolucionário - como também uma de suas variantes mais radicais o "guild socialism" - que dificilmente poderia ser explicado apenas pela manutenção de resquícios pré-capitalistas nas sociedades européias desenvolvidas, havendo a necessidade de se agregar fatores superestruturais, especialmente a decepção causada em amplos setores da classe operária com o socialismo reformista e parlamentar.

européu. É através da realidade dos países desenvolvidos que compreenderíamos a realidade dos países sub-desenvolvidos, então a busca dos "desvios" seria a tarefa primordial do pesquisador. A nossa história seria explicada pela história européia.

Contudo, não cabe no âmbito de nosso trabalho uma crítica aprofundada deste tipo de abordagem, pretendo apenas destacar algumas falhas mais graves que levaram a conclusões falsas sobre o movimento operário da Primeira República.

A primeira questão a ser criticada é a própria idéia de que as características de nossa industrialização seriam semelhantes aos países ibéricos, e que se caracterizaria pelo predomínio da pequena empresa artesanal, e consequentemente pelo predomínio da mão-de-obra qualificada.

Esta referência ao caráter de nossa industrialização deve ser vista com prudência, pois parece ser questionável a tese de que o predomínio da pequena oficina artesanal em detrimento da grande empresa fabril seja a característica marcante de nossa industrialização do período. Na realidade, essa industrialização parecia combinar formas produtivas de diferentes períodos do capitalismo, e esta parece ser sua característica mais marcante.

Juntamente com a imensa quantidade de pequenas oficinas, erguiam-se portentosas empresas com mais de 100 empregados e algumas delas com mais de 1.000 empregados - particularmente as empresas têxteis.

Foi com o trabalho de Sérgio Silva, Expansão Cafeeira e a Origem da Indústria no Brasil, que se contestou de forma decisiva a idéia da predominância da característica artesanal da indústria na República Velha. Pois, segundo este autor, era a grande indústria a base real de nossa industrialização.

Usando estes dados para analisar as características da classe operária neste período, Lígia Osório Silva já podia contestar a explicação da hegemonia anarquista dentro do movimento operário do período<sup>15</sup>.

Portanto, numa primeira aproximação, já podemos colocar

---

<sup>15</sup> L.M.O.Silva - Movimento Sindical Operário na Primeira República, Tese de Mestrado, UNICAMP, mimeo, 1977.

dúvidas na tese da predominância do trabalho artesanal como forma de explicação da hegemonia anarquista sobre o movimento operário, e até mesmo duvidar desta hegemonia.

Assim é que se num primeiro momento a idéia da hegemonia anarquista nublou a existência de outras correntes no movimento operário, em um segundo momento estas já podem ser vistas à luz do dia, porém ainda vistas sob um prisma pouco nítido.

No trabalho de Fausto, as correntes ditas "amarelas" - reformistas de todas os matizes, entre eles os socialistas - recebem a primeira pesquisa mais aprofundada, contudo são desqualificados pelo rótulo de "trabalhistas", precursores do peleguismo sindical do pós-30.

Para Fausto a incipiente industrialização caracterizada pela pequena quantidade de operários, geralmente qualificados, reproduziu no Brasil a visão de mundo coletivista típica dos países latinos da Europa, determinando a predominância das idéias anarquistas no seio de nosso movimento operário. Assim sendo segue-se que um movimento socialista, que representaria uma ideologia ligada à visão de mundo dos trabalhadores não-qualificados, produto da grande indústria, não teria possibilidade de se enraizar. Assim, os grupos auto intitulados de socialistas eram uma "planta exótica", estariam fora de seu tempo e lugar. A conclusão lógica a se tirar, a partir desta visão, era de que estes não eram realmente socialistas, seriam "trabalhistas", produto da intervenção do Estado, das classes dominantes, e dos setores de classe média dentro do movimento operário, e não produto da própria necessidade deste.

Os grupos reformistas seriam vistos sob outra ótica a partir dos estudos de Maria Cecília Velasco e Cruz, Angela Castro Gomes e Claudio Batalha<sup>16</sup>. Com estes autores os reformistas passam a ser vistos como uma das possíveis identidades operárias, não como um

---

<sup>16</sup> M.C.Velasco e Cruz - Amarelo e Negro: Matizes do comportamento operário na República Velha, Tese de Mestrado, IUPERJ, mimeo, 1981; A.Castro Gomes - A Invenção do Trabalhismo, Tese de Doutorado, IUPERJ, mimeo, 1987; e Claudio Batalha, Le Syndicalisme 'Amarelo' a Rio de Janeiro (1906 - 1930), Tese de Doutorado, Université Paris I, mimeo, 1986.

apêndice do governo ou da burguesia, o que vai permitir compreender um mundo operário rico de matizes políticos e opções ideológicas.

É assim que Batalha vai aprofundar a compreensão dos "amarelos", ao trabalhar com mais atenção sua diversidade interna. Batalha lembraria que os "amarelos" seriam várias correntes que teriam como características principais: a visão da greve como "último recurso"; a busca da consolidação das conquistas trabalhistas através de medidas legais; o apelo aos serviços de intermediários (advogados, políticos, representantes dos poderes públicos); a sustentação da idéia de sindicatos fortes e ricos, recorrendo à beneficiência como forma de assegurar o número de associados e a entrada de recursos; a tentativa de conquistar espaços de participação institucional lançando candidatos próprios nas eleições parlamentares ou apoiando candidatos que se comprometessem com a defesa de seus interesses.<sup>17</sup>

Por último, Batalha discorda radicalmente das interpretações que colocam o anarquismo como corrente hegemônica no movimento operário da Primeira República, este teria nos "amarelos" - soma de várias correntes reformistas - sua força principal.

Assim, ao invés de utilizar a estrutura sócio-econômica como base para compreender as visões de mundo surgidas no mundo operário, se utiliza daquelas como a própria explicação destas visões. O que induz a pensar que as ideologias políticas já estão previamente derrotadas ou vitoriosas, e que, portanto, as reflexões dos homens sobre o desenrolar histórico é incapaz de alterar o rumo deste.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> C. Batalha, "Uma outra consciência de classe?: O sindicalismo reformista na Primeira República", mimeo, XIII Encontro Anual da ANPOCS, 1989; pg. 07.

<sup>18</sup> "It is also perfectly clear for the beginning that, since human beings have consciousness, the materialist conception of history is the basis of historical explanation but not historical explanation itself. History is not like ecology: human beings decide and think about what happens." Cf. E. Hobsbawm - "Marx and History", pg. 43.

Consequentemente, o estudo mais aprofundado da orientação e disposição de ação dos grupos sociais e políticos foi deixada em segundo plano em proveito da busca por variáveis sociais e econômicas que explicassem a vitória ou fracasso de determinada corrente política; vitória ou derrota que já se tinha definido com a análise socio-econômica da sociedade e que, portanto, a análise das opções políticas e teóricas dos personagens deveria ser feita tendo em vista o resultado conhecido a priori.

Assim, pouco esforço foi dedicado a um profundo estudo da história da formação, das lutas e da visão de mundo da classe operária no Brasil; sim porque esta classe tem uma história que não inicia em 1889. Será que até a Proclamação da República não existiriam operários, não existiam organizações por eles construídas, e eles não pensavam na sua situação, na sua relação com o Estado e com as outras classes?

Será que esta sua história não pode ter um papel nas suas escolhas políticas? Será que posso reduzir estas "escolhas" à simples determinação da forma econômica e do tipo de Estado existente na República Velha? Por fim, não seria esta forma de Estado também o resultado de uma luta não determinada a priori pelo estágio de nosso desenvolvimento?

Assim, uma explicação muito bem vista pelos pesquisadores do período, é de que a predominância anarquista se deveria ao caráter reformista de nosso socialismo. Pois, pela existência de um Estado liberal-oligárquico fechado a qualquer tentativa de reforma sociais, não haveria espaço para movimentos políticos que se baseassem em propostas reformistas, via atuação parlamentar. Portanto a "ilusória" tentativa dos socialistas em fundar partidos e eleger representantes ao parlamento não teria eco. Teriam, assim, os anarquistas uma vantagem natural sobre os socialistas<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Podemos encontrar este tipo de análise em : S.L.Maram, *op. cit.*, pg.84; B.Fausto, *op.cit.*; Silvia Magnani, O Movimento Anarquista em São Paulo (1906 - 1917), SP, Brasiliense, 1982; pg. 28. E originalmente em Aziz Simão, Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo, SP, Ática, 1981.

Estes autores sequer se fizeram a pergunta de porque os socialistas seguiram o caminho parlamentar, pois para estes, isso era natural; os socialistas estavam fora de época e de lugar.

Afinal, não poderiam trabalhar com a hipótese de que o socialismo parlamentar foi uma opção, e que deveria ser explicada, dentro dos limites dados nesta conjuntura, hipótese que transferiria o centro da discussão para as opções políticas possíveis no período, criando um campo aberto, apesar de limitado e tendencioso, onde o sujeito seria visto também como agente real da história, e não apenas como produto dela.

Procurarei em meu trabalho avançar por esse caminho. Tentarei mostrar que o reformismo dos socialistas do período não é um fator dado que não precise ser explicado, muito menos se deve apenas ao mimetismo da situação internacional - predomínio do reformismo na II Internacional - e sim deve ser explicado pela própria trajetória do movimento socialista no Brasil, pela história pretérita da classe operária - sua relação com os regimes imperial e republicano - e pela origem republicana de uma parte significativa de seus militantes.

Tão pouco aceito a idéia, superida por parte da bibliografia, de que o Estado liberal-oligárquico já estava pronto em 1889. Defendo, ao contrário, que este foi o resultado de uma luta acirrada e que apenas se concluiu com a política dos governadores implantada no governo Campos Sales, e que portanto a escolha parlamentar era uma opção não derrotada a priori, em verdade os socialistas apostaram em um caminho que seria derrotado neste processo histórico. A república democrática defendida por setores populares do republicanismo foi abraçada pelos socialistas, e sua derrota significou a derrota destes.

No entanto, outros autores buscaram explicações alternativas à questão da derrota do reformismo socialista.

Para Foot Hardman e Vitor Leonardi, o caráter reformista do nosso socialismo era também um dado negativo: faltaria a base social de apoio para seu desenvolvimento. Ou seja, inexistiria a aristocracia operária - camada operária caracterizada pelo alto ganho salarial, corrompida pelo lucro imperialista, e assim fortemente conservadora e reformista.

O tema da aristocracia operária voltaria a ser desenvolvido por Bóris Fausto, onde, ao contrário, seria usado para explicar a forte presença do reformismo entre os operários do Estado. Segundo este autor, haveria sim uma forte base para o desenvolvimento de uma política reformista, o chamado sindicalismo "amarelo" que representavam setores do operariado - trabalhadores do Estado - passíveis de aceitar uma política de cooptação por parte do Estado: os "trabalhistas".

Batalha nos mostra que Fausto altera o sentido original da concepção leninista de aristocracia operária. Ao contrário de Foot & Leonardi - Fausto identifica setores corrompidos da classe operária pela ação aliciadora do Estado.

A concepção de um operariado heterônimo, incapaz de seguir uma política própria, vai ser também desenvolvida por José Murilo de Carvalho<sup>20</sup>. Para ele, setores do movimento operário, incapazes de criar uma cidadania própria através de uma luta autônoma, buscavam receber seus direitos através da concessão por um Estado bem-feitor. Esta questão merece uma discussão mais atenta e, portanto, voltaremos a ela mais adiante.

A diferença entre as duas concepções, a de Foot & Leonardi e a de Fausto, é que a versão daqueles serve para caracterizar os socialistas pelo menos enquanto proposta. Enquanto Fausto não diferencia os socialistas reformistas dos reformistas não-socialistas. Isto porquê, para Fausto, não há socialistas no Rio de Janeiro, mas apenas "pelegos"

Há na literatura sobre o movimento operário na República Velha uma grande dificuldade em separar o socialismo reformista do reformismo operário "puro" - ou seja, reformistas que não concebem uma atuação operária na esfera política parlamentar, nem o questionamento do sistema capitalista como um todo. Se Fausto não encontra socialistas no Rio de Janeiro, autores como, Paulo S. Pinheiro e S.L.Maram também não conseguem diferenciá-los dos reformistas operários.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Carvalho, J.M. - Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi, SP, Companhia das Letras, 1987.

<sup>21</sup> Sobre as classificações das correntes operárias da República

Esses autores não negam a existência de um socialismo reformista em São Paulo - apesar de atestarem sua fraqueza, inconsequência e confusão ideológica - porém ao abordarem o Rio de Janeiro a confusão se instala. Além da dificuldade em separar os socialistas dos reformistas "puros", há uma tendência muito forte de desqualificar a sua atuação. Nomes como: Mariano Garcia, Melchior P. Cardoso, José Augusto Vinhaes, Gustavo Lacerda, Hermes de Olinda, etc., têm seu "status" de socialista recusado pela historiografia; a estes a historiografia reservará um papel pouco elogioso!

Já vimos que Fausto os chamou de "pelegos": Mariano Garcia e Antonio Pinto Machado seriam autênticos burocratas sindicais.<sup>22</sup> Já Lúcia M.O. Silva, diz que estes buscavam influenciar as associações operárias no sentido de colaborarem com o governo. Seriam na realidade "oportunistas" usando a classe operária como um trampolim para seus vãos políticos. Assim:

"No entanto, nem Pinto Machado, nem Mariano Garcia, nem Melchior Pereira Cardoso nunca se elegeram para nenhum cargo público, apesar de vários autores garantirem que o sonho destes indivíduos era de se elegerem à câmara dos deputados".<sup>23</sup>

Um trabalho mais recente manteria esta tendência a desqualificação dos "auto intitulados" socialistas cariocas. Jacy Seixas<sup>24</sup> vai definir os cariocas como "republicanos sociais" para distingui-los dos paulistas que seriam socialistas reformistas. Para Seixas os republicanos sociais não se dirigiam prioritariamente ao proletariado, mas sim às classes cultivadas e

---

*Velha, veja-se: A. Hecker - Um Socialismo Possível: A Atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo, São Paulo, T.A. Queiroz, 1989; capítulo 2, Visão Historiográfica.*

<sup>22</sup> B. Fausto, *op.cit.*, pg. 53.

<sup>23</sup> L.M.O. Silva, *op.cit.*, pg. 94.

<sup>24</sup> Seixas, J. - Anarquismo, Sindicalismo Revolutionnaire et participation politique au Brasil: Mythe et Histoire, Tese de Doutorado, mimeo, 1989.

principalmente ao Estado, únicos agentes capazes de realizar "radicalmente" o programa republicano. Ela concorda com a tese do "reboquismo": para os republicanos sociais era através da colaboração com o Estado que as classes operárias adquiririam seus direitos. Não haveria nenhuma crítica ao capitalismo, nenhuma luta pela transformação deste, nem a longo prazo.<sup>25</sup> Assim, ela os qualifica como "paternalistas", "tutelares" e "estatistas". Mais do que isso, haveria uma hostilidade latente entre os socialistas paulistas e os republicanos sociais cariocas. Seriam "*frères ennemis*":

" 'Do jacobinismo ao socialismo ia na mesma distância que há entre o polo norte e o polo sul' - destaca, em 1896, à propósito do 'socialismo' carioca, o redator do periódico 'O Socialista' de São Paulo. Proposta ratificada 3 anos mais tarde por Estevam Estrella, dirigente socialista, que qualifica de jacobino o 'Centro Operário Internacional' do Rio, auto-qualificado socialista, dirigido por Vicente de Souza. A mesma refutação se deu em 1902, quando as organizações operárias do Rio foram impedidas de participar do Congresso Socialista realizado em São Paulo: eles não receberam o estatuto de socialistas."<sup>26</sup>

A afirmação acima não parece corresponder à verdade. O artigo sobre o jacobinismo e o socialismo não se refere aos "socialistas" cariocas e sim aos jacobinos florianistas, que Jacy parece não diferenciar dos "socialistas" cariocas. Nas minhas pesquisas não achei a citação de Estrella sobre o Centro Operário Internacional, a fonte citada se refere a um tal "Centro Operário", não especifica qual Centro, e o autor não se identifica no artigo. No Congresso de 1902, não houve nenhuma associação do Rio provavelmente porque não havia nenhuma organização atuante neste período. O Centro das Classes Operárias

---

<sup>25</sup> J. Seixas - *op.cit.*, pg.92.

<sup>26</sup> J. Seixas, *op.cit.*, pg.78.

é citado nos debates do Congresso como a "única organização operária convergente ao socialismo"<sup>27</sup>, contudo, neste período estava ainda em formação, o que talvez explicasse a sua ausência do Congresso. Porém logo após o Congresso, os socialistas cariocas acatam a sugestão deste para se organizarem baixo seus estatutos. Assim Mariano Garcia funda sua "Gazeta Operária", e o Partido Operário Socialista, que deveria seguir o programa fixado pelo congresso. Ele nos informa que para o próximo congresso a sede escolhida seria o Rio. O mesmo Mariano Garcia, chamado pelos historiadores de "amarelo" vai em 1903 a São Paulo, a convite deles, sendo recebido calorosamente pelos socialistas deste Estado. Portanto, nada parece confirmar a idéia de "*frères ennemis*" de que nos fala Seixas.

Mariano Garcia, Melchior P. Cardoso, Hermes de Olinda, etc., apesar de se declararem socialistas, de nunca terem se beneficiado de sua influência junto aos operários, de não terem cargos no governo ou Estado, ou de terem recebido qualquer benefício de patrões ou governantes, são sistematicamente desqualificados pelos pesquisadores. Aparentemente estes socialistas não se encaixam nos padrões que estes pesquisadores definem como os "verdadeiros socialistas", o que pressupõe uma imagem de como era o socialismo na Europa do período e qual deveria ser a real atuação daqueles em nosso país. Parece que há uma incompreensão sobre o papel do reformismo socialista; aparentemente, os nossos socialistas só seriam "legítimos" se fossem revolucionários.

A afirmação que no discurso dos socialistas cariocas não haveria a perspectiva da superação do capitalismo sequer a longo prazo, e que o interlocutor privilegiado não seria o operariado, mas sim as classes ilustradas ou o Estado, não parece ser confirmada nos seus discursos, muito menos nas suas propostas fixadas nos programas dos partidos, associações e centros operários que estes fundaram.

é também o caso da qualificação da política socialista como

---

<sup>27</sup> "O Estado de São Paulo", 31.5.1902.

"reboquista", ou seja, o atrelamento da política operária via favores do Estado. Na realidade vemos aqui o mesmo argumento utilizado por Fausto para descrever a política "trabalhista" como um todo, em relação ao proletariado. Isto reforça a idéia de que Seixas confunde os "republicanos sociais", como chama os socialistas cariocas, com os reformistas operários "puros". Tanto no argumento de Fausto como no de Seixas está implícita a idéia de que existe um setor da classe operária pronto a ser cooptado. Este setor não teria projeto próprio, adotando assim o projeto das classes dominantes. Se assim fosse não se compreende porque os "trabalhistas" desenvolveram uma organização sindical tão forte e agressiva, e organizaram greves, muitas vezes duradouras e violentas. E porque houve tanta resistência dos patrões e do Estado em reconhecer suas reivindicações, e houve tanto enfrentamento entre operários, patrões e Estado.

Além de uma certa visão economicista, uma parte da literatura sobre o movimento operário da República Velha buscou encontrar a variável sociológica que explicasse as peculiares características de nosso movimento operário.

O livro do brasilianista Sheldon Leslie Maram é paradigmático neste sentido. Maram vai buscar na composição étnica do nosso operariado do período, a variável que diferencie o caso brasileiro dos seus congêneres. Esta seria encontrada na particular composição da nossa força trabalhadora, composta predominantemente de imigrantes:

"Os conflitos entre brasileiros e imigrantes, e entre os próprios grupos etnicamente divididos, foram uma das principais limitações do movimento operário brasileiro. (...) As comunidades de imigrantes dividiam-se entre si. O regionalismo que afligiu a Itália estendeu-se aos trabalhadores italianos em São Paulo, causando o retardamento de sua organização. Mais importante ainda foram as tensões étnicas entre grupos estrangeiros, particularmente entre italianos e portugueses, que em conjunto constituíam 2/3 da imigração durante o período em discussão. (...) O imigrante do nordeste da Itália veio de um dos centros sindicais mais

vitais da Europa, enquanto o português vinha de um posto avançado, já bastante enfraquecido do socialismo europeu."<sup>28</sup>

Assim o conflito étnico entre os italianos politicamente conscientes e os portugueses politicamente atrasados impossibilitou uma unidade do nascente movimento operário, questão esta que seria fatal para o seu desenvolvimento. Esta heterogeneidade explicaria inclusive a diferença entre o movimento operário paulista e o carioca:

"Em termos gerais, pode-se atribuir a superioridade relativa do movimento operário de São Paulo sobre o do Rio também ao fato de os italianos constituírem o maior grupo estrangeiro da força de trabalho paulistana, enquanto brasileiros e portugueses mais passivos constituíam o grosso da força de trabalho somente na capital federal."<sup>29</sup>

A tese da passividade dos portugueses e brasileiros em relação a militância dos italianos não resiste às análises mais cuidadosas. O primeiro ponto a ser salientado é que, ao contrário que afirma Maram, as primeiras levas de imigrantes vieram do Vêneto (região agrícola e profundamente católica, neste período) e mais tarde passaram a vir do Mezzogiorno (Calábria), região profundamente atrasada politicamente<sup>30</sup>. Além do que confundir a militância de um punhado de abnegados militantes com o grosso da massa trabalhadora nos parece um equívoco. Sobre a passividade portuguesa, esta deve ser muito relativizada pois é importante lembrar que o grosso da classe trabalhadora no porto de Santos - a "Barcelona brasileira" - era composta de portugueses,

---

<sup>28</sup> S.L. Maram - *Op. cit.*, pgs. 30 e 32.

<sup>29</sup> *ibid.*, pg. 32.

<sup>30</sup> Para uma crítica sobre a aparente militância dos imigrantes italianos veja-se: M. Hall - "Immigration and the early São Paulo working-class", in: Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas, nº 12, 1975; e também, C. Batalha - "Le Syndicalisme 'amarelo' à Rio de Janeiro".

brasileiros e espanhóis.

Vários autores destacam a particular composição da classe operária brasileira do período como o grande entrave para a criação de uma identidade de classe entre os trabalhadores. Maram em especial destaca as dificuldades criadas pela base imigrante do operariado: o mito de ascensão social, as divisões étnicas e a vulnerabilidade à deportação e as acusações de conspiração estrangeira. O que não parece ocorrer a Maram é que a característica "original" da composição de nossa classe não consiste numa originalidade e sim num padrão comum à quase totalidade as classes trabalhadoras. Em geral, uma classe trabalhadora "nacional" é composta de uma parcela de nacionais e de grupos de trabalhadores imigrantes de várias origens, e divididos mesmo entre si, mesmo o caso brasileiro onde a grande maioria da força trabalhadora do Rio e São Paulo era composta por estrangeiros não era um caso único, pois a Argentina e os Estados Unidos tiveram a mesma característica. Portanto, divisões étnicas, acusações de conspiração estrangeira e risco de deportações eram problemas enfrentados por quase todos os movimentos operários.

Em realidade deve-se ter em mente que a unidade étnica é um caso raro dentro das classes operárias nacionais<sup>31</sup>.

A questão levantada por Maram, sobre a contaminação do operário estrangeiro com a ideologia da ascensão social é abordada por grande parte dos autores para justificar uma possível resistência dos trabalhadores à participação em organizações de classe. Esta visão é compartilhada por autores como: Fernando H. Cardoso, Michael Hall e Paulo S. Pinheiro, Leandro Konder, Sheldon L. Maram e Bóris Fausto. Segundo estes autores, o imigrante viria ao país com a esperança de fazer fortuna e não estaria disposto a se indispor com o Estado e com o seu patrão participando de movimentos radicais. Isto seria

---

<sup>31</sup> Sobre a composição basicamente heterogênea das diversas classes operárias nacionais é fundamental ler-se o artigo de E. Hobsbawm - "Qual é o País dos Trabalhadores?", em Mundos do Trabalho, RJ, Paz & Terra, 1987.

favorecido pela característica particular de nossa industrialização, que sendo recente e ainda baseada em grande parte na pequena indústria, proporcionaria ao empregado grande chance de ascensão social e a pequena distância com o patrão - normalmente um ex-operário - legitima a idéia da vitória profissional representada pela criação do seu próprio negócio. A primeira objeção a ser feita é que a ideologia da ascensão social é um dos pilares básicos de sustentação do sistema capitalista - ou do liberalismo - a concepção de que todos têm as mesmas chances de se tornarem proprietários ronda a cabeça das pessoas por mais que a dura realidade, dia após dia, negue esta verdade. Porém, além disso, outros autores acreditam ser esta ideologia extremamente contraditória em si mesma, produzindo mais conflitos que passividade. Se não vejamos:

" Uma venerável tradição de análise, datando antes e ao menos tão distante como a de Alexis de Tocqueville, insiste que longe de promover a estabilidade política, a mobilização social é uma força de desestabilização, aumentando as expectativas mais rápido do que elas podem ser satisfeitas e assim encorajando demandas por maiores mudanças."<sup>32</sup>

O ponto fundamental de crítica destes esquemas explicativos não é a justeza de seus argumentos em si, mas a forma com que são utilizados. Eles não são válidos por si só, têm que ser contextualizados. Não são verdadeiros para qualquer período histórico nem para qualquer lugar. A simples comparação histórica nos mostrou que estes fatores foram compartilhados por movimentos operários de outros países, em diferentes épocas.

Neste momento é útil que o pesquisador tenha uma visão global do seu problema, saia além de suas fronteiras e observe como outras classes e outros movimentos enfrentaram o difícil processo de organizar seus membros. Vimos que os problemas enfrentados pelos militantes brasileiros, em muitos casos eram

---

<sup>32</sup> E. Foner - "Why there is no socialism in the United States ?", in: History Workshop Journal, nº 17, Spring, 1984; pg. 61.

comuns a outros países. Proponho neste momento acompanharmos uma discussão muito semelhante à nossa: o debate americano sobre o porquê da não existência de um movimento socialista nas terras de Tio Sam. E veremos como este debate se assemelha à nossa discussão. Deixemos o historiador Eric Foner debater com algumas teses que são muito próximas àquelas vistas acima:

"A pobreza é vista algumas vezes como uma barreira para o radicalismo, algumas vezes como a sua mais poderosa alavanca, a mobilização social é falada algumas vezes como aumentando, algumas vezes como diminuindo a consciência de classe, a falta de coesão étnica é vista como um impedimento à solidariedade de classe, ou como o trampolim do qual ela emerge. Mas, qual seja o argumento específico, uma influência desproporcional é muito frequentemente assinalada para um simples elemento da estrutura social, e a política e a ideologia são muito vistas como um simples reflexo de relações econômicas. (...)

A concepção de que uma política socialista é dificultada de emergir em face a uma classe operária dividida internamente. A tradicional concepção de que o desenvolvimento capitalista deve produzir um proletariado crescentemente homogêneo com um conjunto simples de interesses, representado pelos sindicatos e um partido político, tinha sido aceita antes do reconhecimento de algumas espécies de divisões e estratificações construídas dentro do processo de trabalho capitalista por si mesmo. Divisões entre qualificados e não-qualificados, artífices e operários industriais, frequentemente reforçada por divisões entre linhas de raça, etnia e sexo, desmentem a noção de uma classe operária unificada. É duvidoso, todavia que tal divisão seja muito útil para explicar as características únicas da história do trabalho na América, parece que segmentações similares existem em outras sociedades capitalistas avançadas. (...)

Racismo e questões étnicas não são, como eles são algumas vezes tratados, "transhistóricos", fenômenos que existem

independente de um tempo e lugar histórico. (...)

Cada uma destas abordagens "políticas" contém um elemento de plausibilidade, mas muitas sofrem do mesmo problema de outras explicações para a falência do socialismo: eles invocam aspectos da política americana comum para outros países para explicar o excepcionalismo americano. (...)

Como temos visto, todas as explicações que tem sido propostas - a interna e a externa, a social, a ideológica, a econômica e a cultural - têm um certo mérito, e todas parecem ter fraqueza num todo, tampouco podemos nós adicioná-las todas juntas, em uma espécie de salada mista e nos sentirmos satisfeitos com o resultado. (...)"<sup>33</sup>

A identidade de classe se constrói na superação das várias divisões e identidades que separam um operário de outro, que ao contrário do que geralmente se pensa são partes constituintes do operariado e não uma característica de uma fase ainda primitiva do seu desenvolvimento. No momento de organizar uma greve ou de criar um sindicato, o operário não deixa de ser um negro, ou um italiano, um sapateiro de uma grande fábrica ou de uma pequena oficina, um homem ou uma mulher, mas isto deve ser secundário quando o objetivo principal deve ser o sucesso da greve ou do sindicato.

Ou seja, a divisão étnica do proletariado - como outras divisões - não são a explicação para sua incapacidade de organização, são antes reflexos desta, porque toda classe convive com divisões que vão continuar existindo mesmo após a classe adquirir esta consciência classista.

---

<sup>33</sup> E. Foner - *op.cit.* - pgs. 59 a 73

## CAPÍTULO 02

1889:

OS OPERÁRIOS E A REPÚBLICA

" Até hoje vivemos sob o domínio de um regime atrasado, de privilégios, hierarquia e preconceitos. Entre as muitas classes em que se dividia o povo, ocupávamos o último lugar.

Como seres políticos, éramos os servos da gleba. Como homens, éramos a canalha. Como cidadãos, éramos a última classe social, daquela que tinha sobre si todos os deveres, e que não tinha para si um só dos direitos, que se conferia a seus semelhantes.

Mas este regime passou. Hoje somos livres, iguais e soberanos.

(...)Saibamos ser operários e cidadãos de uma pátria livre. E assim sendo, seremos sem dúvida as mais fortes colunas deste grande país. (...) "

( "Voz do Povo", 09 de Janeiro de 1890.)

A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, apesar de ter sido um movimento tipicamente militar e não ter contado com a participação popular, não foi contudo, um ato que tenha passado despercebido para um importante setor da população, que via neste fato o início de uma era caracterizada por fulgurantes promessas.

A classe operária não ficou indiferente ao novo regime, nem o novo regime a ignorou. Houve, num primeiro momento, uma rápida lua de mel, antes que as primeiras contrariedades da vida em comum demonstrassem a impossibilidade desta união, e revelassem a futura separação por incompatibilidade de gênios.

Pelo menos desde o Manifesto Republicano de 1870, que dá origem ao Partido Republicano, as classes populares passam a ser alvo das atenções dos diversos grupos de republicanos. Particularmente daqueles grupos mais radicais que se espelhavam na República Francesa de 1792, no radicalismo jacobino, nos

ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Já neste Manifesto vemos delineada uma proposta de sociedade baseada nos princípios da República Francesa: soberania popular, combate a todos os privilégios - religião, raça, sabedoria, posição - e na concepção de vagas reformas sociais.

A questão do trabalho era um tema delicado, pois a ela estava ligado fundamentalmente à questão da abolição da escravidão. Como é sabido o Partido Republicano Paulista, formado basicamente de latifundiários de café e, portanto, tinha uma grande dificuldade em discutir essa questão sem confrontar os interesses de seus mais poderosos componentes.

Portanto, seriam as alas mais radicais do movimento, basicamente formada pelas classes médias dos grandes centros, que tomariam a si o encargo de levar à frente a campanha popular pela emancipação dos trabalhadores escravos.<sup>34</sup>

No decorrer das décadas de 70 e de 80 surgem vários jornais republicanos radicais que procuram, através da agitação popular e do recurso à violência, combater o regime monárquico.

Vemos surgir, assim, na província de Pernambuco algumas referências aos ideais socialistas: em 15 de janeiro de 1871, o jornal "Outeiro Democrático", inicia suas páginas com palavras do socialista francês Louis Blanc; nas páginas do órgão oficial do Partido Republicano da província - "O Seis de Março", transcrevem-se comentários sobre os ideais de Karl Marx.<sup>35</sup>

Esta década vê surgir uma certa agitação no incipiente proletariado, também, as idéias socialistas sofrem uma maior divulgação. Em 1878 surgem simultaneamente três semanários intitulados socialistas: "O Internacional Socialista", de Salvador; "O Socialista", do Rio de Janeiro; e o "Tribuna Socialista", de Pelotas; jornais que anunciam um período ascendente para a incipiente imprensa operária na década

-----  
<sup>34</sup> Veja-se, Décio Saes, A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888 - 1891), Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1985.

<sup>35</sup> cf. Reinaldo X.C. Pessoa - O Ideal Republicano e o seu Papel Histórico no Segundo Reinado: 1870 - 1889, SP, Arquivo Estadual de São Paulo, 1983; pg. 183.

seguinte.

Segundo Evaldo da Silva Garcia, haveria nestes jornais um salto qualitativo, pois não se tratava mais do velho socialismo fouriérista mas sim um socialismo inspirado nas idéias vinculadas pela vanguarda do movimento socialista internacional, representada pelo Partido Socialista da Alemanha.<sup>36</sup>

A Revolta do Vintém, iniciando a década de 80, estimula a criação de jornais que apelam para outras vias além do tranquilo "evolucionismo" pregado pela linha majoritária do Partido Republicano. A linguagem revolucionária destes impacientes periódicos, somava-se o apelo aos operários, e acenos a um vago socialismo.

Assim, o jornal republicano "Revolução", de 12 de setembro de 1882, tinha na epígrafe a denominação de: "órgão realista, republicano, livre pensador e socialista". Este mesmo jornal, em 15 de abril de 1881, finaliza seu editorial com o seguinte parágrafo:

"Os direitos dos cidadãos ativos da sociedade, dos artistas e dos operários que são o sustentáculo do Estado, foram espoliados pelas reformas tolas e estúpidas; para reconquistarmos, precisamos empunhar o bacamarte na praça pública, bradando: Revolução!."

Outro jornal, "O Combate", de propriedade de Lopes Trovão, em um artigo de 12 de abril de 1880, liga o socialismo com a República:

"(...) chama-se, hoje, a República; e amanhã, quando esta idéia já atrasada entre as sociedades avançadas, corporifica-se no fato, chamar-se-á socialismo, se a república prosseguir no trabalho de desmoronamento que a

---

<sup>36</sup> Evaldo da Silva Garcia - "A Imprensa operária e socialista brasileira no século XIX", Revista Estudos Sociais, RJ, nº 19, fev. 1964, pg.270.

monarquia empreendeu e leva adiantado na nossa pátria."<sup>37</sup>

Ou seja, o socialismo, que está na ordem do dia na Europa, terá que esperar, no Brasil, a solução da questão monárquica, para enfim ser o ideal de progresso para nossa sociedade.

O processo de combate à monarquia se aprofunda quando a campanha abolicionista atinge seu ápice no ano de 1888. A possibilidade de um 39º reinado agita a ala "revolucionária" do republicanismo, criando um quadro político caracterizado pelos "meetings", pelos confrontos com a guarda-negra monarquista, pelas manifestações populares. Silva Jardim, Lopes Trovão, Vicente de Sousa, Ferro Cardoso, Aristides Lobo, Pedro Tavares, José Leão representavam a ala mais radical do movimento, propugnando a Proclamação da República via revolta popular. Assim, não é a toa que a palavra socialista representasse a imagem de um governo popular e democrático à imagem da França Jacobina tão cultuada por estes radicais.

Senão, vejamos a imagem de um regime socialista, vinculada no Manifesto do Partido Republicano de Pernambuco, de 11 de dezembro de 1888:

"Sancionando as criações realizadas na ordem civil e subordinando-as à utilidade social, consagrando-as portanto - regime socialista por excelência, firma a noção de justiça na ordem privada, como na ordem pública a noção de liberdade e responsabilidade nas relações políticas - é pois outra fórmula a qual poderemos conceber o sistema republicano. (...) Governo de ordem e de progresso - a República é a paz. (...)" <sup>38</sup>

No entanto, é importante não perder a real dimensão histórica destes grupos, que eram minoria dentro do movimento republicano. Este se caracterizou muito mais como um movimento oligárquico, de

-----  
<sup>37</sup> cf. Reinaldo X.C. Pessoa, *op. cit.*, pgs. 175/6.

<sup>38</sup> cf. *ibid.*, pg. 194.

grandes proprietários rurais, do que das camadas médias liberais das grandes cidades. A ala majoritária do movimento republicano era chamada de "evolucionista", por propor uma passagem lenta e tranqüila da Monarquia à República, sem a necessidade da agitação popular. Os supremos ideais de igualdade, de soberania popular, do livre manifestar de opiniões, davam um ar democrático aos princípios republicanos, e que não eliminava a participação operária na construção da nova sociedade:

"Esta forma de governo funda-se no dogma científico da igualdade humana, e manifesta-se pela eleição. É pela igualdade que a República estabelece o ideal do governo de todos por todos, do povo pelo povo. É pela eleição que ela realiza este ideal. A igualdade não é como pensam muitos e como gritam nossos adversários, o nivelamento de todos, a negação das faculdades e aptidões de cada um. Isto de igualdade teria apenas o nome, seria o rebaixamento das aptidões até a nulidade, ou a elevação da nulidade até as legítimas aptidões, seria romper com o modo de ser das coisas, quebrar a ordem da natureza. A igualdade é reconhecimento do direito que tem cada um a desenvolver-se e aperfeiçoar-se e atingir a altura que os méritos lhes destinam. E também, por consequência, a negação fundamental de todos os privilégios, ou direitos inatos: de casta, de família, etc., etc. (...)

A república é o governo do povo pelo povo, o único meio legítimo e possível de manifestar-se a vontade do povo é o sufrágio universal; por conseguinte, nunca a república será legitimamente exercida se não admitir como base de sua existência o sufrágio universal."<sup>39</sup>

O positivismo, como se sabe, tem na incorporação do operário à sociedade um de seus corolários básicos. A grande

---

<sup>39</sup> Assis Brasil - *A República Federativa*, apud Reinaldo X.C. Pessoa, *op.cit.*, pgs.161/2

influência que esta ideologia exerceu sobre vastos setores do grupo dominante do movimento republicano - militares, setores de classe média, etc - explica uma certa condescendência com as primeiras manifestações operárias, mesmo antes da Proclamação da República, e também logo após. É o que vemos no manifesto de Quintino Bocaiuva (um dos líderes da ala conservadora-evolucionista do movimento republicano) ao Partido Republicano do Brasil em 1889:

"O regime republicano tem também (...) a sua idéia social. Essa idéia é a da emancipação dos proletários, tanto a daquele que anda acorrentado pelas algemas da ignorância, como daquele que, vítima das desigualdades sociais e políticas, vive arrastando a calceta da miséria pelo trabalho mal remunerado. Difundir o ensino, sob os auspícios da mais absoluta liberdade tanto científica como administrativa; desenvolver, pela aprendizagem profissional, a capacidade produtiva dos operários e elevar o nível igualitário dos cidadãos(...)."40

O ponto mais interessante na relação da República com o operariado é a eleição de alguns elementos ligados ao operariado sob a bandeira do Partido Republicano nas primeiras eleições após 1888. Assim, em São Paulo, nas eleições da Constituinte Estadual de 1891 foram eleitos, o operário Francisco Amaro e o professor Arthur Brèves, um dos mais importantes líderes dos futuros grupos socialistas paulistas. No Rio de Janeiro, nas eleições de 1891, para a Constituinte Estadual de 1891, foi eleito Múcio da Paixão, ex-tipógrafo, uma das figuras mais atuantes do movimento operário fluminense. E principalmente a eleição do José Augusto Vinhais, para a Câmara Federal, em 1890, líder do recém criado Partido Operário.

---

40 Manifesto de Quintino Bocaiuva ao Partido Republicano do Brasil (1889); apud, Reinaldo X.C. Pessoa, *ibid*, pg. 156.

O mais interessante, porém, é que o novo regime não apenas via com bons olhos as primeiras agitações operárias mas o próprio socialismo era encarado com tolerância. As confusas informações que vinham da Europa, congregadas com a simpatia pelas idéias francesas, faziam do socialismo uma idéia palatável para amplos setores do republicanismo (como os exemplos citados nos informam). Porém, não é logicamente o socialismo revolucionário marxista, ou o socialismo anarquista, ou blanquista. Eram expressões do reformismo conservador bismarckiano - o "socialismo de estado" - ou dos chamados socialistas de cátedra alemães. Um confuso sentimento reformista, uma certa resistência ao individualismo competitivo dos liberais, contra os privilégios e a favor de uma sociedade baseada na igualdade dos cidadãos, tudo isso completado com o caldo positivista explicam esta ambígua atração.

Assim não é de se estranhar que o jornal semi-oficial do governo republicano comemore o 1º de maio saudando os operários com elogios ao socialismo europeu:

"Reis, magnatas e privilegiados tentam conservar em suas mãos a direção e a supremacia das sociedades, mas os proletários congregam-se, combinam-se entre si e preparam a luta homérica que há de transformar radicalmente as condições atuais das hierarquias sociais e do predomínio que estas exercem. O movimento socialista que hora se verifica em muitas capitais da Europa é a melhor prova do ascendente que exerce uma idéia quando ela germina no (sic) atendimento humano."<sup>41</sup>

Assim não é de se estranhar que o próprio governo de Floriano Peixoto fosse caracterizado como um "socialismo de estado" em artigos do mesmo "O Paiz". Afinal era um governo com atitudes populares, bem visto pelas camadas mais baixas da população, com

---

<sup>41</sup> *O Paiz*, 1.05.1890; cf.: José Augusto Vallades Pádua, "A Capital, A República e o Sonho: A Experiência dos Partidos Partidos Operários de 1890", *Revista Dados*, RJ, Vol. 28, nº 2, 1985.

características de um governo fortemente intervencionista, de estilo moralista e duro com os "poderosos".<sup>42</sup>

É óbvio que esta situação logo mudaria, havia na realidade muito pouca disposição por parte dos governos republicanos para aceitar atos de independência do nascente movimento operário. Isso já estava implícito em um artigo de "O Paiz", descrito por Valladares Pádua:

"O mesmo editorial, entretanto, chamava a atenção para o perigo da violência social, dizendo que 'nossas simpatias estarão ao seu lado apenas 'enquanto não virmos sustentada a aplicação de meios extremos' (...)"<sup>43</sup>

Do lado operário havia uma grande esperança no regime que acabava de nascer. A Monarquia, como os *Ancien Régime* da velha Europa, era o regime da desigualdade e dos privilégios. O trabalho não era considerado fator de enobrecimento humano, ao contrário, era considerado uma marca de aviltamento, de degradação social. Portanto, a desigualdade vinha do berço, marcada no sangue e se fixada no ofício do operário. Enquanto isso, na outra ponta da escala social desfilava a nobreza privilegiada, arrogante e estéril.

O operário como o produtor de todas as riquezas do país, era, ao contrário, a classe mais despojada de bens, direitos e futuro, e se agravava pelo aviltamento da escravidão.

---

<sup>42</sup> Veja-se: Eric Hobsbawm, "O Socialismo Pré-Marxista", História do Marxismo, Vol. 01, pgs. 42/3. Onde o autor mostra como, também na Europa do século XIX, o socialismo era um termo de largo uso, arrégimentando pessoas que defendiam um vago sentimento anti-liberal. Assim, muitos conservadores assustados com o competitivismo individualista da sociedade capitalista passaram a se denominarem "socialistas". Sob este termo, então, se agrupavam idéias anti-individualistas, comunitaristas, associativistas ou cooperativistas, e partidários da intervenção do Estado no mercado - grupos como os "socialistas de cátedra", o governo intervencionista de Bismarck, e seus defensores os "socialistas de Estado", os "marxistas legais" na Rússia, entre outros.

<sup>43</sup> "O Paiz", 1.05.1892; cf.: J.A. Valladares Pádua, op.cit., pg. 169.

Não parece haver dúvida, pela leitura dos jornais operários do período, da participação operária nos movimentos abolicionista e republicano. A abolição retirava a desprezível mancha do trabalho escravo, criando a possibilidade real da nobilitação do trabalho. Nobilitação que só se complementaria com o advento da República e a eliminação de todos os privilégios de nascença, criando, assim a igualdade perante as leis, e colocando o trabalho como única fonte legítima de prestígio social.<sup>44</sup>

Assim se expressa um articulista do jornal "Echo Popular", de São Paulo, que se intitula apenas *Um Operário* (procurando, com certeza, refletir o sentimento de toda sua classe):

"Outrora os operários desta província, enxovalhados porque a maior parte dessa classe eram escravos, e assim os informavam, tratando de reunir-se ao redor de um homem e bater em regra a escravidão, libertando seus colegas, que, além de não terem hora de trabalho, não viam o produto deste, porque tudo pertencia aos seus senhores. (...) Em Itatiba, em Caçapava, em Jacareí, em Guaratinguetá e nesta capital e em outros lugares, uma porção de operários foram processados e presos porque queriam a liberdade de seus colegas."<sup>45</sup>

A criação de clubes republicanos com participação operária, os concorridos "meetings" em praça pública, o entusiasmo popular, tudo isto demonstra o espírito dos operários naqueles dias. Assim

---

<sup>44</sup> Décio Saes, em seu trabalho - A Contestação à Ordem Monárquica no Brasil - já trabalhava com a hipótese da força do ideal da nobilitação do trabalho como fator de ligação entre as classes populares e a República. Apesar de ter chegado às minhas hipóteses antes de conhecer este trabalho, destaco ser este autor o primeiro a fazer esta relação nos termos acima colocados. Saes faz a distinção entre o a valorização da dignificação do trabalho não-manual, perseguido pelas classes médias, da valorização do trabalho em geral, defendida pela classe operária. Contudo, para ambas as classes a exigência da abolição da escravidão e da igualdade jurídica as unia à República e à Abolição.

<sup>45</sup> EP, 02.08.1890.

relata o Tenente José Augusto Vinhaes a participação operária nas praças desses dias:

"A todas essas manifestações do coração humano associa-se espontaneamente e patrioticamente a classe operária, afluindo em massa aos comícios populares, onde os apóstolos convictos da abolição da escravatura e da democracia pregavam eloquentemente a liberdade e os direitos do homem (...)."46

Luis França e Silva nos dá a idéia do engajamento da tradicional classe tipográfica - através do Club Abolicionista Gutemberg, fundado pelos próprios tipógrafos, e do seu jornal "Revista Typographica" nestes acontecimentos:

"A Revista Typographica defende totis viribus a liberdade dos escravos e está sempre ao lado das idéias liberais do século. Quando em 30 de dezembro do ano passado a guarda negra atacava fisicamente os republicanos, nós colocávamos ao lado dos nossos compatriotas que exerciam um direito outorgado pela constituição então em vigor."47

O momento da Proclamação da República marca, portanto, o ápice das relações entre operariado e republicanismo, o entusiasmo de certos setores daquele não deixa dúvidas quanto as esperanças despertadas pelo novo regime. Vejamos a entusiástica saudação à República, pelo articulista do jornal "Voz do Povo":

"(...) Uma revolução pacífica, verdadeiramente sublime, em vez dela erigiu em nossa pátria o governo da República, e a deusa da liberdade, em toda a sua refulgência de seus brilhos, (ilegível) sobre as nossas

---

46 O Paiz, 05.02.1890.

47 VP, 07.01.1890.

cabeças numa expansão de luz e de liberdade. A igualdade, como corolário desta revolução sublime, abatendo os privilégios, excluindo os preconceitos, nivelando as condições, veio derramar por todas as classes o supremo conforto das aspirações populares hauridas na compreensão dos direitos de cada indivíduo."

A Proclamação da República sacudiu a alma e o coração de um grande contingente de operários que viam nela a realização de seus desejos, a ninguém mais pareceria interessar seu sucesso que à maltratada classe operária, e caberia à ela, portanto, mais do que qualquer outra classe trabalhar em seu proveito. O impacto das promessas de igualdade, liberdade e fraternidade, que acompanharam a Proclamação, no seio do mundo do trabalho, não deveria ter sido tão subestimado pelos pesquisadores. O impacto do advento da República foi real, e provocou um forte sentimento de que esta República seria o regime do trabalho e dos produtores.

Vejamos o depoimento de Domingos Silva, do Centro Operário da Bahia:

"Proclamada a República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, no dia 18 do mesmo mês, eu, pela primeira vez, posso dizer, levantei-me da minha obscuridade e encetei o meu pequeno e modesto trabalho, pelo alevantamento de minha classe.

Compreendi o que é a República, compreendi o que pode ser e o que pode valer o homem do trabalho, em um país livre.

Conheci os males que atrofiavam as classes operárias, e então fiz repercutir aos 4 ventos o brado de alerta que haveria de ecoar nos mais recônditos lares dos meus companheiros, a fim de que hoje, 6 de maio tivéssemos no seio da classe plantado o germe do trabalho livre e honrado.

Este brado de alerta foi um apelo, e este apelo eu fiz das colunas da República Federal, folha que se editava nesta capital. Neste apelo que dirigi a minha

classe, eu não só protestava a usurpação das nossas liberdades e dos nossos direitos, há tanto tempo violentados, como dava parabens aos homens da pobre camada social pelo rebento da grande idéia, idéia por excelência sublime, que se tornou um fato: - a Proclamação da República dos E. U. do Brasil.

Sim, companheiros, eu assim procedi, e assim procederei sempre, porque para nós, principalmente para nós, homens do trabalho quotidiano, a República não é sómente uma conquista das liberdades e da democracia, não é simplesmente o agente precursor intemerato do progresso material e social, mas sim a significação positiva do alento do operário, o ar suavíssimo que lhe fortalece o espírito, lhe engrandece a alma e lhe entusiasma o coração. Por isso, a ninguém mais do que a nós cumpre trabalhar em seu proveito, para que ela não continue a traduzir apenas simples teorias, mas traduza também a consumação dos fatos.

Trabalhar incessantemente para dar-lhe nome, fazendo serem respeitadas e ambicionadas as artes e os ofícios, entre nós sem conceito; esforçamo-nos pela felicidade de nossas famílias, entregues aos vaivens da sorte, sem futuro seguro, e sem garantias nos momentos difíceis da vida; educar as massas para inteira compreensão dos nossos direitos e deveres, em um sistema livre como é o republicano, é o que nos cumpre fazer. (...)"<sup>48</sup>

Parece claro que a dignificação do trabalho unia fortemente as associações operárias ao ideal republicano, isso parece contrastar com a imagem veiculada por José Murilo de Carvalho, em seu "Os Bestializados", em que defende de maneira enfática a adesão das camadas operárias e populares à Monarquia:

---

<sup>48</sup> *A Voz do Operário*, 6.5.1894. Cf. *Edgard Carone - Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*, pgs. 308/09/10.

"Mas há um ponto que é preciso salientar. O fato de a República ter favorecido o grande jogo da bolsa e perseguido capoeiras e o pequeno jogo dos bicheiros sugere uma recepção diferente do novo regime por parte do que poderia ser chamado de proletariado da capital. A euforia inicial, a sensação de que se abriam caminhos novos de participação parecem não ter atingido este setor da população. Eu diria mesmo que a Monarquia caiu quando atingia seu ponto mais alto de populariedade entre esta gente, em parte como consequência da abolição da escravidão."<sup>49</sup>

Carvalho utiliza a palavra proletariado de maneira genérica, designando como tal a população trabalhadora pobre do Rio de Janeiro, aí entrando tanto os operários manuais, os artesãos, como também, pequenos vendedores de rua, biscateiros, prostitutas, desempregados, etc. O que genericamente poderíamos chamar de *lumpem-proletariado* a que se refere Marx no seu "18 Brumário"; o que aliás nos levaria a uma comparação instigante da política "populista" de Luis Bonaparte com o "paternalismo" de Pedro II, seria uma hipótese interessante de trabalho que infelizmente não cabe em nosso trabalho, contudo deixamos a pergunta no ar.

O que o nosso trabalho coloca é que há necessidade de se fazer uma separação, por mais arbitrária que seja, por mais difícil que seja distinguir os contornos que separam o operariado manual do *lumpem-proletariado*, esta separação se torna real e visível no caso da questão do apoio à Monarquia ou República.

O operariado organizado é francamente republicano, por todas as razões e exemplos que citamos, pode-se lançar hipóteses sobre a real adesão e participação desta classe, como um todo, nos episódios da Abolição e da República, contudo não parece haver dúvida sobre a participação dos setores organizados desta nos dois movimentos.

Futuras pesquisas poderão definir de maneira mais clara esta

---

<sup>49</sup> J.M. Carvalho - *op.cit.*, pg. 29.

participação, contudo reafirmo que os indícios desta participação são grandes. Cito uma passagem narrada por Francisco Martins dos Santos, a propósito da rivalidade entre dois bairros populares santistas, em seu livro "História de Santos, 1532-1936":

"Por muito tempo ainda durou esta rivalidade que foi se extinguindo com a penetração do sentimento republicano na massa popular. O povo dos Quartéis, composto em sua maioria por proletários, aderiu com mais rapidez à idéia da República, e, o Vallongo aos poucos foi também passando para as hostes novas."<sup>50</sup>

Comentando esta passagem Hardman & Leonardi afirmam que "o republicanismo não foi um movimento restrito às elites ou tão somente contido nos projetos e discursos de núcleos reduzidos de militantes socialistas. Nas raras referências históricas a esta questão, é ilustrativa a descrição de um historiador local a respeito da penetração dos ideais republicanos em Santos, um dos pontos nevrálgicos do nascimento do movimento operário e da concentração de trabalho assalariada".<sup>51</sup>

Se o regime republicano era saudado com entusiasmo por amplos setores do movimento, o governo republicano, por outro lado, era aguardado com esperanças, mas também com realismo. Afinal era preciso que o governo recém instaurado realizasse o grandioso projeto de reconstrução moral e social que tanto aguardavam os operários. A reparação dos erros e injustiças do passado era a grande tarefa republicana.

Mas qual seria a atitude tomada pelo movimento operário diante do governo republicano? Apoiariam integralmente este governo, formando uma base social social organizada, tão necessária para o combate das forças do regime deposto, evitando um contra-golpe reacionário; ou manteriam sua independência, apoiando o regime quando este cumprisse suas promessas

---

<sup>50</sup> Hardman & Leonardi, *op. cit.*, pg 267.

<sup>51</sup> *ibid.*

democráticas, e pressionando quando este descumprisse seus princípios?

Esta segunda atitude foi defendida, por setores do movimento operário que acreditavam que o operariado deveria se organizar autonomamente, pois só desta forma o operariado garantiria conquistas sociais há muito esperadas. Mesmo setores muito identificados com o republicanismo, mas que procuravam se aproximar do proletariado, com um discurso já claramente socialista, defendiam esta última proposta.

O exemplo mais importante desta concepção é o jornal "Democracia", que tinha como redator-chefe o conhecido abolicionista e republicano Vicente de Sousa. Este defendia uma radical independência entre o movimento operário e o governo republicano, apesar de ver neste um inegável espírito democrático. Propugnava pela formação de um Partido Operário, pois, no seu entender, o republicanismo era um movimento que não iria além da questão política. Somente o Partido Operário poderia fazê-lo, aprofundando o processo iniciado pela república, atingindo a questão social, base para a construção do socialismo. Vejamos:

"(...) Proclamando o princípio do sufrágio universal, este nosso governo provisório, que possui o romantismo bem intencionado, mas improfíquo da gente de 48, deslocou o centro de gravidade da vida eleitoral do país e chamou as classes operárias à participação e responsabilidade da governança pública.

A idéia socialista devia necessariamente resultar de semelhante medida. e o seu aparecimento ou hoje ou amanhã, era apenas uma questão de tempo."

"(...) a possibilidade da ação corrosiva do republicanismo bem intencionado que tem por si todo o prestígio do seu valor histórico e que pode encaminhar o novo partido para intúitos completamente antagônicos aos interesses da classe operária. O republicanismo representa primeiramente a grande conquista do sufrágio universal (...). A palavra - República - foi por muito

tempo o símbolo exclusivo das aspirações democráticas; e o grito - Viva a República! - tem um longo passado de sedição e irrompe naturalmente do povo, quando ele se reúne para deliberar. O republicanismo, porém, é tão somente uma idéia política e o partido operário um partido social.(...)Ora, se o atual estado caótico da vida pública brasileira ainda não permite bem discriminar qual será a diretiva que o verdadeiro republicanismo pretende seguir, ao Partido Operário, que sua própria existência tem um roteiro definitivamente traçado, não fica a faculdade de eleger a ordem de relações que deve manter com aquele(...). Ele (republicanismo) oscila desde a concepção autoritária das ditaduras até as fronteiras mesmas do ideal proletário(...). O socialismo é, e só pode ser, a luta que o quarto estado declara ao terceiro, a luta do operário contra o burguez, a luta do trabalho contra o capital.(...) O Partido Operário pois, nesta fase inicial de sua vida orgânica, trabalhando como está pela exploração eleitoral é obrigado a alforriar-se de semelhante tutela, deve também cogitar, e muito mais fortemente ainda, contra a perspectiva suicida de se deixar absorver pelo republicanismo militante, oposicionista ou governamental. A sua primeira afirmação deverá estatuir a diferença entre o problema político e o problema social..<sup>52</sup>

Dentro do operariado as posições a serem tomadas frente ao republicanismo triunfante oscilavam entre as duas posições anteriormente citadas, porém à defesa de uma atuação autônoma elevavam-se grupos de operários reunidos em torno, primeiramente do jornal "Revista Typographica", logo em seguida, do jornal "Voz do Povo", e do jornal que sucede a Revista Typographica, o "Echo Popular".

---

<sup>52</sup> EP, 11.03.1890.

Em todos estes jornais a defesa da atuação autônoma do proletariado tem como veículo principal o Partido Operário, demonstrando a consciência da necessidade da participação política, e não apenas a reivindicação econômica, de assegurar os direitos políticos, pois estes seriam a base da construção de uma real cidadania operária.

Dois operários eram os principais defensores destas idéias, e foram os maiores agitadores do movimento operário nos seus primeiros dias de República: os tipógrafos José Veiga e Luis França e Silva. Ambos tiveram uma atuação importante já nos tempos da Monarquia.

José Veiga fundou inúmeros jornais operários no Império e era o fundador e líder do jornal Voz do Povo, onde se congregaram os líderes operários que defendiam a atuação independente do operariado em torno de um partido político - Gustavo de Lacerda, José Augusto Vinhaes, Maurício Velloso e o próprio França e Silva. Foi por iniciativa deste jornal que se convocou a primeira reunião para fundar o partido operário, em 26 de janeiro de 1890, 72 dias após a proclamação da República.

Porém, França e Silva se coloca como o verdadeiro iniciador da idéia do partido operário no Brasil, pois foram nas páginas da Revista Typographica, ainda em 1888, que França e Silva lançava o brado às classes operárias:

"As classes operárias do Brasil não tem tido até hoje um programa, um desígnio, um norte enfim, por se acharem fragmentadas entre os partidos políticos militantes.

Entretanto são as classes laboriosas, aquelas que não vivem do favor dos governos, a força, a vida do País e não obstante vivem privadas de tomar parte dos banquetes da Nação.

Diante da nova ordem de coisas e da nova fase que nos anuncia um regime completamente novo nos costumes, julgamos não cometer uma ousadia aconselhando a criação de um novo partido, saído exclusivamente do elemento operário do País e ao qual se dê o caráter puramente democrático.

Uma vez congregadas e arregimentadas as forças, é claro e intuitivo que em todos corpos de caráter eletivo existentes no País teremos uma voz que pugne pelo nosso direito."<sup>53</sup>

O receio de um movimento operário atrelado às promessas da República, explica a neutralidade estratégica proposta por França e Silva, para os acontecimentos de 15 de novembro de 1889. Na luta entre Monarquia e República, os operários não hesitariam em escolher a segunda, porém o operariado teria seu próprio caminho a seguir. Assim é a resposta de França e Silva a Elpidio de Castro, quando este cobra uma posição mais clara dos operários em favor da República:

"(...) Não, nós andavamos muito corretos dizendo que: 'não tínhamos saudades dos que morriam, nem saudamos aos que nascem', e acrescentávamos: os aplausos destinados ao brilhante sol que nasce, reserva-os a Revista para o dia ansiosamente esperado em que se possa dizer; graças ao patriotismo do governo da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil, vicejam as artes e a indústria floresce.

Consultamos, pois, todos os interesses e continuamos a manter a neutralidade mantida até o dia 14 de novembro.

(...) A conclusão a tirar daqui é que os operários não devem fortalecer com o seu apoio os partidos políticos que disputam a posse do poder mas sim formarem um partido puramente seu que enfrente o que estiver governando, sem o que ficaram sendo os operários a mesma coisa que nos tempos do Império (...) a criação de um novo partido, saído exclusivamente do elemento operário do país e ao qual se dê o caráter puramente

---

<sup>53</sup> *Revista Typográfica*, 08.12.1888; cf., Evaldo Silva Garcia, *op cit.*, pg.273.

democrático(...) a culpa do estado decadente das classes laboriosas tem sido, força é confessar nem tanto os governos, mas as próprias classes cuja inércia tem sido funestra para elas próprias(...). Sendo o governo republicano bem exercido, prefirimo-lo ao da monarquia é certo(...)" 54

Não havia como ignorar a força da República. A eterna tensão entre seguir uma política autônoma e apoiar uma política burguesa progressista, é particularmente opressora quando se encontram um movimento operário nascente e frágil, e uma revolução burguesa saída triunfante de um embate contra forças aristocráticas, de recente memória.

O pequeno grupo do Echo Popular espelha esta tensão exemplarmente. A necessidade da manutenção da precária subsistência faz com que estes busquem não bater de frente com o governo militar, busquem despertar simpatias deste governo estampando artigos elogiosos ao governo provisório - destacando o seu patriotismo, sua elogiosa administração, sua atuação democrática. Reproduzindo em suas páginas vários artigos de lei do novo governo, e o que é mais contraditório: defendendo as candidaturas de eminentes militares republicanos às eleições seguintes. Biografias elogiosas de Floriano Peixoto, do Alm. Wandenkolk, de Custódio de Mello são publicadas no jornal. E o mais interessante: a própria chapa do Partido Operário indica os militares, Saldanha Marinho e Eduardo Wandenkolk, como candidatos ao senado, além da indicação das candidaturas de republicanos históricos como: Sampaio Ferraz (chefe de Polícia), e Lopes Trovão.

Esta oscilação entre uma política exclusivamente operária e um apoio claro ao governo, fragiliza este grupo face àqueles que defendem uma aproximação mais efetiva com o governo republicano.

Assim, um artigo do Echo Popular - intitulado República, Monarquia e Socialismo -já prenunciava suas previsíveis

---

54 VP, 06.01.1890.

dificuldades frente as futuras eleições:

"O Partido Operário deve manter-se calmo e sereno entre as duas forças políticas que se chocam, combatendo entretanto pelos princípios da pura democracia, repelindo as oligarquias (...).

Se os operários querem com o sufrágio universal, conquistar a posição política e social que lhes garante a superioridade numérica do voto, não devem de maneira alguma patrocinar candidaturas de monarquistas ou republicanos, por mais eméritos que sejam estes e aqueles.

Para nulificar-se a ação do Partido Operário, começa-se desde já a insinuar-se a alguns operários, que votem, neste ou naquele cidadão porque sempre foi democrata, e tem muitos títulos que o nobilitam etc, etc.(...) amparando com o nosso apoio unicamente os designados para nos representar nos diversos corpos da eleição popular.

(...)o princípio do Partido Operário, não conhecer ao menos uma arte liberal ou ofício de espécie alguma."<sup>55</sup>

A busca por uma política autônoma pela classe operária, no entanto, era muito mais difícil em locais onde o movimento operário não tinha uma tradição organizativa mais antiga, e/ou onde o operariado era reduzido. É fácil imaginar que o padrão de comportamento nestes locais era da submissão ao poder republicano local.

Vamos encontrar, mesmo num período já afastado da euforia dos primeiros meses da República, grupos operários submissos ao governador da ocasião. Dois exemplos significativos: a fundação do Partido Operário do Rio Grande do Norte - com discurso do dep.federal Augusto Maranhão, dando o apoio desinteressado ao governo estadual e, após, o cortejo seguindo para a casa do

---

55 EP, 29.03.1890.

governador Pedro Velho, dando vivas a este, aplaudindo sua administração e também a de Floriano Peixoto e, após, ouvindo seu discurso de "apoio" ao novo Partido, conclui assim o jornal:

"São incalculáveis as vantagens que oferece esta confraternização de uma classe que desorganizada nada significa mas que irmanada tudo representa:- trabalho, honra, dignidade, prestígio, autonomia, direito e soberania." 56

Outro exemplo vem de São Paulo, onde o movimento operário, em relação ao Rio de Janeiro, nestes primeiros anos da República dava seus primeiros passos. O artigo, de 1891, é de Antonio G. da Silva Batuíra, do Centro do Partido Operário; que mesmo após demonstrar a decepção com os rumos da República para os operários, diz que:

"Em relação a política de nosso Estado, creio que Deus não poderia ser mais benevolo, dando-nos um governador como o Dr. Américo Brasiliense, homem verdadeiramente democrata. (...) os Srs. Prudente e Tibirica tinham sido bons governadores(...).

Nunca frequentei o palácio, e espero que nunca terei que frequentá-lo, por conhecer minha humilde posição e não aspirar elevar-me(...). 57

As dificuldades que os grupos socialistas - quer de origem republicana, quer de origem operária- que propugnam a autonomia operária, manifestavam de se descolar do republicanismo, abriria espaço para que setores ancorados mais firmemente no governo republicano levassem adiante um projeto de cidadania operária que passasse pela realização desta através da pressão/colaboração ao estado republicano.

56 *O Artista (RN)*, 25.06.1892.

57 *O Operário (SP)*, 28.03.1891.

Aproveitando este momento de namoro entre o governo republicano e o proletariado, o Tenente da Marinha José Augusto Vinhaes vai organizar aquela que seria a mais séria tentativa de criar um partido operário nos primeiros anos da República.

Republicano de primeira hora, participou da conspiração republicana de 15 de novembro, comandando a tomada da Repartição Geral do Telégrafos, recebendo de Deodoro o encargo de assumir sua direção interinamente. Durante sua gestão realizou várias reformas da Repartição, atuando no interesse dos trabalhadores - conseguindo por ex. o dia de trabalho de 8 horas - Vinhaes logo adquiriu populariedade entre os trabalhadores. Por outro lado, sendo amigo dos donos do jornal semi-oficial "O Paiz", Vinhaes teve neste órgão uma tribuna para defender suas idéias em prol do proletariado.

Vinhaes tinha como meta a aproximação do proletariado com a jovem República, pois achava que esta aproximação seria benéfica para ambos os lados.

Para a República, esta ligação mais decidida com os operários evitaria sua aristocratização, criando assim as possibilidades de que esta se transformasse num regime verdadeiramente democrático.

Para o proletariado, esta ligação traria sua tão sonhada cidadania e seu bem-estar social. Porém, é importante assinalar que o operariado manteria sua autonomia frente aos governos. Vinhaes nunca deixou de criticar medidas que não favorecessem os operários, ou medidas que atentassem contra a democracia. Não teve pudor de retirar o apoio a Deodoro quando este mandou fechar o Congresso, sendo um dos participantes do golpe que derrubaria Deodoro.

Porém, esta ligação com o regime republicano, e a sua independência diante dos governos republicanos, mostraria o lado débil de suas concepções: ao apoiar um golpe contra Floriano, que fracassa, é exilado junto com os outros derrotados, propiciando o declínio do movimento operário carioca nestes anos.

Os acenos do republicanismo de antes de 15 de novembro, não se converteram em programas políticos ou sociais reais para a classe operária. Qualquer ligação com o governo republicano, que implicasse perda de autonomia e identidade, seria fatal para o

movimento operário.

Como vimos os grupos socialistas e operários que se formaram nos primeiros anos da República Velha, pecaram por esta característica, logo o movimento sentiria a incapacidade do republicanismo para incorporar o proletariado à sociedade.

As reiteradas afirmações do espírito patriótico, dos recém surgidos grupos operários, seu interesse em defender "os interesses da pátria e da sociedade em geral"<sup>58</sup>, sua pretensão de ser o guardião da democracia e o seu respeito à propriedade privada, não sensibilizaram a República nem os burgueses, que não recearam em usar da força logo que as primeiras escaramuças entre patrões e empregados colocou em perigo o lucro patronal e ameaçou de interromper o "sagrado direito ao trabalho".

Logo o otimismo pelos novos ares da República esmoreceriam. Afirmações otimistas como esta, de François Seul ( pseudônimo do operário F.J.Saddock de Sá): "Quanto a divisa de classe, deve ser a nossa - Tudo pela República e pela democracia.(...) Por outro lado os patrões já consideram os operários como verdadeiros amigos.(...)"<sup>59</sup>, não poderiam ser ditas sem provocar discussões, ou risos...

França e Silva, demonstra sua reprovação pelo desinteresse do governo à questão operária, demonstrando sua evolução no sentido de uma definição mais radicalmente socialista. Este militante operário, agora claramente em oposição ao governo Floriano, escreve as seguintes palavras no jornal oposicionista "O Combate":

"Nestes tempos em que um pretenso socialismo parece inspirar os atos do poder, ainda não está aventada, entretanto, nenhuma das idéias práticas tendentes a conseguir o bem-estar do operário e a garantia de sua

---

<sup>58</sup> EP, 11.03.1890.

<sup>59</sup> EP, 01.04.1890.

família..<sup>60</sup>

Mesmo o líder operário mais comprometido com o republicanismo, José Augusto Vinhaes, demonstrava claramente sua insatisfação com o descaso do governo com os operários:

"(...) o que é mais doloroso é ver-se atirados à rua operários que gastaram os melhores dias de sua juventude em serviço do estado e que no caso da existência quando supunham ter feito jus à proteção dos poderes públicos, esta lhe falta em regime que se diz democrático.."<sup>61</sup>

Na realidade a aparente união de idéias entre o republicanismo e o movimento operário revelava interesses completamente opostos, pois a defesa em torno de uma sociedade baseada no trabalho, escondia projetos com objetivos contrastantes. O movimento operário via na República a igualdade de oportunidades, a dignificação do trabalho e do produtor, a democracia política e a consequente igualdade dos cidadãos e das classes sociais. E foi para essa República que se dirigiram suas esperanças e seu apoio.

Para setores da classe dominante, a República era a concretização dos seus ideais de progresso e de civilização, e nesse contexto o ideal do trabalho era o conceito chave, mas que, ao contrário do movimento operário, seu objetivo final não era a igualdade de classes e sim a reconstrução do sistema de dominação adaptado a uma nova situação socio-econômica, qual seja a emergência do trabalho livre. Democracia e República são, assim duas repostas para esse mesmo problema: como mascarar a dominação numa sociedade onde os homens são livres e iguais perante a lei.

Esse é o estudo de Iraci Galvão Salles<sup>62</sup>, que nos mostra a

-----  
<sup>60</sup> *O Combate*, 20.03.1892.

<sup>61</sup> *O País*, 06.03.1890.

<sup>62</sup> Salles, Iraci Galvão - Trabalho, Progresso, e a Sociedade

necessidade, por parte da classe dominante, da reelaboração da noção de trabalho, já que durante o Império o trabalho era reservado essencialmente aos escravos, portanto um ato degradante e aviltante. Assim:

"A emergência do trabalhador livre no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, provocou o desequilíbrio das relações de dominação. O aparato legal que sustentava essas relações tornou-se inadequado diante da nova realidade social. Tal situação impôs à classe dominante a necessidade de repensar a sua prática, exigindo-lhe a construção de uma proposta política que fosse capaz de conformar o real às conveniências da classe. A República colocou-se então como alternativa concreta de estabelecer uma ação através do Estado que assegurasse a ampliação e a reprodução do capital.

Em um discurso pronunciado em 1889, Quintino Bocaiúva define a forma de governo que pretendiam instaurar como "regime dos negócios, porque é o regime do trabalho. E a riqueza só é legítima e respeitável, só é fecunda e criadora quando é produto do trabalho." (Q. Bocaiúva - "Ao Partido Republicano Brasileiro", Publicação do P.R. de Santos, s/d, assinado pelo autor, 25.5.1889, pg. 9)."

Uma sociedade baseada no trabalho e na igualdade dos homens liberta as amarras do mercado proporcionando que a compra e venda da força de trabalho se faça livremente.<sup>63</sup> A democracia garante, através do sufrágio universal, a legitimação da classe dominante, pois o povo, utilizando-se do sufrágio universal delegaria poderes aos representantes da classe.<sup>64</sup>

-----  
Civilizada, SP, Hucitec/INL, 1986.

<sup>63</sup> *ibid.*, pgs. 118/9.

<sup>64</sup> *ibid.*, pg. 123.

Assim, esta perda de sintonia entre governo republicano e movimento operário reflete a incompatibilidade das duas concepções de trabalho, e das duas concepções de sociedade que surgiriam destas visões.

Ao movimento operário não restaria outro caminho que a procura de uma via própria, baseada na auto-organização. Aos socialistas, cabia se desligar dos ideais e do movimento republicano, reafirmando a necessidade da luta política, e da primazia do partido operário, e buscando uma ligação mais efetiva com o mundo operário.

No entanto, nada disto estava muito claro para estes atores políticos. As primeiras lutas do movimento operário e do movimento socialista estavam apenas no seu início.

## CAPÍTULO 03

CONSCIÊNCIA DE CLASSE, HEGEMONIA E SOCIALISMO UTÓPICO: O PENSAMENTO DE  
LUIS FRANÇA E SILVA E O IDEAL DO PARTIDO OPERÁRIO.

*"Já dissemos e repetimos: o nosso partido é o partido operário."*

(Luis França e Silva, "Revista Typographica", 16.12.1889.)

A abolição da escravatura em 1888, e a instauração do regime republicano de 1889, são os marcos básicos da consolidação no Brasil do modo de produção capitalista. Soltas as amarras para a incorporação do trabalhador como mercadoria, criada a igualdade jurídica que elimina os privilégios da aristocracia bragantina, pode-se enfim abrir espaço para a plena mercantilização das relações sociais, e para o predomínio da distinção dada pelo trabalho. Não cabe em nossa discussão a questão da formação do Estado burguês no Brasil, devo, no entanto, justificar a minha adesão à tese de que, foram nos anos em torno da Proclamação da República e da Abolição que foram definidas as linhas essenciais para a formação da sociedade capitalista no Brasil. Para isso faço meus os argumentos de Décio Saes em seu livro A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888 - 1891).

Em resumo, Saes defende a idéia que no período compreendido entre os anos de 1888 a 1891, houve uma Revolução Política Burguesa no Brasil; esta compreende a formação do Estado burguês, sendo apenas um aspecto da Revolução Burguesa em Geral, revolução esta que começou e se estenderia muito além deste período. Os três momentos desta Revolução Política foram a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e a Assembléia Constituinte. Esses três momentos criaram as condições básicas para a instauração do Estado capitalista burguês, quais sejam: a formação do direito burguês - todos os homens são considerados sujeito de direitos -; e a reorganização burguesa do aparelho do estado segundo os princípios do burocratismo - ou seja, da não-proibição de acesso, às tarefas do Estado, de membros da classe explorada. A partir desse momento estão dadas as bases

políticas necessárias para a construção do regime capitalista em nosso país.

Ou seja, no período entre 1888 e 1891 se deu uma Revolução Burguesa no Brasil, e não apenas um golpe militar, foi parte de um processo revolucionário que começou antes e terminaria bem depois destes anos.

Como forma de governo a República não é necessariamente um regime burguês, como regime político ela foi criada por grupos sociais influenciados por ideologias contrastantes: o liberalismo inglês, o jacobinismo francês e o positivismo comtiano.<sup>65</sup>

A Proclamação da República não foi uma revolução burguesa típica, não instaurou o domínio político da burguesia industrial, mas libertou o Estado para o progressivo domínio da burguesia agrária representada pelos fazendeiros do café. A República foi proclamada por uma aliança entre setores de classe média urbana, particularmente os militares, e os já citados setores agrários, sem participação efetiva da nascente burguesia industrial e do pequeno proletariado industrial.

Não há o padrão clássico da revolução francesa, onde a burguesia se alia aos trabalhadores urbanos para derrubar o domínio da aristocracia feudal. Portanto, a incorporação do Brasil no modo de produção capitalista não se daria sob a égide da democracia liberal, e sim de um liberalismo oligárquico, caracterizado pelo predomínio da burguesia agrária em detrimento da burguesia industrial e/ou do proletariado urbano.

O conflito típico de um regime capitalista, ou seja a luta de classes entre burguesia e proletariado urbanos, seria nublado, nestes primeiros tempos, pelos conflitos intra-classe - entre as várias oligarquias rurais regionais- ou pelos conflitos entre setores das classes médias - militares, setores urbanos liberais - e oligarquias rurais, por exemplo.

Os governos militares representam o feixe de contradições desta revolução, representando, contraditoriamente, mais os anseios das classes médias urbanas do que a oligarquia agrária. O

---

<sup>65</sup> Veja-se: José Murilo de Carvalho, A Formação das Almas, SP, Comp. das Letras, 1990.

que explicaria a populariedade do governo florianista entre estes setores - jacobinismo - e principalmente os conflitos com a ala republicana controlada pelos fazendeiros do café de São Paulo - Prudente de Moraes e Campos Sales - e principalmente a já citada tendência "socialista de Estado" de seu governo, com vagos acenos para o proletariado, ou classes populares como um todo.

A República de 1889 é liberal ao aceitar o princípio básico da igualdade perante a lei, a eliminação dos privilégios do nascimento, ao aceitar a democracia parlamentar e as liberdades civis. No entanto incorpora concepções anti-liberais; ou seja, positivistas e jacobinas, como a forte intervenção estatal na economia e na política, como a desconfiança com o individualismo, um sentimento comunitarista, com um forte apelo à nação e ao federalismo.

Portanto, a tese que desenvolvo neste trabalho é de que a República, que criaria o espaço para o domínio burguês, também criaria espaços para o aparecimento do proletariado como classe politicamente atuante.

A República nasce com uma classe operária extremamente minoritária no conjunto da força de trabalho nacional.<sup>66</sup> No entanto, esta última não deixou de manifestar-se ainda no período imperial.

Garcia, falando sobre a imprensa operária e socialista no século XIX demonstra a crescente publicação de jornais classistas desde a década de 30 do século passado.<sup>67</sup> Uma classe definida não apenas pela sua inserção estrutural no sistema produtivo, mas já como uma primitiva consciência classista na defesa de seus interesses. Não havia ainda um caráter estritamente político em suas atuações, e sim uma defesa essencialmente corporativa de seus ofícios. Nas suas páginas o conflito classista está nublado

---

<sup>66</sup> cf. Reynaldo X. C. Pessoa, O Ideal Republicano, pg. 98. Para cerca de 60 mil operários havia em 1889 cerca de 1 milhão de ex-escravos - a própria base industrial era extremamente débil no conjunto da economia nacional - 632 estabelecimentos industriais em 1889.

<sup>67</sup> Evaldo Silva Garcia, "A Imprensa Operária...", op. cit.

pela presença opressiva do pesado estado imperial, para onde se dirigem suas reclamações e pedidos.

Porém, a classe operária, contrariamente ao que pretendem certos determinismos, não esperaria o crescimento das forças produtivas para alcançar patamares mais elevados de consciência classista; os artigos de Luis França e Silva, desde 1888, demonstram que já surgiam em setores da classe operária vozes que propugnavam um papel mais político para a classe. Como pensar a erupção política da classe operária nestes primórdios da República? Mais especificamente: como se forma a consciência de classe nos anos iniciais da Primeira República?

Para responder estas questões precisamos lançar mão das idéias de Antonio Gramsci, que nos traz uma contribuição original para a compreensão da formação da classe operária sob o capitalismo, ao aplicar seu conceito de hegemonia para iluminar as formas de construção da consciência de classe do proletariado.

A formação da classe operária não pode ser totalmente compreendida sem nos remetermos ao conceito de hegemonia. Para Gramsci as classes sociais não podem ser compreendidas isoladas uma das outras, sendo o conceito de hegemonia usado para compreender as relações entre as classes sociais numa sociedade onde estas são hierarquizadas de acordo com seu possível acesso ao domínio dos meios de produção. A hegemonia pretende dar conta da complexa relação de subordinação da classe operária à burguesia, onde o uso da força por meio desta não é elevado a única explicação para seu papel dominante na sociedade.

A hegemonia portanto não é apenas o uso ostensivo e legalizado da força pela burguesia, nem é apenas o domínio ideológico - a imposição da sua visão de mundo, valores, crenças, etc. - , mas " todo o processo social vivido, organizado praticamente por significados e valores específicos e dominantes." 68

A hegemonia, para Gramsci, não explica apenas o domínio da burguesia sobre o proletariado, mas também, e isso é essencial, a

---

68 Raymond Williams, Marxismo e Literatura, RJ, Zahar, 1979; pg. 112.

resistência do proletariado frente a esta burguesia. Nesta relação, apesar de desigual, existem dois elementos ativos.

Portanto, a hegemonia cria sua própria antítese, ou seja:

" (...)o conceito de contra-hegemonia e hegemonia alternativa, que são elementos reais e persistentes da prática.

Uma maneira de expressar a distinção necessária entre os sentidos prático e abstrato dentro do conceito é falar de 'hegemônico', e não de 'hegemonia', e de 'dominante', em lugar de simples 'dominação'. A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva."<sup>69</sup>

Esta relação entre as classes pode ser observada como sucedendo-se historicamente em 3 etapas de relações de força:

Num primeiro momento uma relação estreitamente ligada à estrutura objetiva, independente da vontade dos homens.

Num segundo momento, mais propriamente político, onde se avalia o grau de homogeneidade, da autoconsciência e de organização alcançado pelo proletariado. Que, no entanto, pode ser diferenciado em vários graus de consciência política coletiva. O primeiro é o econômico-corporativo, sente-se a unidade do grupo profissional, que no entanto não é estendido à classe como um todo. Um segundo momento é o da consciência da classe no sentido amplo do termo, mais ainda no campo meramente econômico. A questão do Estado é colocada apenas para almejar a igualdade jurídica-política com os demais grupos da sociedade; também indica-se o direito de participar, e até mesmo de modificar a legislação e da administração, mas dentro dos quadros já existentes. Um terceiro momento é o da superação dos interesses corporativos do grupo econômico, pois se sente que a realização deste pressupõe a aliança com outros grupos subordinados.

---

<sup>69</sup> *ibid.*, pg. 116.

É o momento que as ideologias se transformam em 'partido', entram em choque e lutam até que uma delas, ou pelo menos uma combinação delas, tende a prevalecer.

O terceiro momento é o das relações das forças militares.<sup>70</sup>

A consciência de classe do operariado não surge automaticamente junto com a instalação do regime capitalista, se forma no conflito, na tensão entre as duas classes - proletariado e burguesia -, na progressiva consciência da diversidade, na identidade que se forma pela oposição de interesses.

A consciência da diversidade é produzida quando as próprias práticas já demonstrarem um caminho diferente para a classe.

Já vimos que, para Gramsci o primeiro momento de consciência coletiva é o corporativo, onde a defesa do grupo social se faz essencialmente no campo econômico. A ação de grupo ainda não produz um discurso independente de classe, mas sim o grupo utiliza-se do arsenal ideológico da burguesia, da sua linguagem, do seu vocabulário, apropriando-se deste para vocalizar seus objetivos.

A consciência de classe que se manifesta na ação - criação de associações mutualistas, ou posteriormente de resistência, a formação de ligas e jornais operários, as greves, etc. - demonstra a contradição entre uma prática que já contesta o domínio ideológico da burguesia, e um pensar que se move dentro do universo ideológico desta, parecendo que aquela se encontraria submissa e subordinada intelectualmente, reproduzindo uma concepção de mundo que não é a sua.

Enquanto a classe operária não transpuser seus interesses econômicos corporativos, continuaria subordinada à burguesia. Somente a transposição para interesses políticos mais abrangentes possibilitaria a superação dos interesses que dividem os membros da classe, criando a homogeneidade de interesses necessária para a concretização da organização operária, e só com a organização que a consciência coletiva poderia se efetivar.<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> Veja-se, especialmente: Antonio Gramsci, Maquiavel, a Política e o Estado Moderno, RJ, Civ. Brasileira, 1984; pgs. 49/50 e 51.

<sup>71</sup> Idem, Conceção Dialética da História, RJ, Civ. Brasileira,

A classe como um todo não pode se desligar da visão de mundo da burguesia sem a elaboração de uma visão de mundo nova, própria. Para o proletariado superar a separação entre o agir e o pensar que caracteriza a sua atuação neste momento deverá criar um grupo de pessoas especializadas em elaborar a nova ideologia que já se encontra em embrião na própria atuação prática da classe.

Após afirmar que todos os homens são filósofos (intelectuais), Gramsci acrescenta que, no entanto, poucos realizam a função de filósofos; que é principalmente a de tornar coerente e difundir a concepção de mundo que este grupo desenvolve em suas práticas. Uma classe só adquire consciência de si através da organização, e só se organiza se criar seus próprios intelectuais - que Gramsci denominará de "orgânicos".

São esses intelectuais orgânicos que poderiam produzir a hegemonia operária, que a desligaria da ideologia burguesa. A qualidade e a quantidade destes intelectuais é que definirão a qualidade desta concepção de mundo, e portanto o próprio futuro da classe enquanto ator político:

"(...) uma concepção de mundo pobre não é apenas ineficaz para traduzir-se em outra, como é acima de tudo incompetente para organizar quem e o que quer que seja. É portanto condição de subordinação..."<sup>72</sup>

Ainda podemos ver dois momentos na superação da visão de mundo burguesa e sua substituição por uma visão de mundo genuinamente operária: um primeiro momento a formação da consciência de classe operária não supera os horizontes do sistema capitalista, poderíamos ver aí a atuação dos intelectuais orgânicos corporativistas, num segundo momento estes limites são superados, e a atuação dos intelectuais orgânicos supera os limites do capitalismo e se apresentam - os operários - com um

---

1979; particularmente, pgs. 21/22  
<sup>72</sup> *ibidem*, pg. 15.

projeto para toda a sociedade. Ou como diria Perry Anderson:

" Uma classe hegemônica procura adaptar a sociedade à sua imagem, reinventando o sistema econômico, as instituições políticas, os valores culturais desta sociedade, todo o seu 'seu modo de inserção' no mundo. Uma classe corporativa procura defender e melhorar a sua própria posição no interior social aceito tal como é." <sup>73</sup>

A passagem de uma consciência de classe corporativa-economicista para uma outra hegemônica- politicista pode não necessariamente acontecer, poderá haver avanços e recuos entre estas duas posições durante a história de determinada classe operária. A permanente competição entre hegemonia burguesa e a hegemonia operária faz com que a primeira mantenha sua dominação no decorrer das novas conjunturas, e mesmo responder as contínuas contestações a seu domínio.

O conflito continuado entre as classes na sociedade capitalista abre a possibilidade que a classe hegemônica tome consciência que seus interesses econômicos podem traduzir-se em propostas políticas - tendo como elo de ligação a crítica ética - que transcendam o próprio grupo e alcancem a sociedade como um todo. Neste momento a classe observa a existência de outras classes na sociedade com interesses comuns aos seus, o que permite a formulação de um projeto hegemônico que arraste consigo estes grupos como aliados contra o domínio burguês.

Neste novo projeto hegemônico cabe uma nova leitura da história, confrontando a história produzida pela classe burguesa, à história das classes subordinadas, lança assim, as bases para a legitimidade de sua ação contestatória. Esta nova interpretação da história deve destruir a base do consenso forjado por uma ideologia que interpretou a história de sua própria classe como se fosse a história de todas as classes, suas lutas como se fosse

---

<sup>73</sup> Perry Anderson, "Les Origines de la crise presente", Les Temps Modernes, nº 219/220; apud Henry Weber, Marxismo e Consciência de Classe, SP, Martins Fontes, 1977; pg. 139, nota 21.

a luta de todas as classes, seus interesses como se fossem os interesses comuns de toda a sociedade.

Ou seja, um simples projeto de reforma econômica já se apresenta como uma novo projeto hegemônico, em sentido *lato*.

Assim como os partidos políticos, os intelectuais orgânicos são aqueles que buscam tornar coerente a ação da classe operária, buscam a sua organização, e a sua intervenção enquanto força autônoma, buscam unir a classe através de um programa econômico que una as diversas individualidades num bloco único e consciente de sua especificidade e em relação aos outros grupos da sociedade.

Num primeiro momento, esta busca se restringe a garantir a igualdade jurídico-política em relação as outras classes, defender seu espaço no seio da sociedade, junto às outras classes. Nega-se a divergência e acentua-se a convergência de idéias. A cultura e os valores burgueses são as fronteiras onde circulam as críticas e o dissenso operário.

Ou seja busca-se a igualdade jurídica burguesa, e a participação política a que tem direito todo cidadão: a de eleger e ser eleito.

Portanto, um exemplo clássico de hegemonia e, mesmo o início de uma outra hegemonia, ou seja, demandas classistas usando um vocabulário político tradicional indicam os parâmetros de um dissenso lícito na cultura capitalista.

O próprio surgimento de intelectuais orgânicos demonstra este dissenso, demonstra o rompimento, através das práticas, do proletariado com a ideologia burguesa. Eles experimentam e antecipam a visão de mundo operária: a tentativa de construção da hegemonia operária. Assim, devemos analisar o discurso da liderança, não como daqueles que detêm a "verdade" que deve ser ensinada à massa. Mas como o discurso daqueles que antecipam verdades que já se encontram nas práticas, que já demonstra o surgimento de uma consciência de classe, de uma outra hegemonia.

Nosso objetivo neste capítulo é revelar o surgimento deste dissenso operário, logo após o irrompimento da República em 1889, como uma resposta ao próprio desenvolvimento das forças produtivas capitalistas no país, como da instalação do sistema

jurídico-político burguês, como também, e principalmente, do acúmulo de experiências já vividas pelo operariado nos últimos anos do Império.

É a partir da falas e das idéias do tipógrafo Luis França e Silva - típico exemplo do intelectual orgânico que nos fala Gramsci - , um dos mais importantes líderes operários do século passado e o primeiro a defender a atuação independente do operariado em organizações políticas criadas por ele próprio, que procuraremos iluminar os caminhos por que passa a consciência de classe que irrompe a partir da Abolição e a criação da República.

Já mostramos como o movimento operário esteve presente nos dois movimentos políticos mais importantes do final do século XIX: a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República. O primeiro movimento teve como fator positivo, para o operariado, a eliminação da mácula do escravismo, e portanto, a possibilidade da dignificação do proletário pelo trabalho. A Proclamação da República, como já colocamos, criou um espaço de igualdade formal que poderia ser ocupado pelos trabalhadores.<sup>74</sup>

As idéias de Luis França e Silva - no momento da formação do Partido Operário de 1890, e da publicação de seu jornal "Echo Popular" - exemplificam o dissenso operário que se forma no turbilhão da criação da República, discurso produzido pela revolução política republicana-burguesa, mas já nascido em contradição a essa. O discurso classista de França e Silva é

---

<sup>74</sup>...Hardman & Leonardi detectam o crescimento vertiginoso das manifestações e organizações operárias a partir do ano de 1890, compreendem de maneira original o novo momento surgido para o movimento operário. Contudo, por não terem feito a ligação necessária com o surgimento da República e o processo anterior da Abolição da Escravidão perdem de vista os porquês deste movimento surgir exatamente naquele momento. Assim, por exemplo, relatam que: "O movimento de resistência dos proletários contra a exploração desenfreada a que foram submetidos dava-se de maneira espontânea (grifo meu). E assim continuaria sendo, pois o movimento decorria da própria existência de proletários, isto é de trabalhadores que se inserem na produção na qualidade, exclusivamente, de proprietários de sua força de trabalho." Julgam estar a frente de um movimento puramente reativo e inconsciente. Hardman & Leonardi, op. cit., pg. 242.

formalmente liberal, contudo, se proclama socialista, essa aparente contradição é, na realidade, a demonstração do surgimento de uma consciência de classe em busca de um projeto próprio. A apropriação do vocabulário liberal pelos operários significa a busca de legitimidade para uma política autônoma, mais que isso, a legitimidade da classe como ator político; forçam os argumentos liberais até suas fronteiras, ameaçam rompe-las, tendo apenas como linha de demarcação a defesa da propriedade privada e a idéia da convivência harmoniosa entre as classes.

Na realidade França e Silva, neste momento defende uma concepção corporativa de classe - um intelectual orgânico corporativista, segundo a classificação de Anderson - , não pode ser considerado um liberal, seu pensamento se aproxima mais das concepções do socialismo utópico, como Saint-Simon ou Owen, sua defesa da propriedade privada e da harmonia de classes lembra a defesa do "industrialismo" de Saint-Simon, a defesa da sociedade do trabalho contra a sociedade dos privilégios do *Ancient Régime*. Dos socialistas, utópicos França e Silva carrega a mesma incompreensão acerca da real função da propriedade privada na sociedade burguesa, contudo, já se mostra alguns pontos à frente, ao definir o proletariado como o agente propulsor dessa nova sociedade.

Esclareço, que defino o socialismo de França e Silva - como o de Vinhaes, como o do grupo que originalmente se aglutinou em torno do pioneiro jornal socialista do pós-proclamação, o "Voz do Povo" - como utópico com o intuito de polemizar com a literatura que os classifica de "pelegos", ou "trabalhistas" pelo fato de não proporem a ruptura com o sistema capitalista que se desenvolvia em nossas terras. A estes autores falta a lembrança que o socialismo dito utópico também não propunha a superação do capitalismo, propondo na realidade amplas reformas baseadas na harmonia entre as classes produtivas, é só com este parâmetro histórico que podemos entender o socialismo de 1890; contudo, frizei que é um socialismo já em franca ruptura com o socialismo utópico tradicional à lá Saint-Simon, pois tem no proletariado sua força dirigente, e fala em *classes* e não nos pobres, ou nas

genéricas classes produtivas.<sup>75</sup> Não pressupõe a criação de sociedades utópicas, dos falanstérios, das colônias socialistas; mas sim seu ideal propugnava a intervenção do proletariado, na própria sociedade - a criação da República Social, nem burguesa nem proletária - via o Partido Político.

Resumindo, seu socialismo era utópico porque seu caminho era definido através da harmonia das classes e não da luta entre elas.

A idéia da participação do operariado na vida política da República seria uma novidade divulgada por Luis França e Silva desde antes da Proclamação, esta participação iria além da simples defesa do ofício, da classe em sentido estreito, significava a defesa dos trabalhadores, dos operários e dos artistas, daqueles que viviam com o próprio suor de seu rosto, significava a entrada em cena da classe operária, com projeto próprio, com organização própria, não como apêndice do movimento republicano, ou das classes dirigentes. Era a defesa de um espaço próprio, de uma imagem própria. Já vimos como a legitimidade da atuação operária se dá pela crítica à relação do Estado imperial com as classes trabalhadoras (classes desprezadas, aviltadas, estas eram a escória do Império). A crítica ética pedia por uma nova sociedade, contra os privilégios, a favor da igualdade jurídica. É neste contexto que deve ser visto o surgimento da idéia da criação do Partido Operário. Porquê agora a classe operária é parte integrante da nação, e por outro lado tem o direito à ter sua própria opinião, demonstrar esta é sinônimo de identidade:

---

<sup>75</sup> Os socialistas desse período utilizam várias expressões para se designarem: "classes laboriosas", "classes trabalhadoras", "classe operária", "proletariado", "artistas". Contudo, a consciência de sua especificidade em relação aos pobres, ao povo em geral é clara. Lembraria a citação do jornal "Voz do Povo" na primeira página do capítulo 2, onde se lê: "Entre as muitas classes em que se dividia o povo, ocupávamos o último lugar." Mais a frente, veremos França e Silva definir como pertencente à classe aqueles que tenham "professado arte ou ofício". Revelando ainda um vocabulário corporativista na delimitação dos componentes da classe.

"As classes laboriosas, como parte integrante da nação, têm o direito de imiscuir-se nas questões que se agitaram no País, pela livre manifestação do pensamento. Errôneo anda, em nossa opinião, todo aquêlê que entende ser o dever do operário não sair da obscuridade de sua oficina; não é este o exemplo que nos dão os operários de países adiantados como a Inglaterra, França, Belgica, e Alemanha, que, com a pena e com a palavra nos comícios populares, também educam e guiam a opinião. Somos fôlha de classe por isso mesmo temos o dever de dizer o que pensamos sôbre êsse ou aquêlê fato. Desde que não façamos isso, será reconhecer em nós mesmos a nenhuma importância que temos no País, quando somos dêle uma força e um poder.

Não tomaremos posição definitiva nos partidos políticos militantes, mas, na luta por êles travada, seremos claros e precisos no enunciar da nossa opinião".<sup>76</sup>

Já destacamos como França e Silva tinha consciência da "faca de dois gumes" que era o movimento republicano; se por um lado o republicanismo acenava com a participação do operariado na sociedade republicana, seguindo as orientações do mestre Auguste Comte que pregava a "incorporação do proletariado na sociedade moderna", por outro lado existia a ameaça de que o proletariado se atrelasse ao republicanismo como sócio menor, e acabasse recebendo as migalhas do banquete burguês-republicano.

Não foi preciso muito tempo para que as apreensões de França e Silva se concretizassem. O aparecimento do tenente José Augusto Vinhaes, com sua ligação profunda com os governos republicanos de Deodoro e Floriano, demonstraria dramaticamente como a opção republicana para o movimento operário colocaria em xeque a nascente base para a construção de um movimento e de uma consciência classista forte.

Alarmado com a fundação de um Partido Operário dirigido por

---

<sup>76</sup> *Revista Typográfica*, 24.11.1888.

alguém de fora da classe e ligado ao republicanismo, França e Silva revela suas preocupações, que não se resumem a questões pessoais:

"Nenhuma animadversão (sic!) temos ao cidadão Vinhaes, mas apesar de ser nosso amigo ele é considerado um elemento estranho no Partido Operário, se combatemos sua candidatura é para não partir da Capital Federal o exemplo funestro que poderia vingar nos Estados e dar ensejo a especulações políticas de quem jamais tenha professado arte ou ofício."<sup>77</sup>

O posicionamento em relação ao republicanismo se traduz pelo uso da expressão "exclusivismo", ou seja, a idéia de que o operariado não deve esperar, nem buscar, ajuda ou colaboração com outras classes.

A posição mais radical era do grupo ligado a Gustavo de Lacerda que afirmava que o partido operário devia ser exclusivamente composto por operários. França e Silva, porém, postulava um exclusivismo menos radical, segundo ele:

"O nosso exclusivismo deve limitar-se a direção suprema do partido, não admitindo na sua administração indivíduos que dirijam a política dos partidos militantes e aqueles que vivam exclusivamente dos rendimentos de seus capitais."<sup>78</sup>

O exclusivismo de França e Silva visava impedir que elementos estranhos a classe usassem o partido para impulsionar outros fins que não fossem os do interesse dos operários. Percebe-se ainda a preocupação de França e Silva com uma possível submissão ao domínio dos burgueses sobre o partido. Isto foi escrito em 1892, num momento em que este já tinha adquirido uma postura

---

<sup>77</sup> *O Paiz*, 18.2.1890.

<sup>78</sup> *O Combate*, 13.6.1892.

anti-burguesa mais definida.

França e Silva, em 1890 via na conciliação com a burguesia o caminho mais razoável e menos tortuoso a seguir, por isso mesmo não tinha a vergonha de admitir que o partido operário, em casos excepcionais, fosse dirigido por... burgueses:

"Se o Partido operário aqui ou em outros estados não tem nenhum artista que julgue capaz de ser o seu presidente (...)pode este mesmo partido escolher homens que tenham uma arte, embora não vivam dela, mas que sejam inteiramente independentes, sem a menor ligação com os partidos políticos, que vivam de sua industria ou de seu ramo de negócio, sem receberem favores do governo(...)"<sup>79</sup>

Na visão de França e Silva o pior inimigo não é a burguesia e sim o republicanismo. Apesar da sua ciosa defesa da independência de sua classe, um acordo com a burguesia ainda parece possível, pois a defesa do trabalho, da dignificação via esforço individual deve ser a base de construção da nova sociedade. Assim, não devemos nos surpreender quando o frontispício do jornal de França e Silva, o *Echo Popular*, traz o dístico: "órgão das Classes operária, comercial e industrial", fazendo supor da existência de interesses comuns entre estas classes. O conflito de classes não estava ainda na ordem do dia, o texto acima promove a visão de um burguês ainda bem próximo ao proletário, "homens que tenham uma arte, embora não vivam dela", porém, "que vivem de sua industria ou ramo de negócio". Esta imagem pode refletir o operário recém tornado proprietário, portanto tornado patrão pelo seu esforço individual, ou o pequeno-burguês dono de seu próprio negócio. Contudo, em ambos os casos a idéia da diferenciação dada pelo trabalho é a tônica. Provavelmente a existência deste tipo de burguês deveria ainda ser comum, e inspiraria esta vertente própria de *saint-simonianismo* de França e Silva, a sua esperança na união dos produtores.

---

<sup>79</sup> EP, 17.3.1890.

O tenente Vinhaes propunha outro caminho para o movimento operário que passava pela abertura criada pela República. Pela libertação das forças igualitárias e democráticas. Vinhaes propunha ser o elo entre o governo republicano e os operários, utilizando da força daquele para garantir conquistas para estes, e utilizando a força destes para definir o caráter progressista e democrático da República.

A implicação destas idéias para o movimento operário são evidentes; pressupõem a perda de autonomia em favor de ganhos materiais concretos - o que vai ao encontro dos temores de França e Silva. Assim fala um companheiro de Vinhaes, Valério Flaccus:

"Consolidando a forma de governo do povo pelo povo, o proletariado não terá necessidade de lutar nem de solicitar, bastará que o seu representante no parlamento tenha compreendido a sua necessidade e mereça ao governo a confiança de um caráter."<sup>80</sup>

Apesar de Vinhaes defender uma relação estreita entre movimento operário e governo republicano, havia alguns pontos básicos em comum das posturas deste e de França e Silva.

A primeira, era a idéia de que o movimento operário teria um lugar vital entre as classe que participavam da nação, e que a participação do operariado nos negócios da nação era fundamental para o desenvolvimento econômico e a garantia de uma nação verdadeiramente democrática.

Mais do que isso, a participação do proletariado na vida política nacional, evitará o conflito de classes que tanto prejudica as nações européias, criando a necessária união de todas as classes para o engrandecimento da nação.

Reinventar a história, reescrever o papel do proletariado, a origem da democracia - e por consequência, da República - está inserida nas próprias práticas operárias. O operário é o símbolo da República, o real portador do progresso e da civilização:

---

<sup>80</sup> *O País*, 19.2.1890

"Das camadas operárias nasceram em todos os tempos as idéias democráticas e quando estas chegam aos palácios da governança já tem amadurecida no cérebro da patuléia. Temos pois, o dever de sustentar as atuais instituições (...) (contudo) Não queremos candidatos impostos, cada um manda em sua casa (...)"<sup>81</sup>

Aparentemente contraditório, a incorporação do proletariado à sociedade é do interesse da própria burguesia e principalmente do novo governo:

"O Partido Operário será o guarda vigilante de nossas instituições democráticas, intervindo poderosa e resolutamente todas as vezes que periclitarem. O governo e as classes conservadoras só devem ver no partido que ora se forma, um novo e poderoso fator de engrandecimento pátrio. No peito do operário brasileiro não se aninham o ódio, a descrença e a inveja; ele respeita a propriedade daqueles que a força de perseverante trabalho a adquiriram legalmente. A sua ação será toda benéfica."<sup>82</sup>

A defesa da propriedade privada não é contraditório com a defesa dos interesses do proletariado, pois, a propriedade é produto da força perseverante do trabalho adquirido legalmente.

A segunda, era a defesa de uma atuação política do proletariado, e não apenas a sua atuação econômica, através da criação de um partido operário.

O amadurecimento do operariado no final do século passado é demonstrado pela superação da visão corporativista-econômica que imperava no período imperial. Com o surgimento de vários grupos operários que defendem intransigentemente a

---

<sup>81</sup> EP, 02.6.1890.

<sup>82</sup> O País, 10.2.1890.

participação do operariado nas questões públicas, no parlamento e mesmo a luta pelos cargos executivos municipais, estaduais e nacional. A compreensão de que não se resolve a questão econômica fora do plano político, faz com que o movimento operário nacional atinja um patamar mais elevado de consciência classista. Pressupõe uma organização e um projeto, por mais que fosse reformista, e mais do que isso é a ante-sala da descoberta de que seus projetos econômicos se conflituariam com outros projetos, a ante-sala da compreensão das origens do conflito classista.

O Partido Operário é o resultado da necessidade de organização e é a origem de um projeto para o nascente movimento operário. Assim fala Franca e Silva:

"Nós entendemos que a questão social, as necessidades do povo, só se resolvem por meio de leis. E onde se fazem as leis? É na Câmara dos Deputados e no Senado. Eis a razão por que entendemos que o Partido Operário não pode deixar de ser político, se quiser cuidar dos interesses do povo plebeu. Já passou o tempo em que se dizia - o operário não deve ter política."83

A consciência dessa idéia era bem disseminada neste final de século. Franca e Silva, no número inicial de seu jornal podia declarar que "constituir as classes operárias em partido político é hoje idéia universal (...)"84.

Porém, a criação de um partido operário era a criação de um competidor do Partido Republicano. A afronta ao poder constituído é algo temerário, para o frágil movimento operário, além do mais há que derrubar a resistência dos próprios operários, afinal muitos estão ligados politicamente a este movimento, e, também, porque uma boa parte do operariado é empregado do Estado...

Assim, há que justificar a existência do partido operário

---

83 EP, 17.4.1890.

84 EP, 6.3.1890.

sem, contudo, desagradar o governo republicano. França e Silva assim se explica:

"Nós operários, podemos ser republicanos sem prejuízo de criarmos o nosso partido, na própria França muitas vezes Gambetta tinha como competidor um operário também republicano (...). Cada um de nós pode ter sua crença política, mas tratando-se da causa comum - a operária - os sentimentos individuais devem desaparecer para fortalecer o grande todo que há de decretar a emancipação do artista."<sup>85</sup>

O discurso de França e Silva revela a superação de um primeiro momento corporativista pelo domínio de uma concepção política da classe. Nem o interesse da nação - representada pela República, nem o interesse do ofício, representada pelas associações mutualistas, mas o interesse da classe representada pelo partido: a superação dos interesses individuais pela emancipação do todo, o artista.

Contudo, há a necessidade de tranquilizar o governo de que o partido operário não vem para substituir o Partido Republicano no comando dos altos destinos da nação, há a consciência da fragilidade do movimento, e a consciência dos limites de sua atuação dentro da lógica republicana, não da lógica classista e sim da lógica da construção da nação. A lógica da disputa pelo poder do Estado não está em seu projeto, mas sim a participação neste. Não um governo operário, mas um governo legitimado pelos operários, e portanto, que legitime a participação operária na política em igualdade com as outras classes:

"Partido Operário não significa governo dos operários, pois eles, devido a nossa má educação política e aos preconceitos da sociedade em que temos vivido, não tem homens ilustres em grande numero e nem pessoal técnico

---

85 VP, 8.1.1890.

para assumirem tão grande responsabilidade. (...)hoje, porém, ser operário, é um título de honra. (...) Se nos constituímos politicamente, é tão somente para que tenham sanção e o cunho da legalidade dos eleitos do país, as leis que possam favorecer às classes trabalhadoras (...).<sup>86</sup>

Dar legitimidade à República, legitimar as leis que emanam do poder público, democratizar a nação, realizar o verdadeiro governo do povo para o povo, esculpir na face da República, ainda sem um rosto definido, um perfil verdadeiramente popular.

Junto a isso, organizar, homogeneizar e criar uma consciência classista num pequeno operariado, comprimido pela força centrífuga da República, evitando ardilosamente o confronto com a nascente burguesia. Por isso o privilégio é dado ao partido político e não ao sindicato. É pela garantia da realização da cidadania, dos seus direitos civis, políticos e sociais, que se trava a luta. Portanto, já em confronto com as concepções liberais que só aceitariam os direitos civis. O discurso é o da igualdade de classes e não o da luta de classes. Já se coloca a questão do Estado, mas a luta é pelo estado de direito e não pela destruição do Estado - ou pela tomada deste -, é pela participação no jogo político, na administração, é por legislar, mas, tudo isso, dentro dos quadros institucionais já existentes.

Assim, a terceira idéia que unia as diferentes correntes operárias era a defesa de uma atuação reformista em prol das classes trabalhadoras, evitando o confronto e, mais do que isso, num primeiro momento, promovendo uma relação harmoniosa com as classes proprietárias.

Vemos que a formulação de um projeto alternativo, a formação de uma contra-hegemonia, continua fora das esferas do pensamento destes primeiros agupamentos operários. A própria burguesia industrial tem grandes dificuldades de assumir uma posição hegemônica nestes anos da nascente República. O conflito

---

<sup>86</sup> EP, 24, 4, 1890.

classista, base para o desenvolvimento de uma consciência de classe, não é forte o suficiente para que isto ocorra. O comando hegemônico dos primeiros anos da República Velha será exercido pela burguesia agrária, depois de um *interregno* de dois governos militares.

Neste contexto de acomodação política; de luta entre republicanos e monarquistas, entre oligarquias agrárias rivais, entre civis e militares, o conflito classista aparece de menor importância para as lideranças operárias. Já foi dito por outros autores que boa parte da burguesia industrial tinha recém saído da oficina, o que explicaria uma atenuação dos conflitos classistas. Esta pode ser uma parte da resposta, um estudo mais profundo sobre as relações entre proletariado e burguesia esclareceria a possível abrangência desta idéia.

O certo é que estes primeiros anos da República mostram um movimento operário apostando na conciliação de classe como forma de realizar as reformas necessárias para o operariado.

Não que o conflito estivesse ausente, é claro, ele era reconhecido pelos operários. O número 1 da Voz do Povo declarava que o motivo dos sofrimentos das classes trabalhadoras era que estas seriam "rudemente tratadas pelos ricos e pelos governos (...)."87

Mesmo a situação do operariado não era considerada tão miserável como seus colegas na Europa. Apesar de não compactuarem com a idéia disseminada pela imprensa e corroborada pela burguesia de que não haveria uma questão social no Brasil, os líderes operários descartavam o radicalismo europeu. Não haveria necessidade dos embates contra a burguesia, pois, "as grèves são oriundas da miséria; e entre nós, diga-se de passagem, o operário sofre necessidade, miséria verdadeiramente não."88

França e Silva se declara socialista, mas no seu socialismo não existe espaço para a luta de classes; ao contrário ele procura tranquilizar a burguesia:

---

87 VP, 6.1.1890.

88 EP, 3.4.1890.

" (...)também vamos lutar seriamente com os que procuram a todo o transe inimizar-nos com a industria, com os proprietários, fazendo acreditar ser o nosso agrupamento um socialismo perigoso (grifo nosso),perturbador da organização do trabalho. Gréves, paredes, levantamentos e outros tantos elementos reacionários, são os meios de que estão lançando mão os inimigos do Partido Operário."89

O socialismo preconizado pelo grupo do Echo Popular não é o socialismo perigoso, aquele que aposta no confronto com a burguesia, e sim um socialismo dócil, que aposta na conciliação, que acredita na existência de pontos convergentes com a burguesia, e que estes superam suas divergências. Aqui a situação é diferente da Europa, aqui a aliança dos grupos progressistas, defensores da sociedade igualizada pelo trabalho, parece ser possível. Aqui Saint-Simon parece superar Marx.

Assim, a atitude da burguesia frente ao proletariado, parece ratificar esta visão, pois, segundo Francois Seul, os capitalistas "já consideram os operários como verdadeiros amigos (...). E para confirmar isso basta ler os estatutos do Centro Industrial do Brasil (...)."90

Evitar a todo custo o conflito com o patrão. França e Silva tem consciência da fragilidade da organização operária, incapaz de sustentar uma greve longa contra os patrões. Sua atitude negativa em relação as greves é sintomática de sua posição conciliatória. O prejuízo que acumula com esta postura, em relação aos operários, é flagrante. Vinhaes acompanha regularmente o movimento grevista, dando seu apoio quando observa sua justiça, empenhando-se em mediar o conflito, com sua autoridade de deputado federal, favorecendo o operariado em relação a burguesia e a polícia. França e Silva se apegam a idéia dos Tribunais

---

89 EP, 13.3.1890.

90 O Patz, 7.4.1890.

Arbitrais, preconizada pela própria Internacional, porém, acreditando que esta poderia eliminar o conflito a partir de peritos - o conflito eliminado por princípios técnicos. Acompanhem seus conselhos a operários de uma encadernação que foram ao jornal reclamando seus baixos salários e a imposição de uma alta jornada de trabalho:

"Ainda não temos constituído o tribunal arbitral de que fala o nosso programa para resolvermos estas questões milindrosíssimas.

Registrando a queixa, limitamo nos a aconselhar aos nossos irmãos operários toda a calma e a prudência para resolvermos fraternalmente com os nossos patrões questões de tão alta magnitude.

Não desesperemos, o nosso lema social é que nem o operário seja lesado no seu trabalho e nem o patrão prejudicado a ponto de ver-se na contingência de fechar o seu estabelecimento, o que será uma calamidade para os próprios operários.

E como resolver este problema?

Nomeando-se peritos para saber-se quem tem razão. É por este sistema que pretende o Partido Operário resolver o complicado problema do trabalho. Não se aflijam os operários e nem sejam imprudentes os nossos patrões. "91

O limite que vocabulário e prática liberal lhe impõe o leva as raias da impotência, a tentativa de aparentar neutralidade no conflito demonstra a total incompreensão das razões deste. A necessidade da organização sindical operária não é levantada neste caso, França e Silva aconselha a paciência e a fraternidade com quem não demonstra a mínima intenção de ser fraternal.

A submissão aos limites da ideologia burguesa leva França e Silva a se submeter ao direito de propriedade, para este o patrão

---

91 EP, 3.6.1890.

detém o poder absoluto dentro de sua fábrica, só o que o limita é sua consciência. Assim é o caso da Fábrica de Tecidos "O Industrial", onde França e Silva nega o direito dos operários de questionar o poder do patrão:

" (...) não é dos artigos e paragrafos contidos nas mesmas disposições, com o que nada temos a ver, pois trata-se de um estabelecimento particular que pode regular-se como entender, sim ou não ao contento dos operários, segundo o que lhe ditar a consciência (...).<sup>92</sup>

Defender os operários e defender o poder total do patrão dentro da fábrica é condenar suas propostas ao fracasso. Quando o conflito classista irrompe não há como ser neutro, França e Silva terá que fazer sua opção, os limites do vocabulário liberal estão dados, França e Silva terá que buscar um novo vocabulário

O Primeiro ano dos partidos operários finalizou com as eleições do final de 1890. Derrotados, França e Silva e seu grupo se distanciam ainda mais do governo e passam a repensar suas idéias sobre a importância das eleições e sobre suas alianças. Não era muito difícil notar que o governo republicano aceitava apenas uma democracia, aquela em que só houvesse um vencedor: os republicanos. Uma democracia sem risco; portanto, não havia espaço para outros concorrentes, uma democracia sem o conceito de pluralidade, sem o reconhecimento da diferença e do conflito.

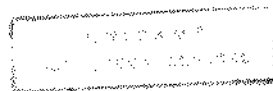
A facção de Vinhaes avança, não por ser operária, mas por ser republicana. Porém os vaticínios de França e Silva se realizariam. Ao se contrapor ao governo Floriano, Vinhaes cai em desgraça, é exilado e com ele desaparece a fugaz experiência operária de 1890.

O movimento operário que se constrói a partir de 1892/3, aprende com seus erros. O acirramento do conflito social desfaz as idéias de conciliação de classes.

França e Silva cria um novo partido em 1892, funda um novo

---

<sup>92</sup> EP, 8.4.1890.



jornal: "O Socialista". Suas posições demonstram a sua radicalização, a sua visão das reformas através das eleições de operários para o parlamento. A dura realidade das fraudes demonstra a natureza da república oligárquica. França e Silva busca um novo veículo para manifestar seu dissenso; sua adesão à democracia rousseauiana - negando a própria idéia da representação - exemplifica sua busca, mostra as lições que aprendeu do ano de 1890:

"Eleição - o que significa? Uma mentira, um roubo legal feito as massas menos instruídas, pelos velhacos e nada mais. - A vontade não se representa; a consciência ou é a mesma ou nenhuma (...) - A única eleição lícita, legal é o plebiscito. Este produzindo a derrota certa da burguesia, não lhes convém. A eleição, como temos atualmente, é a corrupção, a prostituição de todos que, a troco do dinheiro ou de um emprego, vendem-se diante da urna e negociam com a consciência como as damas da vida (...)."93

Os conflitos demonstram a impossibilidade de uma conciliação com a burguesia. A criação de um projeto alternativo entra na ordem do dia: a luta pela propriedade dos meios de produção - idéia central do pensamento socialista - passa a ser incorporado no ideal operário. Assim o programa do Partido Operário, de agosto/setembro de 1892, diz que:

"Considerando que a socialização da produção, sob o regime atual da propriedade concentra em poder da classe capitalista todos os rendimentos sociais, ficando por este fato a classe trabalhadora submetida a uma exploração física e moral cada vez mais acentuada. Considerando que por estas condições econômicas da sociedade atual a classe trabalhadora jamais poderá

---

93 SRJ, 26.5.1893.

emancipar-se da tutela do capital, sem que se aproprie dos meios de produção (...).<sup>94</sup>

O republicanismo deixa de ser o grande problema, já não há mais o que esperar do novo regime. É a burguesia que assume o espaço da grande inimiga, a luta de classes perdeu seu véu. Neste estado liberal que se esquia da mediação entre as classes, a brutalidade da burguesia se apresenta sem encantos.

Vejamos um relato, carregado nas tintas, das relações do operariado e a burguesia:

"Sangue! Sangue! É mais sangue. No cérebro enfermo da burguesia acastelou-se a idéia de que o único elemento dissolvente e perturbador da paz e serenidade públicas são os operários quando fazem greves, reclamando o seu direito, ou o Partido Operário Socialista nas batalhas que dá aos fortes baluartes da sociedade arruinada e podre em que vivemos. O operário, o homem que luta quotidianamente pela vida, que faz da oficina ou da sua tenda de trabalho uma segunda habitação, não se lembra, nem lhe sobra tempo para concertar planos e maquinar revoluções, que tenham por objetivo derrubar governos e escalar o poder. O operário só quebra o silêncio da oficina e só sai de sua normalidade habitual quando a isto o arrasta a injustiça daqueles para os quais trabalha por minguado salário. (...) A burguesia, falsificando na urna o pensamento do povo, ocupa nos destinos do país os primeiros postos do governo; a parte que se julga prejudicada não se conformando, apela para ação material. Daí as convulsões intestinas, a perturbação da ordem e consequentemente a impossibilidade de vida, pela ausência de víveres e carestia de todos os gêneros."<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> SRJ, 4.3.1893.

<sup>95</sup> SRJ, 4.3.1893.

Os limites da ideologia burguesa foram rompidos, a visão de um socialismo que une as duas classes - proletariado e burguesia - pela igualdade do trabalho, é superado pela visão de um socialismo que compreende a irreconciliável separação que o trabalho, na sociedade burguesa, produziu entre estas duas classes.

O caráter utópico do socialismo de França e Silva, assim como no de Saint-Simon, não era sua característica filosófica em detrimento de uma concepção "científica", e sim sua concepção de uma sociedade harmônica produzida pela união de burgueses e operários.

Assim, rompido os limites da ideologia burguesa, o novo socialismo professado por França e Silva, nas páginas do jornal "O Socialista", passa a ter como centro a concepção da luta de classes, e a tomada dos meios de produção, via tomada do poder estatal, como estratégia básica.

Uma nova etapa pode agora ser trilhada pelo movimento operário, com seu próprio vocabulário, contudo, este avanço não excluiria dificuldades outras ao processo de constituição de um movimento operário autônomo.

O espaço para a conciliação seguirá outros caminhos surgirão outros grupos reformistas não-socialistas, mas baseados numa forte organização operária. Os grupos mais radicais, que se julgam herdeiros destes partidos operários se definirão mais radicalmente pelo socialismo. Surgirão os anarquistas. E a questão da organização sindical passará a ordem do dia.

## CAPÍTULO 04

RIO DE JANEIRO 1890: NASCE O PARTIDO OPERÁRIO.

Em 06 de janeiro de 1890 surge o jornal "Voz do Povo", convidando "todos os artistas, operários e trabalhadores que souberem ler e escrever, a inscreverem-se no Partido Operário para, oito dias antes da eleição, escolherem os candidatos que devem sufragar em nome de seus interesses."<sup>96</sup>

É sob o patrocínio deste jornal que se fazem as primeiras reuniões para a fundação do partido operário. A primeira delas já no dia 26 de janeiro de 1890, onde se definiu que os objetivos do futuro partido seria "influir nos destinos administrativos do país, garantindo aos homens do trabalho sua autonomia e preponderância nas altas questões político-sociológicas."<sup>97</sup>

Foi convocada nova reunião para alguns dias após. É neste momento surge em cena a figura carismática do Tenente José Augusto Vinhaes, que dividiria, daí para frente, o nascente movimento operário carioca. A partir de então, a questão da participação independente do operariado e suas relações com a República seriam postos dramaticamente em questão. A tentativa de contemporizar por parte de França e Silva se chocaria com a decisão de Veiga, Lacerda, Velloso e Garcia de não aceitarem a intromissão de Vinhaes no partido.

Nos meses que se seguiriam o movimento operário<sup>98</sup> conheceria

-----  
<sup>96</sup> VP, 6.01.1890.

<sup>97</sup> O Paiz, 27.01.1890.

<sup>98</sup> *Uso a expressão movimento operário para reinterar a hipótese de que houve um salto qualitativo dentro do operariado a partir da Proclamação da República em 1889. Também no período anterior a 1889 houve grupos operários que atuavam politicamente, editando jornais, organizando ligas, associações de classe e mutualistas. Contudo, é apenas com o surgimento dos partidos operários que se propõe a ação do operariado enquanto classe, com proposta própria e independente da ação de outras classes. É quando se pensa a classe agindo em espaço próprio, com instrumentos próprios, e com ideais e projetos próprios que posso falar em movimento operário.*

cisões, conflitos, bate-bocas, o nascimento de pelo menos dois partidos operários e outros tantos centros operários. Estes dois partidos operários seriam as organizações operárias mais importantes dos primeiros anos da República, na Capital Federal. Captaneados por França e Silva e por Vinhaes, duas concepções distintas sobre a forma e o conteúdo da atuação operária se degladiariam por alguns anos.

A história destes atores e dos partidos operários de 1890 está relatada no excelente artigo de José Augusto Valladares Pádua, "A Capital, A República e o Sonho: A Experiência dos Partidos Operários de 1890". Informo que recorrerei frequentemente as informações apresentadas por esse autor, sobre as organizações operárias deste período. Este capítulo deve muito as informações trazidas à tona por este artigo.

Pretendo agora transcrever um longo depoimento de França e Silva que nos levará a acompanhar as disputas políticas dentro do movimento operário deste período. Os artigos-depoimento foram publicados no jornal carioca "O Combate", durante o período de 8 de junho de 1892 à 22 de junho de 1892, sob o título "O retrato do Sr. Vinhaes":

"Proclamada a República irromperam em todas as partes, tanto das oficinas públicas e particulares, como até nas associações de classe, manifestações delirantes ao generalíssimo chefe do governo provisório.

O nosso finado companheiro, Elpídio de Castro, então primeiro secretário do extinto Centro Typographico 13 de Maio, manifestou desejos de que esta instituição fosse também incorporada manifestar sua adesão ao generalíssimo Deodoro, ao que nos opusemos não só por não ser da escola do Partido Operário envolver-se em manifestações políticas, como por conhecermos o quanto é vazia e inconstante a opinião do povo quando se move por instigações de terceiros e não por instinto próprio. (...)

'A Revista Typographica' cujo único ideal é a prosperidade da

-----

classe cuja sombra se abriga, não conhece partido, nem formas de governo, porque representa uma coletividade promiscua em política e em racionalidade, por esta razão não tem saudades dos que morrem e nem sauda aos que nascem, sendo somente amigo dos governos que protegem as classes laboriosas do país. Assim pensando, os aplausos destinados ao brilhante sol nascente reserva-os a revista para o dia ansiosamente esperado em que se podia dizer; graças ao patriotismo do governo dos Estados Unidos do Brasil vicejam as artes e a industria floresce.(...)

A vista disso, veio a imprensa o tipógrafo José Veiga, já falecido, proclamando-nos chefe do partido operário brasileiro e ofereceu-nos a redação do Voz do Povo, a que não acedemos por motivos que guardamos conosco, prometendo porém o nosso apoio. O seu artigo-programa nada dizia sobre o Partido Operário. Entrou para sua redação o Sr. Gustavo de Lacerda (...).

No dia 25 ou 26 de janeiro de 1890 a redação da Voz do Povo convocou uma reunião para a formação do Partido Operário. A esta reunião compareceram apenas 19 indivíduos, sendo tipógrafos e cigarreiros, Gustavo de Lacerda manifestou logo sua ambição desmedida (...).

Resolveu-se convocar nova reunião para o dia 9 de fevereiro (...).

Chegamos finalmente ao período agudidíssimo da organização do Partido Operário, isto é, ao momento de por-se em execução as idéias que, em 1888, haviam irrompido da nossa imaginação e que passaram despercebidas àqueles que posteriormente se constituíram propagandistas da mesma causa.

Dois dias depois de ter o "Paiz" (em fins de janeiro de 1890) noticiado que se ia fundar um Congresso Operário apareceu nas declarações do mesmo jornal um convite anônimo convocando os operários a reunir-se no Liceu de Artes e Ofícios para tratar-se dos interesses da classe operária.

A hora aprazada lá nos apresentamos acompanhados do Sr. Gustavo do Lacerda que, antes de se dar começo aos trabalhos, queria protestar contra a reunião, o que não o fez a nosso conselho.

Havia na sala cerca de 70 a 80 operários. aberta a sessão o

Sr. Vinhaes expoz os fins da reunião, cujos fins nenhuma significação tinha com o que nós queríamos com relação ao Partido Operário. O operário Saddock de Sá procedeu a leitura de uma espécie de programa do congresso, que se limitava a reunir e um só monte o patrimônio de todas as associações beneficentes e a alistar eleitores os cidadãos operários.

Em ato contínuo pedimos a palavra e impugnamos a criação do Congresso com essas idéias que não satisfaziam as exigências da classe operária em uma epoca de reivindicações e de conquistas civicas e econômicas.

Ponderamos mais que, estando em vias de organização o Partido Operário a criação de semelhante Congresso poderia incutir no espírito dos operários fluminenses o prenúncio de uma dissidência e ser funestra a união dos operários nos estados.

Tão justos foram os nossos argumentos que a numerosa assembléia e o próprio Sr. Vinhaes aceitaram-nas sem restrições pedimos aos amigos do Sr. Tenente que se unissem a nós para constituirmos o partido constituindo os dois elementos em atividade a cabeça diretriz do mesmo. Foi vencido, por unanimidade que se sepultasse o Congresso no nascedouro e constituíssemos o Partido Operário.

Para que não se diga haver nessa exposição falta de verdade transcrevemos abaixo a notícia que deu o Paiz de 30 de janeiro de 1890, a cerca do vencido na reunião. O Paiz não pode ser suspeito, porquanto era folha do Sr. Vinhaes:

#### Reunião Operária

'Sob a presidência do nosso colega José Augusto Vinhaes, reuniu-se ontem, as 7 horas da noite em um dos salões do Liceu de Artes e Ofícios, grande número de operários.

O cidadão F. Saddock de Sá tendo em vista organizar um congresso operário, a fim de impulsionar a iniciativa da classe operária e coloca-la em lugar que tem incontestavelmente direito, julgou azado o momento atual para levar por diante patriótico entendimento.

Depois de lidas as bases do projetado congresso, o cidadão Luiz da França e Silva apresentou uma indicação para que, posta de lado a idéia do congresso, colaborassem todos para a

organização do grande partido operário brasileiro, que já estava em vias de organização.

Depois de discutida a indicação foi posta a votos e aprovada por unanimidade.

O cidadão José Francisco Soares, um dos que mais tem pugnado em prol da classe operária fez breve alocução, tocando em diversos e importantes pontos de alcance para a boa organização do partido. Foi suspensa a sessão, tendo ficado marcada a grande reunião para dia e hora que será oportunamente marcada.

Depois dessa reunião a Sr. Vinhaes estreitou as suas relações de amizade conosco e pedia-nos que comparecesse em sua casa, a rua do Senado 194, ou na redação do Paiz, para tratarmos a quanto antes de assentarmos as bases da organização do Partido e leva-las prontas para a Assembléia a realizar-se em 9 de fevereiro, no Recreio Dramático.

Não podendo comparecermos sempre, por absorver o tempo o trabalho material, o Sr. Vinhaes mandava próprios a nossa procura nas oficinas do extinto Correio do Povo onde então trabalhavamos como tipógrafos.

Esta propensão que o Sr. Vinhaes mostrava para conosco, enciumou Gustavo Lacerda e outro indivíduo de nome Mariano Garcia que fizeram extemporaneamente guerra pessoal ao Sr. Vinhaes sem conhecer ainda os intuitos maus ou bons do homem que tinha abraçado a nossa idéia.

As críticas de Gustavo de Lacerda e de Mariano Garcia criaram tal vulto que foram refletir nos nossos amigos de Niterói, onde primeiramente instituímos o Partido Operário.

A reunião no Liceu tinha-se dado em uma quarta-feira e a segunda reunião marcada para o Recreio era para um domingo, 9 de fevereiro. Combinamos nós e o Sr. Vinhaes percorrer todas as oficinas públicas e particulares, convidando os operários para a reunião. Foi quanto bastou para Gustavo de Lacerda convocar, em nome da redação do Voz do Povo, uma reunião prévia para se confeccionar a chapa do diretório do partido, e isso sem audiência dos nossos amigos e os do Sr. Vinhaes. Leais, como somos, verberamos particularmente o procedimento incorreto do redator da Voz do Povo e escrevemos uma carta ao Sr. Vinhaes

pedindo-lhe que, se não aparecesse uma declaração da redação do Voz do Povo dando o dito por não dito sobre a convocação (ilegível), o autorizávamos a dizer pelo Paiz não ter semelhante convocação o nosso consentimento (...).

Empenhando-nos, tanto quanto o Sr. Vinhaes, para comparecer ao Recreio Dramático o maior número possível de operários, acedemos gostosamente a lembrança de, além dos anúncios antecipadamente publicados, convidar pessoalmente a classe operária ao grande meeting popular do dia 9 de fevereiro de 1890. Não nos sendo, porém possível acompanhar o Sr. tenente nesta excursão de propaganda, preencheu esta lacuna, a nosso pedido, o operário tipográfico tenente Agapito Polany.

A excursão fez-se em dois ou três dias. Quando o Sr. Vinhaes penetrava nas oficinas públicas, dirigia-se logo aos diretores e muitos dos mesmos que, vendo ele o representante do governo provisório pela posição assumida no 15 de novembro o recebiam com particular deferência.

"Meus amigos! é agradável ao Mal. Deodoro a formação do Partido Operário. É uma idéa grandiosa (mais ou menos nestes termos) e deveis abraça-la a bem dos vossos próprios interesses. Eu fiz a minha educação na Belgica e Alemanha, e a fundo conheço as questões operárias na Europa. (...)

Preparando o terreno para a assembléia popular, convidou-nos o Sr. Vinhaes para confeccionar-mos a chapa da diretoria do novo partido.

- Quem há de fazer parte da chapa? Perguntou-nos ele.

- Os nossos e os seus amigos, ponderamos-lhe.

- Precisamos ter na direcção do partido gente de confiança, para evitar a exploração de certos tipos políticos, retorquiu-nos o Sr. Vinhaes.

E, em ato contínuo, escreveu ele com seu próprio punho:

"Presidente (chefe do partido): José Augusto Vinhaes."

"Vice-presidente (sub-chefe): Luis da França e Silva."

Ao escrever ele o nosso nome, observamo-lhe:

- Sr. Vinhaes, apesar de termos a prioridade na idéa e direito a direcção suprema do Partido Operário, não fazemos questão de chefia, contanto que seja dada a um operário. Só assim

se poderá evitar a exploração dos políticos.

Façamos eleger o Sr. Saddock de Sá, que não lhe é suspeito, e prometemo-lhe o nosso apoio e o apoio dos nossos amigos. Quem não pode ser chefe é o senhor, visto que, não sendo operário nem tendo tradições na classe, é um homem político e a sua intervenção entre os operários pode trazer odiosidade a estes e até ciumes dos seus próprios correligionários que não o verão com bons olhos ao contemplarem atrás de si uma legião de eleitores.

Vinhaes, ambicioso e vaidoso, não escutou o eco da razão e a voz do direito. Tornou-se relapso e insistiu na sua teimosia.

- Aceite a combinação, disse ele, porque eu estando à frente do partido tudo haveremos de conseguir do Mal. Deodoro e do Min. da Fazenda.

- O Partido Operário, dissemos-lhe, não precisa de favores de governos e só da justiça dos mesmos. (...)

Dissemos ao Sr. Vinhaes que íamos confeccionar uma chapa puramente operária para ser sufragada pela assembléia, que assumiria a responsabilidade da escolha.

Se a assembléia, dissemos ao Sr. Vinhaes, preferir nós ao senhor, os seus amigos nos acompanharão, e se preferir o senhor a nós os nossos amigos lhe acompanharão, a assembléia que assuma responsabilidade por seu voto.

O sr. Vinhaes concordou conosco. (...)

Na imensidade de chapas que confeccionou pôz como vice-presidente ou sub-chefe do Partido Operário o sr. José Dias de Carvalho Neto, do Arsenal da Marinha; para igual cargo pôz um operário do Arsenal de Guerra e cujo nome não nos vem agora a lembrança; igual honra deu ao Sr. Bento José Ribeiro, da E.F. Central, e ainda para igual cargo pôz o nosso nome.

Nas chapas assim distribuidas profusamente davam-se todas estas variantes no lugar do vice-chefe do partido, mas o nome de Vinhaes era imutável.

A incumbencia da obtenção do Recreio foi cometida ao Sr. Vinhaes; na véspera ele deu as providencias e no dia da reunião se apresentou ao teatro as 9 horas da manhã.

Gustavo de Lacerda neste mesmo dia e hora marcou uma reunião para a Fênix Dramática, formando desde logo dissidência do

Partido Operário, tendo porém alguém por meio de uma publicação no Paiz feito acreditar que a nossa reunião era na Fênix, para lá nos dirigimos, dando em resultado demorarmos até quase meio dia.

Procuramos convencer a Gustavo seguir ele caminho errado, pois que se queria, como nós, combater Vinhaes no terreno do número, o seu dever era não desertar do campo onde estava o inimigo comum, era enfim aliar os seus aos nossos esforços para derrotar o adversário natural. Fugir do campo de luta era dar provas de fraqueza. Se a assembléia fosse contra nós a ela, e só a ela, caberia a responsabilidade de eleger Vinhaes.

A resposta as nossas observações foram os maiores baldões e impropérios que nos atiraram Gustavo de Lacerda e Mariano Garcia. Chegamos ao Recreio quase meio-dia. O teatro regorgitava de povo. Vinhaes não aparecia no palco com receio de ser vaiado pela população, que já sabia de ante-mão querer ele impor-se como chefe do partido.

Ao penetrar-mos no jardim do teatro Vinhaes criou alma nova e dirigiu-se a nós acompanhado do operário Saddock de Sá, instando para que, na qualidade de pai da idéia e estarmos mais do que ele habilitado para expor os fins da reunião, abrissemos a sessão.

(...) mas ponderando-lhes que o povo não devia retirar-se sem nenhuma explicação, aconselhavam-nos que assumissemos a presidência da assembléia e na ordem dos oradores colocassemos o Sr. Vinhaes em primeiro lugar para ler o seu discurso.

Abrindo nós a sessão, para expor os fins da reunião, fomos ouvidos com religioso respeito por toda a multidão, quebrando o silêncio da grande assembléia apenas dois indivíduos da classe tipográfica e nossos inimigos pessoais: Pedro Frederico da Costa e Julio de Campos.(...)

Deixando nós por momentos a cadeira presidencial para confidenciarmos com amigos confidentes, Vinhaes apossa-se da mesma e tenta dar andamento aos trabalhos encetados por nós. Pedem simultaneamente a palavra muitos cidadãos: uns propondo o adiamento da sessão para se confeccionar uma chapa com o nome de cada um operário das grandes oficinas e outros que se elegeisse ou aclamasse uma comissão de 3 membros para dirigir os destinos do novel partido.

Começou a confusão na assembléia. Os oradores que mais violentamente atacavam Vinhaes foram Placido de Abreu (gerente do Combate), Augusto Struc e João Clapp, mostrando-se razoável Hostílio Cervantes, que, em nome dos operários do Arsenal da Marinha, disse tolerar provisoriamente a chefia de Vinhaes, mas não reconhecia-a definitivamente. A Vinhaes eram dirigidas as mais formidáveis apostrofes. Todos falavam e gesticulavam ao mesmo tempo vociferando diatribes contra Vinhaes. Havia no teatro 4 grupos disputando a mesma presa: Vinhaes, Bittencourt da Silva (representado pelos seus amigos), França e Silva e Dr. Garcez Palha, funcionário da marinha.

Eram já 2 h.30 da tarde e não se havia chegado a um acordo quando, um dos circunstantes, cujo nome nos escapa, mandou a mesa uma proposta aclamando a seguinte comissão para dirigir o partido e confeccionar a sua lei orgânica: Bittencourt da Silva e Saddock de Sá.

Esta proposta foi recebida e aprovada debaixo de estrepidosas palmas por mais de 2/3 da assembléia.

Os poucos amigos do sr. Vinhaes, reconhecendo por esta manifestação os animos da assembléia, saltando do recinto do teatro para o palco e o abraçavam, dando vivas ao malogrado chefe, saíram com ele para a rua até a redação do Paiz, onde era então o quartel-general de suas operações.

Noticiando o Sr Vinhaes no O Paiz a sessão do Recreio (...) disvirtuando os fatos e omitindo propositalmente o nosso nome, dizendo ser ele o presidente da assembléia.

Eis os termos em que O Paiz, noticiou a sessão:

'As duas horas da tarde, não sendo possível a votação, por proposta de um operário do Arsenal da Marinha (Cervantes) foi aclamada pela quase unanimidade dos operários presentes chefe do partido o nosso COLEGA (o grifo e os versalhetes são nossos) o Tenente José Augusto Vinhaes (10 de fevereiro de 1890 - O Paiz).'

Deste momento em diante começa Vinhaes a manobrar, auxiliado pelo Paiz, para mistificar a classe operária. Além dele irromperam de todas as partes falsos iniciadores do partido e pretendentes a chefia do mesmo.

Nós, e somente nós, fomos os únicos que desistimos de todas

as pretensões em proveito da causa comum. Eis o que dissemos pela Revista Typographica em 10 de fevereiro no dia seguinte da sessão do Recreio (...):

'PARTIDO OPERÁRIO - Sabem os nossos leitores que há dois anos a esta parte aventamos por estas colunas a idéia de criar no Brasil um partido puramente operário e ao qual se lhe desse o caráter democrático.

Conhecíamos então muitos planos de organização social, agrupamentos com tendencia a transformarem-se em sociedades cooperativas muito comuns na velha europa, mas tudo isso não passava da sede onde germinavam esses agrupamentos limitavam-se à circunscrição do distrito territorial onde nasciam.

Nunca houve uma idéia uniforme de transformarem-se as classes operárias do Brasil em partido político, para fazer-se que o operário tenha representação direta nos diversos corpos eletivos do país.(...)

A idéia da agremiação operária, sob o diapasão político, partiu só e só da redação da Revista Typographica em 1888.(...)

Desde que as cabeças dirigentes saiam das próprias classes, sejam enfim homens que tenham feito sacrifícios em prol da causa e que não transijam sem necessidade - nós seremos os primeiros a amparar as candidaturas que se legitima pelos serviços de longa data prestados a causa. Apresente-nos um operário já sacrificado a nossa causa, homem que viva da oficina, que terá nosso apoio.'

(...) 2 retificações importantes sobre o nosso último escrito.

19) A comissão aclamada era composta por: França e Silva, Comendador Bittencourt da Silva e Saddock de Sá.

20) A proposta de Cervantes versava sobre objeto diferente da pretendida aclamação a Vinhaes. Quem teve esta pretensão, alias repelida pela assembléia, foram os operários do Arsenal da Marinha, Ernesto Pereira (diretor do Partido Operário Socialista de Niterói) e Rufino Aurélio.

Enquanto no recreio Dramático reuniam-se cerca de 3 mil operários, na Phoenix Dramática apenas 52 pessoas, presididas por Gustavo de Lacerda.

Nessa assembléia limitada, adotou-se como programa de Partido

Operário o tema - o operário por si e para si.

(...) o proletariado, que quer a igualdade de todos, perante a lei e a aproximação das classes. Lacerda adotando semelhante tema exclui ipso facto o indivíduo que não for operário (...).

O nosso exclusivismo deve limitar-se a direcção suprema do partido, não admitindo na sua administração indivíduos que dirijam a política dos partidos militantes e aqueles que vivam exclusivamente dos rendimentos dos seus capitais.(...)

O mais interessante porém é que o pequeno grupo da Phoenix cindiu-se logo no dia seguinte.

O cidadão Dias da Silva desligou-se logo de Lacerda, instituindo o Congresso Operário. Os amigos do arquiteto Bithencourt da Silva instituíram nas vésperas da assembléia do recreio a Federação Operária, contando com o apoio daquele ilustre cidadão, estava pois dividida a classe operária.

Depois da assembléia popular do Recreio feriu-se na imprensa criminosa discussão sobre a chefia do Partido Operário.(...)

Enquanto nós assim procedíamos, Vinhaes, que nos pedia uma sessão prévia para combinação da chapa - pedia a todos os encarregados de oficinas públicas e de algumas particulares a relação do pessoal nelas empregado a pretexto talvez de fazer alguma estatística.

Feito este trabalho preliminar Vinhaes mandou contactar pessoalmente e por cartões, grande número de operários de sua inteira confiança, para uma sessão no Club Gymnastico Português, no dia 9 de março de 1890.

(Nós não fomos convidados...).

Compareceram a reunião cerca de 80 indivíduos.

Vinhaes possuido da mais requintada má fé, apresentou à assembléia mais listas contendo 1.300 nomes de operários, dizendo que todos aqueles indivíduos o reconheciam como o chefe do Partido Operário.

E neste carácter fez aclamar a si e ao Sr. Bento José Ribeiro chefe e sub-chefe do Partido.

Em ato contínuo instituiu o Centro do Partido Operário e fez aclamar a sua diretiva, debaixo dos mais vivos protestos (...).

No dia seguinte ao da instalação do Centro viam-se nas folhas

protestos e mais protestos contra pretensos representantes das mesmas, arranjados na espessura da noite da especulação pelo Sr. Vinhaes.

Só não se manifestaram as oficinas públicas, porque operário empregado nas oficinas do governo evita polêmica com receio de perder o seu emprego.

O Partido Operário de Gustavo Lacerda, Augusto dos Santos e de João Paulo Ferreira Dias, tendo por órgão de imprensa O Operário, cujo artigo-programa foi uma explicação pessoal de Lacerda (...).

(...) primeiramente convidamos o operário do Arsenal da Marinha José Maria Pereira Santos - passamos dias inteiros com os operários do Arsenal de Guerra, da Marinha e do Exército combinando a chapa, só após a desistência de Santos que convidamos Benjamin Kinsmann."

Foram-se os fatos ficaram as versões, porém deste longo depoimento de França e Silva podemos tirar algumas conclusões reveladoras sobre suas idéias e sobre os conflitos que dividiam o movimento operário naquele período.

Ele capta o espírito dos primeiros dias da República mostrando a adesão incondicional das oficinas públicas e mesmo algumas privadas, e de várias associações de classe ao generalíssimo Deodoro e a governo provisório, adesão à qual ele discorda frontalmente, declinando das sugestões para aclamar o governo constituído, pois seu jornal não reconhece "partido, nem formas de governo".

Esta é uma primeira característica deste relato, a defesa da independência da classe operária frente a movimentos políticos externos a ela, a proposta de uma ação operária independente dos partidos existentes, ação esta que não se reduziria ao campo econômico mas deveria abranger o campo político.

França e Silva defende a idéia de que o proletariado deve seguir seu "instinto próprio", ou seja sua prática e experiência deveria guiá-los, as experiências republicanas e/ou burguesas não contemplam a realidade do operário. Cabe a este definir seus próprios projetos, a isto França e Silva chama de "exclusivismo";

ou seja, a negação de que a política operária seja conduzida por elementos "que dirijam a política dos partidos militantes e aqueles que vivam exclusivamente do rendimento dos seus capitais."

Ao contrário da posição de Lacerda, que limitava à participação no Partido Operário apenas aos operários, França e Silva admitia a participação de elementos de outras classes, excluindo-os apenas da direção, pois acreditava firmemente que o Partido Operário tivesse como missão final o desenvolvimento das artes e da indústria através da colaboração entre as classes, pois para ele, o proletariado apenas queria a "igualdade de todos perante a lei."

Para ele não bastava a luta econômica, pois esta era também uma época de conquistas "cívicas" e para isto não bastavam as conquistas corporativistas. Às pequenas conquistas setorializadas França e Silva contrapunha a organização da classe operária em tudo território nacional. Para isso era imprescindível "transformarem-se as classes operárias do Brasil em partido político" e a representação dos operários nos diversos corpos eletivos do país.

A idéia de uma cidadania operária passa pela sua participação política, pela ocupação do seu espaço junto às outras classes produtivas do país. Não cabe aqui a idéia de um governo operário, a classe operária seria a *primus inter pares*, seria a base das sociedades democráticas e desenvolvidas.

Outro ponto importante é a defesa incondicional da democracia como item básico da ideologia do Partido Operário. Democrática deveria ser a sociedade surgida dos escombros do Império; democráticas deveriam ser as relações que sustentam os processos internos dentro do próprio Partido Operário.

Assim é a proposta que França e Silva apresenta a Lacerda para combaterem a incomoda presença do Tenente Vinhaes no seio do proletariado; que a liderança no movimento operário fosse definida numa assembléia onde os próprios operários definiriam aquele que deveria exercer a liderança do movimento.

Ele teria a oportunidade de expressar seus ideais democráticos no desenrolar dos acontecimentos que levaram a

criação dos partidos operários liderados por ele e por José Augusto Vinhaes.

A constituição de um partido operário alternativo ao de Vinhaes se faria por etapas demonstrando a preocupação de França e Silva em afirmar suas diferenças com o projeto e os propositos do tenente.

Primeiramente surgiu a necessidade de contrastar o personalismo do tenente com o desapego reiterado de França e Silva com a liderança do movimento. Para isso, evitou apossar-se da cadeira de "chefe" do Partido Operário, escolhendo para esta função Roberto Kingsmann Benjamin, diretor da New York Life Insurance Company, poderosa empresa americana de seguros. Esta escolha representa exemplarmente as contradições do discurso e das propostas de França e Silva, se de um lado a escolha deste "honrado" senhor com transito nas mais altas rodas - como diria a sua biografia publicada no Diário de Notícias - refletia a necessidade de França e Silva e seu grupo de encontrarem alguém "neutro" diante do conflito incontornável dentro do movimento operário - depois da recusa em assumir o cargo por inúmeros operários das oficinas do Estado, como nos enfatizou França e Silva. A escolha de Kinsmann Benjamin reflete a necessidade de reconhecimento do Partido Operário diante da "sociedade", da necessidade em reafirmar seu caráter não contestatório, e, em essência, da própria dificuldade do proletariado - e do próprio grupo do Partido Operário - em levar adiante uma organização que tivesse um operário na chefia.

A elegância de Kinsmann Benjamin cairia bem para a necessidade de afirmação do Partido Operário: estudou na Europa e nos Estados Unidos, conhecendo de lá o problema operário - aliás como também havia feito Vinhaes - era músico, o que o ligava a um ofício (resquício das tradições pré-industriais, onde sob o nome "artista" se classificavam operários manuais, artesãos e mesmo músicos, atores, etc.) fazendo-o próximo aos operários, apesar de não viver dele.

França e Silva reafirmava seu desapego pela chefia do movimento, porém Kinsmann Benjamin se revelaria uma escolha infeliz: não passaria dois meses e este partiria para Europa,

onde sua mãe estaria doente. Nunca mais se ouviria falar de seu nome no movimento operário. Com isso, França e Silva definitivamente assumiria a liderança do partido - que na realidade sempre foi sua.

Porém, mesmo o convite a Kinsmann Benjamin estaria subordinado ao método democrático. Antes da definição da chapa para a direção do partido convocou-se uma reunião para formar uma chapa prévia, que após sugestões de operários presentes foi substituída por uma mesa provisória e uma comissão auxiliar que teriam como função contatar operários do Estado e das casas particulares para comporem a direção do partido e proporem medidas de interesse do proletariado. Todas essas medidas tomadas deveriam ser referendadas por uma grande assembléia popular a ser convocada em seguida.

Ainda faltaria um ponto essencial que asseguraria a diferenciação entre o grupo de França e Silva e as outras pretensas lideranças operárias: no dia 28 de abril de 1890, França e Silva e seu grupo tornam a público o "Manifesto-Programa à Classe Operária", seus doze itens representam seu esforço por apresentar um programa de ação e de reformas que pudessem conquistar a adesão de todos os setores operários. A intenção de desafiar os outros pretendentes a liderança do movimento, e negar-lhes legitimidade é explícita:

"(...) os diferentes grupos operários, que ambiciosamente se constituíram antes de nós, têm até hoje iludido a boa fé de seus partidários e a opinião pública, visto que não delineiam um plano de combate e nem traçam um programa que justifique sua pretensão à direção suprema do Partido. Os presentes chefes que por aí andam não podem apresentar projetos, pela razão de não conhecerem as necessidades do operário e terem outros compromissos que os incompatibilizam com o lugar

mencionado.<sup>99</sup>

Assim estava feita a preparação para a cartada decisiva do grupo de França e Silva: marcariam uma reunião para o dia 11 de maio, com a função de definir a chapa que comporia a futura diretoria do Partido Operário. Esta reunião deveria eliminar de uma vez por todas as disputas pela liderança do Partido, particularmente endereçada a Vinhaes a convocação apresentava a chapa do grupo de França e Silva propondo aos outros grupos que fizessem o mesmo.

Porém, os adversários não concordaram em participar do jogo sob as regras de França e Silva. Vinhaes, particularmente, usou a tática de esvaziar a reunião, convocou para a mesma hora em local diferente uma palestra de Plácido de Abreu, e segundo acusações de França e Silva, mandou correligionários seus contestarem a reunião do Recreio Dramático - não por coincidência o mesmo local onde se realizou a reunião onde pela última vez França e Silva e Vinhaes se defrontaram, e onde havia se delegado a uma comissão designar a futura diretoria do partido operário, diretoria esta que foi atropelada pela decisão de Vinhaes e outros, de formarem seu próprio partido operário -, o que é certo é que a reunião foi muito tumultuada, havendo uma parte significativa dos presentes se ausentado do recinto antes da votação final.

Segundo a versão de França e Silva, Augusto Struc, secretário do partido de Vinhaes, tumultuou a reunião fazendo que mais de duzentas pessoas, que iam votar na sua chapa, atemorizadas pelo tumulto, abandonassem o recinto. Segundo a versão de Vinhaes, um grupo de operários observando que vários presentes votavam mais de uma vez, se recusaram a participar da farsa e saíram da reunião gritando vivas a Vinhaes e se dirigiram ao local da palestra promovida por este para afirmar a sua adesão ao seu partido.

O certo é que as pretensões de unificar o movimento operário

---

<sup>99</sup> E. P., 26.4.1890.

não deram certo, a chapa de França e Silva foi eleita com 450 votos - para Vinhaes apenas 40 pessoas estavam presentes -, o que apesar de ser considerado um número ótimo pelos partidários de França e Silva, demonstra a incapacidade de seu grupo em sensibilizar grande número de operários, incapacidade já demonstrada quando este não conseguiu achar um operário que se dispusesse a aceitar o cargo de "chefe" do partido.

Os números apresentados pelas duas facções indicam o público atingido pelas propostas socialistas: a reunião no Recreio Dramático, a 9 de fevereiro de 1890 - que reuniu Vinhaes e França e Silva - eles estimaram uma assistência de 3.000 pessoas; já a reunião de 23 de março, no Polytheama Fluminense - que definiu o programa do Partido Operário - o grupo de Vinhaes contabilizou cerca de 2.000 pessoas presentes; enquanto que a reunião do grupo de França e Silva, no dia 11 de maio no Recreio Dramático - que elegeu a chapa deste para a diretoria do Partido Operário - somou entre 450 a 480 votantes, mais 200 presentes que, segundo França e Silva, se ausentaram antes da votação final dando um total máximo de menos de 700 pessoas.

A isso devemos acrescentar a votação para a Câmara dos Deputados em finais de 1890, onde os candidatos dos três grupos operários somados não tiveram mais do que 3.500 votos; do grupo de Vinhaes: Bento José Ribeiro (950), Manuel Viegas (744), Pereira Santos (682), Hostílio Cervantes (32); do grupo de França e Silva: Kinsmann Benjamin (115), França e Silva (689); do grupo de Dias da Silva: João Costa (03), Dias da Silva (114); do Grupo de Gustavo Lacerda: Mariano Garcia (03), Gustavo Lacerda (05), e mais Tancredo Leal (54).

Obviamente não devemos esquecer a votação do Tenente Vinhaes - o único eleito com 5.401 votos -, porém, ele foi indicado na chapa oficial do Partido Republicano da Capital Federal e, também, encabeçava a lista do Diretório da paróquia de Santo Antonio. Eleito, portanto, com muitos votos não operários, e o mais importante: as eleições da República Velha eram uma grande farsa, todos os candidatos eleitos faziam parte da chapa do P.R., e a diferença de votos entre eles não passava de dois dígitos. Assim, a votação real de Vinhaes deveria estar abaixo do que foi

divulgada, mais não se deve duvidar que sua votação deve ter sido muito superior da de seus companheiros.

Qual a real dimensão do mundo operário do Rio de Janeiro neste período?

No "Echo Popular" de 26 de abril de 1890, fala-se que "estatísticas minuciosas" revela que havia no Rio de Janeiro cerca de 30.000 operários. França e Silva fala de cerca de 10.000 votos operários em 1890, o que nos leva a pensar que a votação socialista pode ter levado mais de 50% dos votos operários, o que mostra uma boa receptividade destes grupos no mundo operário.

A verdade é que a República trouxe a politização ao mundo operário, a proposição do voto universal e do governo eleito pelo povo estimulou a criação de vários partidos operários, sendo que a criação destes no Rio foi importante para a irradiação das idéias operárias em outros estados: do Pará, do Ceará, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte (Centro Operário Luiz França de Natal), da Paraíba, da Bahia, do Espírito Santo, de São Paulo, do Paraná, do Rio Grande do Sul. Particularmente no Rio de Janeiro estes grupos políticos operários surgiam com frequência, apesar de muitas vezes fugazes. Além dos grupos já citados lembro o Centro Operário de Campos, o Partido Operário de Niterói, o Partido Operário de São Cristóvão, o Clube Republicano dos Operários do Engenho de Dentro, entre outros que se tornavam alvos da disputa entre Vinhaes e França e Silva pela liderança do movimento operário.<sup>100</sup>

Na disputa entre França e Silva e o Tenente Vinhaes seria este último que assumiria o papel de maior destaque dentro do movimento operário. Esta proeminência não é difícil de ser observada, nas diferenças de público em suas reuniões, na quantidade de votos recebidos nas eleições que participaram, mas principalmente pela maior durabilidade e estabilidade do Centro do Partido Operário de Vinhaes, que durou até meados de 1893 - sendo dissolvido após a infeliz participação de Vinhaes no golpe

-----  
<sup>100</sup> J.A. Valladares Pádua, *op.cit.*

que tentou derrubar o presidente Floriano Peixoto. O Banco dos Operários, a principal criação de Vinhaes, durou até 1894, assim como uma dissidência do CPO, o Novo Centro Operário, presidido por João Azurara - surgida em fins de 1892 - duraram também até este ano.

A maior influência de Vinhaes junto ao operariado carioca demonstra a derrota de uma concepção de participação política que se apoiasse na total independência do proletário dos movimentos capitaneados pelas outras classes sociais, particularmente o republicanismo das classes médias urbanas e dos fazendeiros progressistas de São Paulo. Vimos como o tenente Vinhaes usava sua ligação com o republicanismo oficial para ganhar espaços entre o proletariado, assim como aproveitava sua influência nos governos republicanos para defender os interesses operários. O pequeno mundo operário não tinha estrutura nem consistência ideológica ou organizacional suficientemente forte para fazer frente ao governo republicano. Assim, parecia mais lógico apoiar a política de ganhos imediatos de Vinhaes, respaldado pela boa vontade do governo republicano, do que encaminhar-se pelo incerto caminho da auto-organização operária, o "exclusivismo" pregado por França e Silva - sempre há a necessidade de lembrar a existência de reais espaços para negociação entre o operariado e o governo, e isso já fazia parte das experiências anteriores do operariado.

Até porque a experiência organizatória dos operários no período anterior - Império - era composta basicamente de associações operárias corporativas, voltadas exclusivamente para a defesa de seu ofício, normalmente ofícios cujo patrão era o Estado, sendo portanto para lá que se voltavam suas reclamações e seus apelos - vimos como as oficinas do Estado representavam bases importantes dos partidos operários de França e Silva e Vinhaes (todos os sub-chefes propostos por ambos, eram das oficinas estatais).

Resumindo, a escolha da opção Vinhaes se deve principalmente à experiência histórica acumulada pela classe operária carioca até este momento; por uma tradição de relacionamento com o Estado imperial que de alguma forma continuaria com o surgimento da

República; da força desta República que, afinal, despertou na classe operária a consciência de um novo papel e impulsionou esta para formas mais elevadas de organização e participação política.

Esta é, afinal, a dialética das relações entre República e classe operária; ao mesmo tempo que cria um impulso organizatório e de consciência classista para esta, também cria as barreiras para o seu desenvolvimento posterior. Ao mesmo tempo que abre possibilidade de um relacionamento mais igualitário com o proletariado, acaba reproduzindo velhas fórmulas de dependência.

A classe operária escolhe Vinhaes mais pela sua coerência com o seu passado do que pela sua fraqueza naquela conjuntura.

Contudo, não devemos classificar Vinhaes e seu grupo como simples aproveitadores, ou como "pelegos"; Vinhaes reflete mais do que ninguém as possibilidades e as ilusões abertas pelo movimento republicano, e sua trajetória demonstra que as contradições entre as propostas sociais e políticas, e a base social que sustentava o republicanismo impediram a concretização dos ideais democráticos apregoados ao longo de seus programas.

Vinhaes foi um representante autêntico do republicanismo radical e popular que agitou o Brasil no final dos anos 80, disposto a levar os ideais republicanos aos seus verdadeiros depositários. Vinhaes se liga ao nascente movimento operário amalgamando seus ideais republicanos aprendidos no Brasil, com os ideais socialistas aprendidos na Europa.<sup>101</sup>

-----

<sup>101</sup> Esta visão contesta abertamente com a visão corrente da historiografia que geralmente qualifica Vinhaes de "trabalhista" "avant la lettre" - lembro particularmente Hardman & Leonardi, *op cit.*, pg. 245 - ou seja, seu partido operário seria um "órgão de apoio a certos setores da classe dominante, reduzindo o papel dos trabalhadores a meros órgãos de pressão sobre o governo." A tese defendida aqui procura compreender Vinhaes como um descendente radical do republicanismo popular a lá Silva Jardim. A tese de manipulador dos operários, não compreende a relação dialética dos operários cariocas com a República. E Vinhaes não defende "uma das frações burguesas em luta" e sim atua de maneira independente, ora apoiando e depois negando Deodoro, ora apoiando e depois negando Floriano, ora apoiando os Federalistas, ora negando Campos Sales. Vinhaes defende o seu ideal de República, portanto, apoiando aquelas correntes que no momento parecem

Num artigo publicado no "O Paiz" de 5.2.1890, ele já identificava o proletariado como uma das três forças que derrubaram o carcomido Império, junto com os militares, "o povo em armas", e a "mocidade esperançosa das escolas superiores". Seria neste momento, segundo Vinhaes que o operariado adquiriria consciência de sua importância para o destino da nação, e da necessidade de sua organização para defender seus interesses.

Ele parecia ter consciência das forças que se movimentavam para assumir o comando da nação e o domínio político das novas oligarquias já se avistava no horizonte. Vinhaes via no proletariado a própria encarnação dos ideais democráticos eo único grupo social capaz de conter a "aristocratização" da República.

Historicamente a ligação entre os movimentos republicanos democráticos pequeno-burgueses e o movimento socialista teve seu momento de apogeu durante as revoluções de 1848, onde a pequena-burguesia lutou lado a lado com o proletariado por reformas democráticas e contra o domínio político da aristocracia.

Vinhaes propunha a união das classes produtivas - burguesia e proletariado - contra o parasitismo das oligarquias dominantes; o governo emanado do povo, o único verdadeiramente democrático; uma sociedade baseada na ética do trabalho, na distribuição equitativa das riquezas.

Na mensagem aos operários portugueses em ocasião da morte do operário Carlos Franco, publicada no "O Paiz" de 16.10.1890, Vinhaes resume seu ideal de sociedade futura, sua utopia de uma sociedade de pequenos proprietários:

"(...) queremos e haveremos de acabar com as classes improdutivas, estabelecendo pelo sufrágio universal o governo de todos, o governo representativo por

-----

*defender estes ideais. Defende a República popular, a República Social, age independentemente do republicanismo no governo, age com os operários e não sobre eles!*

excelência - a República(...).

"Universalizemos o crédito para que todos possam adquirir os instrumentos do trabalho e os meios de subsistência. E estabeleceremos finalmente, a solidariedade no trabalho e nos interesses, conseguindo-se assim que todo o cidadão, usufrua os bens comuns da patria e os produtos de todas as outras nações."102

O socialismo expressado por Vinhaes não difere ideologicamente do de França e Silva, ambos não trabalham com o conceito de luta de classes e sim acreditam na união das classes. Ambos acreditam que o desenvolvimento da nação se fará com base no trabalho e seu principal propulsor será a classe trabalhadora, porém, não acreditam num governo de operários. Defendem a organização operária e a participação política destes, inclusive com o intuito de dominar as administrações municipais e estaduais.

Os dois representam esta particular vertente de um socialismo utópico que só pode se manifestar sobre a sombra dos esperanças despertadas pela República, da luta contra o reacionarismo da aristocracia agrária e da insipiência de um capitalismo que ainda não andava sobre seus próprios pés.

Assim é que uma das características mais marcantes do socialismo utópico - a crítica mordaz ao capitalismo - teria muito pouco espaço no discurso de nossos socialistas, e a explicação para este fato se dá pela diferença entre a conjuntura do início do século XIX na Europa e o final deste século no Brasil. Se na Europa os socialistas utópicos lutavam contra um capitalismo voraz e que avançava como uma avalanche sobre a sociedade destruindo seus laços comunitários em nome de um individualismo competitivo e selvagem, e levava consigo uma imensa classe trabalhadora a mais sórdida miséria.

-----  
102 *O País* , 16.10.1890.

Enquanto que, no Brasil, vivíamos sob o signo da "revolução" política republicana que acenava com a destruição das arcaicas relações escravistas imperiais e acenava com um futuro de concórdia entre as classes sob a luz da razão, do trabalho, e da democracia.

É nesse contexto que pode ser explicado o surgimento deste socialismo marcadamente utópico empenhado na conciliação das classes produtivas contra o atraso representado pelas classes agrárias ligadas ao escravismo e ao sistema imperial.

É neste contexto que um socialismo com forte tendência saint-simoniana ganharia espaço no nascente movimento operário de tendência socialista.

A debilidade a nível teórico mais importante do socialismo utópico saint-simoniano era a inexistência de uma análise econômica da propriedade, o que os leva logicamente a crer em uma possível convergência de interesses entre proletários e burgueses.

Contudo, o socialismo utópico neste momento no Brasil já apresenta diferenças marcantes com o saint-simonianismo, principalmente no tocante às estratégias para construção da nova sociedade. Enquanto Saint-Simon e seus seguidores na Europa apostavam na criação de sociedades comunistas autônomas - os falanstérios - ou elegiam para veículo das suas idéias os dinâmicos empresários capitalistas - ou apelavam para a compreensão de todas as pessoas, convencidos da racionalidade de seus propósitos<sup>103</sup> - os socialistas utópicos brasileiros tinham a República como projeto de uma sociedade comunitária, tinham no operariado a classe que transformaria as promessas da República política na realidade da República social. E nesse sentido, devido ao caráter proletário de seu movimento, mais próximas de Owen.

Como os owenistas acreditavam na força da razão, acreditavam na propaganda e na educação, bastaria que as pessoas tomassem

---

<sup>103</sup> E. J. Hobsbawm - "Marx, Engels e o Socialismo Pré-marxiano", in: História do Marxismo, vol. 1, pg. 51.

contato com a verdade (socialismo) para que a sociedade mudasse.

Seu programa econômico era do tipo que Marx chamaria de "pequeno burguês", ou seja, enfrentar os problemas do capitalismo adotando medidas como a reforma do crédito, as intervenções sobre a circulação monetária, a reforma da moeda, providências para impedir a concentração capitalista através da abolição da herança ou por outros meios<sup>104</sup>.

O socialismo que se desenvolve principalmente no Rio de Janeiro entre 1890 e 1893 acredita na união das classes produtivas contra o parasitismo da aristocracia imperial, acreditam no progresso e no socialismo, palavras vistas como sinônimos.

Assim é que o único autor citado por França e Silva em seus textos é Rousseau, autor que propunha um igualitarismo dos pequenos produtores - forma econômica que manteria a propriedade privada e o individualismo - e não formas de propriedade coletiva típica do socialismo pós-utópico.

Vinhaes, por outro lado, se auto denominava seguidor das idéias de Saint-Simon:

"Como filósofo aprecio mais Saint-Simon do que Comte. (...) A sua criação religiosa não me seduz, pois, julgo-a como Leon Donnat - 'um feudalismo católico sem deus'. O seu ideal político muito menos, visto o meu espírito democrático repugna aceitar como dogmas a apologia da ditadura sobre todas as formas (...) e que finalmente não contente de ter formado a sua oligarquia dos letrados, instituiu uma oligarquia de ricos com a incumbência de dirigir a massa dos proletários a 3\$ por dia (...)." <sup>105</sup>

A influência de Marx sobre Vinhaes não é muito significativa, ele mesmo confessa ter mais afinidades com David Ricardo que com

-----  
<sup>104</sup> *ibid.*, pg. 55.

<sup>105</sup> *O Paiz*, 19.02.1890.

aquele:

"(...) da escola de Karl Marx o proletário brasileiro só adota algumas interpretações que aquele ilustre socialista fez das belas teorias sobre o valor salário de grande David Ricardo."<sup>106</sup>

O trabalho como a única fonte produtora de valor sem dúvida é uma idéia tentadora para quem busca a dignificação do trabalhador, mas Vinhaes vai adiante e incorpora o conceito de mais-valia de Marx – sem, no entanto, levar esta idéia a suas últimas consequências, ou seja, a necessidade da superação do capitalismo e da burguesia. Vejamos este artigo que defende a adoção, pelo governo, do dia de trabalho de 8 hs.:

"Quando na Europa, zona de clima temperado, se procura reduzir o dia de trabalho a 8 hs. com um dia de descanso por semana e que, para tal conseguir, homens da estatura de Blanqui, Luigi Cossa, Karl Marx, Schoeffle e outros devotaram todo o seu poderoso intelecto, não é justo que no Brasil, país tropical, se obrigue o operário a trabalhar 10 a 11 hs. por dia. Em virtude da lei férrea do trabalho, o industrial, governo ou particular, paga ao operário o estrito necessário para que este não morra de fome. Ora, um operário, em 6 hs. ou menos ainda, produz ao equivalente ao seu salário. O que ele fabrica durante o resto do dia é em proveito do patrão, o que se torna uma imoralidade quando este é o governo."<sup>107</sup>

É importante esta sua busca de delimitação entre as forças que combateram o *Ancien Régime*, apesar da sua visão do papel do

-----  
<sup>106</sup> O País, 10.02.1890.

<sup>107</sup> O País, 19.01.1890.

proletariado na nova sociedade o pudesse aproximar das visões positivistas, a sua defesa incondicional da democracia criava um abismo com estes, esta é outra característica marcante do socialismo defendido por nossos primeiros socialistas.

Vimos como a partir de 1848 o proletariado europeu teria que contar com as suas próprias forças, este não teria mais interesses comuns com a burguesia.

O Brasil que encontramos pode ser compreendido como estando politicamente no período anterior a 1848, a luta das forças progressistas da nação se concentra na luta contra a escravidão e na luta contra o poder imperial, contra o domínio político dos aristocratas rurais. A diferença essencial em relação à Europa é que os atores principais da luta contra o *Ancien Régime* não são a burguesia e os trabalhadores urbanos, mas sim setores progressistas da burguesia agrária e classes médias urbanas.<sup>108</sup>

Neste contexto, ao nascente movimento operário cabe a luta pelo seu espaço no desenvolvimento nacional, a burguesia aparece como a grande aliada para um projeto modernizante baseado na industrialização, na dignificação dada pelo trabalho, na luta contra ex-escravagistas e oligarcas decadentes.

Isto só poderá ser conseguido pela quebra do monopólio destas oligarquias retrógradas que dominavam a política brasileira, a defesa da República - regime que encarnaria a quebra dos privilégios sociais e políticos, dados pelo direito - e do regime democrático - expressão de um governo produto da vontade popular. A aliança com a jovem indústria que se erguia nesses anos parecia natural aos olhos dos líderes do movimento operário.

Assim, se compreende a aceitação das idéias saint-simonianas dos nossos primeiros socialistas, o conflito entre burguesia e proletariado não estava ainda nítido<sup>109</sup>; assim, não se deveria

-----  
<sup>108</sup> Aqui, especificamente, estou fazendo uma diferenciação entre as forças que combateram pela República e aquelas que combateram pela Abolição - do qual participaram os próprios escravos, e de que estava ausente os proprietários rurais.

<sup>109</sup> A idéia de um socialismo utópico que emerge em um período inicial da luta de classes é desenvolvido na obra clássica de

confundir o caso brasileiro e com o caso europeu:

"O Socialismo atravessando o Atlântico atenuou-se, chegando as nossas plagas expurgado de ódios, de vinganças e represálias. Na terra livre da América o temeroso problema da questão social ou por outra, da questão do capital e do trabalho, será resolvido de modo pacífico e a contento das duas partes interessadas.

Neste país de ontem o operário, o proletário não tem a vingança de 16 séculos de opressão e de clamorosas injustiças e que na hora da reinvidicação lança mão da violência e do extermínio cego pela paixão e pela fome. (...) Na organização do Banco dos Operários deram estes provas brilhantes e altamente significativas que se acham dispostos a conquistar os direitos que lhes competem, não por meio da violência, mas de mão dadas com os que ontem julgavam inimigos, mas que hoje vem ao seu lado como auxiliares poderosos e dedicados."<sup>110</sup>

Outra característica importante de seu socialismo é o seu caráter reformista, este pode ser explicado pelo próprio conciliador de seu discurso, o caminho a ser seguido é o da persuasão, não do confronto. Como seu socialismo não se baseia na crítica à propriedade, não existe a idéia da expropriação da burguesia:

"(...) Esse ideal, porém, só poderia ser conseguido de forma pacífica, e não 'através de uma revolução que arranque violentamente todas as riquezas aos ricos para distribuí-las aos pobres'. Além disso, ele só poderia ser atingido a longo prazo, pois, 'para transformar as

---

Engels - "Socialismo Utópico e Socialismo Científico", in: Karl Marx & Friedrich Engels - Obras Escolhidas, SP, Alfa-Ômega, s/d.  
<sup>110</sup> O Paiz, 16.05.1890.

instituições jurídicas, a propriedade, a organização da família e as condições econômicas é preciso modificar os costumes, os usos e as opiniões, e para isso é mister a educação de pelo menos uma geração'. (...) 'Não confundam, por favor, socialismo, com anarquismo'.<sup>111</sup>

Para os socialistas do período a violência como forma de fazer política deveria ser decididamente expurgada do dicionário, sua maior luta era adquirir respeitabilidade perante o governo, perante a sociedade e perante seus futuros parceiros, a burguesia industrial. O apelo a violência que tanto convulsionava a Europa destes dias era um exemplo a ser exorcisado, o anarquismo seria assim o exemplo funesto do "ódio acumulado de 16 séculos" que convulsionava a classe operária, exemplo este que nossos socialistas queriam evitar.

No Brasil do final do século 19 apelos a violência e ao radicalismo, podiam facilmente ser confundidos com a crítica ao regime e portanto ser taxados de "monarquistas".

Dentro da disputa pela liderança do movimento vemos como este argumento é utilizado para "denegrir" a facção de França e Silva. Valério Flaccus, aliado de Vinhaes, num artigo no "O Paiz", de 19.02.1890, diz que a disputa no movimento operário só haveria dois partidos: "o partido do operário, que é o da República, e o partido de D. Sebastião, que é dos títeres."

O envolvimento em movimentos para restaurar a Monarquia era a mais temida acusação, e abria um perigoso precedente, pois ao atribuir a "pecha" de monarquista ao rival, impedia que grupos operários se mantivessem autônomos do governo ou em oposição a ele sem ser perseguido como monarquista.

A forma com que o artigo se aproveita de sua aproximação do governo para desqualificar aqueles que não estão abre a possibilidade que este próprio grupo operário seja perseguido quando não concordar com os caminhos tomados pelo governo.

---

<sup>111</sup> *O Paiz*, 10.11.92.

Assim seriam os tortuosos caminhos do grupo de Vinhaes, delimitados entre a necessidade de manter o bom relacionamento com o governo e de construir um forte movimento operário que pudesse futuramente ocupar os espaços políticos da República.

Um caso exemplar é a atitude de Vinhaes e do Centro do Partido Operário, quando da decretação de 3 artigos do código penal que virtualmente proibiam as greves. Constitui-se uma comissão e fez-se uma intervenção junto ao governo para a revogação dos decretos. O Centro não conseguiu revogar os decretos mas conseguiu que o governo penalizasse as greves apenas quando estas fossem conseguidas através de "ameaças, violência ou manobras fraudulentas". Esta solução desagradou muitas lideranças operárias, que ameaçaram com uma greve se os artigos em questão não fossem revogados.

Vinhaes e o CPO aceitaram plenamente a solução ambígua - já que qualquer padrão poderia acusar operários em greve de estar usando a violência, o que efetivamente aconteceria - e ainda criticavam os outros grupos operários de "colocar o governo contra a faca e a parede". 112

No entanto é importante dizer que o comportamento de Vinhaes não era submisso ao governo republicano, não faltam críticas suas a atitudes do governo que feriam os interesses do operariado.

Ele sabia que sua sua força vinha da sua relação com o proletariado e sua atuação na Câmara dos Deputados prova isso. Agiu sempre em defesa das reivindicações operárias. No Congresso de então era uma voz distoante do conservadorismo reinante:

"Já disse e repito - o povo está cansado de ser espezinhado. Tem direito de exigir nesse regime, que se diz democrático que a lei seja igual para todos, que não haja aqui uma justiça para o pobre e outra para o rico (...). Mas, senhores, eu estou perfeitamente descrente das promessas dos nossos governos. Na ocasião do perigo

---

112 *O País*, 16.12.1890, cf., José A. Valladares Pádua, *op. cit.*, pg. 181.

eles declaram-se os homens mais mais benignos, uns filântropos de primeira ordem, mas passando o perigo, retomam a sua primitiva arrogância, continuando a espezinhar o pequeno e desprotegido..<sup>113</sup>

Vinhaes, apesar de ser eleito pela chapa oficial do Partido Republicano, se identificava na Câmara como chefe do Partido Operário, e se denominava um deputado socialista.

Seduzia-se particularmente pelo método democrático do "governo eleito pelo povo". Deodorista de primeira hora, abandonou-o quando este dissolveu a Câmara; tramou a ascensão de Floriano, conspirando contra esse no momento em que ele reprimiu barbaramente os revoltosos federalistas no Rio Grande do Sul. Sua última intervenção de peso seria uma participação numa conspiração contra o governo Campos Salles em 1900 - acusação em que foi absolvido. As suas duas mais importantes realizações o Centro do Partido Operário, e o Banco dos Operários não suportaram a suacassação.

O Banco dos Operários - uma clara influência das idéias de Owen e Proudhon - que nasceu para "transformar o operário em capitalista"<sup>114</sup>, era a mais ambiciosa tentativa de Vinhaes em promover a justiça distributiva. No projeto de Vinhaes e de seu grupo havia a intenção de criar uma base econômica própria para a classe operária - além do banco houve a criação de um Armazém Cooperativo de Consumo (para vender artigos básicos a preços baixos) e a construção de Vilas Operárias (como a de S. Francisco Xavier, no centro da cidade), que desse a esta classe a segurança econômica, base necessária para levar os seus planos políticos adiante. Também era uma maneira de realizar a tão sonhada comunhão entre as duas classes, iniciando uma cooperação que fosse o embrião de futuros empreendimentos.

---

<sup>113</sup> Intervenção na sessão de 23.02.1891, sobre a greve na Central do Brasil - onde ocorreu a morte de um operário; in: *Annaes do Congresso Constituinte*, 2ª ed., vol. III, pg. 819.

<sup>114</sup> *O Paiz*, 5.5.1890, cf., J.A. Valladares Pádua, op. cit., pg. 182.

Depois de um início fulgurante - em fevereiro de 1891, Vinhaes afirmou que o mesmo possuía 6.722 acionistas, 1.934 dos quais operários<sup>115</sup> - o Banco foi abalado por inúmeras crises, vindo a falir em 1894. Produto típico da euforia monetária do período do Encilhamento, idéia extremamente controvertida, atacada pelos adversários como uma enganação para explorar a boa fé dos operários e enriquecer Vinhaes e os capitalistas que estavam por traz do Banco.

França e Silva fez as mais duras críticas ao Banco, particularmente de que sua diretoria era composta majoritariamente por banqueiros, que tinham por objetivo enriquecer as custas dos operários. A crítica de França e Silva era mais sobre a forma com que o banco foi idealizado, pois ele mesmo planejava criar o seu próprio banco, dirigido basicamente por operários, e destinado a conceder-lhes pequenos empréstimos, aposentadorias, auxílios doença e desemprego, e também financiar casas operárias. A forma utópica de libertação de proletário que acompanhava a idéia do banco não era questionada.

Assim como no caso do Banco dos Operários, o Centro do Partido Operário surgiu com grandes promessas, mas não sobreviveu ao ostracismo político de Vinhaes.

Concebido para ser o veículo de realização dos objetivos políticos do grupo de Vinhaes, ou seja, organizar o proletariado para a disputa do poder político, o CPO era mais do que um partido político. Era também uma espécie de central sindical já que sindicatos eram raríssimos nestes dias. O CPO geralmente procurava intervir ao eclodir as greves procurando intervir perante o patrão - quer este fosse particular ou estatal - buscando soluções conciliatórias. O que não impedia que desse seu apoio logístico quando o confronto se tornasse inevitável. O padrão de atuação no caso de greves do setor público era o seguinte: via de regra Vinhaes usava seu prestígio frente ao governo para conseguir que as reivindicações operárias fossem

-----  
<sup>115</sup> *ibid.*, pg. 183.

aceitas. No caso do setor privado Vinhaes procurava ser um interlocutor confiável para os patrões, sempre recomendando moderação e ordem aos operários.

O Centro serviu como um espaço de reuniões e discussão de varios ofícios e categorias, nos seus salões os operários tinham acesso a aulas conferências, bailes e atividades recreativas e chegou-se a criar um embrião de previdência social, através de uma Caixa de Socorros. Além disso, graças ao concurso de médicos simpatizantes da causa operária, foi montado um sistema informal de atendimento gratuito aos membros do Centro.<sup>116</sup>

Lembre-mos como Franca e Silva e seu grupo tinham uma atitude extremamente vacilante em relação às greves. A atitude "positiva" do grupo de Vinhaes em relação ao apoio às greves, contrastando com as práticas de Franca e Silva, mostra que seria irreal compreender a posição de liderança de Vinhaes, apenas, pela sua posição relevante dentro do republicanismo. Este procurava organizar o proletariado para futuramente exercer um papel importante na vida nacional e também oferecer soluções reais, a curto prazo, para uma classe que era totalmente desprovida de direitos sociais e trabalhistas.

Vinhaes não se baseava apenas na sua influência no governo federal. Ele sabia que uma massa operária forte e unida em torno de uma organização era a melhor garantia para arrancar do governo - que se mostrava dia a dia arredio em confirmar na prática suas pretensões democráticas - os direitos a que tinham direito os operários.

Ele procurou dar ao CPO a forma adotada pelos partidos operários da Europa, dos partidos de massa - e não de partido de quadros, de elites, como os demais partidos brasileiros (o Partido Republicano, por ex.) da representação por oficina. Cada oficina, pública ou privada, elegia dois representantes para compor o conselho administrativo do partido, representação delegada por mandato imperativo, ou seja, o representante podia

-----  
<sup>116</sup> *ibid.*, pg.181.

ser substituído a qualquer hora por decisão dos operários.

Um exame na lista de oficinas que elegeram representantes para o conselho do partido nos dá um perfil extremamente interessante da classe operária da Capital Federal. O grosso das oficinas representadas era composto pelos diversos setores das grandes oficinas estatais: Arsenal da Marinha, Arsenal de Guerra, Estrada de Ferro Central do Brasil, etc. (Cada setor dessas oficinas, por ex. pedreiros da Central, caldeiros do Arsenal da Marinha, etc., tinha direito a dois representantes no CPO.) Em segundo lugar vinham as representações de serviços públicos, como a Alfândega, a Companhia de Bondes da Vila Isabel, as Estradas de Ferro Baturité e Rio do Ouro, a Repartição dos Telégrafos, etc. Por fim, e em menor número, tínhamos as representações das fábricas privadas, como a Tecelagem Carioca, a Companhia Progresso, a Fábrica de Tecidos Rink, a Confiança Industrial, a Oficina Litográfica Paulo Rubin, a Companhia de Vidros e Cristais do Brasil, a Fábrica de Tecidos Vila Izabel e a Fábrica de Móveis Moreira Elia. A classe dos artistas teatrais estava também representada.<sup>117</sup>

O caráter extremamente democrático da organização do CPO, no entanto, não esconde suas dificuldades em penetrar nas oficinas particulares. O correr do tempo mostrou que a organização não funcionava como seu caráter democrático fazia crer.

Já a partir de 1892 era nítido que o CPO fazia água - depois de um primeiro momento de atuação destacada -, as crises político-militares e o crescente recrudescimento do governo para com o movimento operário iriam colocar as fraquezas do CPO a nú.

Valladares Pádua, relaciona três fatores que desencadearam as crises internas do Centro: a) o não atendimento de reivindicações de setores do operariado; b) a luta pelos cargos no interior do CPO e c) os problemas do Banco dos Operários.<sup>118</sup>

É óbvio que o cartão de visitas de Vinhaes era sua forte

-----  
<sup>117</sup> *ibid.*, pg. 174.

<sup>118</sup> *ibid.*, pg. 187.

ligação com o governo republicano, ligação esta que prometia muitas vantagens a quem se filiasse ao seu grupo; porém, esta ligação também levava o CPO a ser dependente das boas graças do governo para com as reivindicações operárias, quando o governo republicano mostrou sua verdadeira face - a oligárquica - o CPO se revelou impotente para pressionar este governo. As mesmas relações de proximidade que no início foram importantes para impulsionar o CPO se revelariam no final produtoras de expectativas que não se realizariam.

Por outro lado, ao apostar na conquista de benefícios e direitos via concessão do poder público, Vinhaes estava indiretamente quebrando a base de onde emanava sua influência; ou seja, a construção de uma consciência de classe de onde sairia uma classe operária capacitada para atingir o objetivo último do CPO, que seria a ocupação dos espaços políticos, seria impossibilitada pela mediação de Vinhaes e seu grupo, que tinham como objetivo último evitar o confronto e a crítica ao governo republicano e à classe burguesa.

Incapaz de desenvolver a sua própria política, imobilizada pela constante busca da conciliação via seus intermediários políticos a classe operária perdeu seu impulso inicial. A prova disso estaria na constatação do desmoronamento da estrutura democrática inicial do CPO.

Em dezembro de 1892, tomou posse uma nova diretoria do Centro, presidida por José Dias de Carvalho Neto. Ela encontrou a estrutura organizacional por oficinas funcionando apenas no papel; em muitas oficinas as representações não existiam, representantes sem apoio da base, oficinas sem ter sequer seu representante. Avaliando corretamente que a força do CPO estava nos núcleos de representação por oficina, a nova diretoria estimulou os operários a realizarem novas eleições. Aparentemente era tarde demais: o CPO não conseguiria mais se recuperar.

João Azurara foi mais a fundo nas suas críticas a política de Vinhaes e o CPO, formou no mesmo mês de dezembro de 1892 o Novo Centro Operário, uma dissidência do CPO. O NCO pregava um política autônoma e mais radical que o CPO. Seu projeto mais conhecido foi a tentativa de instituir as Bolsas do Trabalho.

Copiando o modelo belga, estas cooperativas de produção procuravam criar uma base produtiva e de consumo exclusivamente operária - "seria o primeiro serviço socialista de emancipação proletária" -, livrando-os da dependência do Estado e da burguesia.

É Azurara que diz que os objetivos do NCO são: "(...) emancipação dos trabalhadores por meio dos próprios trabalhadores, livrando-os da dependência dos patrões."<sup>119</sup>

No entanto a independência era impossível ao se instalar a Revolta da Armada em 1893, pois para Floriano não havia posições intermediárias, quem não fosse amigo era inimigo. Todo movimento operário passou a ser suspeito. O CPO que se mantinha vegetando dissolveu-se em 1893. O NCO colocou-se abertamente ao lado do governo, o que além de lhe proporcionar uma maior sobrevivência ganhou a incorporação de elementos do finado CPO. Porém, nem a incorporação de intelectuais de renome como Pardal Mallet e Augusto Cardoso, livrou o NCO da desagregação. Afinal, o compromisso inicial que o constituiu não passou da primeira crise política do país que enfrentou.

Vinhaes ainda seria visto na organização do Centro Doméstico - depois Centro Cosmopolita -, em 1903, chegando a manter contatos com Vicente de Souza e o Centro das Classe Operárias, porém, sua hora já tinha passado.

Quanto a França e Silva este, após a derrota nas eleições de 1890, inicia um processo de radicalização ideológica e de reconstrução partidária.

No Manifesto publicado na edição de 7 de novembro de 1890 do jornal *Echo Operário*, França e Silva mostra sua desilusão quanto ao pleito eleitoral de setembro daquele ano, proclamando a ilegalidade das eleições, pois o seu regulamento mandava queimar as cédulas após a apuração dos votos. Reavalia o processo de construção do partido apontando para dois caminhos a serem

---

<sup>119</sup> *O País*, 18. 4. 1893

trilhados para a reconstrução deste; combaterem isolados revigorando e robustecendo seu próprio elemento e evitar elementos oportunistas, que teriam entrado em seu partido apenas para eleger amigos seus, estranhos ao proletariado. Ou seja, radicalizando seu *exclusivismo*.

Contudo, o Partido Operário de Franca e Silva mantinha-se à sombra do partido de Vinhaes, e só voltaremos a ouvir falar dele em meados de 1892, quando Franca e Silva e seu grupo realizam a primeira tentativa de criar um congresso operário no nível nacional.

De 10 de agosto a 5 de setembro de 1892, realizar-se-ia o Congresso Operário Nacional, o primeiro congresso operário e socialista de caráter nacional !; - não é à toa que o congresso socialista de 1902 se autodenominasse 2º Congresso Socialista, procurando criar um elo simbólico com este Congresso - haveria delegações representantes de organizações operárias do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, do Ceará, do Piauí, do Pará, da Bahia, do Maranhão, de Pernambuco, além do Rio de Janeiro.

Todavia, o Congresso não parecesse ter alcançado o sucesso que pretendiam seus organizadores. Muitas denúncias de irregularidades apareceriam durante a realização; representantes da delegação da Liga Operária de Pelotas (RS) denunciaram que muitos pretensos representantes de várias organizações operárias não tinham legitimidade para sê-lo. Nesta mesma denúncia se afirma ainda que a organização do Congresso pretende criar uma maioria artificial para realizar seus desígnios.

Não parece haver dúvida que o simples relato das organizações consideradas irregulares nos levam a duvidar da sua real participação no evento, ou mesmo de sua existência real.

Se não, vejamos: Partidos Operários de Vila de Pacoty (CE), P.O. de Vila Jardim (CE), P.O. de Redenção (CE), P.O. de Pernambuquinho Serra do Baturité (CE), P.O. da Vila dos Remédios (CE), P.O. de Crato (CE), P.O. de Vila dos Porteiros (CE), União Operária de Palmares (PE), etc.

Ou seja 7 P.O.'s de Pernambuco e 8 do Ceará, o mesmo nº dos representantes do Estado do Rio de Janeiro! Não há como pensar que estas organizações não seriam "fantasmas". Assim, é provável

que além do Rio, talvez tivessem comparecido ao Congresso os grupos operários de Santos e de São Paulo (SP), do Rio Grande do Norte, Bahia, e Pelotas (RS). O que não deixa de ser significativo, apesar de tudo, afinal de contas estamos em 1892, e a reunião de representantes operários de 5 Estados, os de maior contingente operário da época - talvez com excessão do Rio Grande do Norte - é um fato de extrema importância!

No entanto, ao que parece o Congresso foi um tanto conturbado, a União Operária e Proletária (RJ) se desliga do Congresso, por não aceitar a inclusão do tema sobre a construção de um partido socialista no Brasil, considerando-a prematura e, portanto, antipatriótica!

Do Congresso, no entanto, resultou a criação do Partido Operário do Brasil, a primeira tentativa de se criar um partido operário a nível nacional. Também foi divulgado o Programa de 41 pontos deste partido, segundo Valladares Pádua o mais avançado programa operário até então.<sup>120</sup>

O programa era realmente extremamente avançado nas questões do direitos civis, sociais e políticos para a classe operária, e também não negava seu caráter francamente socialista. No seu artigo 5 dizia: "Convocação de uma assembléia nacional para revisão da constituição do país e pronunciar-se sobre a forma decisiva do seu governo, de baixo da doutrina socialista."<sup>121</sup>

Contudo, o Partido Operário Nacional não vingou, depois do término do Congresso pouco se ouviu falar do Partido. A crise política no período da Revolta da Armada atingiu também o grupo de França e Silva, sendo seu jornal "O Socialista" proibido de circular, pela polícia do Rio de Janeiro, em 1893. A morte de França e Silva, em abril de 1894, encerrou as atividades de seu grupo.

A desestruturação do movimento operário depois de 1893 mostra não apenas a incapacidade do governo republicano em conviver com

---

<sup>120</sup> *ibid.*, pg. 179.

<sup>121</sup> *SRJ*, 4.3.1893.

as reivindicações operárias, mas o seu caráter de intolerância política a qualquer grupo que não fosse seu aliado inconteste. Mostrou também que o nosso primeiro movimento operário e socialista foi incapaz de fincar raízes no proletariado, incapaz de criar um movimento politicamente autônomo e uma visão de mundo independente. Os socialistas que se seguiriam teriam que construir o movimento praticamente do zero, digo praticamente porque os primeiros partidos operários de 90 não seriam esquecidos, e passariam a ser uma referência para as futuras organizações operárias-socialistas.

Logo em 1895, passada a agitação política desencadeada pela Revolta da Armada, seria fundado o Partido Operário Socialista, liderado por Mariano Garcia, tendo como veículo o jornal "O Operário". A reunião de fundação da nova agremiação política foi realizada no Belódromo Nacional, comparecendo cerca de 300 a 400 operários - o que não deixa de ser um bom número, devido aos acontecimentos anteriores, mas demonstra um patamar bem inferior ao conseguido em 1890.

Mariano Garcia, participante das lutas operárias de 1890 no grupo de Gustavo Lacerda, e que viria a ser um dos mais importantes líderes socialistas dos anos seguintes, busca legitimação para o novo partido focalizando suas raízes nos grupos surgidos em 1890, entendidos como os verdadeiros fundadores do movimento operário no Brasil:

"Subordinando-se a uma orientação única, este periódico considera-se uma continuação de todos quantos após a Voz do Povo, iniciadora de nosso partido (...) 'O operário por si e para si.' (...) Começa novamente no Brasil e principalmente nessa capital, a agitar-se a propaganda operária tão bem iniciada em 1890. (...) não é digno que continuemos como outrora a discutir individualidades ou pequenas rivalidades (...)."122

---

122 *O Operário (RJ)*, nº 01, 12.10.1895.

O mais interessante, ainda, é a tentativa de cultuar a pessoa de França e Silva, não só como o fundador do movimento operário no país, como o seu primeiro mártir.

Todo movimento político que procura legitimar sua atuação busca refazer a história - sua e da sociedade - segundo sua visão, procura também criar suas próprias referências, ou seja criar a sua própria visão de mundo. Dentro disso está a construção de sua própria história, refazendo sua lutas, glória, inimigos e também, cultuando seus heróis e mártires.

Assim é que o Congresso Socialista de 1902 revive a memória de França e Silva, buscando legitimação para seu encontro. De Ambrys apresenta a seguinte moção no encerramento do Congresso, que é aprovada por aclamação:

"O Segundo Congresso Socialista Brasileiro, considerando que o primeiro Congresso Socialista na Capital Federal em 1890, foi um grande incitamento para a emancipação humana, a qual só pode ser uma verdade com a vitória do socialismo, declara reviver a memória do imortal França e Silva, lavra um voto de louvor àqueles que tomaram parte no dito Congresso e que ainda existem,"<sup>123</sup>

Os militantes do movimento socialista, refazendo a sua própria história, procuraram criar o mito França e Silva, o mito do fundador, este seria o primeiro a defender uma política operária autônoma, lutou contra os representantes da burguesia, foi perseguido e morreu no ostracismo, foi renegado pela própria classe que não compreendeu suas idéias. Autodidata, foi o primeiro a veicular as idéias marxistas no Brasil, foi o primeiro socialista. Num artigo do Echo Operário (RS), de 19 de maio de 1898, o articulista retorna às disputas de 1890:

-----  
<sup>123</sup> O Estado de São Paulo, 2.6.1902.

"Ele era o ídolo da classe operária. Lembra-se ainda que um ilustre defensor da burguesia, o cidadão 1º tenente da armada Augusto Vinhaes pretendia a chefia do Partido Operário no Rio de Janeiro e França e Silva, aquela nobre alma, combateu-a, demonstrando que a classe operária nada tinha a esperar de um chefe eleito da burguesia, que gozava de todas as comodidades da vida, enquanto aquele, pobre operário, a tudo se expunha pela defesa de sua classe."

Mariano Garcia - que participou do Congresso Operário de 1892 - promove um movimento para dar um pequeno monumento em memória a França e Silva no seu túmulo no cemitério de São Francisco Xavier, que se inaugura em 1897 com uma grande romaria operária. Daí para frente, ano a ano, os grupos operários faziam essas romarias ao túmulo de França e Silva; o objetivo do movimento foi para revitalizar o movimento socialista, o que parece ter tido razoável sucesso.

Estevão Estrella, uma das figuras mais importantes e ativas do movimento socialista na República Velha, fez um definitivo obituário de França e Silva:

"A filosofia marxista, base do socialismo científico, é quase completamente desconhecida pelos nossos letrados, até pelos lentes de sociologia e economia política, o que não deixa de ser uma vergonha para as faculdades de direito. Trabalho algum existe, como já dissemos, sobre a reforma social a não ser o livro publicado em 1852, em Pernambuco - "O Socialismo", escrito pelo Gen. Abreu Lima e o periódico - "O Socialista" - publicado na Capital Federal pelo denotado tipógrafo França e Silva (...). Pode-se dizer, sem medo de contestação, que este periódico foi o 1º órgão que, em língua nacional, nas brasílicas plagas cabralescas, pregou conscientemente, sem rodeios, o socialismo - única bandeira que defende os direitos do povo. (...) pois vê-se que com uma força de vontade férrea estudou o marxismo e, de posse desse

arsenal de ciências positivas, metralhou, enquanto vivo, as muralhas carcomidas da sociedade burguesa (...). Assim França e Silva de 1890 a 1894, data em que floresceu na Capital Federal, sofreu as maiores perseguições e injustiças. Foi forçado a lutar desesperadamente para viver, porque os patrões chupadores de sangue operário, fizeram tremenda parede em todo Rio de Janeiro, contra França e Silva, negando-lhe trabalho, pão e água(...) França e Silva, pois, fazendo-lhe inteira justiça, foi o primeiro martir do socialismo na terra de Cabral. Mas, é de se esperar, pois, que num futuro não muito remoto, a sua memória respeitável será nesta região do globo, venerada por todos os filhos do trabalho. (...) Já anualmente, os socialistas ao lado dos operários mais consciêntes do Rio, fazem um grande cortejo em romaria ao túmulo deste herói (...) Já em dois de novembro de 1897, foi inaugurado um modesto monumento na cova de de tão grande morto, produto de uma subscrição entre os operários fluminenses. (...) Os artigos de França e Silva, sob o ponto de vista doutrinário são moldados com todo o engenho e arte como os dos mais ilustres paladinos da Europa. (...) França e Silva soube inspirar-se nas doutrinas de outro morto mil vezes ilustre, o vulto venerado em todo o mundo, o reformador que derrubou as fronteiras (as fronteiras caem a medida que o marxismo vai sendo conhecido) o grande mestre Karl Marx. (...) <sup>124</sup>

Na memória dos socialistas que se seguiram, França e Silva representa a opção política a ser defendida, o *exclusivismo*, interpretada, contudo, de maneiras diferentes; enquanto Vinhaes representaria o oposto: o *adesismo* ao governo e/ou a burguesia.

---

<sup>124</sup> *Aurora Social* (PE), 1.10.1901.

## CAPÍTULO 05:

### O SOCIALISMO PAULISTA :

### A REPÚBLICA SOCIAL CONTRA A REPÚBLICA BURGUESA

" O que é o Socialismo? É a ciência que nos ensina a compreender qual é o lugar do homem trabalhador na sociedade atual e qual lugar ele tem o direito a ocupar; é a ciência que, mergulhando no oceano da história, vai a suas profundezas avançar a verdade oculta aos olhos do proletariado pelas ondas revoltas do vício e do crime tornado lei; é, finalmente, a ciência que posta a serviço da verdade, armada da força da razão, e empunhando o facho da luz, vem espantar as trevas da ignorância para depor o Deus egoísta e terrível - o capital - e colocar no altar onde ele tem sido adorado, o Deus fator de todas as coisas - o trabalho.  
( Antonio Guedes Coutinho - CATECISMO SOCIALISMO, Echo Operário, 25.9.1898.)

A derrota dos partidos operários cariocas surgidos em 1890, devido aos acontecimentos políticos ocasionados pelo desencadear da Revolta da Armada, e com a subsequente morte de França e Silva e o exílio de Vinhaes, deixou o movimento operário socialista brasileiro sem seus primeiros e principais animadores, o resultado disso é que o movimento operário carioca ficaria por algum tempo desarticulado.

No vácuo desta derrota, porém, surgiriam novos grupos que procurariam levar adiante a semente plantada pelos socialistas cariocas, contudo, não seria mais o Rio a sede do novo impulso das idéias socialistas. São Paulo - que se industrializava rapidamente, crescendo e se urbanizando com uma rapidez espantosa

- seria a nova sede do movimento socialista deste final de século.

A agitação operária de 1890-93 no Rio de Janeiro, como vimos, estimulou a criação de vários partidos, centros e ligas operários em várias cidades pelo Brasil, entre estas cidades não poderia ficar de fora a cidade de São Paulo, onde houve a formação de um partido operário comandado pela controvertida figura de Francisco Cascão. Desse partido operário de São Paulo temos notícia de sua atuação no período de 1890 a 1892, ano em que aparentemente desapareceu após uma vida sem muito brilho, depois de servir de palco para uma disputa entre Vinhaes e França e Silva, cada qual buscando levar os comandados de Cascão para sua zona de influência, o que finalmente aconteceria com a adesão de Cascão à liderança de Vinhaes. Este partido cindiu-se em dois, pois alguns militantes acusaram Cascão de ser sub-chefe de polícia no período imperial.<sup>125</sup> A cisão do partido foi muito bem vista por França e Silva pois, segundo este, a dissidência fechava com suas idéias. Estas brigas pela liderança do Partido Operário em São Paulo além de demonstrarem a influência das lideranças cariocas sobre o nascente movimento operário paulista, demonstram a importância que este pequeno grupo tinha para estas lideranças.

O Partido Operário de São Paulo mostra o nascer de um pequeno grupo de operários paulistas influenciados pelas idéias socialistas que circulavam entre os grupos radicais e operários do início da República. Na edição do jornal "O Paiz" de 2 de julho de 1890 temos a notícia da posse de sua diretoria, e nela vemos o nome de alguns operários que se encontrariam futuramente em outras formações socialistas no futuro, como os irmãos Sertié - chapeleiros, Lourenço Gomes e o futuro deputado ao Congresso Constituinte Paulista de 1891: Francisco T. Amado.

O Congresso Constituinte do Estado de São Paulo, exemplificaria uma porta aberta do governo republicano para com o proletariado, pois juntamente com Amado seria eleito Arthur Brèves, jovem professor paulista, uma das principais figuras do

---

<sup>125</sup> EP, 26.6.1890, pg. 02.

movimento socialista paulista deste final de século, eleitos que foram na chapa oficial do Partido Republicano Paulista.

A atuação de Arthur Bréves no Congresso Constituinte Estadual de 1891, mostrou bem os limites em que a oligarquia paulista aceitava discutir a questão operária: os limites estabelecidos pela prática e pelo pensamento liberal-conservador.

Não mais o discurso comteano da integração do proletariado e da burguesia numa sociedade de produtores - discurso progressista numa sociedade escravocrata que necessitava de armamentos para combater o poder da nobreza imperial - e sim o discurso de uma classe saída de uma revolução vitoriosa e ansiosa para por as mãos sobre o trabalho produzido por uma mão de obra que, precisava ser dominada, não mais pela força do chicote, mas sim pela legitimidade das leis.

A atuação de Arthur Bréves durante os poucos meses de atuação do Congresso Constituinte foi um raro exemplo de progressismo no meio do conservadorismo do restante da bancada republicana.

Bréves apoiou propostas sobre: a obrigatoriedade do ensino primário, defendeu o bicameralismo por entender que este divide os poderes, tornando o exercício do poder mais democrático; defendeu intransigentemente a soberania popular, criticando aqueles que defendiam o pensamento de Comte, pois não aceitava as premissas conservadoras de seu pensamento, principalmente aquelas que atacavam os princípios da soberania popular - que para Bréves era condição de existência da democracia só existiria com base na vontade popular. É interessante observar que esta crítica ao pensamento positivista, como vimos, foi também desenvolvida por Vinhaes, ambos denunciando o pensamento profundamente autoritário e anti-democrático de Comte, e portanto reforçando sua defesa dos princípios democráticos. Assim:

"(...) representação das minorias (...) está na incorporação do proletariado à sociedade, como tão bem compreende o governo atual, como prova exuberantemente

a presença de um operário no Congresso (...) „126

Mas o fato que marcou a atuação de Bréves na Constituinte foi sua tentativa de uma emenda com o objetivo de incluir na constituição paulista um projeto de legislação do trabalho.

Assim Bréves defendeu sua proposta:

"Reconhecendo, como diz Leroy Beaulieu, que uma das funções do Estado atualmente é proteger os seus fracos (...). O estado de São Paulo desde já se previna contra a luta que mais tarde ou mais cedo há de aparecer produzindo as desastrosas consequências que todos conhecem, isto é, greves de operários de um lado e de outro tiranias de chefes industriais, resultando de tudo isso a miséria das famílias daqueles que não tem outros meios de subsistência senão o trabalho cotidiano. (...) É por isso que vem pedir ao Congresso que entre as atribuições que dá ao poder legislativo ordinário inclua o de regulamentar o trabalho (...). „127

Contudo, a investida de Bréves não sensibilizou seus colegas deputados que consideraram sua proposta subversiva e socialista, pouco condizente com os novos valores da sociedade liberal que se estava gestando. Comte estava sendo arriado de nossa bandeira para dar lugar a Adam Smith. Assim responde o deputado João Monteiro:

"Quanto a ementa do do simpático deputado Arthur Bréves a comissão terminantemente recusa a aceita-la, porque ela é anti-democrática, porque restringe a liberdade de trabalho, que é um dos esteios da democracia. Em segundo lugar, ela cheira a socialismo (risos), e o socialismo é

---

126 *As intervenções de Bréves estão registradas nas seguintes datas dos Anais do Congresso Constituinte de 1891: 27 de junho; 3, 4 e 16 de Julho.*

127 *ibid.*

a antípoda da democracia (...) é a porta aberta para Karl Marx, ao mais terrível dos inimigos da sociedade - a anarquia. (...)”<sup>128</sup>

A soberania popular defendida pelo deputado Bréves contrapõe-se a democracia das leis de mercado - da compra e venda de mercadorias por iguais sob contrato - preconizada pela oligarquia republicana. O resultado efetivo desta participação popular na Constituinte foi apenas demonstrar que os limites do republicanismo governista para com as políticas operárias eram muito estreitos.

Contudo, o movimento operário era ainda muito débil, assim, não é de se estranhar que o primeiro impulso real ao movimento socialista do Estado de São Paulo viesse de outro grande centro, este sim já com uma população operária expressiva para a época, e que assistiu agitações operárias desde o período imperial: Santos forma o primeiro grupo nitidamente socialista de São Paulo. Já em 12 de dezembro de 1889 surge a público o "Manifesto Socialista ao Povo Brasileiro" escrito pelos médicos Sóter de Araújo e Silvério Fontes mais o professor Carlos de Escobar.

Segundo Jaime Franco este manifesto não foi publicado na grande imprensa por intervenção policial.<sup>129</sup>

Seguindo esta fonte Astrojildo Pereira afirmou de existência de um Circulo Socialista de Santos já em 1889<sup>130</sup>, no que foi seguido por muitos autores, contudo a leitura da fonte não nos dá a certeza da existência de tal Circulo já em 1889, confirma no entanto a fundação do Centro Socialista de Santos em 1895. O que é certo é a existência de um grupo de socialistas em Santos que começou a atuar em prol da idéia socialista desde pelo menos 1889; é importante frizar que como no caso do Rio, nossos

---

<sup>128</sup> *ibid.*

<sup>129</sup> Jaime Franco - Martins Fontes, Santos, *Revista dos Tribunais*, 1942, pg. 259 e segs. Martins Fontes foi médico, poeta e anarquista; filho de Silvério Fontes.

<sup>130</sup> Astrojildo Pereira, "Silvério Fontes pioneiro do Marxismo no Brasil", Estudos Sociais, RJ, nº 12, 1962.

socialistas santistas foram entusiastas participantes dos movimentos abolicionista e republicano.

Silvério Fontes, nos informa Jaime Franco, colaborou no jornal positivista e abolicionista "Evolução", Sóter de Araújo foi membro do Diretório Municipal do Partido Republicano de Santos - os dois foram médicos da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio e de outros sindicatos dos portuários onde puderam sentir ao vivo a opressão do trabalho operário - , e Carlos de Escobar - nascido em Campinas - foi um dos diretores de uma associação paulista de professores republicanos, juntamente com Arthur Bréves.

Estes três foram os principais gestores da fundação do Centro Socialista de Santos, a 30 de maio de 1895, e logo após os principais redatores do órgão oficial do Centro, o jornal "A Questão Social", cujo 1º número surgiu em setembro de 1895, publicando-se quinzenalmente até o nº 19, de setembro de 1896, quando encerrou-se sua publicação.

O surgimento do Centro demonstra uma fase de aglutinação e de consciência de setores socialistas e operários de Santos, participam da redação e das atividades do Centro figuras representativas do mundo operário local como Benedito Ramos, do Partido Operário - que editou o jornal "O Operário", em Santos, do qual conhecemos apenas um número de 1892 - ou João Serapião Palm (que logo depois militaria com destaque no Rio) da União Operária, associação operária fundada em 1891; tanto que em setembro de 1896 estas três associações tentariam uma união para a formação do Partido Operário Socialista, que no entanto, pouco se conhece de sua real existência, até porque o jornal "A Questão Social", que deveria ser o órgão oficial do novo partido deixou de circular. Sua primeira diretoria era formada por: Sóter de Araújo, Silvério Fontes, Benedito Ramos, Guilherme Aralhe e Nevio Vianna.

Contudo, o Centro Socialista de Santos estimulou a criação de novos grupos operários em outras cidades como São Paulo e Rio, e assim começava uma nova fase no socialismo brasileiro.

No Rio, uma nova geração de operários socialistas tentava sair do torpor dos dois últimos anos fundando o Partido Operário

Socialista - já citado no capítulo anterior -, o nome não parece deixar dúvida quanto a influência do partido santista fundado no mesmo mês, liderado por Antonio Mariano Garcia. O nº 1 do jornal "O Operário" descreve seu programa, e relata esta reunião operária, na mesa diretora encontravam-se além do próprio Mariano Garcia, os antigos militantes Augusto Joaquim Araújo e, presidindo a mesa, Antonio Joaquim Dias da Silva - neste mesmo período surge o Partido Operário Progressista de Tancredo Leal.

Contudo, confirmando as palavras de Mariano Garcia, de que não havia movimento socialista no Rio de Janeiro o P.O.S. não teve vida longa. Mas, os socialistas cariocas continuaram a sua luta e em 1898, na esteira da revitalização do movimento operário de São Paulo surge no Rio o Centro Operário Internacional, no entanto, mais uma vez os socialistas se organizam com grande dificuldade, a indiferença do operariado (não conseguem sequer festejar o 1º de maio pela falta de militantes!), e as divergências internas continuam presentes. O conflito no Centro divide dois importantes lutadores da causa - Mariano Garcia e José Palma, o que parece ser a tônica dos socialistas cariocas, incapazes de promover a união de um movimento que já era carente de militância. Participavam do centro nomes conhecidos do movimento socialista do Rio, como: Ezelino L. Quintella, Antonio Rozas de Carvalho, João Serapião Palm, José Antunes Carvalho, Bernardino Patrício e João da Silva Neves.

Logo após a fundação do Centro surge seu jornal o "1º de Maio", tendo como redatores, Evaristo de Moraes, João Azurara e J. Palma, depois João Cassilhas, o jornal parece ter tido uma vida fugaz pois aparentemente durou apenas 5 números, sucumbindo após a saída de J. Palma. Assim, apenas ouviríamos falar novamente no movimento operário do Rio de Janeiro em 1902, com a Gazeta Operária de Mariano Garcia e o Partido Socialista Colletivista de Vicente de Souza e Gustavo de Lacerda, na esteira do IIº Congresso Socialista daquele ano.

É ainda no mês de setembro de 1895, dia 13, que se funda o Centro Socialista de São Paulo, alguns meses depois - provavelmente janeiro de 1896 - publicou-se o primeiro número do jornal do Centro intitulado "O Socialista", jornal quinzenal, e

depois semanal, que duraria até o final de 1898 - o último número disponível é de julho de 1898 - mas, temos informações de sua circulação até dezembro deste mesmo ano - com publicação de 2.000 exemplares inicialmente, e que em novembro de 1896 passaria a 3.000 exemplares. Seu primeiro redator foi Arthur Bréves - depois, na sua reestruturação em maio de 1898 seu redator passou a ser Estevam Estrella, que foi também seu primeiro tesoureiro.

Este é o grupo mais importante, entre todos os grupos socialistas que surgiram na década de 90 do século passado, o Centro Socialista viveu por quase quatro anos e seu jornal publicou cerca de 70 números em um espaço de três anos - com apenas uma interrupção séria, entre julho de 1897 a maio de 1898 - , foi o jornal socialista da década de noventa do século passado de maior longevidade.

O Centro e o jornal nasceram refletindo a heterogeneidade do mundo operário paulistano da época, a intensa imigração provinda da Europa criou um mundo operário multinacional onde o elemento nacional era minoritário, assim o jornal "O Socialista" foi editado em cinco línguas: português, espanhol, italiano, alemão e francês. Isto reflete o peso das nacionalidades estrangeiras na formação do grupo socialista paulistano.

Vejamos, assim, os principais grupos e personagens que sustentavam o Centro e seu jornal.

A vertente nacional do grupo era formada por militantes operários já com alguma experiência no movimento operário (como já vimos, os irmãos Sertié e Lourenço Gomes que militaram no primeiro partido operário de São Paulo) e com velhos militantes abolicionistas e republicanos como o ex-deputado Arthur Bréves, o médico bahiano Estevam Estrella, o advogado Trajano Tolentino, ou o companheiro de Antonio Bento, o médico Mattoso Ferraz.

Dos grupos de estrangeiros, os espanhóis e os portugueses foram aqueles que mais demoraram a ter suas próprias organizações, os espanhóis fundaram uma organização para propaganda socialista em junho de 1898 - a *AGRUPACIÓN ESPAÑOLA*; enquanto os portugueses fundaram o seu *CÍRCULO DE ESTUDOS SOCIAIS* também em 1898, por intermédio do militante socialista Luis Soares - figura de importância no movimento socialista português

aportado no Brasil, motivado pela perseguição do governo português, em 1898.

Os franceses, que tiveram uma coluna no jornal "O Socialista", eram basicamente operários da fábrica de vidros Santa Marina<sup>131</sup>, e não tiveram organização política própria.

Os italianos eram o grupo nacional com organização mais antiga, sua primeira forma de organização política foi um agrupamento de anti-monarquistas - que reunia desde republicanos a anarquistas e socialistas - chamada de *LEGA DEMOCRÁTICA*, contudo a Lega não era uma associação socialista, o primeiro grupo de socialistas italianos organizados se chamou *CENTRO SOCIALISTA AVANTI!* e foi o precursor do grupo que fundaria o jornal socialista "Avanti!" em 1900 - e que seria o jornal socialista mais durável, existindo por quase vinte anos -, o Centro foi fundado em junho de 1898 e já neste período contava com militantes importantes do futuro jornal "Avanti!", como Alcebiade Bertollotti (primeiro diretor do jornal "Avanti!"), F. Carmelo Longo, E. Massardo, Ambrosio Chiodi, etc.

Mas com certeza o grupo estrangeiro mais coeso e o mais importante do Centro Socialista de São Paulo foi o grupo de alemães organizados em torno da *ALLGEMEINER ARBEITERVEREIN* (Associação Geral de Trabalhadores), não por coincidência o mesmo nome da associação de trabalhadores fundada por Ferdinand Lassalle (a *ADAV- Allgemeiner Deutcher Arbeiterverein*). A *A. Av. (Allgemeiner Arbeiterverein)* sua data de fundação segundo Seixas é 18.7.1895<sup>132</sup>, portanto pouco menos de um mês antes do C.S.S.P. (Centro Socialista de São Paulo), contudo, fontes indicam sua fundação já no ano de 1892 (segundo nos informam Hall e Pinheiro).<sup>133</sup>

---

131 Algumas notas no jornal "El grito del Pueblo" de 21 de novembro de 1899, nos informam da existência de uma *SOCIEDADE SLAVIA*, fundada a 15 de novembro de 1894, que promovia debates sobre o socialismo, tendo seus salões decorados com bandeiras vermelhas e com a frase: "Operários de todos os países, uni-vos."

132 Jacy Seixas, *op.cit.*, pg.

133 Hall & Pinheiro, *op.cit.*, pg. 307.

Na verdade, temos informação da atuação dos alemães já em 1893, quando foi remetida ao Congresso da Internacional de Zurich uma Mensagem do Partido Operário do Brasil, assinada pelos membros de sua Comissão Executiva: José Winiger, August Lux, Otto Bendix e Nicolaus Schneider - outra mensagem foi remetida para o Congresso da Internacional em Londres em 1896 - Winiger era um tipógrafo suíço-alemão que militou anteriormente numa associação de trabalhadores alemães na Argentina chamada *Vorwärts*, e foi o redator do jornal "Germania", órgão oficial da A.Av.<sup>134</sup>

O Partido Operário do Brasil de 1893, que é citado na mensagem de 1893, era o partido criado por França e Silva, pelo Congresso Socialista do mesmo ano. Assim os alemães já estavam organizados no período e já tinham se associado ao P.O., como seu representante em São Paulo! Portanto, podemos levantar a hipótese de que foram encarregados de redigir uma mensagem à Internacional, já que suas relações privilegiadas com o movimento europeu permitiram que suas mensagens fossem lidas pelo próprio Liebknecht; contudo, não temos nenhuma informação sobre em que circunstâncias foram produzidas estas mensagens, a única certeza que temos é que Winiger seria um dos fundadores e principais componentes da A.Av.. Já na segunda mensagem enviada ao Congresso Socialista, desta vez em Londres, já não existia o P.O. de França e Silva, e os alemães se assinavam como representantes da *Allgemeiner* (nessa mensagem se atesta a dispersão do movimento socialista na época, pois, eles constatam a falta de associações social-democratas no Brasil - a A.Av. seria a única).

Esta associação de operários social-democratas alemães era de tendência lassalliana e sua atividade no Brasil permanece um mistério, pois nada existe escrito sobre ela e não consta a sobrevivência de nenhum de seus jornais nos dias de hoje (o "*Paulistaner Echo*" e o "*Germania*", ambos dirigidos por Winiger) Sabemos - por intermédio de um descendente da família Hennies (Valdemar Hennies) que este grupo de alemães teria fundado o primeiro sindicato de gráficos e alguns dos primeiros colégios

---

<sup>134</sup> Leandro Konder, *op.cit.*, pg.56.

alemães de São Paulo. Sabemos ainda, da existência de uma outra A.Av., está existindo no Rio Grande do Sul - contudo não sabemos nada da possível ligação entre as duas e/ou de sua ligação com o Partido Social Democrata Alemão. Também teve uma importância muito grande no desenvolvimento dos primórdios do movimento socialista do Rio Grande do Sul. Na fundação do Partido Socialista do Rio Grande do Sul vemos nos nomes dos integrantes do diretório vários alemães da A.Av.

A última informação sobre as atividades da A.Av. de São Paulo se encontra na carta de um operário holandês representando a A.Av. para o deputado francês Albert quando este esteve em visita ao Brasil em 1925(!), o que atesta a longevidade da referida associação. E lá estava a informação de que a A.Av. estaria ligada à Federação Sindical Internacional (a chamada Internacional 2 1/2), sediada em Amsterdam.

Por fim, o Centro Socialista de São Paulo contou com a importante participação do grupo santista filiado ao Centro Socialista local, até porque seu jornal deixou de circular já em 1896, além de ter em sua páginas artigos de ilustres colaboradores cariocas como: José Augusto Vinhaes, Vicente de Souza, Mariano Garcia, Evaristo de Moraes, José Palma, entre outros menos assíduos.

Assim, o C.S.S.P e seu jornal "O Socialista" fundaram o Partido Democrático Socialista (PDS) como a tradução fiel do nome e dos princípios do Partido Social-Democrata Alemão (SPD) do qual se declararam adeptos incondicionais.

A estrutura organizativa do P.D.S. era formada de modo original para os padrões brasileiros, era dividida em grupos locais que elegiam um delegado que fazia parte de uma diretoria colegiada, em dezembro de 1896 estes eram os grupos existentes com seus respectivos grupos: 1) Grupo De Felice Giuffrida, delegado: Estevam Estrella; 2) Grupo Carlos Marx, delegado: Trajano Tolentino; 3) Grupo Benoit Malon, delegado: Franco Carmelo Longo; 4) Grupo Ferdinand Lassalle, delegado: Arthur Brèves; 5) Grupo Allgemeiner Arbeiterverein, delegado: Gustavo Enge; 6) Grupo Frederico Engels, delegado: Constantino Kempa; 7) Grupo Jaime Lopez, delegado: Estevão de Souza; 8) Grupo França e

Silva, delegado: J. Sertié.

O P.D.S. não tinha como objetivo inicial a formação de um movimento nacional, seu âmbito de atuação estava claramente restrito ao Estado de São Paulo. Seus estatutos previam a existência de três níveis de atuação, delimitados pelo Centro Socialista Estadual (órgão máximo), os Centros Municipais e os Centros locais, o que era um claro retrocesso frente às propostas de França e Silva e Vinhaes, que concebiam seus partidos como embriões de uma organização nacional, assim, refletiam o nível de distorção federativa que caracterizou a República Velha.

No entanto, o P.D.S. estendeu a sua influência em algumas cidades do interior que atenderam o apelo para se aliar ao partido - Centros Socialistas em Jundiaí, São Simão, Rio Claro, Campinas (diretor Cornélio Gasperine Vianella) e Ribeirão Preto (jornal "O Operário").

O Centro e seu jornal funcionaram ininterruptamente até junho de 1897 quando o jornal parou de circular para resurgir apenas em maio de 1898, como órgão de um novo partido: o Partido Socialista Internacional (P.S.I.).

O vácuo deixado pela paralização das atividades do jornal demonstram a incapacidade do C.S.S.P. de penetrar na massa operária, no seu último número de 1897, o redator não esconde a sua decepção com a falta de receptividade do operariado para com as idéias socialistas:

"Na sua inqualificável imprevidência, na sua obstinada cegueira, na passividade a mais condenável, os operários têm permanecido e, entre nós parece quererem ficar por muito tempo..."<sup>135</sup>

A nova estruturação do C.S.S.P. demonstra uma nova configuração dentro do grupo, qual seja, o peso da divisão étnica passa a ser mais assentuada, o Centro Socialista passa a depender cada vez mais da atuação dos estrangeiros organizados em suas

---

<sup>135</sup> SSP, 28.6.1897.

próprias associações políticas e dentro dessas o peso da A.Av. parece ser preponderante. Bastaria notar que entre os agentes de venda do jornal em São Paulo todos são da A.Av., que parece ter assumido totalmente a venda do jornal buscando provavelmente contornar a crise financeira do jornal. <sup>136</sup>

Contudo, a volta a circulação do "O Socialista", refletiu mais a fraqueza do grupo original, que sequer conseguiu unir os diversos grupos socialistas, divididos pela nacionalidade, de São Paulo. Estas são as duras críticas que o *Círculo Socialista Avanti!*, dirigiu ao Centro, acrescentando ainda que o Partido Socialista Internacional só existia no papel e que sua única seção atuante era a dos alemães da A.Av. <sup>137</sup>

Reforçando esta idéia, vemos que o Diretório Central do Estado do P.S.I., reformulado para esta nova fase do partido, era composto por quatro elementos da A.Av. de um total de nove - completado por três brasileiros, um italiano e um espanhol. <sup>138</sup>

Incapaz de responder as críticas dos socialistas italianos a única resposta do Centro foi dizer que eram opiniões, e que se o *Círculo Avanti!* não concordava com a condução política do Centro que seguisse seu caminho. <sup>139</sup>

A sequência dos fatos mostrou que o *Círculo* estava certo e já no final daquele ano o jornal e o P.S.I. tinham fechado suas portas, este fato representou a queda da liderança dos brasileiros no movimento socialista de São Paulo, como também a influência dos alemães neste movimento. A partir deste instante o

---

<sup>136</sup> Estes são os postos de venda do "O Socialista": Hennies Irmãos, Jorge Zenker, Paulo Bartz, Carlos Klourza, R. Mitterlaender, Richard Menge, Leopoldo Riss, Francisco Wey.

<sup>137</sup> Anos depois, o socialista Alceste De Ambrys, falando deste período destacava o caráter fechado dos alemães que impedia sua união com os outros grupos socialistas - Pinheiro & Hall, op.cit. p8.

<sup>138</sup> SSP, 22.5.1898. A nova diretoria era formada por: Arthur Bréves, Isidro Denser, Jorge Zenker, F.Carmelo Longo, W.Eppenstein, T.Wagenknecht, A.Castro, G.Menge, E.Estrella.

<sup>139</sup> A polêmica que envolveu a A.Av., o *Círculo* e o jornal "O Socialista" pode ser acompanhada nas páginas deste nos dias 10.7.1898 e 17.7.1898.

*Círculo Avantí!* e os socialistas italianos dariam o tom da nova política socialista de São Paulo.<sup>140</sup>

As causas do fracasso dos primeiros grupos socialistas de São Paulo poderiam ser buscadas na estrutura produtiva paulista da época, muitos estudiosos do tema já destacaram a incipiente industrialização do período, assim como o pequeno peso da classe operária em relação ao grosso da classe trabalhadora - basicamente rural - e também o fechado sistema político da época que impedia uma política socialista reformista baseada em reformas conseguidas através do parlamento.<sup>141</sup>

É importante assinalar que estas explicações tem uma plausibilidade real, e não há como negar que estes fatores estruturais, e também os políticos, tiveram uma importância crucial para explicar a derrota dos socialistas nos anos 90.

Contudo, o que não se explica é porque os socialistas perderam a hegemonia no movimento operário, sendo que eles praticamente partiram sozinhos na década de 90 - neste período os anarquistas eram poucos e sem uma influência real no operariado, assim como os "amarelos" eram ainda desconhecidos no meio operário -, o que significa dizer que os anarquistas e os "amarelos" encontrariam a mesma dificuldade estrutural e política que os socialistas, poucos anos depois.

A realidade nos mostra que os socialistas foram incapazes de produzir qualquer proposta real para aglutinar os setores dispersos da classe operária. É importante lembrar que a classe operária de São Paulo era extremamente recente e composta de maneira crescente por estrangeiros com pouca experiência

---

<sup>140</sup> Os alemães da A. Av. se fechariam em si mesmos e poucas notícias sobre eles teremos nos anos seguintes. Quanto aos italianos, fundariam em 1900 o Centro Socialista Internacional, visando congrega todas as nacionalidades num projeto socialista único, fundando o jornal "Avantí!" (em língua italiana), e realizando seu ato mais importante para unir todos os socialistas, não só de São Paulo, mas de todo o Brasil: o Congresso Socialista de 1902, e a fundação do Partido Socialista brasileiro.

<sup>141</sup> No capítulo 1, expuz mais detalhadamente as várias teorias que buscavam explicar o porque da derrota socialista neste período. As explicações expostas resumidamente acima são as preferidas da maioria dos autores.

política, e que, portanto, nestas circunstâncias a primeira e principal tarefa do movimento operário era construir a sua própria organização.

O que salta nos olhos da prática política dos socialistas nestes anos de final de século XIX é a real incapacidade de fixar uma política agressiva de organização das fileiras operárias, pois a organização dos operários em associações de classe não era um de seus objetivos principais.

Assim, o Centro Socialista de Santos dizia que sua principal função era ser um "grupo de propaganda, o Centro Socialista tem-se mantido alheio às disputas políticas. Conta em breve organizar-se em partido de classe..."<sup>142</sup>

Assim, a propaganda do ideal do século parece ser o objetivo supremo do grupos socialistas paulistas. O Centro Socialista de Santos arrola em oito meses de funcionamento doze conferências, além do surgimento de uma biblioteca; o Centro de São Paulo realiza *meeting* populares em São Paulo e cidades do interior do Estado, cria-se a Cooperativa de Publicações Socialistas, etc.

Tímidos esforços para melhorar a situação das classes operárias se reduzem a uma Cooperativa Beneficente Paulista - que tem por objetivo pesquisar e comprar gêneros de primeira necessidade a preços mais baixos para famílias operárias.

Sequer na área propriamente política o P.D.S. tem uma ação efetiva, a participação de eleições não parece ser um objetivo a curto prazo - apenas Estrella se candidata a vereador em 1898, e recebe minguidos quarenta e um votos!

Assim as críticas do *Círculo Avanti!* reclamam uma ação mais efetiva do P.D.S. em relação a organização do proletariado. Nas mesmas páginas que vimos as críticas do *Círculo* à ineficácia do P.D.S. vemos a notícia da convocação por este de uma reunião para organizar uma comissão independente com o objetivo de criar sociedades de resistência de artes e ofícios, que segundo eles ainda não existiam.<sup>143</sup>

---

<sup>142</sup> Q. S., 30.5.1896.

<sup>143</sup> A Comissão ficou assim formada: um representante que deve ser

Valentim Diego, tipógrafo espanhol, reclamava, no mesmo número, a completa desorganização dos operários e fazia um apelo a sua organização.

Poucos números antes, o jornal "O Socialista" anunciava a iniciativa da Sociedade União Operária da cidade de Rio Grande (RS) que buscava apoio de outras associações de classe para a fundação de uma federação de todas as associações de operários do Brasil.<sup>144</sup> Ou seja, havia grupos já sensíveis ao problema da organização do operariado em associações de resistência, contudo, o núcleo mais importante do socialismo brasileiro parecia estar cego ao problema.

Os socialistas brasileiros tinham a sombra de sua origem republicana turvando sua visão acerca das reais possibilidades do exercício de uma política socialista sob as asas protetoras da democracia republicana. Sim, porque os nossos socialistas ainda tinham a confiança de que a República veio libertar o Brasil do jugo da intolerância, da prepotência e das trevas da ignorância. Acreditavam na livre divulgação das idéias e na dignidade dos homens que empunhavam a espada republicana, acreditavam na democracia instaurada e acreditavam, portanto, no poder da imprensa e dos comícios.

A leitura retrospectiva da história do movimento republicano muitas vezes sugere que ele era conservador e elitista. Esta visão esconde a real dimensão do movimento republicano e reduz o

---

nomeado pela Federação dos Trabalhadores do Livro; Luigi Bezzi, para os chapeleiros; Pedro Carraro, para a Sociedade de Resistência do Sapateiros, um representante que deve ser nomeado por um grupo de mecânicos; Hector Bellei, para os gazistas; Alfredo Capricci, para os carpinteiros; um representante que deve ser nomeado por um grupo de alfaiates; Camilo Amadio, para os pintores; Emilio Massardo, para o Centro Socialista "Avanti!"; Luis Soares, para o Centro Socialista de Estudos Sociais; Luigi Damiani, pelo "Risveglio".

<sup>144</sup> SSP; 26.6.1898. Segundo o jornal a União Operária recebeu as seguintes adesões: Liga Operária de Quaraí (RS), Club Amparo e Recreio dos Artistas de Sta. Vitória dos Palmais, Centro Operário de Campos, Sociedade Mútua de Proteção de Alegrete, União Operária Beneficente de Santos, Centro Socialista de São Paulo, Liga Operária Beneficente de Florianópolis, Centro Operário da Bahia, Centro Operário Internacional da Capital Federal.

tudo à sua parte vitoriosa. Esquece-se, assim, que apesar da fração vitoriosa do republicanismo ter sido aliberal-oligárquica existiam outros grupos que professavam ideias mais democráticas e populares.

Entre estes grupos existiam pessoas que já professavam o ideal socialista e outras que durante o processo, ou logo após, revelariam críticas à insuficiência do processo revolucionário e propunham uma nova revolução dentro da revolução. Não bastava a revolução política, a mudança do regime mas haveria a necessidade de se aprofundar a revolução estendendo-a ao campo social, tarefa apenas possível dentro do ideal socialista.

Só após a solução do problema da escravidão e da república os socialistas se sentiram de mãos desatadas para seguirem seu próprio caminho.

O início do ideal socialista no Brasil se confunde com as bandeiras progressistas levantadas no final do Império. Para o observador de hoje, este amálgama entre republicanos e socialistas pode parecer estranho, mas para seus protagonistas era algo natural. As ideias progressistas do final do século XIX se confundiam em ambos os movimentos. O "Echo Operário", do Rio Grande do Sul comenta o surgimento dos primeiros grupos socialistas no final dos anos oitenta do século passado:

"(...) mas quanto ao movimento socialista previamente dito, pode-se afirmar com certeza, que só após a lei de 13 de maio de 1888, com a libertação dos escravos, é que alguns espíritos mais independentes começaram a manifestar-se adversos à organização social que admitia a exploração de uma classe por outra. Entretanto o socialismo não era conhecido e quase todas as opiniões manifestadas em favor de uma reforma social que melhorasse as condições econômicas do operariado, tinham por objetivo a proclamação da República que os homens de boa fé consideravam como abolidora dos privilégios, única causa, segundo eles, do mal estar das classes trabalhadoras. Foram os propagandistas da República que mais contribuíram para o estudo das questões

sociológicas (...) o advento da República que logo após sua proclamação foi abandonada pela parte sã do proletariado que compreendeu o logro em que caíra (...) Foi então que em diversas localidades do Estado apareceram associações operárias geralmente sem orientação socialista, mas intuitivamente revolucionárias, visto haver em seus estatutos artigos que diziam: "Procurar por todos os meios ao seu alcance elevar as classes operárias e defender seus direitos perante os governos." (...) <sup>145</sup>

Este amálgama entre socialistas e republicanos não é uma particularidade brasileira. Esta união foi comum nas revoluções democrático-burguesas da Europa.

Assim, relata Vicente de Souza a resposta de Benoit Malon a Magalhães Lima sobre as relações entre republicanos e socialistas. Malon confirma, que o "Projeto de um Programa Federalista Radical para o Partido Republicano", de Teixeira Bastos, é francamente socialista:

"Os artigos 16 a 26 reclamam: A inabilidade da propriedade privada (...) a nacionalização imediata de todos os Bancos e Estradas de Ferro (...) substituição dos impostos atuais por um imposto progressivo sobre o capital e sobre as sucessões com abolição total da herança em linha colateral; as obras de utilidade pública confiadas às associações operárias (...) crédito do Estado para as corporações agrícolas e industriais, com o fim de se chegar a abolição do salário, a extensão do maquinismo e a cultura ou produção em comum (...). Não há não pode haver antagonismo entre as duas denominações; pois o socialismo, em sua inteira e exata aceção é a forma social e política que realiza todas as promessas, todas as aspirações e todas as soluções do

---

<sup>145</sup> *Echo Operário*, 23.1.1898.

problema republicano. (grifo meu) A República, como vai existindo no Brasil, será antagônica ao socialismo porque ela guardou sob aquele nome todas as modalidades do Império decaído e ateve-se aos mais condenados ataques às novas idéias, aos pensamentos vencedores em épocas não remotas. Se as classes instruídas e dirigentes de meu país compreenderem ainda e a tempo que é necessário e urgente realizar a República Federativa; mas realiza-la radicalmente, na sua verdadeira, justa, séria, leal e prática acepcão, terão caminhado para socialismo republicano ou, melhor, irão atingir a REPÚBLICA SOCIAL (grifo meu) (...) Estes ficarão e estes realizarão termo a termo o ideal do século - a República Social.<sup>146</sup>

Vicente de Souza reforça os argumentos do Echo Operário: a República se desvirtuou de seus nobres ideais e, mais do que isto, as idéias que embalaram sua criação perderam folego e não mais são portadoras de progresso.

A República perdeu o viço e carrega ainda consigo todos os principais vícios do Império - crítica ética -, as causas podem ser explicadas pela nova configuração político-econômica do final do século. A República democrática tão sonhada foi realizada por um golpe militar - o "cesarismo" - e não houve efetiva participação popular durante o processo e também no período posterior de consolidação do regime. O governo militar é o retrato de uma sociedade que não se governa por idéias ou doutrinas, só restando a essa sociedade ser governada pela força (militarismo) ou pela corrupção (domínio do capital), que invadiu todas as relações sociais "da família, todas as relações entre superiores e inferiores, todas as relações entre produtores e consumidores, todas as relações entre patrões e operários."<sup>147</sup>

Assim, a República democrática sonhada e propagada pelos

---

<sup>146</sup> *12M*; 1.5.1898.

<sup>147</sup> *SSP*; 24.7.1898.

republicanos foi "solapada pelo advento do capitalismo" em terras brasileiras. Assim, o socialismo surge da própria constatação de que:

"desde 1888 instalou-se de vez aqui o regime da 'economia social', e com ela, com a expansão econômica e demográfica a que assistimos estupefados, desenvolver-se o 'regime capitalista'. O supertrabalho, a concentração de capital nas mãos de um número cada vez menor de indivíduos, a divisão de governantes e governados nesta república aristocrática, a exploração dos sindicatos políticos, a dissolução dos caracteres, o rebaixamento do nível moral de nosso povo, são já uma realidade que nos trouxeram o individualismo e a engenhosa especulação que a burguesia por meio de leis, códigos e instituições exerce sobre o proletariado..."<sup>148</sup>

O surgimento do capitalismo colocou por terra os ideais republicanos de uma nação harmoniosa, pois em seu lugar surgiu a república burguesa que dividiu definitivamente o povo e uma minoria que o explora, a burguesia. Em pouco tempo, portanto os ideais republicanos de "igualdade, liberdade e fraternidade" se tornaram ultrapassados perante a nova forma econômica que surge. Portanto, cabe às camadas progressistas da sociedade buscar novos ideais que possam prosseguir com as tarefas inconclusas pela República, já que:

"a liberdade política, conquistada pela revolução de 1789, já não é o ideal da sociedade hodierna, nem pode ser a bandeira de nenhum partido, a menos que não queiramos supor que o Brasil ainda não é um país civilizado e que a República veio apenas para iludir o povo com falsas exterioriedades..."<sup>149</sup>

---

<sup>148</sup> SSP; 25.7.1896.

<sup>149</sup> SSP; 8.11.1896.

O Partido Republicano cumpriu a sua tarefa, criou um regime democrático, eliminou os privilégios, criou a igualdade perante a lei, permitiu a organização e a livre manifestação dos operários. Nossos socialistas não eram cegos e não lhes passava despercebido que a República se tornava mais e mais conservadora, que o povo era cada vez mais alienado do jogo político, que as eleições eram uma "verdadeira comédia, em que meia duzia de eleitores de cabresto aplaudiram as nomeações feitas pelo governador..."<sup>150</sup>

A dubiedade da posição dos socialistas sobre o governo republicano demonstra a dificuldade em realizar uma crítica radical. Os socialistas se agarram a uma enganosa forma democrática da República, a uma liberdade ilusória, onde na realidade se articula o domínio da parte mais reacionária da coalizão republicana, que se solidifica rapidamente sob os governos civis de Prudente de Moraes e Campos Salles.

A incapacidade para compreender a forma real assumida pela República de 1889, faz dos socialistas presas de um discurso que se tornou passado no exato momento que foi vitorioso.

Interpretando o 15 de novembro sob o filtro de suas ilusões, os socialistas vestiram, na República e em seus governantes, velhas roupas que não serviam mais. Assim, por exemplo, Prudente e Campos Salles seriam saudados como os últimos bastiões da democracia:

"Sob este ponto de vista, temos a grande satisfação de dizer que podem acusar o governo do sr. Prudente de Moraes de tudo quanto quizerem, mas uma virtude não se lhes pode negar, e esta é suficiente para absolve-lo dos erros que porventura tenha praticado - o Sr. Prudente de Moraes ainda não governou à custa do estado de sítio nem à sombra de atentados contra as liberdades individuais. No dia em que tiver necessidade de lançar mão de recursos indignos de um povo civilizado, estamos

---

<sup>150</sup> SSP; 28.6.1896.

convencidos de que saberá deixar o poder.

Outra coisa também não devemos esperar do ilustre republicano que, no dia 19 de maio, assumiu a presidência de nosso Estado.

O Sr. Campos Salles, por isso mesmo que é um homem de mérito um nome que se fez evangelizando os princípios mais puros da democracia; uma individualidade poderosa, há de manter-se, afirmamos com a máxima segurança, no seu posto de estadista que reúne três predicados inestimáveis - energia, inteligência e coração."<sup>151</sup>

Só mesmo a influência poderosíssima do ideal republicano pode explicar tal retrato de Campos Salles, figura odiada nos meios operário cariocas, como vimos, pela promulgação de leis contra o direito de greve dos operários!

Acreditar na força do voto, da imprensa e dos "meetings" numa república oligárquica e autoritária, é incorrer num erro fatal, é não ver o conteúdo real da democracia instaurada em 1889; a democracia oligárquica e não a democracia liberal prometida no discurso republicano.

Os socialistas acreditavam ser os verdadeiros herdeiros do republicanismo democrático, prometiam concluir a obra inacabada deixada pela República. O socialismo seria, portanto, a transposição da República Política para a República Social:

"Seja como for o que é verdade é que o programa é democrata e socialista (programa do P.D.S.) e, posto em prática, há de fazer como consequência imediata o governo do povo pelo povo, a verdadeira República propagada em outro tempos pelos que atualmente ocupam os mais elevados cargos do Estado."<sup>152</sup>

Já vimos como os socialistas estavam conscientes do

---

<sup>151</sup> SSP, 17.5.1896.

<sup>152</sup> SSP; 14.6.1896.

desenvolvimento do capitalismo em nossas terras, do rápido concurso do individualismo e do espírito competitivo. Contudo, faltava a eles uma visão clara do significado real do republicanismo governante, desnudar o caráter de classe do governo republicano. Para os nossos socialistas, o governo republicano e o Estado por eles moldado teria um caráter democrático, eles não compreendiam o caráter real da revolução republicana: uma revolução de uma fração da burguesia, moldando o Estado para servir aos seus interesses, democracia instituída para recriar as relações de dominação sobre novos moldes. Não mais a dominação explícita do senhor sobre seu escravo, mas a dominação burguesa escrita sobre os ideais de igualdade jurídica, a igualdade de cidadãos no mercado determinada pelo contrato.

Esta incapacidade se reflete na concepção de Estado que permeia suas observações sobre a nova situação criada pelo advento da República.

Para eles o Estado é um produto da sociedade que o sustenta, apenas um órgão social, sem nenhuma função positiva.

Ao Estado caberia apenas a função de *gendarme*, de guarda-noturno, garantindo a ordem interna e principalmente a ordem externa - função esta que, todavia, estaria cada vez mais em desuso. O Estado apenas tem a função negativa, este funciona como inibidor das liberdades, sendo paradoxalmente, o único responsável pela garantia das liberdades e direitos individuais.

Contudo, na América este nobre papel de protetor da ordem e das liberdades não se consumou, já que as lutas pela independência não conseguiram eliminar o caráter colonial de nossas sociedades.

Concomitante a sua visão liberal do conceito de Estado está sua conceituação de revolução, que é reduzida a um fator que caracteriza as sociedades que se atrasaram rumo à civilização, aquelas que não desenvolveram sua sociedade civil; a revolução não se escolhe, a revolução se faz para longe das vontades humanas, é um mecanismo regulatório, que irrompe para recolocar sociedades que se atrasaram no caminho natural do desenvolvimento.

A própria necessidade de revoluções demonstra o caráter retrógrado de nossas instituições. Na América não se constituiu

uma poderosa sociedade civil como nos países desenvolvidos da Europa. Nossa sociedade se desenvolveu sob um caráter "anárquico" que teria como característica principal a existência de povos sem tradição e sem cultura. A burguesia ascendente disso separa ocupar o Estado, dominar a sociedade civil e impedir as reformas necessárias para levar nosso país no caminho da civilização e do progresso.

A função dos socialistas seria, portanto, colocar o Brasil no rumo da civilização e do progresso, concordando por leis adequadas ao nosso estágio de desenvolvimento, evitando a violência das revoluções causadas pelo próprio domínio da minoria ociosa que apenas pode dominar pelo uso da força e/ou da corrupção, impedindo assim o surgimento natural da nova sociedade, a República Social.

Esta visão essencialmente liberal do Estado, deixa-os incapacitados para compreender o caráter real das modificações políticas que vão se processando no interior desse Estado. A reformulação nos aparelhos políticos desta nova sociedade para adaptar-se às novas formas de dominação são imperceptíveis para os socialistas, que não estão armados teoricamente para compreender estas mudanças.

Sua visão liberal da política e da função do Estado, sua compreensão evolucionista das formas sociais, os fazem subestimar a luta pelo controle do Estado: "socialistas são todos que querem reformas sociais, dando pouca importância às combinações políticas, isto é modificações na natureza do Estado."

Sendo a garantia da democracia a única função do Estado, Prudente e Campos Salles desempenhariam um papel extremamente progressista ao adequar as funções do Estado aos ideais do Progresso e da Civilização, portanto estariam dando um passo adiante no caminho da República Social.

É importante notar que existia a possibilidade do conhecimento da teoria marxista do Estado e da sua crítica à visão liberal. Na relação dos livros que constam da biblioteca do Centro consta, por ex., o livro de Engels - "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado", contudo para considerar o Estado surgido em 1889 um Estado burguês haveria a necessidade de se

concluir que o republicanismo vitorioso estava realizando as tarefas de um governo burguês, e , portanto, concluir que foi uma fração desta, a burguesia agrária, que tomou o poder de fato a partir dos governos civis de Prudente e Campos Salles.

Está claro que o objetivo não é prioritariamente a tomada do poder de Estado, mas sim de que o fortalecimento da sociedade civil como um ato pretérito ao da tomada do poder.

Moralmente a República está condenada pela manutenção dos privilégios do Velho Regime, seus líderes se perderam seduzidos pelo seu próprio egoísmo e pela corrupção.

Historicamente o processo que levou as idéias republicanas à vitória está objetivamente superado, o objetivo da igualdade civil já foi conquistado; com o advento do capitalismo é a igualdade social que está no centro do processo político.

O republicanismo como movimento político progressista, perdeu sua razão de ser, cabe ao socialismo a tarefa de realizar suas promessas deixadas inconclusas.

## CAPÍTULO 06:

### SOCIALISMO À BRASILEIRA?:

MARXISMO, DARWINISMO E O ECLETISMO SOCIALISTA NO BRASIL DO FINAL DO  
SÉCULO XIX.

Segundo a maioria dos autores que estudaram o movimento operário da República Velha, os socialistas do período teriam algumas características negativas que explicariam a sua peculiar fragilidade em relação aos movimentos socialistas de outros países do mesmo período - mesmo aqueles mais próximos de nossa situação, como por exemplo a Argentina.

Para Batalha, em seu "*paper*" intitulado "O Socialismo no Brasil na época da II Internacional", essas características poderiam ser resumidas a três: 1) estes grupos eram compostos por dissidentes das "elites", ou expoentes das classes médias urbanas, sem contar com operários em suas fileiras; 2) o exacerbado reformismo, que teria sido a causa da incapacidade de formular propostas que ultrapassassem a esfera legal e parlamentar; 3) o desconhecimento das concepções de Marx e Engels.

Os argumentos de Batalha refutam de maneira consistente esses argumentos, contudo, gostaria de acrescentar alguns dados novos que poderão contribuir para este debate.

Primeiramente examinaremos a argumentação deque os grupos auto denominados de socialistas, na Primeira República, seriam grupos de classe média radicalizados, sem contato algum com a classe operária. Veremos que estas afirmações não têm base empírica real, pois, ao analisarmos a composição profissional de dois dos mais importantes grupos socialistas do período, constatamos que há uma representação operária considerável, o que há é a necessidade de considerar o peso operário em cada um dos casos, e explicar esta diferença. Assim, o Partido Operário de Franca e Silva, têm a sua Diretoria composta exclusivamente de operários e artistas (como se chamava à época as profissões artesanais, ou, trabalhadores manuais não-industriais). Assim, a

comissão organizadora do Congresso para a fundação do Partido Operário, no Teatro do Recreio Dramático, tinha a seguinte composição profissional: três ferreiros, dois operários, dois sapateiros, dois corrieiros, dois tecelões, dois "gás fitter", dois funileiros, um engenheiro mecânico, um trabalhador da construção naval, um pespontador, um ourives, um funileiro, um charuteiro, um encadernador, um cigarreiro, um pedreiro, um fabricante de malas, um latoeiro, um torneiro de madeira, um chapeleiro, um fundidor, um tipógrafo, um contratador de obras. No total trinta e um operários e artistas, a composição total da Comissão era operária!<sup>153</sup>

O mesmo poderia ser dito do Partido Operário de Vinhaes, que excetuando-se o fato de Vinhaes não ser operário e ser o chefe do partido, o restante de sua diretoria era totalmente operária.

Já entre os redatores de "O Socialista", temos uma situação um tanto diferente, pois entre os colaboradores e redatores do jornal temos uma maioria de não operários, sua composição é a seguinte:

Redatores: A.Brèves - professor, C.Escobar - idem, I.Denser - idem, E.Babie - idem, Trajano Tolentino - advogado, S.Fontes - médico, S.de Araújo - idem, F.Carmelo Longo - desenhista, J.Zenker - hidropata, Dr. W.Eppenstein - jornalista, A.Navarro - estudante, V.Diego - tipógrafo, A.Dellotti - escritor, B.Ramos - solicitador, B.Ferraz de Campos - tipógrafo.

Colaboradores: M.Pinheiro Lima - advogado, J.Brandão - idem, J.Caruso - idem, A.A.Pereira da Fonseca - estudante, I.de Mesquita - advogado, J.de Oliveira - escritor, F.Thomazini - professor, A.Bertolotti - engenheiro, A.Mendes - lavrador, Mattoso Ferraz - médico, Lafayette de Toledo - advogado, Almeida Reis - engenheiro, T.Barbosa - jornalista, J.Palma - tipógrafo, V.de Souza - médico, E.de Moraes - idem, T.Moreira - jornalista, M.da Paixão - idem, A.Guedes Coutinho - idem, J.L.A.da Silva - operário, B.Tomezão - idem, R.Bottani - idem, C.Werner - idem, M.Lariducci - idem, G.Enge - filólogo.

---

<sup>153</sup> EP, 8.3.1890.

Secretário de Redação: E. Estrella - médico.<sup>154</sup>

Resumindo temos 31 trabalhadores não-manuais, cinco professores, sete advogados, cinco médicos, cinco jornalistas, dois estudantes, dois escritores, dois engenheiros, um desenhista, um hidropata, um filólogo.; acrescentemos a estes dez trabalhadores manuais: três tipógrafos, cinco operários, um solicitador e um lavrador. Contudo, é importante lembrar que sob a denominação jornalistas se esconde a figura de proletários que atuam em jornais operários, como o caso de Guedes Coutinho ou Múcio da Paixão. Também é importante lembrar que a redação de um jornal socialista é o local mais adequado para que encontremos os intelectuais identificados com a causa operária. Mesmo assim nesta redação existiriam cerca de 25% de operários.

Contudo, é importante reter esta importante diferença entre os grupos de São Paulo e do Rio, pois voltaremos a ela mais a frente.

Sobre o reformismo, lembro a argumentação já exposta no capítulo 1, contudo, existem autores ligam o reformismo dos nossos socialistas ao desconhecimento das idéias de Marx e Engels<sup>155</sup>, caracterizando assim um confuso socialismo, com características positivistas, darwinistas, anarquistas, com uma leitura mecânica e evolucionista do pensamento de Marx. Mas será que o socialismo brasileiro estaria tão distante ideologicamente dos países em que subsistiria uma versão mais "pura"? Durante sua viagem pelo Atlântico teria nosso socialismo se contaminado por ideologias impuras disvirtuando-se do real socialismo que caracterizaria os países evoluídos da Europa ocidental? Seria então pelo fracasso da receita brasileira que o socialismo fracassou em nossas terras?<sup>156</sup>

Mas haveria, na realidade, algum país no mundo onde

---

<sup>154</sup> SSP, 29.5.1898.

<sup>155</sup> B. Fausto - *Trabalho Urbano e Conflito Industrial*, pg. 98; F. F. Hardman & V. Leonardi - *História da indústria e do Trabalho no Brasil*, pg. 258; entre outros.

<sup>156</sup> C. Batalha, *op. cit.*, pgs. 22 e 23.

encontraríamos este marxismo "puro"? Somando-se a isso, não haveria também uma confusão entre marxismo e socialismo, será que podemos, para este período, reduzir o segundo ao primeiro sem estarmos cometendo um abuso histórico?

Para responder estas perguntas vamos observar como foi a recepção das idéias de Marx e Engels no movimento operário e socialista europeu, na segunda metade do século XIX.

As idéias de Marx surgem num contexto de mudanças, que compreendem a última metade do século dezenove. Ideologicamente, o marxismo surge da decadência das diversas correntes socialistas, após a derrota socialista na Comuna de Paris (1871) - que também se seguiu à frustração das esperanças democráticas de 1848.

Estruturalmente, este período se caracteriza com a mudança da composição da classe operária, com a paulatina, mas inexorável redução numérica, e de importância, da atividade artesanal. O desenvolvimento da grande indústria com a absorção cada vez mais significativa da mão de obra desqualificada. Seriam os operários industriais e não os artesãos a nova base da classe operária - não esquecendo que este processo seria lento e avançaria para dentro do século vinte.

Politicamente o centro do movimento socialista muda da França jacobina para a Alemanha wilhelmiana, esta tendência se define com a fundação da II Internacional - a era das insurreições substituída pela era parlamentar -, hegemonizada pela liderança e pelo sucesso indiscutível do SPD (*Sozialdemokrat Partei Deutschland*), que se torna o partido modelo da Internacional.

A ascensão do marxismo como a ideologia hegemônica do movimento socialista acompanha e se firma dentro deste quadro. Não se deve, contudo, obscurecer o fato de que até o surgimento da II<sup>a</sup> Internacional o marxismo estava longe de apresentar a liderança sobre o movimento socialista que apresentaria a partir deste período, pois as próprias mudanças que ocorreram neste período se deram de uma forma muito mais lenta que muitos autores sugerem. A resistência do trabalhador qualificado ao avanço da grande indústria foi um fato até pouco tempo negligenciado. Como mostra Hobsbawm, na realidade a grande indústria inglesa utilizou

o trabalhador qualificado muito tempo além do final do século XIX, é só a partir de 1914 que a tendência real de substituição do artesão pelo operário se definiu de modo visível.<sup>157</sup>

Consequentemente, as ideologias coletivistas - frutos de um tipo de trabalhador e de um tipo de sociedade que já não tinham futuro - subsistiram por um longo tempo no movimento operário, contudo sua força e seus dias de glória tinham sido sepultados com a morte da AIT ( Associação Internacional dos Trabalhadores, conhecida como a Iª Internacional) assim, o marxismo surge quando já havia uma tradição socialista forte entre operários de diversos países, e durante toda sua vida Marx lutou contra estas tendências - vide sua atuação na I Internacional.

A atuação de Marx no seio da A.I.T. consolidou seu nome como um grande líder socialista, contudo, sua liderança política foi muito contestada, dentro da A.I.T. a própria luta das várias correntes pelo domínio político e ideológico não era legitimada, pois havia um forte sentimento de pluralismo no campo político e ideológico que condenava qualquer tentativa de hegemonizar o movimento; assim, o uso de "etiquetas" como marxistas e bakuninistas tinha um sentido negativo, uma forma de desqualificar o adversário.

A própria *demarche* do marxismo no movimento operário alemão é a história da luta daquele contra as tendências que tinham a simpatia de grandes parcelas do movimento alemão, assim, não é à toa que o programa da unificação da social-democracia alemã, em Gotha, de 1875, foi feito sob o signo do domínio das idéias de Lassalle.

É só a partir da morte de Marx (1883) que, paradoxalmente, o marxismo começa a hegemonizar o movimento operário alemão. Engels se torna o líder espiritual e o grande continuador do marxismo. Contudo, é Kautsky que se tornaria o verdadeiro responsável pela difusão do marxismo, e aquele que sistematizaria o que se tornou conhecido como o "marxismo da Segunda Internacional". A revista "*Neue Zeit*", fundada em 1882 com o objetivo "elevar o nível

---

<sup>157</sup> Hobsbawm, E. - " Artesãos ou Artífices do Trabalho?", in Mundos do Trabalho.

teórico da Social-democracia, desagregando-se das antigas tendências e afirmando o marxismo como a ideologia 'oficial' desta".<sup>158</sup>

Pode-se dizer, que os dois momentos intelectuais que promoveram a reviravolta social-democrata para o marxismo foram o "*Anti-Dühring*", de Engels (1878), e a sua influência como divulgador autorizado e co-autor da obra marxista; e a fundação da *Neue Zeit*, dirigida por Kautsky, que, após a morte de Engels se tornou o maior teórico da social-democracia e o guardião oficial da ortodoxia marxista,

Kautsky foi um darwinista assumido, sua concepção de marxismo procurava combinar as ideias dos dois pensadores, contudo não se deve presumir que foi Kautsky que foi o responsável por esse amálgama, ele apenas refletiu e consolidou essa interpretação já popular nos meios socialistas.

É por volta deste período que o termo "marxista" assume a conotação positiva que seria empregado dali por diante. Agora os militantes não mais refutariam, a conotação de marxista mas sim teriam orgulho de ligar seu nome ao do "mestre".<sup>159</sup>

Não foram poucos os esforços de Marx e Engels para eliminar a influência de figuras como Lassalle, Rodbertus, e Dühring sobre o movimento operário alemão. Ainda em 1884, Kautsky era obrigado a reconhecer que havia "duas escolas socialistas que dominavam os espíritos na Alemanha de hoje: a de Marx e a de Rodbertus".<sup>160</sup>

Nos outros países o processo foi ainda mais difícil, pois a implantação de correntes radicais ou socialistas dificultou em muito a implantação do marxismo nestes países. O caso exemplar é a França, com sua tradição jacobina, com versões blanquistas ou proudhonianas, ou versões reformistas como a de Paul Brousse, as tradições anarquistas da Espanha, Itália e Rússia; os liberais-radicais e os jacobinos ingleses, os populistas russos,

---

<sup>158</sup> G. Haupt, "Marx e o Marxismo", in: E. Hobsbawm - História do Marxismo, vol. 1, pg. 365.

<sup>159</sup> G. Haupt, *op. cit.*, pg. 364.

<sup>160</sup> Cf. K. Kautsky, *Das Kapital*, in "*Neue Zeit*"; in G. Haupt, *op. cit.*,

mazzinianos e garibaldinos na Itália.

Na realidade a contínua decadência das correntes socialistas pré-marxistas não foi caracterizada pela eliminação "física" destas idéias, mas sim o processo ocorreu paralelo com absorção das idéias marxistas pelo movimento socialista, criando-se um amálgama de tendências as mais díspares, o que se chamou, apropriadamente, de socialismo eclético. Assim, Marx era lido conjuntamente a Lassalle, com Proudhon, com Benoit Malon, com Rodbertus, com Schaeffle, com Bakunin; também tinha seu nome ligado as idéias de homens como Darwin, Haeckel, Spencer, Comte e outros, que faziam parte do universo intelectual de amplas camadas de socialistas, e ajudavam a compor o espírito da época.

O período de duração da I Internacional (1864-1876) demonstrou quão difícil era a batalha que Marx e Engels tinham pela frente contra as tradições socialistas - revolucionárias e reformistas - que imperavam na maioria dos países europeus. Frente as idéias de Proudhon, Blanqui e Bakunin, Marx enfrentou uma cerrada oposição que finalmente o levaria à mudança da sede da Internacional, logo após o Congresso de Haia de 1872, para os U.S.A., tentando evitar o domínio dos bakuninistas. Esta mudança significou, na verdade, o fim da A.I.T. (1876) e significou também, a derrota das idéias de Marx - que viu a união dos sindicatos ingleses, dos suíços, dos belgas, dos italianos e espanhóis, mais ainda a fração lassalliana da delegação alemã, em torno das idéias de Bakunin.

Portanto, quando falamos da relação entre marxismo e movimento operário, podemos apenas dizer que o marxismo - enquanto um corpo teórico e político sistematizado - surge apenas no final da década de oitenta, e mesmo assim para o período entre 1890 a 1905, devemos dar uma definição livre e plural do que seria o marxismo.<sup>161</sup>

é neste contexto que poderíamos entender o socialismo, que se forma nestes anos, como um socialismo eclético - ou seja, como um

---

<sup>161</sup> E. J. Hobsbawm - "La Diffusione del Marxismo (1850 - 1905)", in : Studi Storici, Vol. XV; pg. 243.

socialismo que constrói seu aparato teórico e seu discurso com uma ampla gama de autores de diferentes origens teóricas e políticas, e que não tem como centro a teoria de nenhum autor em especial, um socialismo que não é marxista, proudhoniano, lassaleano, maloniano, ou outro qualquer - onde muitas vezes temos dificuldades de separar as várias ideologias socialistas entre si. O socialismo eclético é, em realidade, aquele que domina entre os militantes socialistas do final do século, e mesmo entre os primeiros anos do século XIX. Assim nos fala Kautsky, sobre o período de 1870-1880 na Alemanha:

"Os resultados das investigações de Marx e Engels eram geralmente aceitos, mas seu fundamento frequentemente mal digerido, e era escasso o número de marxistas consequentes. O programa de Gotha, a influência de Duhring, o sucesso da 'Quintessência do Socialismo' do Sr. Schaeffle no meio partidário mostram a que ponto o ecletismo se achava difundido." 162

É apenas no final da década de oitenta que o marxismo e o socialismo eclético começam a se separar, fenômeno que se inicia na Alemanha.

Dissemos da importância para o marxismo da influência do SPD no seio da II Internacional, ele levou consigo a vitória das teses marxistas sobre a determinância da luta de classe e a luta política independente do proletariado - tanto assim que entre 1884 e 1892 se formaram a maioria dos partidos socialistas europeus - a própria estrutura organizacional da II Internacional comprova estas idéias, agora teríamos uma associação internacional de trabalhadores composta essencialmente de partidos políticos, ao contrário da velha A.I.T., formada basicamente de associações, ligas, sindicatos e grupos socialistas independentes.

O sucesso organizacional e eleitoral do SPD deve ser levado

---

162 *G. Haupt, op.cit., pg. 361.*

em conta como um dos fatores fundamentais para a hegemonia das idéias marxistas no seio do movimento socialista europeu, pois a grande maioria dos partidos socialistas criados neste período declaravam expressamente que assumiriam os modos de ser, o programa e a doutrina da social-democracia alemã.

A vitória das concepções políticas de Marx são evidentes com a consolidação da II Internacional Socialista, seria contudo, muito pouco para explicar a hegemonia das idéias de Marx sobre o movimento socialista. Não devemos contestar Hobsbawm quando este afirma que a vitória do marxismo sobre as outras correntes socialistas rivais se deva a superioridade de sua construção teórica, e a consequente fragilidade teórica das outras correntes<sup>163</sup>; contudo, devemos compreender qual era o fascínio que o marxismo exercia sobre a grande massa de operários e mesmo para representantes da classe média, mas que eram pessoas pouco afeitas a grandes digressões teóricas. Qual era, afinal, o marxismo a que se ligavam? Afinal, sabemos que as obras de Marx eram muito pouco lidas, mesmo entre o círculo de socialistas que se dizia filiado às suas idéias de Marx, e utilizava em seus argumentos conceitos teóricos retirados das obras dele e de Engels?<sup>164</sup> Compreender isso é entender o processo de divulgação e massificação do marxismo, é compreender um pouco do universo ideológico dos militantes sociais-democratas do final do século, é compreender o marxismo difundido pelos manuais e repetido acriticamente pelos divulgadores e propagandistas do ideal socialista.<sup>165</sup>

O chamado "marxismo vulgar": mecanicista, evolucionista, determinista, positivista e cientificista, foi a ideologia que se apossou das massas e que um meio efficientíssimo de propaganda

---

<sup>163</sup> *ibid.*, pg. 269.

<sup>164</sup> Assim, perguntava Antonio Labriola: "Fora da esfera dos amigos e dos colaboradores, dos discípulos fiéis e dos seguidores próximos, os escritos de Marx e Engels foram inteiramente lidos por alguém?", in "La Concezione Materialistica della Storia", pg. 185; cf. F. Andreucci, *op. cit.*, pg. 70.

<sup>165</sup> F. Andreucci, *op. cit.*, particularmente, pgs. 66 a 71.

como o comprovam sua espetacular difusão nos anos seguintes.<sup>166</sup>

Uma chave para entendermos este "marxismo" está na própria imagem de Marx, pois este não era conhecido como um líder socialista radical, como líder revolucionário. Marx era visto como uma figura genial, como um grande "douto", um grande cientista, um grande sociólogo como o genial cientista que desvendou as leis do desenvolvimento social, como grande economista que decifrou as leis de funcionamento da sociedade capitalista.<sup>167</sup> Assim, Marx era descrito invariavelmente como um teórico brilhante, porém, impenetrável:

"Como lógico Marx foi um dos homens mais claros e penetrantes que já empunharam uma pena; era, contudo demasiado frio para excitar o entusiasmo".<sup>168</sup>

Assim, a importância de Marx para o movimento operário não era tanto seu programa político de superação do capitalismo e sim por sua análise científica das contradições do funcionamento da sociedade capitalista, por suas premissas e não por suas consequências.

Marx trouxe para o campo social as luzes da ciência, superando a metafísica dos filósofos utópicos que só sabiam praguejar e amaldiçoar a miséria e a pobreza produzida pela sociedade burguesa, fazendo do socialismo uma concepção romântica e ilusória. Marx teria feito a passagem das idéias revolucionárias de Darwin do campo das ciências da natureza para

---

<sup>166</sup> Por exemplo; F. Andreucci, *op. cit.*, pg. 70. Ou, E. Hobsbawm, *op. cit.*, pg. 269.

<sup>167</sup> Assim, o necrológico da "Neue Zeit" fala de Marx como um dos maiores "doutos" do seu tempo: "Através da investigação das leis do movimento histórico e econômico, Marx colocou-se entre os maiores pensadores e cientistas. Ninguém poderá ou pretenderá contestá-lo. A sua teoria adquiriu para a ciência a mesma importância da teoria darwiniana; assim como esta última domina as ciências naturais, aquela domina as ciências econômicas e sociais." Cf. G. Haupt, *op. cit.*, pg. 361.

<sup>168</sup> C.H. Mayer - Marx, Engels and Australia, pg.149; cf., F. Andreucci, *op. cit.*, pg.38.

o campo das ciências do homem. Era nota comum, no final do século a idéia de que Darwin - como também Spencer e Haeckel - tinham criado o método científico necessário para o desenvolvimento de uma teoria do social que se livrasse da especulação metafísica da filosofia. É exatamente o que nos relatava Vaillant:

"Spencer, Darwin, e Haeckel (teriam) dado à ciência social, através da doutrina evolucionista do desenvolvimento, a base, o método científico e correto..."<sup>169</sup>

Marx teria avançado o pensamento de Darwin introduzindo o conceito de evolução nas sociedades humanas através do conceito de modo de produção - de forma mecânica e teleológica - dando um caráter científico à filosofia da história dos socialistas; assim, o socialismo não era apenas o grito de angústia das classes oprimidas, mas sim, passaria a ser uma etapa necessária no desenvolvimento da civilização humana. Reinvidicando um caráter científico para sua concepção da história, os socialistas afirmavam a legitimidade de suas pretensões.

O paralelo entre Marx e Darwin é constante naquele final de século. Afinal as idéias de Darwin eliminavam o caráter transcendente das concepções religiosas que ainda impregnavam a sociedade. Darwin interpretado pelos socialistas nos deu a visão de um mundo em constante mudança, em constante aprimoramento, a vida humana determinada pelas condições materiais - e não por forças divinas - um mundo racionalizado por leis próprias que estavam ao alcance do homem através da ciência, portanto, bastaria a aplicação desta mesma ciência à sociedade humana - que também se regia por leis próprias - para que se os problemas sociais fossem solucionados. <sup>170</sup>

---

<sup>169</sup> F. Andreucci, *op.cit.*, pg. 33.

<sup>170</sup> Assim, por ex. a interpretação de Kautsky, o seu marxismo, une "naturalmente" Marx a Darwin: "Como toda sua geração parese inspirar-se no sucesso, na repercussão, na força da atração do termo 'darwinismo', o desejo de exprimir simbolicamente uma

As idéias de evolução e progresso foram fixadas "cientificamente" pelas teorias darwinistas; assim, assegurou-se a populariedade do materialismo positivista e se deu critério científico ao socialismo, que passou a ser sinônimo da sociologia, a ciência da sociedade.<sup>171</sup>

A interpretação "darwinista" de Marx, deu ao marxismo uma coloração de legitimidade imediata, deu ao movimento operário uma ideologia que legitimou suas pretensões perante à sociedade, que legitimou sua luta contra a burguesia, que a inseriu como real ator histórico, como real participante na disputa pelo poder político.

O marxismo se encontra com o movimento operário em uma conjuntura específica, qual seja, aquela do refluxo das derrotas de 1848 - 1871, a da marginalidade do movimento operário, da sua exclusão das arenas decisórias de uma sociedade burguesa em que a democracia estava reservada aos "homens bons".

Gramsci capta de maneira acertada a importância desta interpretação determinista e evolucionista do marxismo:

"Quando não se tem a iniciativa da luta e a própria luta acaba por identificar-se com uma série de derrotas, o determinismo mecanicista se torna uma força formidável de resistência moral, de coesão, de paciente e obstinada perseverança. 'Fui momentaneamente derrotado, mas a força das coisas trabalha em meu favor, a longo prazo, etc.' A vontade real se reveste num ato de fé, numa certa racionalidade da história".<sup>172</sup>

---

*dimensão essencial da obra de Marx orienta o seu modo de proceder, e se o darwinismo é sinônimo de ciências da natureza, marxismo é o sinônimo de ciências sociais.(...)"(G. Haupt; op.cit., pg. 370.)*

<sup>171</sup> Assim, não nos deve espantar que o primeiro volume da "Internationale Bibliothek" do editor Dietz fosse o livro de Edward Aveling intitulado "A Teoria de Darwin", (F. Andreucci, op.cit., pg. 61.)

<sup>172</sup> A. Gramsci - Quaderni del Carcere, pg. 1388. Cf. F. Andreucci, op.cit., pg. 23

A concepção científica do socialismo inseria a luta dos operários dentro do processo histórico de evolução da humanidade, o operário deveria derrubar os entraves erguidos pela burguesia ao avanço da civilização. A evolução da sociedade assegurava, que as leis históricas caminhavam passo a passo com as lutas operárias, a razão e a ciência decretavam a esterilidade da resistência burguesa, e a inevitabilidade da vitória socialista.

Assim, na leitura simplificada corrente do século XIX, a concepção materialista da história se torna uma mera transposição da teoria darwinista da evolução - como também do etapismo positivista de Comte - para o campo social; a necessidade das leis do desenvolvimento histórico, a necessária sucessão dos modos de produção. Assim, o "socialismo científico" cumpria uma função ideológica precisa: mais do que fornecer as ferramentas adequadas para se analisar os conflitos existentes em uma dada sociedade, conhecer a estrutura social, a estrutura de dominação, e, conseqüentemente, formular estratégias para levar tais sociedades rumo ao socialismo, era uma concepção para legitimar a função política desse movimento e criar a coesão social necessária para um movimento ainda frágil, que acumula derrotas, incertezas, e que se mantém subordinado ao domínio político da burguesia.

Compreende-se, também, o caráter reformista de tal ideologia, pois o evolucionismo mecanicista só no limite admite rupturas revolucionárias no desenvolvimento das condições objetivas da sociedade. Marx - ao ter descoberto as leis do desenvolvimento histórico - teria demonstrado que o socialismo era produto inevitável das contradições do capitalismo.

Com as idéias do socialismo os homens aprenderam a por o destino em suas mãos. Esse marxismo simplicista por mais incapaz que fosse, como ferramenta eficaz para desvendar as contradições de determinada sociedade, foi um fator essencial para por em marcha o mais importante movimento popular que jamais fora visto na história da humanidade. Como o próprio Marx nos havia lembrado "as ideologias se tornam forças reais apenas quando se apoderam das massas". Foi esse o marxismo que se apoderou das massas e foi com ele que estas lutaram pela sua liberdade. Não cabe a nós

declararmos a insuficiência desse pensamento mas compreendermos a sua importância decisiva na história dos dois últimos séculos.

Não foi à toa que seus ideais despertassem as paixões de todos os tipos de reformismo, de um variado número de pessoas que lutavam pela justiça e por uma sociedade mais justa. O socialismo, portanto, era uma ideologia de classe destinada a abolir toda divisão de classes, uma teoria de classe destinada a todas as classes. Seu caráter reformista e progressista, vazou os limites das classes operárias, atingiu as classes médias radicalizadas descontentes com o rumo das sociedades burguesas, atraiu seus intelectuais, e mesmo membros descontentes das elites, intranquilos com os incertos rumos da competitividade desenfreada do mercado.

Vimos como no Brasil a palavra socialismo serviu a vários anseios de reformas, tanto republicanas como operárias; contudo o léxico socialista atinge um outro patamar nos últimos anos do final do século, com a influência decisiva do socialismo veiculado pela II Internacional. Com a publicação dos jornais "O Socialista", em São Paulo, e "A Questão Social", em Santos, os grupos socialistas ligados a estes jornais passam a receber a influência de Marx e da social-democracia alemã, e se inserem não apenas cronologicamente, mas ideologicamente sob a influência da Internacional Socialista. Na década de 90 do século XIX, período em que surgem as primeiras tentativas de se construir um movimento socialista no Brasil, o socialismo a nível internacional vive uma verdadeira revolução, é o período em que as concepções de Marx e Engels assumem progressivamente a hegemonia ideológica do movimento. No Brasil, o socialismo que brota com o início da República, tem como marca ideológica característica a inserção neste período de transição dentro das hostes socialistas.

Após um primeiro período, entre 1889 a 1893, em que, como vimos anteriormente, o ideal socialista mostrava ainda uma forte concepção utópica, o surgimento de novos grupos, principalmente no Estado de São Paulo, demonstra uma rápida caminhada de nossos socialistas para o vocabulário ideológico determinado pela hegemonia da IIª Internacional.

Este movimento socialista que surge em São Paulo em 1895, já surge sobre uma experiência não desprezível no campo das lutas sociais, e que vai compor uma militância com características diferenciadas da experiência anterior, dada pela inserção de grupos de trabalhadores que carregam uma experiência de luta radicalmente diferente de seus companheiros cariocas: os imigrantes.

O movimento socialista paulista nasce já sobre um pequeno acúmulo de experiência operária, que floresceu nos primórdios da República - como o Partido Operário de São Paulo -, como também das lutas pela Abolição e a República. E, também, já nasce sob a influência da literatura mais atual que se produzia na Europa, difundida principalmente pela dissidência republicana de classe média que compunha uma parte da militância socialista do período.

A vinda de militantes da vanguarda do movimento socialista internacional para nossas terras - por exemplo os socialistas da *Allgemeiner Arbeiterverein*, com profundas ligações com a social-democracia alemã também contribuiu para colocar o nosso movimento em sintonia com o socialismo europeu.

A indicação da literatura disponível nas bibliotecas dos Centros Socialistas de São Paulo demonstra que era colocado a disposição da militância o que de melhor se produzia no movimento socialista internacional.

Só a título de exemplo, o Centro Socialista de Santos recomenda os seguintes títulos constantes em sua biblioteca:<sup>173</sup> Marx: *Le Capital*; Engels: *Socialisme Utopique et Socialisme Scientifique*; Blanqui: *Critique Sociale*; Benoit Malon: *Le Socialisme Integral*; Lundis Socialistes; *Economie Sociale*; *Socialisme Reformiste*; Magalhães Lima: *La Federación Iberique*; *O Livro da Paz*; *Socialismo na Europa*; *O 12 de Maio*; *Pela Patria e pela República*; *Discursos*; Kropotkine: *La Conquete du Pain*; *Paroles à un Revolté*; Bakounine: *Oeuvres*; Schaeffle: *La Quintessence du Socialisme*; Lombroso: *Gli Anarchi*; Bellamy: *Daqui a Cem Anos*; Durkheim: *Du la Division du Travail Social*; Cezar de

---

<sup>173</sup> QS, 15.10.95.

Paepe: Le Collectivisme; etc.<sup>174</sup>

Como pode-se notar uma literatura quase toda em francês.

Já no Centro Socialista de São Paulo temos, por ex., os seguintes títulos: Marx: O Capital; Miséria da Filosofia; Manifesto Comunista; Capital e Salário; Guerra Civil na França; Discurso sobre o Livre Câmbio; Engels: Socialismo Utópico e Socialismo Científico; A Economia Política; A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado; A Evolução da Revolução; Lassalle: Capital e Trabalho; Bebel: A Mulher e o Socialismo; Ferri: Socialismo e Ciência Positiva; Discórdia Positiva sobre o Socialismo (Ferri contra Galofaro); Turati: Revolta e Revolução; A Moderna Luta de Classes; O Dever de Resistência; As Oito Horas de Trabalho; Guesde: A Lei dos Salários e suas Consequências; O Coletivismo; Coletivismo e Revolução; Lafargue: O Materialismo Econômico de Marx; A Autonomia e a Jornada Legal de 8 horas; O Direito a Preguiça; Deville: Estudo Sobre o Socialismo Científico; Resumo do "Capital" de Karl Marx; A Greve Geral; O Anarquismo; Plechanow: Anarquismo e Socialismo; entre outras.<sup>175</sup>

A informação sobre o movimento socialista internacional provinha também da troca de periódicos com vários jornais socialistas do estrangeiro, por exemplo, o Centro Socialista de São Paulo, informa dispor para consulta os seguintes periódicos: EL Socialista, de Madrid; L' Avenir, de Buenos Aires; Les Temps Nouveaux, de Paris; A Federação, de Lisboa; Era Nuova, de Gênova; El Mecanico, de Buenos Aires; A Obra, de Lisboa; Der Zeitgeist,

---

<sup>174</sup> A Biblioteca do Centro Socialista de Santos, na realidade é, pelo menos em sua grande maioria, a biblioteca de Silvério Fontes e encontra-se conservada na Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio, em Santos, com um acervo precioso de algumas centenas de volumes, sendo que uma grande parte deles literatura socialista do século passado, também faz parte do acervo a biblioteca de seu filho, o também médico e poeta Martins Fontes. Esta biblioteca é praticamente desconhecida pelos pesquisadores e é uma fonte de material sobre o movimento social do século passado única em seu gênero no Brasil e quiçá uma das únicas no mundo.

<sup>175</sup> SSP, 25.1096.

da Austria-Hungria; Postillon, da Alemanha, etc.<sup>176</sup>

Assim, não nos surpreendemos que as características ideológicas deste seu socialismo seja a do ecletismo, que também imperava no seio da Internacional Socialista neste período.

Nossos socialistas estão inseridos na vanguarda do movimento socialista mundial, o seu socialismo é "científico" e acompanha os ditames da Internacional Socialista, mas, também, estão inseridos no turbilhão da modernidade cultural do século XIX. Defendem a igualdade entre os gêneros, o divórcio, a união livre, a laicização do mundo, a democracia, a racionalização da sociedade, a ciência, a civilização e todas as conquistas dadas pela evolução social.

Darwinistas, por acreditar na evolução natural da sociedade no caminho da justiça e do bem-estar; positivistas, por acreditar, como Comte, na superação da religião e do militarismo pela ciência e a industrialização; organicistas, como Spencer, por acreditar no altruismo-coletivismo ao invés do individualismo e da competição - ou seja, na sua visão da sociedade com um organismo onde a colaboração entre as partes forma o todo.

Um anti-liberalismo, em versão conservadora ou progressista, banhava o pensamento reformista deste final de século; o interessante é notar que, tanto em sua versão progressista, quanto conservadora, os três autores acima citados têm um lugar garantido no Panteão do Heróis; seja para combater a burguesia, ou adorar a mesma, seja para combater o *Ancien Régime* ou o capitalismo, seja para glorificar a livre concorrência seja para justificar o coletivismo.<sup>177</sup>

---

<sup>176</sup> SSP, 16.8.96.

<sup>177</sup> Bulferetti, no clássico "*Le Ideologie Socialistiche in Italia...*", pgs. 54 a 57, procura compreender a difusão das idéias socialistas na Itália e sua ligação com o pensamento positivista e evolucionista; destaca a grande penetração destas duas correntes de pensamento tanto no ideal socialista como no conservador. Justifica assim sua populariedade nos meios burgueses: Comte era bem visto porque sua teoria divinizava o fato concreto, que aplicava à história a teoria de uma evolução progressiva, gradual e contínua, uma teoria antireacionista e antirevolucionária, uma teoria que excluía a Divina Providência e

Contudo, a leitura socialista de Spencer, Comte e Darwin resalta os aspectos mais revolucionários destes autores: a crítica ao absolutismo, a crítica ao individualismo, a visão laica da sociedade e, mais do que isto, a visão materialista da sociedade, a teoria da evolução inabalável da civilização no rumo de uma sociedade mais justa; sem dúvida os socialistas levaram as teorias evolucionistas, positivistas e organicistas onde os próprios autores nunca teriam coragem de levar: a justificação do socialismo como evolução natural da sociedade!

Fundada no domínio da razão e da ciência nossos socialistas reivindicavam a legitimidade de suas críticas. Não podendo se apoiar nas vitórias de um movimento social poderoso, nossos socialistas se apoiavam na ciência para justificar seu direito a existência. Sem poder contar com a força do proletariado para empurrar suas reivindicações, a idéia de uma evolução gradual e inevitável rumo a socialismo, independente das resistências iniciais do proletariado ou da insensibilidade da burguesia, criava um alicerce sólido para seu movimento. 178

Assim que a modernidade se instaura no Brasil em 1889, os socialistas iluminados pelas luzes do progresso e da civilização saudam a queda do *Ancien Régime* a vitória da República Política, já antevendo no horizonte o surgimento da República Social, resposta natural à decrepitude precoce de nosso capitalismo.

Chegariam à esta conclusão apoiados nas teorias de Marx, de Malon, mas também de Comte, Darwin e Spencer.

Acompanhemos a visão de mundo de nossos socialistas sobre a sociedade e compreendamos um pouco mais o ecletismo socialista do final do século XIX. Vejamos primeiro a visão organicista de

---

*a revolução dos fatos históricos. Darwin justificava sua populariedade entre a burguesia pois dava ares científicos ao seu domínio, afinal os mais fortes, isto é os mais , eliminam os fracos, isto é os pobres; e justifica a ação das grandes potências imperialistas sobre o globo, os povos mais evoluídos prevalecendo sobre os menos evoluídos.*

178 Apoio-me novamente na citação de Gramsci que explica o predomínio do determinismo mecanicista no movimento operário deste período devido ao seu "aroma ideológico imediato", inserida na página 13 deste capítulo.

sociedade de nossos socialistas, reflexo óbvio das teorias de Spencer:

"1 - A sociedade é um organismo 'semelhante' aos organismos animais pela existência de uma divisão do trabalho fisiológica, do progresso orgânico, da cooperação das partes componentes para um fim comum e de uma consciência (...).

2 - Perfeita simpatia fisiológica em suas diferentes partes que, todas participam integralmente da natureza do todo, e, pois, 3 - Modificações quaisquer em cima das partes acarretam modificações mais ou menos superiores em todas as outras (...)

Há porém uma divisão natural, embora superficialíssima, que é indispensável nos estudos sociais. é a divisão dos fenômenos sociais em 3 ordens: a) economia, b) política, c) moral. "179

Essa visão organicista de sociedade justifica uma sociedade em que a cooperação e não a competição, a ação coletiva e não o individualismo, seriam a base das relações sociais e produtivas.

Contudo, é na sua concepção de mudança social que a pretensão socialista de encarnar o progresso se justifica:

"(...) A teoria do socialismo é a evolução. Evolução quer dizer o movimento natural e fatal, executado segundo uma lei do universo (a idéia de lei, quando se trata de 'sociedade', é a mesma que formamos quando consideramos outros fenômenos naturais (...)).

As formas sociais são essencialmente instáveis, não se podem evitar suas transformações (...). Ora, o estudo dessas modificações nas relações sociais, é o que constitui o socialismo. Portanto, o socialismo se impõe a todas as pessoas razoáveis como uma consequência

inevitável da lei da evolução. Evolução quer dizer, educação, civilização (...), ciência, belas artes e a indústria (...) o estado de organização é essencialmente dependente da civilização (...) 'as forças sociais preponderantes terminam necessariamente por se tornarem-se dirigentes' ("Política Positiva", August Comte). Do estudo das leis naturais que regem a sociedade, do estudo da evolução social, se deduz que o sistema social que até agora tem predominado, mas vai sendo pouco a pouco substituído, é o 'sistema militar-teológico'. Trata-se, pois, de substituir este sistema pelo 'científico-industrial' (...). Defendido na Alemanha por Karl Marx (coletivismo marxista), na França, por Benoit Malon (coletivismo reformista) (...)." 180

Uma característica básica do ecletismo socialista é a concepção rigidamente etapista de desenvolvimento social, assim aceita-se acriticamente que a sucessão dos modos de produção de Marx seja semelhante a sucessão dos sistemas sociais de Comte. Outro ponto essencial de sua teoria da mudança social é a prioridade total para o conceito de evolução que chega a ser sinônimo de socialismo, que por sua vez é sinônimo de ciência, assim, se leva a uma equação reducionista que diz que: ciência=evolução=socialismo.

Assim, o socialismo perde todo seu caráter político e revolucionário, se torna a ciência que estuda as mudanças naturais das sociedades, a sucessão necessária dos sistemas sociais. Seria a ciência do social, a sociologia, como nos diria Lavroff: "A sociologia é o estado de solidariedade humana e das fases diversas porque passou o homem se encaminhando para o fim coletivista..." 181

---

180 SSP, 20.9.96. *Manifesto do Partido Democrático Socialista*, trechos extraídos dos livros: *Transformismo e Socialismo*, de L. Dramard (1884); e *Teoria do Socialismo*, de Oliveira Martins.

181 SSP, 30.8.96.

Contudo, o conceito de mudança social centrado na idéia da evolução darwinista-comtista tem um incomodo que salta aos olhos, a concepção da luta pela existência, que na concepção original de Darwin contempla a vitória do forte sobre o fraco, para aplicar um corretivo sobre esta "lei zoológica estúpida", como diria Carlos de Escobar, nossos socialistas tiveram que se apoiar em argumentos éticos como o "sentimento de justiça", a busca de elementos externos ao evolucionismo científico denota a dificuldade de encaixar as peças do darwinismo social nos moldes reformistas do socialismo. Contudo, o sentimento de justiça será também produto da evolução....

"A condição universal da evolução é a luta (...). No reino mineral, o rochedo (...) luta contra as ondas (...). No reino animal (...) é o resultado da 'luta pela vida' de que nos fala Darwin (...). Porém, no homem surgem elementos novos entre os quais a razão (...). O individualismo de hoje é filho do princípio da luta selvagem e anárquica pela vida (...). O socialismo é filho do mesmo princípio aliado a razão (...). Luta de classes o princípio da associação para a luta (...) de um lado, (e o) profundo sentimento de justiça e altruísmo (...). O primeiro origina-se das leis naturais sintetizadas na idéia de evolução, o segundo vem da razão humana (...). Esta segunda parte nos trará a própria evolução. A nós cabe apenas propagar uma nova moral positiva e científica de modo a reformar os costumes, substituindo o sentimento de solidariedade ao feroz egoísmo dominante (...)." 182

A assimilação incompleta e mecânica do marxismo - a incorporação do etapismo comteano ao invés do conceito de modo de produção, da luta pela existência de Darwin ao invés da luta de classes, em resumo a incorporação da lei da evolução e não da

---

182 SSP, 8.11.96.

dialética marxista - a incapacidade de compreender dialeticamente o processo de mudança social empurra os socialistas para uma visão ética que os aproxima de Benoit Malon. Seu socialismo é científico e não marxista, porque só com o auxílio do método científico os problemas sociais podem ser verdadeiramente conhecidos e resolvidos, e em consequência deste demonstra que o socialismo não é apenas uma crítica romântica da sociedade burguesa e sim uma necessidade natural do progresso da civilização humana.

A incorporação da ciência levou o socialismo para dentro do turbilhão da modernidade, se o socialismo não puder comprovar cientificamente sua necessidade não sobrevive um minuto sequer. O socialismo dos modernos, é assim, uma ruptura com o passado de revoltas e da crítica moral da sociedade burguesa, o socialismo dos antigos foi suplantado pela ciência dos modernos.

Se o socialismo sempre existiu, desde as épocas remotas da sociedade - a eterna luta dos pobres contra os ricos, segundo Estevão Estrella<sup>183</sup> - porém só agora abandonou seu caráter romântico e utópico.

Este socialismo dos modernos tem como características básicas a inversão de seus objetivos; não mais concentrados na questão moral, da utopia da volta às comunidades antigas, na construção de sociedades ideais, e sim à subordinação de seus objetivos aos critérios científicos, à observação e a investigação que demonstrariam a prevalescência dos aspectos econômicos e sociais sobre os políticos, deixando de lado seus aspectos voluntarísticos e revolucionários; o socialismo moderno crê firmemente na idéia da reforma, aliás, produto inevitável da evolução progressiva da humanidade.

O socialismo dos modernos é produto do progresso e caminha

---

<sup>183</sup> Estrella - que usava o pseudônimo "Marx" - numa série de artigos no jornal "El Grito del Pueblo", que tinham por título "Contrastes", procura acompanhar a história do socialismo desde os tempos antigos, fazendo uma curiosa gênese das idéias comunistas, desde os antigos cristãos. Assim, recria a figura de um Cristo "socialista", discípulo de Platão e Zenon, o Cristo autor desta frase: "Povo, há de saber que o criado é o mesmo que seu amo! Levanta-te."; in, EGP, 21.10.99.

com ele, quer colocar todo o produto do avanço da ciência e da técnica sobre as mãos dos produtores. Assim, nos resume o social-democrata Winiger, a visão dos modernos:

"Falando do socialismo alemão não trato de um assunto nacional, pois o socialismo alemão é atualmente o socialismo moderno, internacional, universal, (...). O socialismo de Marx e Engels é atualmente tanto o socialismo de Malon e de Jaurés, de Perri e de De Amicis, de Iglesias e França e Silva, como o de Bebel e Liebknecht. (...) O socialismo, no sentido geral, como aspiração para a igualdade de todos os seres humanos, é tão antigo como a humanidade mesmo. Este socialismo se encontra nos filósofos antigos, na Bíblia e no Talmud, nos escolásticos e revolucionários da Grande Revolução Francesa até os anos de 42 e 48 de nosso século. Mas, entre este socialismo antigo e o socialismo moderno, existe uma diferença essencial. O socialismo antigo era primitivo e filosófico, o socialismo moderno é uma ciência real, um cálculo com objetivos positivos. O socialismo, por não encontrar a desejada igualdade entre os homens declarava toda a história humana como caminho errado, errar contínuo, e achava a solução da questão social, só na volta para trás no estado primitivo da sociedade.

O socialismo moderno, científico, considera a história humana como uma cadeia de progressos lentos, mas contínuos, com o fim de criar a liberdade individual. (...) Para resolver este problema social, o socialismo moderno, é o socialismo alemão. Ele tem apenas uma história de meio século, isto é, desde o ano de 1848 (...)."<sup>184</sup>

É fundamental o papel de Marx na criação deste socialismo

---

<sup>184</sup> SSP, 26.1.96. Conferência de Joseph Winiger (redator do *Germania*), no Centro Socialista de São Paulo, em 19.01.1896.

moderno, pois, é com a publicação do "Manifesto Comunista", em 1848, que se inicia a sua história. Subordinando os fatos à ciência, Marx comprovou a importância dos fatos econômicos, subordinando os fatores morais a esses. Com a publicação do "O Capital" se desnuda cientificamente o caráter opressor da sociedade burguesa, através da apropriação privada dos meios de produção. Assim, demonstra-se que o socialismo começa com a análise econômica, com a análise da mercadoria:

"Reconhecendo que a verdade esta ao lado do maior economista do século - Karl Marx - que resolveu problema econômico na sua monumental obra "Le Capital" dando-lhe uma base científica e indestrutível pela socialização do trabalho e divisão pro rata dos produtos do mesmo trabalho, sustenta-nos, pois, "in totum", toda a concepção do ilustrado mestre quando ele afirma: 'A análise da mercadoria, forma elementar da riqueza, será por consequência o ponto de partida de nossas pesquisas', por estarmos mais que convencidos que todos os males e iniquidades sociais provém exclusivamente da questão econômica, em torno do qual giram a engrenagem social em todas as suas ramificações. (...) RICARDO ". 185

Contudo, não se credita a Marx, exclusivamente, as glórias de ter dado ao socialismo internacional o caráter científico, esse é produto do socialismo alemão, é o produto de uma plêiade de pensadores:

"(...) Lassalle, Jaquetzow, este aliás tão ingratamente esquecido, iniciaram-no, Karl Marx deu-lhes as base eterna no terreno econômico. (...) Cada vez mais consciênte, à medida dos progressos da ciência, a teoria socialista viu na sociedade um organismo (Schaeffle) proclamou para as revoluções a necessidade indispensável

do concurso das forças sentimentais (Benoit Malon)  
(...)"<sup>186</sup>

Esse é o socialismo eclético, o socialismo que progressivamente se desprende de sua matriz utópica e/ou comunista através da incorporação do cientificismo dominante no final do século, e a complicada absorção de elementos marxistas ao seu discurso. Contudo, o marxismo tem uma longa estrada a trilhar antes que Kautsky, Engels e a social-democracia alemã consigam promover o marxismo a sinônimo de teoria socialista, a determinar o marxismo como teoria auto-suficiente para compreender a sociedade humana como um todo, e não apenas como uma teoria parcial e incompleta.

No socialismo eclético, entre os utópicos e o marxismo, convivem as mais variadas tendências reformistas; desde visões liberais de Spencer, Darwin, Stuart Mills, até visões conservadoras como Rodbertus (Jagetzow), Schaeffle, passando por diversas influências coletivistas, como Lassalle, Malon, Proudhon, Blanqui, etc.

Neste período as "etiquetas" - marxismo, integralismo, possibilismo, bakuninismo - ainda são consideradas divisões negativas para o movimento socialista.<sup>187</sup> Nossos socialistas são democratas e pluralistas, portanto, acreditam na convivência pacífica das diversas correntes socialistas, acreditando que o caráter coletivo da criação do socialismo científico demonstra ser:

(...) impossível ter alguém noção clara, positiva,

---

186 SSP, 26.6.98.

187 Como nos mostra Haupt, o período que se estende até a IIIª Internacional, as "etiquetas" são usadas de maneira a acusar os adversários; assim marxistas foi um termo criado por adversários de Marx, para acusar os seus seguidores de fanáticos de uma seita, e vice-versa. Os termos só adquirem conotação positiva com o advento da IIIª Internacional e a ascensão do marxismo como ideologia dominante em seu seio. (Haupt, op.cit., pgs. 340 e segs.)

científica, do socialismo, tendo este ou aquele livro de um ou de outro escritor que estuda a questão social, paradoxalmente, como por exemplo, sob o ponto de vista do Capital (Marx), do coletivismo industrial (Malon), etc. Para saber o que é o socialismo é hoje necessário: 1) Conhecer a evolução histórica, subordinando os fatos ao método científico, isto é, a observação, à experiência, as leis naturais que presidem ao desenvolvimento social. 2) Conhecer os escritores que hodiernamente têm tratado do assunto, e nesse número estão, além dos acima citados, Stuart Mill e Herbert Spencer, que preconizavam particularmente o socialismo agrário de Henry George.<sup>188</sup>

Já vimos que era o Marx teórico que influenciava nossos socialistas. Suas idéias sobre a ação política propriamente dita eram ignoradas em favor de um gradualismo que correspondia à prática do SPD, as teorias de Lassalle e Kautsky e da ala reformista - a dominante do partido.

Outro fator que indispôs nossos socialistas com o marxismo é a presunção de que o socialismo de Marx é uma visão parcial da sociedade - "sob o ponto de vista do Capital" - desprezando fatores fundamentais como a ética e a justiça.

No entanto, Marx já é o autor socialista mais constante no discurso socialista deste período. Praticamente não citado pelos socialistas de período anterior no Rio de Janeiro - estes, como já vimos, mais influenciados pelo pensamento utópico -, adquire uma importância significativa após 1895, ele passa a ser o autor mais citado, e termos como, luta de classes, materialismo histórico, determinismo econômico, super-valor (mais-valia), se tornam correntes.

A tentativa de definir o que seria o marxismo submerso neste complexo caldo cultural de final de século é uma tarefa muito arriscada, já que o próprio socialismo eclético tem como um dos

---

<sup>188</sup> SSP, 6.9.96.

seus pilares uma interpretação evolucionista do marxismo.

Andreucci procura nos dar uma resposta, destacando, contudo, a dificuldade da tarefa:

"Do ponto de vista do conteúdo, não há dúvida que é. O marxismo apresenta-se com características muito próprias, diferentes e originais, ele é o "socialismo científico", distingue-se pela tríade doutrinária de que se compõe, constituída pela luta de classes, pela concepção materialista da história e pela teoria do valor. Mas esta distinção, que pode ser feita no terreno da fisionomia doutrinária, não é tão fácil no terreno da difusão, da expansão geográfica do marxismo. De fato, o marxismo trilha estradas habitadas por muitas idéias, com as quais se choca ou se combina, em um quadro marcado por relações extremamente complexas..."<sup>189</sup>

Os grupos ou os militantes individualmente têm vários graus de aproximação com o marxismo, contudo, é extremamente difícil separar o marxismo do socialismo eclético, pois na realidade ambos são o socialismo científico. O que se encontra no Brasil são pessoas ou grupos que professam maior ou menor fidelidade às idéias de Marx e que se distanciam ou se aproximam mais das outras correntes socialistas.

Tanto isso é verdade, que naquele momento já existiam grupos socialistas que tinham uma aproximação muito grande com o marxismo, podendo inclusive ser classificados como marxistas, se acatarmos as indicações de Andreucci. Além dos alemães da *Allgemeiner Arbeiterverein* - que, contudo, são mais lassalleanos que marxistas - o grupo do Centro Socialista de Santos - Silvério Fontes, Carlos de Escobar e Soter de Araújo - é o grupo que mais se aproxima do marxismo neste período.

Vejamos como o grupo define sua própria filiação. Silvério Fontes ao destacar o pioneirismo de sua propaganda, revela sua

---

189 F. Andreucci, *op. cit.*, pgs. 34/5.

fonte inspiradora: "... o Centro Socialista sente-se satisfeito de ter iniciado, entre nós, a propaganda da doutrina reformadora, estribando-se na trilogia marxista: interpretação materialista da história, determinismo econômico e luta de classes."<sup>190</sup> Em outra ocasião revelam que "a propaganda feita pelo Centro é exatamente de acordo com as idéias do Partido Democrático Socialista Alemão (o Coletivismo Alemão)."<sup>191</sup>

Acrescenta-se a isso os artigos de Carlos de Escobar, nos jornais "A Questão Social" ou no "O Socialista", intitulados, respectivamente: "O Super-valor", "Os Vícios do Capitalismo", "Socialismo", onde o autor procurava explicar, em linguagem mais acessível, os principais conceitos marxistas como; a mais-valia (super-valor), a acumulação primitiva, a luta de classes, a formação do exército industrial de reserva, etc. Em outro ponto, chegam a definir sua filiação à "escola crítico-histórica de Liebknecht e Bebel, do socialismo científico e de Karl Marx."<sup>192</sup> A partir dessa definição poderíamos concordar com Astrojildo Pereira, que definiu Silvério Fontes como o primeiro marxista brasileiro<sup>193</sup>. Esta classificação aponta para algumas dificuldades: a primeira é que os socialistas de Santos nunca se dizem marxistas, mais do que filiados ao marxismo eles parecem estar sim filiados ao socialismo científico e ao socialismo alemão. Eles dizem que o socialismo é "o resultado do estudo de uma pleiade de pensadores no qual o *primus inter pares* é Karl Marx."<sup>194</sup> Marx é colocado um pouco a frente de seus pares não os superando. Em outra passagem - numa palestra de Silvério Fontes no Centro Socialista de São Paulo - o embaralhamento com o socialismo eclético é mais visível:

---

190 QS, 1.7.96.

191 QS, 1.5.96.

192 QS, 15.10.95.

193 Astrojildo Pereira, "Silvério Fontes, Pioneiro do Marxismo no Brasil".

194 QS, nº 1, 1895.

"(...) sua concepção a respeito do socialismo é resultado do estudo das leis da evolução em suas múltiplas manifestações. A história da humanidade que já é explicada ao influxo do método científico, positivo, libertando-se do 'livre arbítrio' e da providência divina; deu em resultado o 'determinismo econômico', devido ao gênio de Karl Marx.

As condições econômicas são incontestavelmente a base da moral, da jurisprudência e da política. Esta é a conclusão lógica a que chegaram as mais seguras indagações da geologia, biologia e da sociologia. Dominados por esta orientação os filósofos do direito e os sociólogos hão de determinar a verdadeira natureza e funções do Estado

Darwin, Spencer, Comte e Marx são as estrelas de primeira grandeza que iliminaram o século XIX e provocaram, por meio da ciência positiva uma profunda revolução que se estende também a economia política. (...) <sup>195</sup>

Na realidade, é este o socialismo do final do século XIX ou talvez mesmo o marxismo da última década do século? Parece-nos que o marxismo faz parte deste caldo cultural positivista e evolucionista e mais do que romper com a tradição anterior se combina a ela, e é desta forma que ele vai sendo traduzido nos meios operários.

O socialismo é a incorporação parcial do marxismo, a adesão incondicional às idéias evolucionistas de Darwin, como vimos; também criou a necessidade da incorporação das concepções integralistas de Benoit Malon.

Malon tem uma importância para nossos socialistas, desproporcional à sua real importância histórica. Malon é colocado muitas vezes num nível hierárquico semelhante a Marx e

---

195 SSP, 14.10.96.

Engels. O Centro Socialista de Santos inaugura em seu salão o retrato dos "chefes" Karl Marx, Frederick Engels e Benoit Malon<sup>196</sup>, cerimônia repetida na comemoração do primeiro de maio de 1903, na sede do Partido Socialista de Santo Antônio de Jesus (BA), onde o nome de Malon estava ao lado de Marx, junto com a frase "Proletários de todos os países, uni-vos!" nas faixas que adornavam sua sede.<sup>197</sup>

Sua importância é desproporcional, pois, mesmo em seu país, a França, a influência de Malon foi pequena, na realidade em apenas dois países o integralismo de Malon teve grande difusão: na Itália, onde morou por alguns anos depois do exílio forçado com a derrota da Comuna de Paris, redigindo vários jornais e escrevendo alguns livros, em Portugal, onde suas idéias foram divulgadas por Magalhães Lima, influente socialista português também muito citado no Brasil e na Argentina divulgado por Jose Ingenieros, com pouca penetração.<sup>198</sup>

Vejamos, através de uma carta de Malon a Magalhães Lima, um resumo de suas principais idéias:

"(...) Para os marxistas ortodoxos, a história, não sendo senão uma perpétua manifestação da guerra de classes, e sendo a revolução social exclusivamente determinada pelos fenômenos econômicos, o socialismo contemporâneo encerra-se todo nas reivindicações do proletariado moderno. Em compensação outros, e o número deles vai crescendo sempre, pensam que se a luta de classes domina a história, não a enche completamente; recusando-se por isso a encerrar toda a vida social na conduta do progresso econômico. Segundo esses socialistas integralistas, no grau de civilização a que chegamos, os fenômenos morais atuam um sobre os outros e

---

196 QS, 12.1.96.

197 Foot Hardmann & Leonardi, *op.cit.*

198 C. Batalha, "O Socialismo do Brasil...".

cruzam-se, para entravar ou favorecer o desenvolvimento progressivo das nações civilizadas.

Convém, pois, para apressar o triunfo da civilização socialista, não limitar a questão apenas aos interesses do proletariado, mas também fazer apelo a todas as forças sentimentais, estéticas e morais da alma humana.

Os socialistas, que admitem também a correlação entre a evolução econômica e a evolução moral, tem por princípio tomar parte em todas as obras e em todos os grandes combates, cujo fim é o melhoramento moral e social das condições humanas. (...) citando 'Le Socialisme Integral': 'A heterodoxia dos socialistas que, a falta de um termo mais adequado, nós chamaremos integralistas, não tem o caráter de negação radical em face do socialismo realista, aceitam os dados gerais mas para eles não é exato que a sociedade política seja reflexo da sociedade econômica, os fenômenos religiosos, políticos e econômicos atuam uns sobre os outros e entrecruzam-se para determinar o movimento das nações, tendo sido o predomínio restante adquirido pelos fenômenos econômicos que foram, no decorrer das civilizações, os únicos propulsores mas que têm uma importância decrescente. Este fato não escapou a Backle, o autor materialista da 'História da Civilização da Inglaterra' quando notou a influência crescente das leis mentais, como o sinal característico da marcha da civilização' (...)..199

Aqui temos as principais características do pensamento de Malon, ou seja, o socialismo como atividade policlassista e não exclusivamente operária, a recusa ao predomínio das forças econômicas, pleiteando-se uma teoria onde os fatores religiosos, políticos e morais têm o mesmo peso dos econômicos e se

---

199 SSP, 12.5.97

influenciam mutuamente, e a minimização do conceito de luta de classes.

As concepções éticas de Malon se casam bem com a experiência vivida pelos nossos socialistas; sua leitura de uma sociedade onde as classes populares, onde o trabalho, se encontra aviltado pela chaga do trabalho escravo, mesmo e inclusive, após a abolição. Como, também é importante entender que as primeiras críticas ao desvirtuamento dos ideais da República pelo republicanismo governante se centra na corrupção destes, crítica moral portanto, de um regime que mantém os privilégios do finado Império; não cabe neste momento a idéia que o Estado republicano, é um Estado burguês.

Portanto, é a mudança dos costumes a tarefa primordial dos socialistas; assim diria Carlos de Escobar: "(...) A revolta, por um golpe de Estado, não trará ao obreiro, saído da escravidão, os hábitos de moralidade necessários ao regime socialista. Não somos revolucionarios. Somos reformistas. (...)".<sup>200</sup>

A "regeneração do trabalho", é a elevação da classe trabalhadora ao centro da luta política, é a participação do "quarto estado" na gerência dos destinos da nação.

Assim, o proletariado vem para regenerar a nação, "manchada pela mácula da escravidão", mas ele próprio precisa ser recuperado do pântano em que se afundou o país. Combater também a degeneração do governo republicano que caiu sob os mesmos vícios da Monarquia - o egoísmo, a corrupção, o favorecimento. Regenerar a República, a ultrapassada República Política que deve ser reformada pela República Social. Este deve ser o papel do proletariado, mas também o das pessoas de bem, também o dos velhos republicanos insatisfeitos pela República. Daí porque a idéia policlassista de Malon ser bem aceita pelos nossos socialistas, estes não negam o caráter decisivo do proletariado mas entendem ser do interesse de todas as classes a vitória do ideal socialista.

A reforma gradual da sociedade, a educação dos trabalhadores,

---

<sup>200</sup> QS, nº 1, 1895.

a reforma dos costumes, substituamos o egoísmo vigente pelo altruismo socialista:

"(...) no desenvolvimento da nova instituição corresponderão, no domínio político, a República Social, como tendência cada vez mais acentuada a substituir o governo reacionário dos homens pela administração consciênte das coisas, na esfera ética, o ego-altruísmo de Spencer. Períodos todos de transição (...). República Política, individualismo, egoísmo, presentes serão em breve substituídos pela República Social, pelo coletivismo, pelo ego-altruísmo, e depois, segundo os princípios gerais de sucessão de fenômenos de que o movimento científico contemporâneo autoriza a precisão, pelo an-arquismo, comunismo e altruísmo (...) as tentativas revolucionárias abortam geralmente, quando constituições preparatórias não amparam-nas convenientemente bem (...)." 201

A regeneração do proletariado é a pré-condição essencial para a regeneração da República, assim compreendemos sua adesão ao coletivismo - fase inicial da revolução socialista, ou seja, "a cada um segundo seu trabalho", que seria posteriormente seguida pelo comunismo, "a cada um segundo suas necessidades" - base de uma sociedade cuja ideologia central é o trabalho. Sua adesão ao coletivismo reformista se compreende por dois aspectos: o primeiro é o caráter gradualista dessa formulação, o degrau inicial da sociedade socialista, característica natural de sua concepção reformista e evolucionista de mudança social; segundo, sua concepção de redenção da sociedade brasileira via regeneração dos costumes, pois, o coletivismo é uma ideologia pré-marxista, carregada pela visão de mundo dos artesãos, de uma sociedade centrada na associação dos trabalhadores, formando cooperativas de produção, de consumo e de financiamento. A moeda central é o

---

201 QS.12.7.96.

trabalho, e a distinção social deve ser legitimada apenas pelo trabalho.

A única possibilidade de regeneração desta República que "traíu seus ideais", não é mais a volta aos ideais de "fraternidade, igualdade e liberdade" que a impulsionaram., Estes ideais estão ultrapassados pela difusão do individualismo burguês, do capitalismo em nossas terras. Os "ideais de 1789", que impulsionaram a República de 1889, se extinguíram com a mudança da base econômica. O desenvolvimento do capitalismo trouxe a necessidade de que às mudanças políticas fossem acrescentadas as mudanças sociais.

O socialismo é, assim, a complementação natural da revolução republicana, e é nesse caminho que deve seguir os governos republicanos se quizerem seguir o caminho indicado pela ciência:

"O governo republicano tem procurado inspirar-se nesta grande verdade prescindida por Montesquieu e Condorcet e claramente compreendida e enunciada por August Comte: deve-se fazer da política uma ciência da observação (...).

A política tem hoje por objeto fazer caminhar a espécie humana que se move por impulsão própria, esclarecendo-a e evitando as revoluções violentas, motivadas pela oposição insensata dos governos. O primeiro dever dos estadistas é reconhecer a tendência da civilização e não proceder em desacordo com ela. Cumpre pois escolher com simpatia e até com aplausos todos os movimentos sociais ou políticos que se fundam em fatos teóricamente demonstrados. (...) Terá de reconhecer igualmente que, hoje, todos os homens de ciência se voltam para o socialismo, por isso que estão por demais cansados das lutas estéreis da metafísica revolucionária, lutas que só servem para sacrificar milhares de vidas a qualquer caudilho ou qualquer monarca desprestigiado. (...)

Combater o socialismo é, portanto, combater a civilização. E não podemos admitir que os governos da

República, que tão medrosos se têm revelado a respeito da restauração, pretendam se opor à República Social, democrática, e ao socialismo. Os nossos correligionários podem ficar tranquilos." 202

O socialismo não só é a resposta natural do progresso da sociedade brasileira mas é a única forma de combater o reacionarismo dos saudosistas do Império. Por isso, também, é a única forma de salvar a República ao coloca-la no rumo das transformações econômicas. O socialismo não só é a continuação natural da República, como também é inevitável. As convulsões por que passou a República são resultado desta inadequação da ordem política à ordem econômica.

A concepção reformista de nossos socialistas deve ser entendida não apenas pelo contexto internacional - o predomínio do reformismo no seio da II Internacional - nem pela sua opção ideológica influenciada pelo darwinismo, mas principalmente pela carga negativa que a idéia revolucionária adquiria neste momento. Revolução era associada com a prática anarquista - que segundo a sua concepção de socialismo científico, representava a fase utópica-romântica do socialismo - por eles estigmatizada como irracional, e também com o reacionarismo dos monarquistas e a tentativa sempre presente da restauração, o que significa que qualquer propaganda de ação violenta era logo associada a um golpe monarquista, risco que não podiam correr, afinal eles eram republicanos, e acreditavam poder ainda contar com os antigos correligionários, mesmo aqueles encastelados no governo. Sua concepção de revolução é, portanto, essencialmente negativa:

"(...) Toda e qualquer ação política é seguida de um efeito real e durável, quando se exerce no mesmo sentido que a força da civilização, mas é nula ou pelo menos, efêmera, em qualquer outra hipótese." (...)

Por isso, sob o ponto de vista político, a nossa

modesta folha ha de se colocar sempre ao lado daqueles que derem provas de conhecer a marcha da civilização e de estarem dispostos a pôr em prática as reformas necessárias para melhorar as condições de nosso país. Não é possível que subsista por muito tempo esta indecisão por parte do governo e o mal estar que vai se implantando a descrença no ânimo popular.(...)”<sup>203</sup>

Assim, conclui-se que,

“Firmada no espírito a idéia de que a sociedade é um fato natural e os fenômenos sociais como outros quaisquer, são regidos por leis naturais, imitáveis, sobranceiras à vontade caprichosa deste ou daquele indivíduo - ipso facto fica igualmente estabelecido que a reorganização da sociedade, se não pode ser impedida pelos burgueses retrógrados, energúmenos, também não pode obedecer à fantasia revolucionária dos sonhadores.(...)”<sup>204</sup>

As reformas devem vir porque a mudança da base econômica da sociedade já aponta - segundo indica o método científico - um descompasso entre essa e a estrutura socio-política, as revoluções advêm justamente quando surge este descompasso. A mudança social é inevitável, a mudança é a característica básica da sociedade, as reformas vão progressivamente adequando as superestruturas às mudanças estruturais; quando governos reacionários se interpõem a estas mudanças uma época de conflitos, de sangue e violência se avizinham. Cabe aos socialistas providenciar, ou apoiar as mudanças autorizadas pela evolução.

A revolução quando explode é aceita como uma necessidade - ou fatalidade - quando se obstruem os caminhos rumo ao progresso,

---

<sup>203</sup> SSP, 22.5.98.

<sup>204</sup> SSP, 29.05.98.

contudo, deve ser evitada, pois, os mais atingidos pelos seus horrores são justamente os trabalhadores. A atuação socialista deve, então ser no sentido de desobstruir os caminhos ao progresso, o papel da burguesia e dos governos deve ser o de se submeter aos ditames da ciência, pois caso contrário prepararão inevitavelmente o caminho para a revolução.

A burguesia reacionária e os governos conservadores apenas podem atrasar a evolução humana, não dete-la: Os socialistas devem aplicar a ciência aos procedimentos políticos, os golpes e as revoluções não trarão a sociedade socialista: eles podem reduzir o prazo do advento do socialismo através das reformas, e só através delas.

A greve, como a revolução, deve ser vista como uma fatalidade que a luta política muitas vezes impõe. Contudo ela é um caminho que deve, se possível ser evitado:

"A greve é uma arma simpática, porque evidencia aos trabalhadores a consciência da própria força. E também um poderoso laço de coesão moral. Tem contudo uma contrariedade frisante, é uma espada de dois gumes, ferindo a miude os próprios que a empunham. Demanda principalmente muita união e muita previdência. (...) Greve sem inteira solidariedade das classes que nela se envolvem, sem o apoio de sólidos cofres de resistência, é greve perdida, em que o proletariado consciente não se deve embrenhar. Não implica isto a condenação em absoluto do princípio de resistência no campo da luta econômica. Acentua apenas uma questão de tática no campo da luta econômica. (...) A ação política parece-lhes mais fácil (refere-se ao operariado inglês), porque atuando como força própria junto aos poderes do Estado, o caminho se lhes torna mais amplo e menos escabroso. (...) Mas devemos prosseguir no caminho da resistência econômica, sempre que previamente organizemos e disciplinemos às nossas forças. Uma greve aceita-se quando a fatalidade a impõe. Pode mesmo em dados casos ser um auxiliar poderoso do movimento político.

Mas não devemos deixar que se abuse desta arma, que nos pode ser pernicioso. Que a solidariedade operária se manifeste, é coisa útil e necessária. Mas pautemos a sua manifestação pela medida de conveniência. Organize-se a classe trabalhadora, leve-se a propaganda pelo país a fora façamos por criar em volta de nós tantas consciências quanto cérebros se possam iluminar por uma idéia, robustecam-se as associações de classe criando dentro delas cofres para a resistência, e depois então marchemos para a luta, no campo político e econômico - porque então poderemos envolver a burguesia nas malhas da nossa organização, não tendo a recear fracassos e inconvenientes que hoje se tornam quase inevitáveis, principalmente no campo da resistência pela greve."205

A tática de nossos socialistas, portanto se dá em duas frentes, uma que eleve o proletariado ao nível de seus colegas europeus, uma tarefa pedagógica e de reforma dos costumes; e outra de reformas políticas que recoloque o país na trilha iniciada em 1889. Atuação política e pedagógica, portanto, não se referem apenas ao proletariado mas à nação como um todo; senão vejamos os programas do Centro Socialista de Santos e o de São Paulo:

"Programa do Centro Socialista de Santos: (...) Art. 4º - Fica à diretoria o dever de instituir conferências de propaganda, organizar biblioteca, fundar revista, e criar escolas para o operário; Art. 5º - A diretoria providenciará no sentido de serem organizadas cooperativas que melhorem a vida da classe proletária; Art. 6º - O Centro organizará um partido que conquiste, por meio das urnas, as reformas na legislação municipal, estadual e federal, necessárias ao progresso da

---

205 SSP, 28.6.97.

coletividade.(...)”<sup>206</sup>

Programa do Centro Socialista (de São Paulo):  
Emancipação do Proletariado: 1) Fazer com que os operários exerçam cargos de eleição popular: nas Câmaras municipais, no Congresso Estadual, no Congresso Federal; 2) Provar para que as funções do Estado se reduzam, pouco a pouco, a manter a ordem respeitando as liberdades individuais; 3) defender a causa da instrução popular (...); 6) Instituir tribunais arbitrais, constituídos por patrões e operários (...); 13) Propugnar pela representação das minorias(...); 19) Constituir um partido autônomo que não apoie nenhum governo que para conservar-se no poder seja obrigado a suprimir as garantias da liberdade individual.

Regimento Interno do Centro Socialista: Art. 19º - Em casos de greve, à Comissão Executiva compete tomar as providências necessárias para abafá-las quando, a juízo da comissão, forem injustas ou precipitadas, ou prestar todo apoio aos grevistas quando forem razoáveis.(...)”<sup>207</sup>

A idéia dos Tribunais Arbitrais foi acatada dos Congressos da Internacional Socialista e acolhida com satisfação pelos socialistas, zelosos em manter o proletariado protegido dos embates prematuros com a burguesia.

Contudo, o item mais marcante da cultura política dos socialistas é a radical e intransigente defesa da democracia - sequencia quase natural de seu reformismo, mas também herança direta de seu radicalismo republicano. Dos grupos que almejam falar ao povo, que carregam a bandeira da República, os socialistas são os únicos a carregar um programa democrático radical. Mesmo nas alas mais radicais e populares do republicanismo, como a ala de Silva Jardim, a defesa de uma ditadura "popular" ou positivista era mais atraente que a defesa

---

<sup>206</sup> QS, nº 1, 1895.

<sup>207</sup> SSP, 26.1.96.

da democracia. Mais à esquerda, é conhecida a ferrenha crítica anarquista à democracia parlamentar. O republicanismo no poder usa a democracia como um escudo contra as pretensões restauracionistas, porém sua democracia é apenas formal, servindo na realidade apenas de fachada para encobrir as violentas lutas entre os grupos rivais pela posse do poder. Legitimado a disputa pelo poder em nome da "vontade popular" se acrescentava o fato de se evitar a erupção de forças alternativas às elites em disputa.

Defendendo as regras do jogo, os socialistas incorporam a essência do jogo democrático - o respeito à diferença. Se a verdadeira democracia é a defesa daquele que pensa diferente de nós, os socialistas - republicanos de primeira hora - não se seduzem pelo radicalismo dos jacobinos republicanos. A onda de paixão republicana que produziu o nacionalismo xenófobo contra os portugueses, e que produziu a perseguição a monarquistas e o empastelamento de seus jornais, foi acompanhado de uma apaixonada defesa do pluralismo, da democracia, pois afinal, elas são a essência da República, pois não há República sem a livre expressão de idéias. Assim foi a sua defesa contra o empastelamento do jornal monarquista "Comércio de São Paulo": "Não protestamos em nome do socialismo, mas sim, em nome da Constituição do Brasil. Protestamos como cidadãos em nome do artigo 72#12, que diz ser livre a manifestação do pensamento pela tribuna e pela imprensa. (...)"<sup>208</sup>

Socialismo é incompreensível, para eles, sem a idéia da democracia, entendida esta como garantia dos direitos inerentes ao ser humano: liberdade de imprensa, de opinião, de credo, de expressão, de ir e vir, etc.

Contudo, não os satisfaz a democracia liberal, pois defendem a democracia direta, tão frequente quanto possível, o direito das minorias contra a arrogância da maioria, o mandato destituível, etc. Espírito democrático incomum numa sociedade permeada pelo golpismo e pelo autoritarismo - mesmo por quem diz falar em nome do povo.

---

<sup>208</sup> SSP, 8.3.1897.

Não há socialismo sem democracia, e não há democracia sem a garantia das liberdades. Contra seus próprios amigos republicanos que se ofendem com os ásperos artigos de Carlos de Escobar, vociferando contra a sociedade burguesa que se instalou no Brasil, o jornal reafirma sua posição intransigente: "Convençam-se os que têm a pretensão de ver restringir a liberdade de pensamento, de que ela só pode ser limitada pela própria liberdade.(...)."209

Anticlericais - muitas vezes ateus - são, contudo, pela liberdade irrestrita de credo, desde que as religiões não pretendam assumir o poder político. O Estado deve ser laico e a religião deve apenas se preocupar com o lado espiritual da sociedade.<sup>210</sup> Estão concientes de que a religião é um de seus principais inimigos - juntamente com o militarismo e o capital -<sup>211</sup> como a religião católica, que se passou para o lado dos poderosos e dos opressores contra a grande massa de oprimidos.

Materialistas, vêem a religião como um produto da ignorância dos homens, que, incapazes de compreender a natureza do mundo em que vivem, e de compreender a sua própria natureza, criaram um mundo imaginário, a que atribuíram o governo sobre todas as coisas, criaram deuses, e a eles emprestaram seus sentimentos, suas paixões e até sua forma.<sup>212</sup>

Apesar da origem republicana eles não acompanham o posterior desenvolvimento do republicanismo popular e radical. São antijacobinos e antiflorianistas, pois são antimilitaristas. São contra o exército permanente, defendem a idéia de milícias populares - do povo armado - não apóiam a pretensão dos militares de governar o país, como os padres, os militares devem se limitar a sua função de garantir a pátria contra agressões externas.

Marcados pela filosofia evolucionista de Comte, para eles o

---

209 SSP, 20.12.1896.

210 SSP, 19.7.1896.

211 Veja-se, por exemplo, os artigos de Vicente de Souza, nas páginas do "O Socialista" de fevereiro de 1896.

212 SSP, 10.7.1898.

exército e o militarismo - aí incluídos os governos militares e o fascínio pelas guerras - fazem parte dos resquícios primitivos da sociedade precedente que os socialistas vieram abolir. A crítica contra o militarismo, portanto, também é uma manifestação de seu pacifismo, da sua guerra contra a guerra, de seu internacionalismo socialista:

" O que é o exército permanente senão uma provocação para o homicídio? O exército constitui-se unicamente para matar. (...) Uma vez no regimento cessam de funcionar todas as molas de resistência moral. (...) O soldado completamente imbecilizado pela disciplina, deixa de ser um homem, é ainda menos que um animal, não passa de uma máquina de obediência, a que se dá corda todos os dias pela manhã soprando um clarim. Ora é este ser, em cuja consciência a noção de responsabilidade foi sistematicamente destruída, que a sociedade entrega uma arma. (...) explicando-lhe que seu destino, a sua profissão, o seu fim é matar. Quem? Os inimigos. Mas esta entidade nominal, o inimigo, transforma-se para o soldado numa abstração excessivamente metafísica para que ele chegue jamais a compreender bem o que isso quer dizer. Ele não o viu, nem preceitua, nunca (...)"  
RAMALHO URTIGÃO.<sup>213</sup>

São internacionalistas, mas são também nacionalistas, já que para eles - assim como também para os revolucionários franceses de 1789 - não havia uma contradição insuperável entre estes dois termos. Seu nacionalismo não era xenófobo e chauvinista como dos jacobinos. Seu conceito de pátria não exclui o internacionalismo, ao contrário integra-o num conceito de federalismo mundial. São assim federalistas, mas levam este conceito as últimas consequências, unem uma visão republicana radical com o internacionalismo socialista para propor uma radical visão de

---

<sup>213</sup> SSP, 4.8.1896.

federalismo; a começar pelos próprios países, unidos de baixo para cima por uma federação de comunas. O federalismo agruparia os países em federações continentais, inter-continetais e, porque não, interplanetária!<sup>214</sup>

Seu internacionalismo se reflete, também, no acompanhamento da questão internacional. Das lutas de independência de Cuba - abrem uma subscrição para auxiliar financeiramente os insurretos - à solidariedade no caso Zola-Dreifuss; da subscrição à família do socialista italiano De Felice Giuffrida, preso pela polícia italiana. À intenção do comparecimento as Congresso pela Paz em Paris; passa pela comemoração das várias datas internacionais do movimento socialista - como a comemoração da Comuna de Paris e a lembrança dos Mártires de Chicago, etc.

Seu conceito de pátria se define fora de qualquer critério étnico, pois o único critério para definir uma nação seria o compromisso de seus cidadãos de conviverem harmoniosamente entre si. Para eles só pode haver uma pátria para os trabalhadores, a pátria socialista, pois a pátria dos burgueses - a dos jacobinos instalada em 1889 - não pode ser também a pátria dos proletários:

"Analizemos bem este conceito, os povos livres, que vivem em comunidade, onde os indivíduos são iguais em direitos e deveres, onde a terra pertence a todos, onde não se conhece chefes e nem proprietários, esses povos sabem dar boa prova de amor à pátria quando lutam contra alguns de seus que pretendem erigir-se em senhores. os povos ou as classes chamadas inferiores não têm pátria, e devem, por conseguinte, lutar para conquista-la, isto é, destruir as instituições que sancionam a sua escravidão, em uma palavra, devem rebelar-se contra a pátria de seus dominadores para fundar a pátria dos proletários. (...)

A pátria não está formada pelo território (...) Não está também formada pela raça (...). A necessidade de

---

<sup>214</sup> QS, 15.1.1896.

apelar à disciplina, à estratégia militar, aos conselhos de guerra e aos fuzilamentos, não é amor à pátria, não é o coração do homem que fala nesse caso. Em tal caso, o que impera é o medo, é a covardia, é a inconsciência." 215

Assim, o exército, as guerras, o militarismo, só existem porque as pátrias são propriedade privada do capital. Cabe aos proletários transformarem as pátrias em propriedade coletiva do trabalho e assim se verá o fim das guerras e do divisionismo dos povos em nações sempre rivais e competidoras no grande mercado planetário.

Por fim, cabe destacar sua visão progressista sobre a relação entre os sexos. Numa sociedade autoritária, patriarcal e machista, era incomum ouvir-se vozes se levantando para defender a igualdade entre os sexos. Os socialistas são defensores entusiastas da causa feminina, dentro da melhor tradição socialista criticam a opressão do homem sobre a mulher, fazendo uma analogia da relação de dominação entre o empregado e o seu patrão:

"O homem não contente em estabelecer o seu império contra o resto da natureza, ele voltou-se contra sua própria espécie, voltou-se contra a mulher - mais débil (...) deprimir a inteligência e arredondar as formas - seleção artificial - fixaram no corpo feminino certas qualidades de debilidade - somente a ação social pode eliminar tais males. Pois bem, o socialismo quer eliminar essa desigualdade criada pelo egoísmo revoltante do homem através dos séculos. O socialismo é contra a prostituição, filha genuína das sociedades individualistas, militares, burguesas e capitalistas." TITO LÍVIO.<sup>216</sup>

---

215 SSP, 8.3.1897

216 SSP, 26.11.1896.

Sua visão da relação ideal entre homens e mulheres passa pela defesa da união livre e contra o casamento, são favoráveis ao divórcio, consideram a família tradicional - patriarcal e autoritária - um produto das velhas formas sociais que já se acham ultrapassadas; assim, submetida ao critério histórico, a família na nova sociedade socialista se pautaria pela igualdade como a forma adequada do relacionamento entre os sexos, eliminando definitivamente essa outra face da opressão produzida pelo capital e pelo individualismo dele derivado.

Contudo, este apelo à igualdade entre os sexos não os impedia de notar a dificuldade em incutir no universo feminino os ideais socialistas. se constata a dificuldade de organizar as operárias; a incompreensão das esposas - via de regra forçando seus maridos a abandonarem as organizações operárias.

Contudo, pequenas incursões no universo feminino podem ser detectadas no universo fortemente masculino do movimento socialista desta virada do século: o grupo socialista feminino de Ribeirão Preto, comandado por Lina Rensenigo, que participou como grupo oficial do Congresso Socialista de 1902; e a formação de um centro feminino socialista captaneado por Leopoldina M. Rodrigues e Elvira Vilella de Carvalho em 1903 no Rio de Janeiro <sup>217</sup>

O compromisso com a conclusão da tarefa iniciada pela República não pode ser compreendida de maneira parcial, a eliminação do individualismo, do egoísmo, da opressão, da ignorância e do autoritarismo não deve ser apenas entendido na relação patrão-empregado, mas sim na relação Estado-sociedade civil, das nações entre si, e também na relação homem-mulher. O projeto de nossos socialistas passa pela recriação da República, da Nação e do povo brasileiro, tarefa que ultrapassava os limites da República e só poderia ser cumprida pelo socialismo.

---

<sup>217</sup> BO, 1ª qz. 8. 1903.

## CAPÍTULO 07:

### OS SOCIALISTAS NA VIRADA DO SÉCULO:

EXCLUSIVISMO, REPUBLICANISMO E O CONGRESSO SOCIALISTA DE 1902

Passados dez anos da Proclamação da República o jovem movimento socialista já se encontra numa encruzilhada. Seus primeiros grupos e suas primeiras tentativas de se estabelecer como agente político real frente à sociedade, e como veículo para a canalização das ações operárias trouxeram resultados pouco animadores. Os grupos socialistas não conseguiram implantar seu mais ambicioso projeto, o do partido operário, sendo incapazes de se contrapor ao autoritarismo dos partidos republicanos estaduais e incapazes de superar a "inércia" dos operários, que resistiam "incompreensivelmente" às suas tentativas de organizá-los.

O mundo do trabalho da virada do século, no Rio e em São Paulo - os dois maiores centros industriais do Brasil junto com o Rio Grande do Sul - tinha características sociais e políticas que desqualificavam qualquer tentativa de se construir uma relação direta com as estruturas sociais do mundo operário dos países desenvolvidos nesse mesmo momento histórico.

A característica marcante da industrialização brasileira, nos quinze anos que percorremos em nosso trabalho, é a diversidade de formas produtivas encontradas nesta mesma época no Brasil, e particularmente no Rio e São Paulo. Num mesmo ramo industrial, por exemplo, o de calçados, encontrávamos desde as formas mais primitivas de produção como o artesanato, passando por formas intermediárias como a manufatura, como o trabalho à domicílio, o trabalho por tarefa, até a forma mais avançada das grandes indústrias do calçado que usavam as máquinas mais sofisticadas para a confecção da mercadoria. Portanto, num mesmo momento histórico conviviam várias etapas da produção capitalista, todas elas contribuindo de maneira importante para a formação de um mundo produtivo, núcleo decisivo para o desenvolvimento da civilização urbana, contudo, neste momento, ainda envolto num país majoritariamente agrário e rural.

Durante muito tempo o debate sobre a industrialização brasileira sustentou a tese de que a característica marcante da indústria nos primórdios da República era sua base artesanal, pequenas indústrias com maquinário primitivo, influência determinante da pequena oficina artesanal, pouca inversão

monetária e pequena quantidade de trabalhadores absorvidos, em sua maioria altamente qualificados. Essa corrente historiográfica gerou a teoria da hegemonia anarquista explicada justamente pelo domínio do trabalhador qualificado sobre o desqualificado no mundo do trabalho, tese essa aceita pelos historiadores do movimento operário, desde Leôncio Martins Rodrigues até os trabalhos mais recentes de Bóris Fausto e Sheldon Leslie Maram.

Contudo, desde trabalhos mais recentes, particularmente o trabalho de Sérgio S. Silva - A EXPANSÃO CAFEEIRA E AS ORIGENS DA INDÚSTRIA NO BRASIL - esta imagem do mundo produtivo na República Velha tem se modificado, não é mais a pequena indústria de base artesanal que caracteriza este período e sim a grande indústria moderna (particularmente a indústria têxtil e de alimentos) - com grande investimento em maquinário moderno e grande quantidade de operários não-qualificados ( mais de 100 por unidade) - que passa a ter seu peso reavaliado.

Assim, novas interpretações sobre o mundo operário passam a considerar a pluralidade também como uma das características básicas a serem consideradas pelo historiador do período.

Assim, não foi difícil para Claudio Batalha constatar que:

" A classe operária, no início do século vinte no Brasil, assim como na Argentina, se parecia com a classificação dessas classes feita em 1848, por Marx e Engels, se aproxima, do ponto de vista das ocupações, dos operários parisienses dos anos de 1850 e dos operários ingleses no começo do século XIX - não são majoritariamente operários da indústria (...). No entanto, conviviam com setores industriais que utilizavam técnicas europeias de ponta."218

Angela Castro Gomes destacou a dificuldade encontrada pelas lideranças operárias em criar uma visão de mundo que englobasse

---

218 Claudio Batalha, Le Sindicalisme Amarelo ..., pgs. 66/7.

as diferentes realidades em que viviam estes trabalhadores.<sup>219</sup>

Ambos os autores concordam que o mundo operário era um mundo em criação nascido dentro de um universo bem maior, o dos pobres, dos despossuídos. A industrialização incipiente, as crises frequentes que tornavam os surtos de progresso o passo inicial para os surtos depressivos, deixavam extremamente permeáveis as fronteiras entre o mundo operário e o mundo dos marginais. Havia uma fronteira fluída entre o trabalho ocasional e o duradouro, assim o trabalhador industrial, em minoria, se confundia facilmente com o povo miserável da cidade, podia ser confundido com um pequeno artesão, com vendedores de rua, camponeses sem terra, ex-escravos, prostitutas, em suma a massa "perigosa", que afinal de contas representava 70% da população do Rio (maior concentração operária da República Velha).<sup>220</sup> Assim, não é de se

---

219 "A permanência de um modelo de associações mutualistas e a desconfiança em relação ao sindicalismo de resistência marcam o período que vai até 1920, o que obviamente não pode apenas ser atribuído nem à força dos socialistas, nem à ineficácia doutrinária dos anarquistas. A variedade de formas associativas vincula-se certamente à grande diversidade de segmentos que formavam a classe trabalhadora e à extrema dificuldade encontrada para sua mobilização política. Artesãos assalariados em pequenas oficinas, operários de fábricas com grau expressivo de mecanização, trabalhadores à domicílio (como costureiras e sapateiros), operários de empresas de serviços privados ou públicas e pequenos funcionários compunham o auditório a que se dirigiam as lideranças." Cf. Angela C. Gomes, op.cit., pg.158.

220 *ibid*, pgs. 88/9. Alguns trabalhos mais recentes avançam por este mesmo caminho, ou seja, compreendendo a diversidade do mundo do trabalho carioca do período da República Velha, como fator responsável pela dificuldade de se criar formas de resistência "políticas", como os partidos e as associações de resistência. Sidnei Chaloub, em seu livro Trabalho, Lar e Botequim, Dissertação de Mestrado em História, UFF, Niterói, 1984, mimeo; fala da dificuldade de distinguir, no Rio, entre trabalhadores e não-trabalhadores, e, portanto, criar associações de resistência, pela dificuldade mesmo de se distinguir entre movimentos sociais urbanos e movimentos de resistência operária. Também destaca que, no entanto, formas não convencionais de resistência à disciplina do trabalho eram forjadas neste meio. Este também é o destaque do trabalho de Gladys S. Ribeiro - Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha, SP, Brasiliense, 1990; que lembra a dificuldade das classes dominantes em criar uma "ética do trabalho" neste espaço fabril, demonstra a criação por parte dos operários de formas de

estranhar que a forma típica de conflito social deste período não fossem as greves operárias e sim as revoltas policlassistas, que continham uma participação significativa de trabalhadores em seu interior.

Acrescente-se a isso o grande surto demográfico no Rio e em São Paulo, que inchou estas cidades de pessoas sem posses, todos eles participando dos "estigmas da condição operária", como diria Jacy Seixas.<sup>221</sup>

A necessidade da diferenciação, da delimitação de fronteiras com a marginalidade "sem moral", explica a ligação esperancosa de grupos operários com a República, como já vimos o enobrecimento do trabalho deveria ser a tarefa principal da República para os operários que se enamoram a ela.

Assim, é correta a visão de Jacy Seixas para o dilema que oprime cérebros e corações da classe operária e do movimento operário na virada do século:

"Na virada do século no Brasil, as classes operárias desorientadas em busca de uma identidade social e política; de outra um movimento operário balbuciante em busca de uma imagem, que o largo espectro socialista se mostrou incapaz de fornecer."<sup>222</sup>

O trabalho de Jacy Seixas é o primeiro que procura desenvolver as profundas e contraditórias ligações entre o republicanismo, o movimento operário e o movimento socialista do período. Compreende corretamente a ponte feita por setores do republicanismo radical entre a República Social e o socialismo, Seixas observa que estes vêm nosso país e nosso povo como elementos inacabados de uma nação em formação, vêm a República de 1889 como o primeiro ato de construção da modernidade, de construção da nação brasileira, porém constata que este impulso

-----  
*resistência que fogem do padrão convencional.*

<sup>221</sup> Jacy Seixas, *op.cit.*, pg.26.

<sup>222</sup> *ibid.*, pg.53.

inicial se exauriu e que haveria a necessidade de ir além de 1889, além das reformas puramente políticas e transpassa-las pelas reformas sociais.

Contudo, Seixas constrói uma oposição entre o socialismo paulista e o socialismo carioca que se resumiria no objetivo final dos dois movimentos: em São Paulo, a fórmula encontrada seria, "A República Social realisa o socialismo"; e no Rio, "O socialismo realisa a República Social". Isto não é, segundo Seixas, apenas um jogo de palavras, mas revela a própria essência da concepção política implícita nas práticas socialistas desse período, pois, para ela, se em São Paulo temos um socialismo reformista e democrático que tem como interlocutor essencial o proletariado, que seria o sujeito e objeto da prática socialismo; no Rio, ao contrário, temos um "pseudo-socialismo", na prática um republicanismo radical, ou posteriormente um reformismo amarelo, que compreende o proletariado como o objeto de suas práticas, porém, escolhendo as classes dominantes e o Estado como o sujeito destas.

Para Seixas, estes republicanos reformistas pensavam na intervenção social via Estado e grupos dominantes, que teriam como tarefa aliviar a situação miserável do operariado procurando para esse um lugar digno na futura nação. Criavam, assim, uma subordinação real do proletariado ao Estado e às classes dominantes, inviabilizando qualquer ação independente daquele; não haveria portanto, para estes reformistas amarelos, nenhuma perspectiva de superação do capitalismo, nem mesmo a longo prazo, mas a construção da República via harmonia de classes.<sup>223</sup>

Esta linha de interpretação de Seixas se insere dentro de uma corrente de historiadores do movimento operário da República Velha, que, como já assinalei no primeiro capítulo desta tese, sistematicamente procura descaracterizar o movimento socialista sob a alcunha de "amarelos", destacando a sua dependência com as classes dominantes e o Estado. Bóris Fausto os chama de "trabalhistas", pois seriam precursores do "peleguismo" do período

---

223 *ibid.*, pg. 92.

populista. José Murilo de Carvalho construiu o termo "estadania" - em contraposição a cidadania - para explicar esta linha de subordinação de setores operários com o Estado. Todos eles se referem ao caso carioca, ficando claro que o "amarelismo" é um fenômeno típico desta cidade.

Contudo, não parece claro, como já assinalai anteriormente, esta oposição entre o socialismo paulista e carioca. A oposição entre uma prática dirigida à sociedade contraposta à uma prática dirigida ao Estado não parece se confirmar quando se pesquisa o movimento socialista do período: não existe oposição entre o movimento socialista paulista e o carioca, pois não há divergência real sobre suas posições acerca do Estado republicano, do operariado e da relação entre eles.

Primeiramente, deve ser lembrado que existe uma estrutura política e social diferenciada entre as duas cidades, e fundamentalmente uma experiência social e política que produz práticas políticas diferenciadas dentro de um mesmo período histórico. Na realidade ambos privilegiam o proletariado tanto como objeto como quanto sujeito de suas teorizações e de suas práticas. Senão vejamos:

Ao contrário de São Paulo, que praticamente cria uma classe operária nova com o surto de imigração, urbanização e industrialização do final do século XIX, no Rio de Janeiro, este processo se constrói sobre uma classe operária que tinha uma história de relação com o Estado que vinha dos tempos do Império, devido a proximidade com o poder central, à concentração de operários nas empresas estatais - portuários, ferroviários, condutores, trabalhadores das oficinas do Estado - havia um pequeno espaço de negociação, que se caracterizava pelos apelos ao Imperador, a intermediação de políticos, a utilização de petições, etc. Havia um espaço mais favorável, também, para a organização operária no Rio do que em São Paulo. Atestado pela maior criação de sociedades operárias por ano, no período em que estudamos.<sup>224</sup>

-----  
<sup>224</sup> ... Claudio Batalha, "Le Syndicalisme ...", pg. 91.

Havia também uma história de associativismo antiga que remonta a época dos primórdios da Independência, as antigas associações de assistência, as associações mutualistas, associações que, não só comprovam uma história de associativismo operário, como também comprovam a dificuldade em distinguir um movimento operário e uma classe operária das manifestações populares - policlassistas - no Rio deste período.

José Murilo de Carvalho aborda este impressionante espírito assistencialista, que assolou o Rio desde os primórdios do Império, avançando pelos anos de consolidação da República. Espírito que englobava desde associações religiosas às associações de auxílio mútuo, associações de estrangeiros, de operários, de empregados e operários do Estado, de bairros, etc. Em 1912, essas associações englobavam 282.937 associados, aproximadamente, 50% da população de mais de 21 anos!<sup>225</sup>

A quantidade expressiva de associações mutualistas, que crescem em quantidade e em número de sócios, revela a enorme dificuldade das lideranças anarquistas e socialistas em criar associações de resistência para se contrapor ao assistencialismo, ao contrário de São Paulo onde estes dois tipos de organização nascem mais ou menos no mesmo período.

Contudo, nunca é demais lembrar que mesmo o mutualismo já é uma forma de consciência de classe, já que o operário se organiza pelo seu ofício, e não por sua opção religiosa, sua etnia, ou seu local de morada. Se uma forma inicial de união e consciência, demonstra a fraqueza destas, já que é incapaz de criar formas particulares de organização mas se insere num movimento geral dos pobres, da massa despossuída do Rio desses dias.

---

<sup>225</sup> Segundo Carvalho, havia no Rio, em 1870, 8 associações operárias mutualistas com 2.349 associados; em 1889, haviam 4 mutualistas com 3.700 associados; em 1899, 7 mutualistas, com 4.045 associados; e em 1909, 23 mutualistas com 18.420 associados. Deve-se lembrar ainda, que existiam as associações operárias do Estado, que nesta estatística estão englobadas com o funcionalismo público em geral. Assim teríamos, 6 dessas associações em 1889 com 4.476 associados; em 1899, 11 associações, com 5.503 associados; e em 1909, 32 associações, com 32.685 associados. Cf. José M. Carvalho, op.cit., pg. 144.

O importante a reter sobre estas informações é a existência de um núcleo de trabalhadores com uma incipiente consciência de classe que se manifesta de maneira específica, procurando garantir um espaço de identificação social - as associações mutualistas -, espaço esse construído à margem da ação do Estado, e um padrão de comportamento em relação com o Estado para exigir desse a garantia para alguns direitos básicos. Assim, essa classe operária não procurava se diluir na ação do Estado mas buscar buscar a intervenção positiva deste para as petições operárias através destes pequenos espaços que se abriam para si.

A luta pela afirmação de classe e pela intervenção positiva do Estado é que definirão padrões de comportamento diferenciados. Pensar este espaço como simples manipulação de políticos oportunistas é conceber uma imagem do proletariado como sem história e com ausência total de consciência, manipulado servilmente pelos especialistas de plantão.

Assim, esse espaço político se torna, após a Proclamação da República em um palco fértil para a atuação destes radicais republicanos - figuras como, Vicente de Souza, José Augusto Vinhaes, Gustavo de Lacerda, Evaristo de Moraes, Eugênio George, etc. - que se ligam ao movimento operário com dois objetivos: primeiro, ampliar o espaço de interferência política do proletariado, criando as condições para uma ação independente via partido operário reformista; e em segundo lugar, buscar a democratização do Estado e da sociedade, via participação proletária nos parlamentos e no governo. Buscando contrarrestar a tendência oligarquizante da nova república, via participação popular os socialistas republicanos acreditavam estar dando uma nova forma à República: a República Social.

Esses radicais republicanos levam muito além o programa do partido republicano, buscam a radicalização do processo defendendo a idéia que só o socialismo pode construir a verdadeira República sonhada pelos autênticos republicanos.

Este movimento e estes objetivos também são perseguidos em São Paulo, a diferença se dá em que nesta cidade não há este espaço para a negociação, não existem políticos nem dissidentes que possam fazer a ponte real entre o Estado e proletariado.

Basta a comparação da atuação das figuras de Vinhaes e de Bréves, ambos deputados na primeira legislação da República, ambos ligados a ideais socialistas, contudo, Vinhaes demonstra grande força frente ao governo provisório e demonstra uma grande capacidade de arregimentar uma quantidade formidável - para a época - de operários para seu partido - aliás fator decisivo para sua posição de destaque no republicanismo carioca; nada disso Bréves consegue construir.

O discurso e os objetivos não são contrapostos, como diz Seixas, mas convergentes: em São Paulo estão ausentes tanto uma camada de radicais republicanos com espaço para negociação frente ao Estado republicano, como uma tradição operária que pudesse empurrar para frente a luta pela democratização e pela cidadania.

O papel desses republicanos radicais deve ser visto como positivo, apesar da contradição real de produzirem na prática uma dependência do operariado à sua liderança - algo que se tornou dramático, como o caso Vinhaes revelou. Não se deve confundir essa contradição revelada na prática, com uma real intenção de manipular o movimento operário em causa própria, como a acusação de tutelares, estatistas e pelegos faz crer.

Seixas se revela devedora do esquema de Fausto, apesar de ser mais criterioso ao tratar com os socialistas. Além de negar a existência de socialistas no Rio (seriam apenas republicanos radicais) chega a fundí-los dentro do jacobinismo militante.<sup>226</sup> A relação não podia ser mais enganosa, pois os socialistas cariocas são visceralmente antijacobinos, como nos confirma essa passagem do secretário do Centro Operário Internacional, José Palma, sobre a atuação dos jacobinos frente ao operariado:

"(...) arrancaremos a máscara daqueles que se dizem socialistas e aliciam operários para organizarem batalhões patrióticos que engrossam jacobinos com planos premeditados; que finalmente introduzem o veneno vil nas

---

226 Jacy Seixas, *op. cit.*, pg. 89.

Esta é a real contraposição que per passa o movimento socialista; entre os que defendem a necessidade da colaboração, em posições de liderança, no movimento operário, destas figuras representativas do republicanismo radical, porém de origem pequeno-burguesa, e os que, apesar de compreenderem a importância de contarem com representantes de outras classes para seu movimento, reservam para as posições de mando a exclusividade para sua classe.

Estes setores operários vêm o republicanismo com um sentimento misto de esperança e apreensão, vêm a possibilidade da manipulação do movimento para objetivos pessoais ou para objetivos estranhos ao operariado. Sentem a força da República e do Estado e vislumbram as pequenas brechas deixadas pelo novo regime à participação operária. Sabem da importância da ocupação desses espaços, contudo, temem a descaracterização do movimento, a perda de sua imagem, de sua identidade.

Para os operários defensores do exclusivismo, a dignificação do operário via dignificação do trabalho, a construção do socialismo, o reino dos produtores, deve ser o objetivo a alcançar. Seus defensores se congregam em dois momentos: no primeiro deles se forma o Partido Operário de Franca e Silva, e se prolonga até o Congresso Operário de 1893, e o jornal "O Socialista"; o segundo momento, mais efêmero, se aglutina no grupo do jornal "Brasil Operário" - que tinha como dístico "Órgão das Classes Proletárias" e tinha como diretor- proprietário Elisário Freire, como diretor- secretário Antonio Melgaço e como principal articulista Hermes de Olinda, todos dirigentes da Liga das Artes Gráficas.

No primeiro momento, como vimos anteriormente, representado pelo pensamento de Franca e Silva, o exclusivismo carrega as tintas de um socialismo utópico, ainda acreditando na união pregada por Comte - e Saint-Simon - dos produtores contra as

classes aristocratas agrárias, negando, portanto, o papel das lutas de classe e apostando alto na via institucional parlamentar (Partido Operário). Visão que o próprio França e Silva modificaria no período da publicação do seu jornal "O Socialista", onde radicalizaria suas posições, assumindo uma posição mais revolucionária e englobando o conceito de luta de classes em seus artigos.

O exclusivismo é uma manifestação da ideologia operária, produzida por eles, sem o recurso de intelectuais de outras classes, quase instintivo no seu fervor de individualização e diferenciação, reflexo de uma consciência classista em formação, porém já atuante:

"O EXCLUSIVISMO: O exclusivismo operário, em matéria de propaganda socialista, foi sempre o nosso escopo, muito antes que as lições assimiladas dos livros da doutrina feita pelos mestres de mais conceito e o código de nossas leis nos viessem edificar nesse modo de sentir e ser. (...) O que é o socialismo? perguntamos à própria consciência, que nos respondia: é a orientação do proletariado que procura emancipar-se da escravidão virtual em que vive pela compreensão de todas as outras classes sociais (...). Procede do grande mestre Karl Marx, o extraordinário reformador, que revolucionou a velha sociedade com as suas teorias inatacáveis, com a sua doutrina puríssima (...). A noção intuitiva que cada operário tem da índole do movimento assenta as suas primeiras afirmações. (...)".<sup>228</sup>

O grupo do jornal *Brazil Operário*, que começa a ser editado em 1903, mantém a mesma característica essencial do exclusivismo defendido por França e Silva, ou seja, a recusa em admitir elementos estranhos à classe em posição de mando dentro das associações operárias. O mais interessante é a repetição dos

---

<sup>228</sup> BO, 24Q. D. 1903.

conflitos que opuseram Vinhaes e Franca e Silva em 1890 para o conflito entre o pessoal do Brazil Operário versus o grupo capitaneado por Vicente de Souza e o Centro das Classes Operárias (CCO). Dois episódios demonstram de maneira exemplar o conflito de idéias sobre a organização do operariado, que atualizam o conflito entre Vinhaes e Franca e Silva treze anos depois.

O primeiro é a atuação de Vicente de Souza e o CCO nas greves da Companhia de Gaz - onde sua intervenção fez com que se demitisse o chefe Billart - e no Lloid, onde estes repetiram o padrão de atuação, ao procurarem se interpor entre o operariado e a empresa procurando negociar em favor dos operários, porém, recomendando moderação e evitando a todo o custo o confronto entre as duas partes. O grupo do Brazil Operário acusa Vicente de Souza de querer controlar o movimento e condena a sua moderação, pois só com a luta de classes os operários conseguiram os seus direitos:

"Seu ilustre mas ilegal presidente, Sr. Vicente de Souza (...). Pois na transformação radical da sociedade, que se move com os mais profundos interesses, poderá ser feita sem lutas, sem sangue, sem sacrifícios? Pela paz e pela ordem ter-se-á por fim apenas paralizar a produção (...). E quando, com esta maneira de agir, se avolumar pela greve está paralização produtora, julgará o ilustre presidente do Centro que a Revolução não virá dos próprios prejuizos em seu bem estar, em sua fortuna, em seu egoísmo e ambição insaciáveis (...). A questão social é a luta de classes, e nós não pretendemos nem queremos combater a classe dos capitalistas, para colocar em vez dela a classe dos doutores, sejam ou não sejam governantes."229

Contudo, já podemos ver diferenças no seu discurso em relação ao de Franca e Silva, não mais a conciliação de

-----  
229 BO, 14Q.7.1903.

classes, não mais o socialismo utópico e sim a luta de classes, como caminho para a sociedade do trabalho, não mais os republicanos e sim os burgueses como principais inimigos da política operária.

Esta é a crítica do Brazil Operário à atuação de Vicente de Souza e o CCO nas comemorações do 1º de maio de 1903, data símbolo para os exclusivistas da luta contra o capital: o CCO a utiliza como data de confraternização com a burguesia:

"(...) festa do 1º de maio nublada pela participação de burgueses. Vicente de Souza, presidente do CCO, aliou-se a burgueses devido a sua posição que tem nesta sociedade - imaculou-se por ter cumprimentado burgueses, bebendo champagne com autoridades policiais, parecendo prestito carnavalesco - quando aqueles dias deveria ser um protesto solene contra o capital - 'A causa do proletariado é do proletariado, ninguém estranho a ela pode intervir sob pena de profana-la (...)'. JOSÉ HERMES DE OLINDA COSTA."<sup>230</sup>

O exclusivismo pregado por Hermes de Olinda e o Brazil Operário se radicaliza. Sua defesa da independência de classe e, conseqüentemente, sua desconfiança das outras classes se aprofunda. Numa nota o jornal passa apenas a aceitar a colaboração em seus artigos de legítimos operários, que se identifiquem com sua oficina de trabalho e sua assinatura e sem elogios a burgueses.<sup>231</sup> Num outro momento, reafirmam a negativa da colaboração de elementos de outras classes, aceitando porém a sua colaboração desde que se desprendam de seus privilégios imitando Tolstói.<sup>232</sup>

Como França e Silva, Hermes de Olinda e o seu grupo

---

<sup>230</sup> BO, 13.5.1903.

<sup>231</sup> BO, 12Q.9.1903.

<sup>232</sup> BO, 22Q.8.1903.

acreditavam que a força de elementos estranhos à classe era inversamente proporcional à força da própria classe, como a atuação de Vinhaes, Vicente de Souza representava a perpetuação da fraqueza intrínseca da classe:

"Os Srs. Vinhaes e Vicente de Souza estão desmoralizados porque desaparecem no meio da avalanche das classes operárias dessa capital (...) pois as classes operárias estão por si mesmo ganhando a vitória na questão das 8 hs sem precisar de Vicente de Souza e de Vinhaes (...). Os operários de caráter não esperam pelo Congresso, vão à praça pública dizer: queremos 8 hs de trabalho, que equivale a dizer: queremos nossa liberdade, queremos o nosso direito (...)." JOSÉ HERMES DE OLINDA COSTA.<sup>233</sup>

A luta por uma identidade classista já não tem como principal preocupação o temor pelo atrelamento de seu movimento aos interesses do republicanismo. A República foi incapaz de concretizar suas promessas, o manto do estado democrático caiu por terra. É só neste momento que o caráter de classe da República pode ser vislumbrado por alguns setores da classe operária. O texto abaixo foi produzido movido pela decisão do governo de criar multas contra a greve para o operariado da Companhia de Gaz; portanto, o inimigo central também se desnuda. É neste momento que a conciliação de classes se inviabiliza, é a luta de classes que expressa o caminho para a sociedade do trabalho - o socialismo:

"DEFEITOS - A REPÚBLICA E O PROLETARIADO: Espalharam também que a República era a incorporação do proletariado à sociedade moderna. Muito bem, e correu o tempo a bom correr; e a monarquia não voltou pois seria a mesmíssima coisa que a república tem sido. (...) Tem passado os anos, e essa república de Conselheiros,

-----  
<sup>233</sup> BO, 13.5.1903.

Viscondes e Barões sem nada ter de social, é simplesmente burguesa (...). Defender o governo burguês que, quando pedimos, porque desgracadamente precisamos disso - o reconhecimento de nossos direitos - lançam mão da força armada para nos espingardear e reter nos imundos cárceres policiais? Governo que se diz republicano e portanto liberal, e que no seu código penal estabelece multas para o operário que pugna, altivo, pelo seus direitos, e o obriga a curvar-se vergonhosamente ante os patrões, abolindo assim, totalmente, da sua dignidade e portanto, dos mesmos direitos que lhe assistem em declarar contra qualquer opressão como qualquer burguês pode chamar, é governo escravocrata, inquisitorial que, no meu ver só merece uma coisa, ser reformado. A forma de governo que deveis adotar, a qual deverá ser criada por nós mesmos é a República Social (...)." HERMES DE OLINDA.<sup>234</sup>

Assim a própria idéia de greve passa a ser alçada ao centro das práticas exclusivistas. Não mais o caminho das eleições, da política parlamentar, do partido político, mas o da organização de classe, da luta industrial. O desnudamento da República como República de classe, da democracia como jogo de elites, coloca para os exclusivistas para o privilégio da ação não institucional, o privilégio da auto-organização. O articulista do Brazil Operário analisa assim o refluxo dos movimentos grevistas, faz um balanço do movimento e dos seus inúmeros fracassos. Constatação: o operário não estava preparado para enfrentar as greves. Principais adversários: os patrões, a burguesia. Solução proposta: transformar as inúmeras associações beneficentes em associações de resistência. Que seria feito da seguinte forma:

"(...) cada operário contribuiria com uma quantia mensal para a caixa de resistência; as associações elegeriam um

representante, para todas juntas formarem um centro: para em 5 ou 10 anos se fazer uma greve geral - (...) com o caráter pacífico e ordeiro, à mão armada embora, para salvaguardar e garantir os direitos que porventura nos pretendam sonegar (...). A formação de um centro, primeiramente, e depois a criação de cooperativas ou estabelecimentos de trabalho, sujeitos à direção e a fiscalização do Centro e do Congresso dos representantes - eis o dever supremo que todos nós precisamos cumprir, custe o que custar. (...). "ARLINDO PERNAMBUCO.<sup>235</sup>

O interessante nesse texto é a ausência do tema do partido operário, das eleições, e do processo parlamentar, como via privilegiada para a ação operária. A estratégia operária passa pela formação de um Centro, de Cooperativas e de um Congresso de representantes, possivelmente uma espécie de central sindical. A conquista de seus direitos passa pela greve geral armada: já vimos no artigo de Hermes de Olinda que a violência no processo de construção do socialismo passa a fazer parte dos horizontes do movimento.

O socialismo professado pelos integrantes do Brasil Operário é intimamente aparentado ao coletivismo proudhoniano, a construção de um mundo operário paralelo ao mundo burguês, com seus próprios armazéns, suas fábricas, seus hospitais, suas escolas, e sua própria moeda: o valor-trabalho. O caminho privilegiado está distante das instituições criadas pela burguesia, contudo não se nega a necessidade da luta parlamentar, porém, não mais como o caminho principal da estratégia operária:

"Como haveremos nós, para o futuro, sem sermos políticos, tratar no parlamento dos nossos direitos, dos nossos interesses, da nossa liberdade sem colocarmos lá os nossos companheiros dignos também daqueles altos

poderes? "JOSÉ HERMES DE OLINDA COSTA.<sup>236</sup>

Os ideais repúblicanos, que os socialistas do período anterior confundiram com a própria República de 1889, já não seduz os socialistas do Brasil Operário, a República de 1889 já não representa a ante-sala da República Social tão almejada. A realidade que se apresenta a eles, perdeu seu véu ilusório. Estão frente ao isolamento do mundo operário, determinado pelo Estado burguês de Prudente, de Campos Sales e da burguesia agrária, a incapacidade desta democracia oligárquica de incorporar o proletariado, a marginalização do trabalhador das questões nacionais, favorecem a uma atitude de negação frontal do jogo político institucional, assim estes próprios socialistas buscam caminhos alternativos a esta política de exclusão.<sup>237</sup>

Cabe, neste momento, abriremos um parênteses para colocarmos a figura de Francisco Juvêncio Saddock de Sá, ou como era conhecido pelos jornais: François Seul, que desde 1865 ele trabalhava como operário nas oficinas do Estado - depois de ter lutado na Guerra do Paraguai -, fundou o Clube dos Proletários, uma das primeiras organizações políticas republicanas que englobava desde proletários até militares positivistas (onde participou Lauro Sodré); participou da Associação dos Proletários de Niterói. Posteriormente, fundou o Círculo dos Operários da União, uma das organizações dos operários do Estado.

Saddock de Sá teve uma vida política, dentro do movimento operário, das mais longas, militando por mais de 30 anos, desde o

---

236 BO, 12, 6.1903.

237 Assim, ratifico as afirmações que fiz, no primeiro capítulo desta dissertação, sobre as conclusões de Silvia Magnani acerca da derrota dos socialistas frente aos anarquistas. A exclusão operária da política institucional não joga inevitavelmente o movimento socialista para o ostracismo, estes buscam caminhos alternativos; o coletivismo é um deles. O socialismo parlamentar, sem dúvida, é incapaz de se solidificar neste período, mas a escolha deste caminho não é uma característica natural do socialismo como corrente política, se explica, volto a insistir, pela particular forma de construção do movimento socialista neste período no Brasil. Magnani sequer pergunta do porquê da escolha do caminho parlamentar, neste silêncio está seu erro.

Império até a República.

Mais o que surpreende da atuação política de Saddock de Sá é seu largo trânsito entre as diversas correntes que dividiam o movimento operário socialista desses primeiros anos da República. Durante a acirrada disputa pela liderança do movimento entre França e Silva e Vinhaes, Saddock de Sá conseguia ser figura de destaque em ambos os grupos, tendo participado do grupo do jornal Voz do Povo que iniciou a discussão do partido operário. Pode-se concluir que ele era muito influente entre o operariado, pois seria o presidente do do Centro Operário, fundado por Vinhaes, e também tinha uma coluna regular no jornal de França e Silva, o Echo Popular. Além disso, seu nome foi proposto, como vimos, por França e Silva como nome de concenso para a união da fração deste e de Vinhaes, antes da reunião no Recreio Dramático, em 9 de fevereiro de 1890, reunião esta que antecedeu a divisão do movimento operário em vários grupos rivais.

O socialismo professado por Saddock de Sá era idêntico ao de França e Silva do período do Echo Popular, ou seja, a defesa da independência da classe, da construção de uma sociedade baseada na dignificação do trabalho aliada com a idéia da conciliação de classes. Assim, algumas de suas frases repetidas à exaustão em suas colunas eram: "Nobilite-se o trabalho afim de que todos possam exercer-lo como a mais digna das missões sobre a terra", ou, "É preciso assegurar o justo acordo entre capital e trabalho".<sup>238</sup>

Sua concepção de socialismo era, portanto, aparentada do socialismo utópico - como a de Vinhaes e França e Silva. Falava de um "socialismo puro" - para diferenciá-lo de outras formas de socialismo, como o anarquismo - que seria sintetizado nas palavras "evolução, progresso - pelo trabalho e pela confraternização de classes - sua síntese - igualdade dos direitos - abranger o cérebro e o coração".<sup>239</sup>

O interessante é que esse socialismo utópico de Saddock de Sá

---

238 BO, 12.6.1903.

239 BO, 14.10.1903.

sobreviveu à entrada do novo século, e mais surpreendente ainda é sua acolhida pelo grupo do Brazil Operário, que como vimos era frontalmente contra a conciliação de classes. O que explica este trânsito de Saddock de Sá entre concepções de socialismo muito diferentes é que este velho militante operário sintetizava como ninguém os projetos socialistas de cada um desses períodos. Em 1890, podia transitar livremente entre os grupos de Vinhaes e França e Silva porque sua bandeira encarnava a dignificação proletária via dignificação do trabalho, usando como arma principal de transformação a atividade pedagógica - criar escolas de artes e ofícios.

Em 1903, seu projeto encaminha-se para o coletivismo proposto por aquele grupo socialista: combater os elementos estranhos ao meio, e as associações beneficentes que desviam o operário de seu caminho emancipatório:

"E porque tudo isso se dá? Porque não temos nós, operários, as nossas cooperativas de produção. Se as tivéssemos os srs. industriais, ou teriam de ser complacentes para com seus operários, ou fechariam as suas portas. É muito imprescindível, na época presente, e mesmo nas futuras épocas, que o operário evite quanto possa, as paredes momentaneamente iniciadas. O melhor meio, o mais eficaz, é procurarem unidos, fortificar no capital as suas associações exclusivas de classe, afim de que possam no próximo futuro, constituírem as suas cooperativas e abandonarem para sempre o capital individual. (...) Introduzidos no seio do homem trabalhador, esses indivíduos só procuram guia-lo para muitos portos: - para o aumento dos salários, para a comiserção por si e por sua família, para a sua inconstante alegria, para o seu enganoso bem estar sem fim, mas nunca para sua emancipação, porque se torna muito preciso para estes supra-ditos indivíduos, conservar sempre as suas regalias em uma nova sociedade que, embora reformada e regenerada, continuará a ser por eles constituída por estados graduais, que formam entre

os homens distinções que jamais deveriam existir, se o operariado não tomar a si exclusivamente a campanha de sua emancipação(...)"'. FRANÇOIS SEUL.<sup>240</sup>

No final das contas, o objetivo de Saddock de Sá, de 1890 a 1903, é um só: a emancipação do proletariado.

Contudo, os exclusivistas são um pequeno grupo socialista marginal ao eixo central desse movimento, que se caracterizava pela união dos republicanos socialistas (como Evaristo de Moraes, Vicente de Souza, Gustavo de Lacerda, etc.) com líderes operários experientes (como Mariano Garcia, José Palma, Fidélis José Marques, João Serapião Palm, Ezelino Quintela, João Azurara, Bernardino P. Patricio, Antonio Rosas de Carvalho, etc). Estes militantes fundaram as mais importantes organizações operárias do período como: o Centro Operário Internacional, a Federação do Partido Socialista da Capital Federal, o Partido Socialista Colletivista, o Partido Operário Socialista, Centro das Classes Operárias, entre outros.

Foram estes grupos que reviveram o movimento socialista, duramente abalado depois das derrotas de 93/4. Os dois momentos principais deste revigoramento foram: a criação do Centro das Classes Operárias, em setembro de 1901, e a fundação da Federação do Partido Socialista da Capital Federal, esta última impulsionada diretamente pelo apelo do Congresso Socialista de 1902 e pela fundação do Partido Socialista Brasileiro.

O Centro das Classes Operárias parece querer reviver a experiência do Centro do Partido Operário de Vinhaes, um misto de partido e central sindical, pois estrutura-se da mesma maneira que aquele, buscando até um deputado republicano progressista para presidir o Centro - João Augusto Neiva! Não é atoa que a velha polêmica entre Vinhaes e França e Silva parecia retornar. Sua organização reúne operários do Estado, operários das fábricas de tecidos, e surpreendentemente, alguns mestres e contra-mestres dessas fábricas. Seu principal articulista foi Vicente de Souza,

contando em suas fileiras com a participação de Gustavo de Lacerda.

A Federação do Partido Socialista da Capital Federal estrutura-se como a secção do P.S.B. do Rio - como também seriam criados as Federações Bahiana, Pernambucana, Paraibana, entre outras, adotando seus estatutos, seu programa e sua forma organizativa. Reunia os pesos pesados do movimento socialista do Rio e sua chapa aclamada era a seguinte: Vicente de Souza - mostrando a intima ligação como o CCO -, Evaristo de Moraes, Alfredo Augusto Rodrigues, Mariano Garcia, Januário da Silveira, Toledo de Loyola, Santos Alves, tendo ainda Fidélis José Marques como participante. Seu órgão oficial era o jornal a "Gazeta Operária" de Mariano Garcia.<sup>241</sup>

Os acontecimentos que dividiram o movimento operário socialista em 1890, trouxeram lições que foram assimiladas de maneira semelhante tanto por exclusivistas como por não-exclusivistas. A primeira delas é a eliminação de elementos estranhos à classe. Os não-exclusivistas não compreendem essa lição como exclusão de elementos de outras classes da direção do movimento mas como exclusão daqueles que não apoiam a idéia socialista - o que tanto pode ser um critério classista, os burgueses, como o de simples aproveitadores ou daqueles que tentam atrair o operariado para outras causas.

E. Gasiot, escrevendo no jornal 1º de Maio, critica a posição de Tancredo Leal e seu partido de apresentar, doutores, burgueses e militares, que deveriam ser apoiados pelos operários às eleições.<sup>242</sup> Estevão Estrella, que é médico, e não um operário, fala dos elementos heterogêneos que dificultam a organização de classe no Rio.<sup>243</sup> M. Vianna se refere àqueles que querem se aproveitar da coesão apresentada pela classe nesse momento para

---

241 GO, 26.10.1902.

242 12M, 18.6.1898.

243 GO, 5.10.1902

se introduzir no movimento, como Vinhaes.<sup>244</sup> O que revela que a defesa da homogeneidade do movimento é uma lição apreendida do confronto entre França e Silva e Vinhaes, apesar de sê-lo de maneira diferente por ambos os grupos.

O segundo, é o envio do partido operário para segundo plano, na estratégia socialista. Os não-exclusivistas não deixam de ter o partido operário como ferramenta de primeira ordem no caminho rumo ao socialismo. O que muda na concepção destes socialistas é a visão de priorizar, num primeiro momento, a construção de associações de resistência para só num segundo momento construir o partido operário, que então viria a luz respaldado por uma forte coalizão de associações de classe.<sup>245</sup>

A necessidade de se antepor ao despotismo burguês passa a ser a primeira preocupação operária. Nesse contexto a constatação básica é de que as associações de beneficiência são as principais opositoras à criação de associações de classe voltadas para a luta de classe, pois aquelas gerariam a apatia, a conivência, e contraditoriamente a desunião. Estas dividem muitas vezes um mesmo ofício em duas ou mais associações e a utilização dos operários por elementos aproveitadores.

Apresenta-se os estatutos da Liga de Resistência dos Operários e Operárias das Fábricas de Tecidos de São Paulo como modelo de associação de resistência a ser copiado pelos operários cariocas<sup>246</sup>; como também o do Centro Socialista Internacional da Capital Federal, que utiliza o programa do P.S.B.<sup>247</sup>

A terceira lição é a revalorização da greve como instrumento de luta, a aceitação da luta de classes como veículo básico da estratégia socialista e a própria definição por um socialismo coletivista.

A própria idéia das Bolsas Proletárias muito em voga neste

---

244 GO, 2.11.1902.

245 Claudio Batalha, "Le Sindicalisme Amarelo...", pg. 191.

246 GO, 8.2.1903.

247 GO, 14.12.,1902.

momento, faz parte deste movimento coletivista. Vejamos quais os resultados práticos que essas bolsas poderiam produzir, na proposta de Vicente de Souza:

"Bolsas Proletárias: (...) núcleos de propaganda coletivista, tendendo à República Social (...). CASAS PROLETÁRIAS FORNECEDORAS: (...) a) de gêneros alimentícios; b) de vestuários (masc.); c) feminino; d) farmácia e drogarias, móveis; e) artefatos domésticos; outras criações protetoras: a) postos e consultórios médicos-cirúrgicos, gabinete de cirurgia dentária; b) corpo de advogados; c) habitações proletárias; d) oficinas e escolas de artes e ofícios (...) disposições gerais: (...) de casas de diversões, com representações teatrais, jogos atléticos, exercícios ginásticos e de esgrimas..."<sup>248</sup>

Este posicionamento já podia ser visto com a formação do jornal *El Grito del Pueblo*, que foi editado a partir de 1899, em São Paulo, por socialistas revolucionários espanhóis:

"Porque o operário não paga ao patrão na mesma moeda? Deve liquida-lo, deve extermina-lo, até assalta-lo se preciso. Concluído pois, operários, precisa-se que no dia 1º de maio, as fábricas, as indústrias, as cozinhas, os bancos, os carros, as estradas de ferro, nesse dia não se movam, paralizem-se. É preciso mostrar aos burgueses que o capital não trabalha e não produz. À greve geral." CALABAR.<sup>249</sup>

Contudo, este momento de radicalização atinge seu auge e, ao mesmo tempo, seu refluxo com a derrota e a repressão que se

-----  
<sup>248</sup> GO, 9.11.1902.

<sup>249</sup> EGP, 12.5.1900.

seguiu à chamada Revolta da Vacina, que teve no CCO um dos principais articuladores.<sup>250</sup>

Claudio Batalha e Angela Castro Gomes captam corretamente esta mudança de estratégia do movimento socialista que se consolida por volta de 1906.

Segundo Batalha, existiram três razões que levaram os socialistas a mudar de rumo: a constatação da fraqueza característica dos partidos políticos operários criados no período, a constatação da forças crescente do movimento sindical, e, por fim, a experiência da derrota da revolta contra a vacina, em 1904.<sup>251</sup>

Angela Castro Gomes vai além dos fatores internos ao próprio movimento, captando mudanças políticas mais profundas no cenário político nacional, ocorridas no período das presidências Campos Salles e Rodrigues Alves (1898/1906). Neste período se consolida a hegemonia da fração oligárquica/liberal sobre todas as outras correntes republicanas que se degladiavam pelo poder. Assim, são expurgadas todas as outras posições político-ideológicas alternativas à fração vencedora (positivistas, republicanos populares, militares-positivistas, jacobinos). A chamada "política dos governadores" se implanta eliminando a pequena abertura para a negociação proporcionada pelas frações republicanas que tinham por projeto a incorporação do proletariado à vida nacional. A política liberal deste período busca fechar as portas do estado à participação popular.<sup>252</sup>

Juntamente com este processo há a perda da possível identidade entre patrões e empregados, demonstrada pela ação cada

---

<sup>250</sup> Nosso trabalho não abrange o período desta revolta, contudo, a participação dos socialistas, via CCO, e de operários foi significativa para a radicalização do movimento. Nossa leitura baseia-se no livro de José Murilo de Carvalho, obra já citada, especialmente capítulo IV - Cidadãos ativos: a revolta da Vacina; pg. 91 e sgs.

<sup>251</sup> Claudio Batalha, *op.cit.*, pg. 191.

<sup>252</sup> Angela C. Gomes, *op.cit.*, pg. 81.

vez mais harmoniosa entre o patronato e a polícia. O patronato se organiza em associações e a polícia sofre sucessivas reformas que culminam na criação da Força Policial do Distrito Federal.<sup>253</sup>

A luta que antes era pela República com o patronato, agora seria contra a República e o patronato. A constatação, por parte dos socialistas, de que a República defende os interesses das classes dominantes, a agudização do confronto classista, e a retirada do Estado de qualquer possível mediação desse conflito, demonstram a inviabilidade do caminho institucional via partido de classe. O caminho do movimento operário passa, daí por diante, pelas associações de resistência.

O tempo para os socialistas já começava a correr contra si. O surgimento dos anarquistas e dos "amarelos" trazia uma concorrência difícil de ser superada, pois estes nunca tiveram ilusões sobre o significado da República, negavam - cada um a seu modo - a política partidária-institucional, jogavam todas suas fichas na organização "sindical", na luta dentro das fábricas, na organização de fortes associações classistas, independentes da ação governamental (mesmo no caso "amarelo"), onde eram menos manipulados, e mais instrumentalizavam os políticos republicanos.

A escolha da via partidária-institucional, pelos socialistas, se mostrou um erro. O momento era de construir uma identidade operária via organizações de classe. Os socialistas, contudo, acreditaram nas promessas da República, acreditaram na vinda da democracia, na eliminação dos privilégios, na garantia dos seus direitos, na sociedade do trabalho, na República política. Seu passado construído nas experiências republicana e abolicionista determinaram suas escolhas futuras, e paradoxal, ou consequentemente, seu modelo histórico externo se encaixaria perfeitamente à experiência interna. O Partido Social-Democrata Alemão (SPD) também foi o exemplo de um movimento operário construído a partir de um partido e que só num segundo momento constrói suas associações sindicais. Contudo, a experiência alemã era outra...

---

253 *ibid.*, pg. 53.

Em São Paulo não há o exclusivismo, como também não há o "amarelismo". Falta uma classe operária com uma maior tradição organizativa e de lutas. O socialismo se constrói em cima da nova classe operária, quase que exclusivamente imigrante. O socialismo será aí, contraditoriamente, mais homogêneo em sua ideologia e em suas práticas, terá menores ligações com o operariado local. Aí o discurso socialista-republicano terá muito pouco apelo perante a massa trabalhadora, devido a própria incapacidade do republicanismo de fixar canais com ela e à inexistência de um espaço real de negociação.

O socialismo que aí se desenvolveu entre os anos de 1895 a 1898, foi bem mais organizado, com menores raízes entre os operários do que o movimento que se desenvolveu no Rio nos anos anteriores. Assim, o articulista faz um balanço deste período do socialismo paulista:

"Movimento mais aparente que real. Causas do seu desaparecimento: saíram de São Paulo alguns homens por falta de emprego adequado, outros por não ver no país condições necessárias para o desenvolvimento do socialismo, outros perseguidos pelo governo. No entanto o problema mais importante foi a falta de um programa, falta de tática. Apelo para a união de todas as nacionalidades, espanhóis, alemães e italianos, além dos brasileiros."<sup>254</sup>

Ou ainda, em outro artigo:

"Se realizaram alguns meetings, conferências, se distribuíram periódicos, folhetos, etc, etc. Todos os anos no dia 1º de maio, acudiam 4 ou 5 mil pessoas à manifestação e aplaudiam os oradores, passando este dia ... (...). Esta indolência do proletariado brasileiro, provém dos seguintes fatores: o assalariado brasileiro foi recentemente livrado da escravidão (...). Quanto aos

---

254 EGP, 5.11. 1899.

européus, devido aos sofrimento que passaram na Europa, se contentam com pouco salário, e se instalam em cortiços ou choças. Se os daqui foram substituídos pela escravidão, os de lá o foram pela miséria do salário. Como, então, se há de lograr livrar da inércia em que estão essa considerável massa obreira? Empurrando-a às reuniões, às sociedades de ofício, incitando-a para que leia os periódicos e folhetos que tratam da questão social, para que seus cérebros petrificados se iluminem com raios de luz."<sup>255</sup>

Seu declínio correspondeu à ascensão dos "socialismos étnicos": o alemão, o italiano, o espanhol, que encontraram a vizível dificuldade em unir o movimento numa só língua; mais do que isso, em organizar o operariado em torno da luta classista, e não da identidade étnica, não conseguiu fazer do imigrante apenas um operário, da colônia uma classe.

Os operários brasileiros mantinham-se arredios à organização, sem essa base os socialistas compreendiam ser difícil a construção de uma organização forte. Não é à toa o apelo à organização de um clube socialista composto de brasileiros e portugueses, pois sem ele o futuro partido socialista não teria futuro. O apelo é feito pelos italianos do *Avanti!*, os reais patrocinadores do partido socialista brasileiro(!)<sup>256</sup>, e do Congresso Socialista Brasileiro de 1902, chamado por eles de II Congresso Socialista, pois o primeiro teria sido o de 1893, patrocinado por França e Silva e seu grupo.

Contudo se havia dúvidas sobre o caráter nacional do Congresso de 1893, as mesmas dúvidas pairam sobre o Congresso de 1902, pois, além do Estado de São Paulo vieram apenas três pessoas: Antônio Guedes Coutinho, do Rio Grande do Sul; João Ezequiel e José de Sant'Anna Castro, de Pernambuco. Todas as

---

<sup>255</sup> EGP, 20.8.1899.

<sup>256</sup> *Avanti!* 1, nº 14, 1901. Foram eleitos para o Comitê Diretivo do clube - Estevão Estrella, Arthur Bréves e Bernardino Ferraz.

delegações dos outros 6 Estados seriam representadas pelos socialistas paulistas.

O predomínio dos imigrantes no Congresso é vizível, mais de 80% dos delegados são imigrantes, entre estes a maioria esmagadora é de italianos, demonstrando a decadência da liderança nacional.

Acompanhando os debates que ocorreram no Congresso se verifica que as questões de organização e de estratégia foram o assunto mais importante para os socialistas naquele momento.<sup>257</sup>

O mais interessante de tudo é que apesar do resultado mais vizível do Congresso ser a criação do Partido Socialista Brasileiro, os debates mais acalorados refletiam a falta de unanimidade em relação à luta política e principalmente à luta parlamentar. Já vimos que o movimento socialista do início do século, reavaliando as experiências mal sucedidas da década de noventa do século passado, questionava o caminho eleitoral como a via adequada para o movimento socialista dali para frente, e este Congresso reflete bem a encruzilhada dos socialistas neste momento.

Estevão Estrella abre a discussão questionando a possibilidade dos socialistas de caminharem pela trilha eleitoral, lembrando a corrupção das urnas, do governo; conclui afirmando não haver esperança de conquista de postos no legislativo, devendo a luta política servir apenas de propaganda e para preparar a futura revolução.

Murcia, representante dos socialistas espanhóis, se declara comunista e propõe incluir no programa a greve geral.

A posição dos reformistas não é mais condescendente, Bertolotti (que se declara parlamentarista e legalitário) propõe que seja esquecida a organização política em favor da propaganda e que se adie qualquer consideração acerca da participação em eleições, promovendo agitações para se alterar a lei eleitoral no sentido de uma maior transparência no voto.

A defesa da atuação eleitoral é feita por De Ambrys que

---

<sup>257</sup> O jornal "O Estado de São Paulo" acompanhou os debates do Congresso entre os dias 30 de maio e 02 de junho de 1902.

propõe a seguinte moção: "1) considerando que os poderes políticos não são outra coisa que a organização de classe da burguesia, que enquanto isso acontecer nenhuma reforma poderá ser conseguida em benefício dos trabalhadores; 2) o P.S. declara a necessidade dos socialistas se alistarem nas listas eleitorais e os estrangeiros abandonarem o preconceito patriótico, conquistarem esse direito, naturalizando-se."

Contudo, a segunda parte da moção de De Ambrys é combatida; setores do movimento apostam na prioridade da luta econômica em detrimento da luta política. Murcia propõe a organização de ligas de resistência antes do partido, Girau defende uma visão mais coletivista propondo a criação de cooperativas de consumo como na Bélgica.

A segunda parte da moção de De Ambrys divide o Congresso, a votação resulta num empate, é apenas no dia seguinte que esta é aprovada pela maioria dos delegados. Numa última tentativa de combater a luta política do partido Bertolotti propõe a organização regional do P.S. frente a organização nacional proposta por De Ambrys, contudo é novamente derrotado.

Apesar de aprovada a luta política, e a criação do P.S.B. o movimento socialista procurou, em realidade, outros caminhos - priorizando a luta econômica, como já vimos - que deixaram a criação do P.S. linha morta.

Do congresso deve-se destacar a importância dada pelo Congresso à questão da organização dos trabalhadores rurais. Chegou-se a conclusão que se conhecia muito pouco das reais condições do proletariado rural, formando-se uma comissão especial que deveria apresentar projeto no próximo congresso.

O Manifesto final do Congresso reinterou ter por base o "socialismo científico", declarou a adesão dos socialistas ao conceito da luta de classes, reafirmou a necessidade inelutável da organização do proletariado em partido independente de classe, e fez apelos às outras classes - burgueses, pequenos burgueses, pequenos comerciantes, pequenos proprietários rurais - para

refletirem sobre a questão social<sup>258</sup>.

Apesar de ter como objetivo principal a organização do proletariado não faltam apelos às classes conservadoras, aos monarquistas sinceros e aos republicanos democratas. O socialismo não tem classe, nacionalidade, quer o bem-comum, a emancipação da humanidade<sup>259</sup>.

Os socialistas de 1902 repetem os socialistas de 1890: estes refletiam as esperanças pela República e pela conciliação de classe, aqueles refletem quinze anos de derrotas e a incapacidade deste primeiro movimento socialista de se inserir de maneira real numa classe operária que continuaria em busca de uma identidade própria.

---

<sup>258</sup> O Manifesto do P.S.B. foi publicado no "O Estado de São Paulo" de 28 de agosto de 1902.

<sup>259</sup> Artigo de Estrella, um dia após o encerramento do Congresso. Cf. "O Estado de São Paulo", 3.6.1902.

(IN)CONCLUSÕES:

Escrevendo na "orelha" do livro de Bóris Fausto - Trabalho Urbano e Conflito Social - , Leôncio Martins Rodrigues conclui que "com a publicação deste trabalho, creio que pouca coisa de importante ainda sobra para ser dita sobre o movimento operário em São Paulo e no Rio no período considerado".

Na realidade, muita coisa falta a ser dita sobre o movimento operário da República Velha e esta dissertação pretende ser uma pequena contribuição para a história, ainda pouco pesquisada, da classe operária e do movimento socialista no Brasil, particularmente neste período.

Pesquisando o rico acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, do IFCH da UNICAMP, dá-se conta da imensa quantidade de material primário intocada e das imensas lacunas na história operária deste período, e paraalém dele. Porque até hoje não se estudou o rico acervo de jornais operários do período Imperial?

Porque não há pesquisa sobre o mais durável jornal socialista da República Velha, o *Avanti!* - que durou de 1900 até 1919! Porque não se pesquisou o grande acervo de jornais operários - anarquistas e socialistas - do Rio Grande do Sul, que chegou a ter o mais importante movimento socialista do Brasil, em alguns períodos da República Velha? E sobre o movimento socialista de trabalhadores alemães da *Allgemeiner Arbeiterverein*, lassalleano e ligado ao SPD? Isso sem lembrar o imenso material sobre os anarquistas e socialistas de outros estrados do Brasil, a necessidade de se estudar mais profundamente o movimento "amarelo", e principalmente a classe operária fora de seus movimentos políticos.

Este trabalho não pretendeu dar nenhuma contribuição a estas últimas temáticas - não era nosso objetivo - porém alerta para a importância de se fazê-lo.

A contribuição que pretendi trazer para o estudo do movimento operário na República Velha, e particularmente do movimento socialista é modesto; pretendi incorporar as visões mais recentes sobre o operariado no período, para com elas fazer uma nova

leitura do movimento socialista daqueles dias.

Descontente com a visão corrente sobre o socialismo brasileiro do período, que me parecia carregada de preconceitos, e constatando que esta visão se origina de uma abordagem teórica que superestimava o papel das estruturas econômicas, ou mais do que isto, é incapaz de incorporar esta como ponto de partida para a incorporação das superestruturas políticas, e consequentemente da subjetividade na formação do movimento operário do período. Abordagem esta que concluía por uma definição do socialismo do período como uma "planta exótica" importada por intelectuais da pequena burguesia urbana, sem possibilidade de se enraizar numa classe operária pequena e em formação, sem consciência de classe, vivendo numa sociedade ainda não socializada pela grande indústria, manipulada por aproveitadores, que tornavam a palavra socialista como sinónimo de um vago reformismo patrocinado pelo estado e classe dominantes.

A classe operária seria assim um joguete nas mãos de aproveitadores de classe média, incapaz de definir sua própria identidade e seus próprios objetivos.

Procurei mostrar que, ao contrário, esta classe tinha sim uma consciência classista, talvez ainda fragmentada e embrionária, ainda isolada em pequenos grupos, porém suficientemente real para buscar seus próprios rumos e buscar sua própria imagem.

Busquei valorizar a tradição e experiência já acumulada por esta classe, observando que a classe não estava alheia aos acontecimentos do período, e que ao contrário se engajava, ou tomava posicionamento frente a eles segundo seus interesses, e esses realmente existiam! Se manifestando na luta pela nobilitação do trabalho. Ou seja, o movimento operário nascente luta contra a ideologia e o direito escravistas - portanto, contra a Monarquia e a escravidão, e então, a favor da República e do trabalho livre - conscientes da transformação histórica pela qual o país começava a passar.

Portanto, para estes operários, nem a Abolição, nem a República foram uma lei inócua ou uma quartelada, eles lutaram conscientemente pelo seu surgimento, e continuaram acreditando que a partir de seu movimento a sonhada República Social -

igualdade social + igualdade política = socialismo - se concretizaria.

É da relação conflituosa com os ideais da República que o nascente movimento operário busca sua identidade. Em um primeiro momento, a classe operária se utiliza do republicanismo para legitimar uma identidade própria, um caminho próprio, uma organização própria. A "dignificação do trabalho" é sua chave para consegui-los.

Contudo, logo após este primeiro momento, o republicanismo passa a se tornar um entrave para a consolidação desta identidade, há a necessidade de se afastar dele, de buscar a autonomia. O "exclusivismo" operário é uma resposta, a busca pela auto-organização via associações de classe em detrimento ao Partido é outra.

Por outro lado, procurei compreender como a classe operária usava essa experiência para enfrentar as pressões e os limites que se apresentavam a ela naquele período histórico.

Procurei mostrar, portanto, que esta experiência foi decisiva para ordenar suas decisões e o seu futuro. Valorizando a decisão tomada por eles não como algo inevitável e sim como algo possível dentro de um leque de opções possíveis que estão inseridas dentro de um arranjo estrutural que limita e pressiona para determinadas opções em detrimento a outras; assim, os fatores políticos, as idéias, os acertos e os erros na história, passam a ser tão decisivos e importantes quanto as determinações estruturais, e não apenas e simplesmente um produto delas.

Seria audácia de minha parte procurar uma definição, e uma alocação correta dos fatores superestruturais e estruturais - e da questão da determinação - no modelo teórico marxista, apenas tive a intenção de valorizar certos aspectos superestruturais muitas vezes deixados de lados por visões mais tradicionais; e se meu trabalho tem algum valor, é justamente por tentar mostrar este outro lado menos conhecido do socialismo do período.

Assim, a conclusão final, que sem dúvida, deixa ainda muitas questões sobre o tema sem conclusão; é de que o socialismo e os socialistas da República Velha não são uma "planta exótica", ou uma idéia fora do tempo e do lugar, que ficaria germinando a

espera de uma classe e de um movimento adequados ao seu tempo, aqueles - o socialismo e os socialistas brasileiros - seriam um real produto das necessidades dos atores políticos da República Velha: da ala radicalizada do republicanismo - a classe média urbana - o socialismo representa a conclusão da tarefa deixada inconclusa pela República de 1889, uma sociedade igualitária e democrática, uma sociedade comunitária e não individualista, a verdadeira sociedade da igualdade, da fraternidade, da liberdade, inconclusa pelo rápido avanço do capitalismo em nossas terras. Só o socialismo realizaria a República Social.

Para setores da classe operária já organizados neste período, o socialismo representa a verdadeira sociedade baseada no trabalho, e na dignificação do produtor, a república e a nação são propriedade privada dos patrões. Só o socialismo traria a nação dos trabalhadores.

O socialismo é, portanto, um produto genuíno das contradições produzidas pela implantação do trabalho livre (Abolição) e pela construção de uma sociedade capitalista no Brasil (República). Ele está dentro de seu próprio tempo e lugar.

## FONTES

### DOCUMENTOS PARLAMENTARES:

Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP):  
Anais do Congresso Constituinte Federal (1891), Anais do Congresso Constituinte Estadual - SP - (1891), Anais da Câmara Federal (1892 - 1893).

### JORNAIS OPERÁRIOS E DA GRANDE IMPRENSA:

Jornais de São Paulo:

Arquivo Edgard Leuenroth:

"O Socialista" (1896 - 1898), "A Questão Social" (1895 - 1896), "O Grito do Povo" (1899 - 1900), "El Grito del Pueblo" (1900 - 1901), "Avanti" (1900 - 1903), "O Estado de São Paulo" (1902).

Instituto Histórico e Geográfico (S.P.):

"O Socialista" (1896), "O Operário" (1891), "O Operário" - Santos - (1891), "O Rebate (1898)".

Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio

Biblioteca Particular de Silvério Fontes.

Jornais do Rio de Janeiro:

Arquivo Edgard Leuenroth:

Gazeta Operária (1902 - 1903), A Voz do Povo (1890), A Reação (1902), Brazil Operário (1903), A Nação (1903), Echo Popular (1890).

Biblioteca Nacional:

Echo Popular (1890), Revista Typographica (1888 - 1889), O Paiz (1890, 1892, 1893), O Combate (1892), Diário de Notícias (1892).

Instituto Histórico e Geográfico (S.P.):

O Operário - Campos (1892), O Operário - R.J. (1895), Revista Typhographica (1889), O Socialista - R.J. (1893), 30 de Maio - Macaé - (1892).

Jornais do Rio Grande do Sul:

Arquivo Edgard Leuenroth:

Democracia Social (1893), Echo Operário (1897 - 1901).

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo:

Echo Operário (1901), O Operário - Rio Grande (1895)

Jornais de outros Estados:

Arquivo Edgard Leuenroth:

Aurora Social - PE - (1901).

Instituto Histórico e Geográfico (SP):

O Artista - RN - (1892)

#### VI - BIBLIOGRAFIA

ABENROTH, Wolfgang - A História Social do Movimento Trabalhista Europeu, Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1977.

ANDREUCCI, Franco - "Il Partito Socialista Italiano e la IIª Internazionale", Studi Storici, nº 2, Aprile-Giugno, 1977.

----- & DETTI (orgs.) - Il Movimento Operaio Italiano. Dizionario Biografico, 1853 - 1943, 5 vols., Roma, Ed. Riuniti, 1975.

ANDERSON, Perry - Teoria, Política e História, Madrid, Siglo XXI, 1985.

----- - "The Common and the Particular", International Labor and Working-Class History, nº 38, 1989.

ARFÉ, Gaetano - Storia del socialismo italiano (1892 - 1926), Turim, Giulio Einaudi, 1965.

ARICÓ, Jose - "O marxismo latino-americano nos anos da IIIª Internacional", in: HOBBSBAWN, E. (org.) - História do Marxismo, vol. 8, RJ, Paz & Terra, 1987.

BANDEIRA, Moniz - Trabalhismo e socialismo no Brasil, RJ, Global, 1985.

BANDEIRA, Moniz, MELO, C., & ANDRADE, T.A. - O ano vermelho. A Revolução Russa e os seus reflexos no Brasil, RJ, Civilização Brasileira, 1967.

BATALHA, Claudio - Le syndicalisme "amarelo" a Rio de Janeiro (1906 - 1930), Tese de Doutorado, Université Paris I, mimeo, 1986.

----- - "Uma outra consciência de classe? : O sindicalismo reformista na Primeira República", mimeo, XIII<sup>o</sup> Encontro Anual da ANPOCS, 1989.

----- - "A Identidade da Classe Operária (1880 - 1920). Atipicidade ou Legitimidade?", V Encontro Internacional de Historiadores Latino-Americanos e do Caribe, São Paulo, 22 a 26 de Outubro de 1990, mimeo.

BRIGUGLIO, Letterio - Benoit Malon e il Socialismo in Italia, Padua, Tipografia Antoniana, 1979.

BULFERETTI, Luigi - Le Ideologie Socialistiche in Italia - Nell' Etá del Positivismo Evoluzionístico (1870 - 1892), Firenze, Felice Le Monnier, 1951.

BEIGUELMAN, Paula - Os Companheiros de São Paulo, SP, Ed. Símbolo, 1977.

CAND, Wilson - Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, São Paulo, T.A. Queiroz.

CAMPDES, Cristina Hebling - O sonhar libertário ( O movimento operário nos anos 1917 a 1921), Campinas, Pontes, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion - Escravidão e Abolição no Brasil novas perspectivas, Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

CARELLI, Mario - Carcamano e Comendadores: os italianos de São Paulo, São Paulo, Ática, 1975.

CARDNE, Edgard - Movimento operário no Brasil (1877 - 1944), SP, DIFEL, 1979.

----- - A República Velha - Evolução Política, SP, DIFEL, 1974.

----- - A Primeira República (1889 - 1930), Documentos, SP, DIFEL, 1976.

CARTIGLIA, Carlo - Il Partito Socialista Italiano (1892 - 1962), Turim, Loescher, 1978.

CARVALHO, José Murilo - Os Bestializados - O Rio de Janeiro e a República que não foi, SP, Companhia das Letras, 1987.

----- - A Formação das Almas, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CASTORIADIS, Cornelius - A experiência do movimento operário, SP, Brasiliense.

CERQUEIRA F<sup>o</sup>, Gisálio - A influência das idéias socialistas no

- pensamento político brasileiro - 1890/ 1922, RJ, Ed. Loyola, 1978.
- CERRONI, Umberto - Teoria do Partido Político, São Paulo, Ciências Humanas, 1982.
- CHACON, Vamireh - História das Idéias Socialistas no Brasil, RJ, Civilização Brasileira, 1965.
- CHALHOUB, Sidney - Trabalho, Lar e Botequim, Dissertação de Mestrado em História, UFF, Niterói, 1984, mimeo.
- COSTA, Emilia Viotti da - Da Monarquia a República. Momentos Decisivos, São Paulo, Grijalbo, 1977.
- DIAS, Edmundo F. - "Hegemonia: Nova Civiltá ou Domínio Ideológico?", in: História e Perspectivas, nº 5, Dez. 1991.
- DIAS, Everardo - História das lutas sociais no Brasil, Ed. Edaglit, 1962.
- DEAN, Warren - A Industrialização no Brasil, São Paulo, Difel, 1971.
- DROZ, Jacques - História Geral do Socialismo, 9 vols., Lisboa, Livros Horizonte.
- DULLES, John Foster - Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 - 1935), RJ, Nova Fronteira, 1977.
- ESTRADA, Rodrigo Duque - "Primeiras idéias socialistas no Brasil", Revista Brasiliense, SP, nov/dez., 1958.
- FALCÓN, Ricardo - Los orígenes del movimiento obrero (1857 - 1899), Bs. As., Centro Ed. de América Latina, 1984.
- FAUSTO, Boris - Trabalho urbano e conflito social (1890 - 1920), SP, DIFEL, 1976.
- FERREIRA, Maria Nazareth - A Imprensa operária no Brasil (1882 - 1920), Petropolis, Vozes, 1978.
- FONER, Eric - "Why is there no socialism in United States ?", History Workshop Journal, 17 (Spring, 1984).
- FONTES, Alice Aguiar de Barros - A Prática Abolicionista em São Paulo: os Caifases (1882/1888), São Paulo, Tese de Mestrado, FFLCH, USP, 1976.
- FRANCO, Jaime - Martins Fontes, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1942.
- FRANCO, Maria Silvia de Carvalho - "As idéias estão no lugar", in : Cadernos de Debate, nº 1, março de 1976.
- GARCIA, Evaldo S., "A Imprensa operária e socialista brasileira no século XIX", Revista de Estudos Sociais, RJ, nº 19, fev. 1964.
- GITAHY, Maria L.C. - Os trabalhadores do Porto de Santos (1889 -

1910), Tese de Mestrado, UNICAMP, mimeo, 1983.

GOMES, Angela Castro - A invenção do trabalhismo, Tese de Doutorado, IUPERJ, mimeo, 1987.

----- - Burguesia e Trabalho, política e legislação social no Brasil, 1917 - 1937, Rio de Janeiro, Campus, 1979.

GORENDER, Jacob - A Burguesia Brasileira, São Paulo, Brasiliense, 1981.

GRAMSCI, Antonio - Concepção Dialética da História, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

----- - Maquiavel, a Política e o Estado Moderno, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.

HALL, Michael M. - Italianos em São Paulo (1880 - 1920), Campinas, mimeo, s.d.

----- - "Immigration and the Early São Paulo Working Class", in: Jahrbuch fur Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas, nº 12, 1975.

----- & PINHEIRO, Paulo S. - "Alargando a História da Classe Operária", in: Col. Remate de Males, nº 5, 1985.

HANAGAN, Michael - "Response to Sean Wilentz", International Labor and Working Class History, nº 26 (Fall, 1984).

HARDMANN, F. F. & LEONARDI, V. - História da indústria e do trabalho no Brasil: Das origens aos anos vinte, RJ, Global, 1982.

HAUPT, George - Le Deuxième International - 1889 - 1914: etude critique des sources essei bibliographique, Paris, Mouton, 1964.

HECKER, Alexandre - Um socialismo possível- A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo, São Paulo, T. A. Queiroz, 1989.

HOBSBAWM, Eric - "La Diffusione del Marxismo (1850 - 1905)", in: Studi Storici, vol. XV.

----- - Mundos do Trabalho, RJ, Paz & Terra, 1987.

----- - Os Trabalhadores, RJ, Paz & Terra, 1981.

----- (org) - História do Marxismo: o marxismo na época da IIª Internacional, vols. II, III e IV, RJ, Paz & Terra, 1984.

JANOTTI, Maria de Lourdes - Os Subversivos da República, São Paulo, Brasiliense, 1986.

JOLL, James - La IIª Internacional, 1889 - 1914, Barcelona, Icaria, 1976.

KONDER, Leandro - A derrota da dialética, RJ, Campus, 1988.

- KOVAL, Boris - História do Proletariado Brasileiro (1857 a 1967), SP, Alfa ômega, 1982
- KRIEGL, Annie - Le pain et les roses - Jalons pour une histoire des socialismes - Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
- - Las Internacionales Obreras, Barcelona, Martinez-Roca, 1972.
- KRIEGL, Annie & PERROT, Michelle - Le Socialisme Français et le Pouvoir, Paris, EDI, 1966.
- LÊNIN - Que Fazer?, Oras Escolhidas, vol. 2, SP, Alfa ômega, 1982.
- LEONARDI, Victor - Origines historiques du syndicalisme bresilien (1858 - 1908), Tese de Mestrado, Université Paris VIII, mimeo, 1973.
- - "Os socialistas brasileiros e a social-democracia", in: MARANHÃO, R. J. & MENDEZ JR., A. - Brasil História - Texto e Consulta, vol. 3, República Velha, 1977.
- LESSA, Renato - A Invenção Republicana (Campos Sales, As Bases e a Decadência da Primeira República Brasileira), São Paulo, Vértice/IUPERJ, 1988.
- LIMA, Heitor Ferreira - História Política-Econômica e Industrial do Brasil, SP, Comp. Editora nacional, 1976.
- LINHARES, Hermínio - Contribuição à história das lutas operárias no Brasil, SP, Alfa-ômega, 1977.
- LINHARES, J. - "O Operariado brasileiro no século XIX", SP, Revista Brasiliense, nº 49, 1963.
- LUZ, Nícia Vilela - A luta pela industrialização no Brasil, São Paulo, Alfa-ômega, 1978.
- MAGNANI, Silvia Lang - O movimento anarquista em São Paulo (1906 - 1917), SP, Brasiliense, 1982.
- MARAM, Sheldon L. - Anarquistas, Imigrantes, e o Movimento operário brasileiro - 1890 - 1920, RJ, Paz & Terra, 1979.
- MARTINS, Luciano - "A Formação do Empresariado Industrial no Brasil", in: Revista da Civilização Brasileira, II (13), maio 1967.
- MARTINS, José de Souza - Conde Matarazzo, o empresário e a Empresa, estudos de sociologia do desenvolvimento, São Paulo, Hucitec, 1973.
- - "Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880 e 1914 - o caso de São Paulo", Revista Dados, nº 2, vol. 24.
- MARX, Karl - 18 Brumário e Cartas a Kugelmann, SP, Paz & Terra, 1978.

- \_\_\_\_\_ & Friedrich ENGELS - Obras Escolhidas, SP, Alfa-ômega, s/d.
- MELLO, João Manuel C. de - O Capitalismo Tardio, São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MORAES FB, Evaristo - O Socialismo Brasileiro, Brasília, Ed. UNB, 1977.
- \_\_\_\_\_ - A Campanha Abolicionista: (1879 = 1888), Brasília, Ed. UNB, 1986.
- \_\_\_\_\_ - Da Monarquia a República (1870 = 1889), Brasília, Ed. UNB.
- MORSE, Robert - Formação Histórica de São Paulo, São Paulo, DIFEL, 1970.
- PADUA, José Augusto Valladares - "A capital a república e o sonho: A experiência dos partidos operários de 1890", DADOS = Revista de Ciências Sociais, RJ, vol. 28, nº 2, 1985.
- PAIM, Antonio (org.) - O Apostolado Positivista e a República, Brasília, Ed. UNB, 1981.
- PAOLI, Maria Célia; SADER, Eder; TELLES, Vera da S. - "Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico", Revista Brasileira de História, vol. 3, nº 6, 1983.
- PARIS, Robert - "Difusion y Apropiación del Marxismo en Amérique Latine", Rapport 13, Colloque Internationale Marx-Marxismes, Paris, Université de Paris VIII/ Université de Paris VII/ Fondation Nationale des Sciences Politiques.
- PENTEADO, Jacob - Belenzinho, 1910: Retrato de Uma Época, São Paulo, s/d.
- PEREIRA, Astrojildo - "Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil", Estudos Sociais, RJ, nº 12, 1962.
- \_\_\_\_\_ - Formação do P.C.B., RJ, Ed. Vitória, 1962.
- PESSOA, Reinaldo Xavier C. - O Ideal Republicano e seu papel Histórico no Segundo Reinado: 1870-1889, São Paulo, Arquivo Estadual de São paulo, 1983.
- PETRONE, Maria T.S. - "A Imigração", in: Bóris Fausto (org.) - História Geral da Civilização Brasileira, T. 03, Vol. 2, Sociedade e Instituições (1889 - 1930), São Paulo, DIFEL, 1977.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio - "O Proletariado industrial na Primeira República", in: FAUSTO, Bóris (org.) - História Geral da Civilização Brasileira, vol. 9, SP, 1977.

- PINHEIRO, P.S. & HALL, M.M. - A classe operária no Brasil- 1889/1930: documento, Vol. 1 - O movimento operário, Vol. 2 - Condições de vida, RJ, Paz & Terra, 1979.
- RIBEIRO, Gladys S. - Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha, São Paulo, Brasiliense, 1990.
- RIOS, Alceo - Il Partito Socialista Italiano dal 1892 al 1918, Bologna, Cappelli, 1983.
- RODRIGUES, Edgar - Alvorada operária: Os Congressos operários no Brasil, Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1979.
- - Sindicalismo e socialismo no Brasil (1675 - 1913), RJ, Laemmert, 1969.
- - Nacionalismo e Cultura Social (1913 - 1922), RJ, Laemmert, 1972.
- RODRIGUES, Leôncio Martins - Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil, SP, DIFEL, 1966.
- SAES, Décio - A Contestação à Ordem Monárquica no Brasil (Col. Primeira Versão, nº 49), Campinas, IFCH/UNICAMP, 1992.
- - A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888 - 1891), Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1985.
- SALLES, Iraci G. - Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada, São Paulo, Hucitec/INL, 1986.
- SALVATORE, Nick - "Response to Sean Wilentz", International Labor and Working Class History, nº 26 (Fall, 1984).
- SAMUEL, Raphael (org.) - Historia Popular y Teoria Socialista, Barcelona, Crítica, 1984.
- SCHWARZ, Roberto - Do Vencedor as Batatas, São Paulo, Duas Cidades, 1981.
- SEIXAS, Jacy A. - Anarchisme, Syndicalisme Revolutionnaire et participation politique au Brasil: Mythe et histoire, Tese de Doutorado, mimeo, 1989.
- SILVA, Ligia Maria Osório - Movimento sindical operário na Primeira República, Tese de Mestrado, UNICAMP, mimeo, 1977.
- SILVA, Sérgio S. - Expansão Cafeeira e a Origem da Indústria no Brasil, São Paulo, Alfa-ômega, 1976.
- SIMÃO, Azis - Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo, SP, Ática, 1981.
- SODRÉ, Nelson Werneck - A História da Burguesia Brasileira, Rio de

Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

TELLES, Jover - O Movimento sindical no Brasil, RJ, Ed. Vitória, 1962.

THOMPSON, E.P. - A Miséria da Teoria, Zahar, 1981.

----- - A Formação da classe operária inglesa, 3 vols., RJ, Paz & Terra, 1987.

VELASCO E CRUZ, Maria Cecília - Amarelo e Negro: Matizes do comportamento operário na República Velha, Tese de Mestrado, IUPERJ, mimeo, 1981.

WEBER, Henry - Marxismo e Consciência de Classe, São Paulo, Martins Fontes/Moraes, 1977.

WEFFORT, Francisco - Sindicatos e Política, Tese de Livre Docência, USP, s.d.

----- - "Participação e conflito industrial - Contagem e Osasco, 1968", Cadernos CEBRAP, 1971.

WEINSTEIN, Barbara, "Impressões da Elite sobre os Movimentos da Classe Operária: a Cobertura da Greve em 'O Estado de São Paulo', 1902 - 1907", in: M.H. Capelato & M.L. Prado - O Bravo Matutino, Imprensa e Ideologia: o Jornal 'O Estado de São Paulo', São Paulo, Alfa-ômega, 1980.

WILENTZ, Sean - "Against exceptionalism: Class consciousness and the American Labor Movement, 1790 - 1920", International Labor and Working Class History, nº 26, (Fall, 1984).

WILLIAMS, Raymond - Marxismo e Literatura, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

ZIMMERMAN, Maria Emília - O P.R.P. e os Fazendeiros do Café, um estudo sobre as estratégias e as propostas do Partido Republicano em São Paulo, 1870/1889, Campinas, Tese de Mestrado (mimeo), 1984.

ERRATA:

Onde se lê: P. 27.

Assim, Mariano Garcia funda sua "Gazeta Operária" e o Partido Operário Socialista.

Leia-se:

Assim, Mariano Garcia funda sua "gazeta Operária" e a Federação do Partido Socialista do Distrito Federal.

ACRESCENTE-SE: P.43.

Nota de pé de página com o seguinte conteúdo:

"Os principais jornais operários utilizados nesta dissertação serão conhecidos pelas seguintes siglas: EP - Echo Popular, VP - Voz do Povo, SRJ - O Socialista (RJ), SSP - O Socialista (SP), QS - A Questão Social, EGP - El Grito del Pueblo, IOM - 1º de Maio, GO - Gazeta Operária, BO - Brazil Operário.